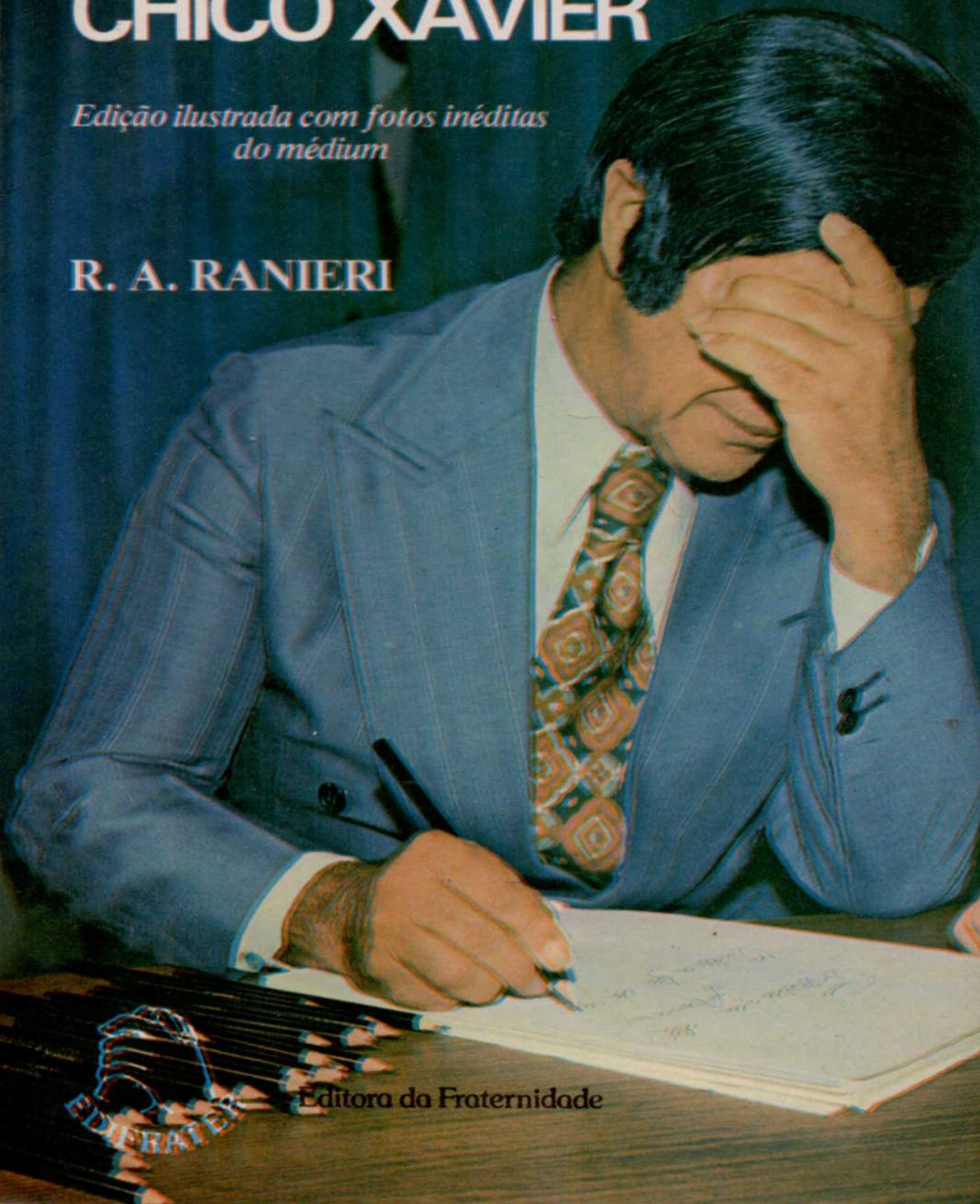


# Recordações de **CHICO XAVIER**

*Edição ilustrada com fotos inéditas  
do médium*

**R. A. RANIERI**



Editora da Fraternidade

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## Recordações de CHICO XAVIER

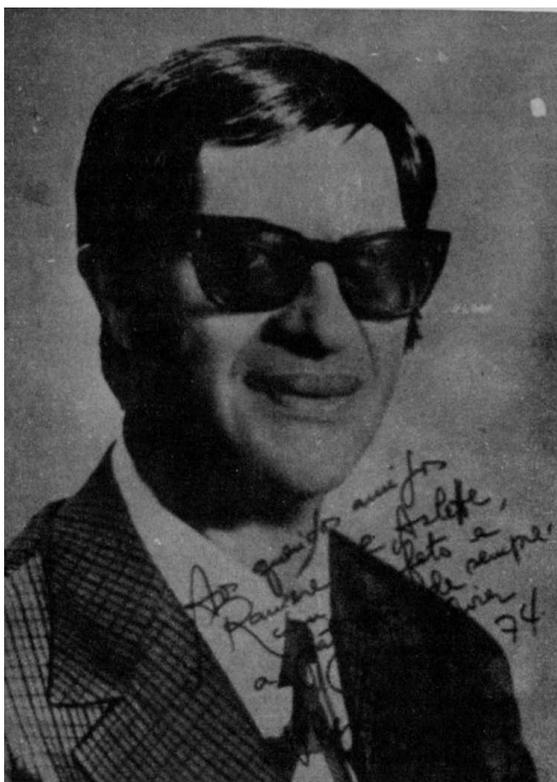
R. A. Ranieri

O autor é detentor de grande convivência com Chico Xavier.

Por várias décadas, teve contato direto com o medianeiro, quer participando das reuniões espirituais em Pedro Leopoldo e Uberaba, ou na intimidade de sua própria residência.

Ranieri ressalta nesta obra que as gerações, atuais e vindouras, têm que saber tudo aquilo que se relaciona com a personalidade de Chico Xavier e, por isso, o autor esclarece, dando os mais variados informes sobre o apreciado médium.

Os fatos relacionados com a mediunidade de Chico Xavier, os problemas do lar, os amigos, os assuntos editoriais, os familiares, enfim, toda uma vida de lutas, dificuldades e alegrias são explicados um a um, em "Recordações de Chico Xavier".



CHICO XAVIER — Fotografia oferecida ao autor

R. A. RANIERI

RECORDAÇÕES

DE CHICO XAVIER

Editora da Fraternidade SC Ltda.  
Sede - Guaratinguetá (SP):  
Rua Álvares Cabral, 381 - Cx. Postal 48  
Telefone: (0125) 22-2366  
CEP 12.500 - Guaratinguetá-SP.

Escritório - São Paulo:  
Rua Santo Alberto, 305 - Vila Mariana  
Telefone: (011)521-8333  
CEP 04676 - São Paulo - Capital

2º Edição - 1986 — Do 11º ao 15º milheiros

Nota: A Diretoria desta Editora não possui remuneração e objetiva a divulgação da Doutrina Espírita e do movimento da Fraternidade.

Produção da Capa: Rob  
Produção Editorial: Maria Cristina Pires  
Sede - Guaratinguetá:  
Rua Álvares Cabral, 381 - Cx. Postal 48  
telefone: (0125) 22-2366  
CEP 12.500 - Guaratinguetá-SP.

Escritório - São Paulo:  
Rua Santo Alberto, 305 - Vila Mariana  
Telefone: (011)521-8333  
CEP 04676 - São Paulo - Capital

#### FICHA CATALOGRÁFICA FEITA NA EDITORA

920 Ranieri, R. A., 1920

R157r Recordações de Chico Xavier. - 2ª edição. 2v ed. - Guaratinguetá (São Paulo), FRATERNI-



Editora do Fraternidade SC Lido.  
DADE, 1986.

1. Biografia 2. Xavier, Francisco Cândido, 1910-1. Título  
CDD - 920

índice sistemático de catalogação

1. Biografia 920.

Chico Xavier já não pertence mais  
a si mesmo ou à sua família terrestre,  
Tudo o que lhe aconteceu ou que venha  
a lhe acontecer pertence à grande família humana.  
É patrimônio da Humanidade.  
O que pensa o que sente o que faz o que  
sofre, o que vive, é território de todos nós.  
Sei que a verdade que condena os outros  
o fará sofrer mais uma vez.  
O que vamos fazer? A cada um segundo as suas  
Obras.

ESCREVI ESTE LIVRO COMO SE NÓS DOIS JÁ  
ESTIVÉSSEMOS MORTOS

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória .....	1
Recordações de Chico Xavier.....	15
1 — Memória Integral .....	17
2 — Telefone do Além .....	18
3 — No Alto de Santa Tereza.....	23
4 — Em Casa .....	27
5 — Na Intimidade do Lar.....	29
6 — Simplicidade.....	36
7 — Nos Domínios da Música e Palavras de Sofrimento .....	39
8 — Mediunidade em Casa.....	43
9 — O nome .....	45
10 — Na Hora da Demonstração.....	48
11 — A Alma que Flutua.....	49
12 — Todo o Dia.....	50
13 — Depois .....	51
14 — Emmanuel em 1931 .....	53
15 — História de Lívia.....	55
16 — Libertação .....	59
17 — Na Casa de André.....	62
18 — Mauro e Mara.....	65
19 — Chopin toca Chopin .....	67
20 — Ainda Emmanuel .....	69
21 — O Assunto é Eterno .....	71
22 — Sem Família .....	72
23 — Há 40 Mil Anos.....	74
24 — Angelitude .....	75
25 — Anotações Familiares .....	76
26 — André Luiz e os Treze Espíritos.....	78
27 — Jantar .....	82
28 — Natanael.....	84
29 — A Visita do Galeno.....	86
30 — Romanelli e Ouriviu .....	87
31 — Quem não quer Crescer.....	89
32 — Pensando .....	91
33 — Sementeira e Lavoura.....	93
34 — Dor e Alegria .....	95

35 — Jean Manzon e David Nasser.....	96
36 — Solidariedade Cristã.....	98
37 — Humildade .....	99
38 — As Barreiras .....	101
39 — Pregações com o Chico.....	104
40 — Sem Anzol.....	107
41 — Três Milhões de Exemplares .....	109
42 — A Cruz.....	112
43 — Diziam que não era ele quem escrevia os livros.....	113
44 — João Cândido .....	113
45 — Amauri Pena — Um Sobrinho de Chico Xavier.....	123
46 — Nos Caminhos de São Francisco.....	129
47 — Meditação .....	130
48 — As Cartas .....	132
49 — Mais um pouco sobre as Cartas .....	138
50 — Comentando.....	142
51 — Concurso.....	143
52 — Inácio de Antioquia .....	145
53 — Problemas de Passe em Casa .....	147
54 — Sobre Materializações .....	148
55 — Ainda o Peixotinho .....	151
56 — O Conversador Mediúnico.....	152
57 — O caso Humberto de Campos.....	154
58 — Direitos Autorais .....	15f
59 — Visita ao Chico .....	160
60 — Chico na TV.....	164
61 — As Portas de Saída.....	165
62 — As Reuniões .....	167
63 — A Arte com a Arte.....	169
64 — As Amizades .....	170
65 — Presença de Emmanuel .....	179
66 — Semelhanças entre Médiun e Espírito Guia.....	181
67 — O Abismo .....	182
68 — As Peregrinações .....	184
69 — Ideias sobre as Peregrinações.....	188
70 — A Sopa .....	189
71 — Entrar e Sair.....	190
72 — Pescaria.....	191
73 — A Personalidade .....	193
74 — Anotações sobre Carne.....	194

75 — Alberto Deodato e Hermes Fontes com Chico Xavier.....	
195	
76 — A Descida Vibratória.....	198
77 — Oscar Wilde .....	199
78 — Mil Anos Padre .....	200
79 — A Luz.....	201
S0 — Visita de Mineiro .....	202
81 — Vibração.....	204
82 — Sobre o "Materializações" .....	206
83 — Peixotinho ____.....	208
84 — Este Livro .....	212
85 — Com Humildade .....	213
36 — Estudando Sempre .....	215
87 — Trabalho Incessante.....	216
88 — A Penca de Bananas.....	217
89 — Com os Animais .....	220
90 — Na Estrada .....	222

## RECORDAÇÕES DE CHICO XAVIER

### DEDICATÓRIA

*Ao Geraldo de Vasconcelos, o nosso Geraldinho, dedico esta obra c agradeço profunda e sinceramente a sua generosidade, permitindo-nos que escrevêssemos este e outros livros na Chácara Pastoral.*

*Com esse gesto de amigo, concedendo-nos a possibilidade de viver ali dias inesquecíveis, entre as palmeiras que sus-suram ao vento, o abacateiro enorme que contemplamos da janela e os laranjais em flor, ligou-se para sempre ao nosso humilde trabalho e à figura imortal de Chico Xavier.*

*O futuro há de falar de todas estas coisas e Deus que tudo vê e tudo sabe há de recompensá-lo com alegria e fé.*

*Fique certo que nas noites de luar hei de me lembrar que muitas vezes na Chácara Pastoral vi a lua nascer e depois sumir entre as nuvens, enquanto nossa alma deslumbrada recordava os momentos imortais que vivemos com Chico Xavier.*

*Ali, muitas vezes, senti Beethoven, o seu pensamento e a sua alma e parecia-me vê-lo, no silêncio da noite, sob as árvores, num piano antigo, tocar as notas indizíveis da Sonata.*

*Outras almas vi-as eu caminhando sobre as folhas secas e alegrei-me e chorei com elas, no triunfo da Ressurreição.*

*Meu querido amigo, há gestos que não se pagam. Oscar Wilde, prisioneiro, príncipe das letras inglesas, entre a multidão que o apupava, viu um homem, só ele, que tirou o chapéu à sua passagem. Em Reading, em longas noites de sofrimento, recordou aquela atitude como o pássaro agradecido que vem comer na mão de seu amo.*

*Assim, também eu, com o coração aberto, como o Palácio do Sentimento, curvo-me agradecido diante da grandeza da sua alma e espero que o que fez hoje por nós, se transforme amanhã, em alegria para a humanidade inteira.*

R. A. RANIERI

*Guaratinguetá, 17 de Janeiro de 1974 Chácara Pastoral, Engenheiro Neiva.*

## RECORDAÇÕES DE CHICO XAVIER

Escrevemos esta obra para o futuro.

É um roteiro. Caminho e indicação para os que vierem depois de nós. Ainda não é uma biografia. Sê-lo-á no futuro.

O que grafamos aqui o fizemos propositalmente.

Sabemos que os homens que virão pesquisar a vida de Chico Xavier hão de ser como aqueles que bateiam o rio. Querem pedras preciosas, pérolas e notícias.

Procurariam às cegas se não tivessem um mapa, pois deverão percorrer um continente. Nós lhes demos o mapa, o índice, o roteiro. Ser-lhes-á fácil encontrar o caminho.

Dissemos coisas agradáveis e contamos histórias duras.

Não poderíamos fugir da Verdade. A Verdade às vezes doe. Doe também o nosso coração.

O que fazer? Falseá-la? Não. A falsidade é como u pássaro negro, o pássaro da escuridão!

Não fizemos uma biografia, como os homens atualmente entendem biografia. Encontramos um homem e depois vimos que era um santo, abraçamos o santo e contemplamos o amigo: nele havia tudo, a sabedoria e o amor.

Amamo-lo à nossa maneira, como o amigo ama o amigo, como o irmão ama o irmão, como o pai ama o filho e o filho ama a mãe.

Conhecemos a sua grandeza e a sua fragilidade. Falamos de uma e de outra, certos de que o futuro nos compreenderá!

Esta é uma carta para o futuro, para os homens que ainda vão nascer para os filhos dos nossos filhos e os netos dos nossos netos.

Eles nos compreenderão.

Não escrevemos um livro para escrever apenas mais uin livro. Escrevemos uma carta para o futuro.

Os faraós deixaram os seus túmulos, os seus deuses, c a sua história grafados na sepultura, nós deixamos um livro, um simples livro, a história de uni rei espiritual que governou as almas quase meio século e que as governará, cm nome dc Jesus, por muitos séculos.

RANIERI

17-1-74

## MEMÓRIA INTEGRAL

Às vezes, nosso pensamento se perde no tempo. Voltamos a ver as coisas, os seres e os homens nitidamente, como se o passado retornasse através de um filme. Ouvimos as vozes e sentimos pulsar ainda os corações daqueles que verdadeiramente amamos.

Quem amou e possui recordações guarda maravilhoso patrimônio espiritual. A memória é preciosa faculdade que mantém viva a identidade do homem no tempo e no espaço.

Faiscador dos rios onde abundam pedras de inestimável valor, tornamos a faiscar certos de encontrar os tesouros do tempo e as alegrias da alma. Foi há muitos anos, por volta talvez de 1946. A mocidade explodia em nossa alma. Encantados com a redescoberta da Espiritualidade, dedicávamos grande parte de nosso tempo às coisas do Espírito. Efigênia França era um médium em desenvolvimento que estudávamos com profundo interesse. Pediu-nos Efigênia que fossemos com ela ao Chico. Não conhecíamos Chico a não ser de nome e pelos jornais, pois havíamos acompanhado a publicação das mensagens de Humberto de Campos. Belo Horizonte alvoroçara-se com o caso. Agripino Grieco estivera presente e reconhecera o estilo como sendo do mais perfeito Humberto, e Augusto dos Anjos como o inimitável Poeta do Eu.

O País inteiro seguia as manifestações de Humberto de Campos. Os Espíritas, empolgados; os céticos e religiosos, descrentes ou na expectativa.

Humildemente, chegamos em Pedro Leopoldo. Na casa simples, cor de rosa desbotado, onde Chico recebia o povo e os espíritos, nós entramos. Três bancos apenas para os assistentes, mesa tosca para os trabalhos e um banco rústico para o médium e aqueles que o ajudavam. Chão de tijolo. O sol da tarde caía pouco a pouco no ocaso. Naquela época, uma viagem de automóvel a Pedro Leopoldo levava no mínimo duas horas e a estrada de terra nos cobria de pó.

Efigênia com seu olhar melancólico, semblante de menina ingênua e pura e Leonel, mais ingênuo ainda, cheio de um certo orgulho que sempre o acompanhava, orgulho de realizar ou concorrer para a realização de coisas importantes. E aquele era um fato importante. Importantíssimo. Chico chegou, muito gordo, com o olho defeituoso e a face morena, com um grande sorriso de fraternidade. Abraçou-nos a todos e ouviu as lamúrias da Efigênia e o seu problema. Falou de sua doença e de sua mediunidade. Chico animou-a carinhosamente. Não nos deu muita atenção.

Sentados no banco ouvíamos respeitosamente os seus esclarecimentos. Não havia ninguém. Só nós, com toda a liberdade.

Rindo e ensinando Chico ia nos falando da comunicação entre os dois mundos. Consolava e ensinava. Ensinava e amparava.

O sol ainda quente esbatia-se na poeira. A rua quase deserta, poucas pessoas.

Pedro Leopoldo era nossa e ele nos recebia simplesmente, sem problemas e sem multidão. Era no começo e o futuro nos esperava a todos.

Entramos no automóvel e fomos nos despedindo.

Por fim, segurou-me as mãos com as duas suas e disse:

— Rafael, ainda haveremos de nos encontrar de novo!

O carro partiu vagaroso e uma sensação estranha dominou-nos o espírito, a impressão da simplicidade, da pobreza, da ingenuidade e da bondade daquele moço.

No futuro haveríamos de encontrá-lo de novo.

O mundo inteiro haveria de encontrá-lo e aquela terra esquecida que o vira nascer iria se tornar célebre no mundo inteiro.

TELEFONE DO ALÉM ,  
Alguém me chamou.

— O telefone da vizinha está chamando. Seu irmão Agostinho.  
Atravessei a rua e ouvi ao telefone:

— Américo, Chico Xavier quer falar com você. Estranhei o fato.

— Chico Xavier? O que é que há?

— Não sei. Telefonou, de Pedro Leopoldo para cá, dizendo que quer falar com você. Amanhã às cinco horas da tarde telefonará de novo.

No dia seguinte estava eu ao telefone. O que desejaria o Chico? Coração aos pulos. Grande alegria na minha alma, estava lá.



CHICO XAVIER — Por volta de 1946 — Quando visitava o autor em Belo Horizonte — Coleção de dona Elma Pena de Almeida

Às cinco horas em ponto, na linha telefônica da Rua Guajajaras, casa de minha mãe, onde morava meu irmão.

— Alô? Ranieri? Aqui é o Chico. Recebi sua carta. Depois de amanhã, à noite, passarei em Belo Horizonte, pelo trem, e gostaria de falar com você na Estação.

— Que horas?

— Creio que o trem passará aí às 9,15.

Realmente, no dia aprazado, preparamos uma broa de fubá à mineira para o café da noite e avisamos o Jair para ir conosco esperar o Chico. Como ir sem o Jair que era nosso amigo incondicional? Companheiro inseparável de Espiritismo? Levamo-lo.

A noite ansiada chegou. O trem, porém, custou a chegar. A Estação nossa conhecida, pois fomos menino levado naquela Estação, brincando à noite no jardim da praça, saltitando como pardal.

Lá fora o monumento: um homem nu, possante, bandeira na mão, de bronze. Majestático. Imponente, cheio de força e vigor. O artista, não sei qual, talvez Bernardelli, dera-lhe força e vida. Representava o que? A liberdade, a segurança, o poder? Não sei. Parecia-me que a libertação. Minas Gerais dos Inconfidentes, dos homens que sempre luta-taram pela liberdade.. .

O trem apitou ainda longe. . . Era o Chico que chegava.

Jair olhava-me ansioso.

— Vem nada, disse ele. Você acredita nisso? O Chico?!

— Vem sim, ele falou que vem. Falou pelo telefone. O outro olhou-me incrédulo.

— Você se lembra daquela carta que você mandou rasgar? Pois é, se eu tivesse mandado a carta naquela época para ele, ele viria!

Jair não disse nada. O trem entrava na plataforma, apitando. Logo, vimo-lo descer com um sorriso e caminhar para nós.

— Ranieri, como vai? — e abraçou-me longa e carinhosamente como velhos amigos.

Apresentamos o Jair, e ele abraçou o Jair. Parecia que dois velhos amigos se reencontravam de novo após longos e dolorosos anos de separação .

— Eu estou apenas de passagem... disse ele. Vou visitar minha irmã, mas queria conversar com você um pouco.

— Vamos em casa comer uma broa de fubá — foi o que dissemos. Conversaremos um pouco e depois você vai.

Saimos da Estação e seguimos a pé. Ruas escuras ou com pouca iluminação. A penumbra artificial espalhava sombras nas calçadas como fantasmas. Estranhos fantasmas.

Braço preso no braço, Chico nos conduzia e acompanhava. Falava e ria. Ria e falava e em pouco tempo estávamos dominados por sua inimitável personalidade. Magnetizados. Presos a ele como se já o conhecêssemos há séculos.

— Olha, recebi a sua carta. Deus lhe pague! — disse ele. Foi um grande conforto. Encheu-me a alma. Pouca gente acredita, como você, que eu sofra. Todos pensam que vivo voando no mundo da felicidade. Não sabem que eu também sofro. Sua carta trouxe-me confortadoras expressões de amizade e entendimento. Ranieri, você é um continente imenso onde sua consciência legisla com sabedoria...

Fiquei pensativo. Eu me considerava tão errado! embora, na verdade sempre" houvesse colocado em alta posição minha própria inteligência. Nessa época eu ainda me julgava um gênio. Pelo que pude observar, dos quinze aos vinte e cinco anos nós nos consideramos gênio. Dos vinte e cinco aos trinta e cinco passamos a admitir que somos um homem inteligente. Dos trinta e cinco aos cinquenta entramos no período em que já estamos duvidando da nossa inteligência e começamos a aceitar que na realidade somos um burro.

Nessa época, nós ainda criamos ser um gênio. Por isso, a palavra dele caiu em terreno fértil. Nossa mediunidade se desenvolvera e também aceitávamos que nas nossas "manifestações geniais" poderia perfeitamente haver a presença dos espíritos. . .

Chico irradiava algo de estranho, de diferente. Seu sorriso lhe iluminava o rosto e dele vinha alguma coisa que pacificava e comovia.

Conversamos sobre as cartas.

— Sabe, Chico, em tal época me deu vontade de lhe escrever uma carta. Escrevi. Disse-lhe isto, isso e aquilo.

Chico olhou-me espantado.

— Bem, acrescentou ele, mas nessa ocasião estavam me ocorrendo esses fatos mesmos!

— Pois bem, antes de lhe mandar a carta mostrei ao Jair e. ele me disse que eu estava louco, que você era um médium poderoso, que convivia permanentemente com a Espiritualidade Superior e que não necessitava de que eu o consolasse.

Fiquei envergonhado. Guardei a carta no bolso e depois rasguei-a. De fato, pensei comigo, o Jair tem razão.

Três ou quatro meses depois, escrevi nova carta, mas também não mandei porque mostrei à família e a reação foi a mesma. . . Agora, lhe enviei esta.

O Chico ouviu e apontou todos os fatos que lhe ocorreram justamente nas ocasiões em que nós lhe escrevêramos as cartas. Fatos graves e problemas de sua família.

Lembrou-se que na penúltima recebera um ultimato da irmã para ir embora de casa.

Chico havia ganho um piano de uma firma constituída por dois irmãos instalados no Paraná. Ouviram dizer que no fim da vida ele iria tocar piano mediunicamente. Receberia os grandes compositores do passado. Beethoven, Ligt, Chopin e muitos outros talvez...

Entusiasmados enviaram-lhe um piano Brasil. Chico recebeu-o cheio de alegria, mas Emmanuel não lhe permitiu que estudasse piano. Os pobres e os doentes procuravam-no aos milhares. Como poderia ele, segundo Emmanuel, parar para tocar piano? E Chico não parou. O piano ficou esperando o tempo. Mas o tempo não veio. . .

Chico criara seis irmãos, acabara de criar, após a morte da madrasta. O pai, bom e ingênuo, andava pelo mundo. Vendia bilhetes de loteria e na realidade não compreendia o Chico. Ninguém compreendia. Jesus também não fora compreendido por seus irmãos. Quando sua mãe e seus irmãos ouviram dizer que ele estava reunido numa casa em meio a uma grande multidão curando os enfermos, os paralíticos, os aleijados, os cegos e os alucinados, pensaram que ele estava doido e foram buscá-lo. Mas o Senhor respondera apenas ao mensageiro que fora avisá-lo que eles estavam lá fora:

—Meus irmãos, minhas irmãs e minha mãe são todos aqueles que fazem a vontade de Deus.

Ora, com isso, demonstrou a sua filiação universal a todos os que fazem a vontade de Deus, a todos os que são espiritualizados e não àqueles que se nos ligam somente pelos laços do sangue.

Como, pois, poderia a família de Chico Xavier compreendê-lo? Ela que era católica e que frequentava desde cedo a Igreja? Difícil, muito difícil.

Aqueles que são livres buscam o amor e a liberdade.

Uma das irmãs do Chico S2 casara com P.....um rapaz profundamente católico que andava com um crucifixo pendurado no pescoço. Nada sabia de Espiritismo e, evidentemente, só o amor à moça o conduziu àquela família. Chico fizera o casamento e ficaram todos morando juntos na mesma casa. A vida era dura e morar noutra casa seria despesa dobrada.

O movimento de gente à procura de Chico Xavier era muito grande. Verdadeiras romarias. E a coisa era o dia inteiro. Todos trabalhavam e vinham cansados do trabalho material. Chico era simples escriturário na fazenda Modelo, pertencente ao Estado. Ali legislava Rômulo Joviano, homem enérgico e duro. Mantinha Chico preso, escravizado.

O dia inteiro na labuta de ganhar o pão de cada dia. À noite, as reuniões. Andar na rua era difícil para ele. Alguém sempre o abordava para lhe pedir conselhos, ou receitas ou para uma palavra. Caçavam-no por toda parte.

A família, é lógico, era sacrificada. As irmãs sofriam com aquelas invasões casa a dentro. Qualquer um chegava e tomava conta. L. . . e P... amavam o Chico mas não podiam mais aguentar aquilo. E não aguentaram.

Um dia, a irmã e o cunhado chamaram o Chico para uma conversa.

— Como é Chico, nós não aguentamos mais! Esse movimento todo, essa gente, disse a irmã — você sabe, e o P...' é católico...

Chico olhou-os sem compreender bem o que diziam. Levava um choque.

— Bem, eu sei... Não é fácil... Mas Jesus...

— O que eu quero saber é se você sai de casa ou nós temos de sair? Quase sem fala, respondeu com os olhos rasos d'água:

— Não, eu saio, vocês ficam.

— Então está certo. Mas e o piano? O P.. .está estudando piano. Você vai levar?

— Não, não... O piano eu dou de presente para vocês.

Chico saiu para a rua e arrastando as pernas, alma em lágrimas, foi para o correio. Não sabia o que fazer. Chegando ali, no monte de cartas recebidas, estava a nossa, abriu-a e leu:

"Chico, nós somos seu irmão. As portas de nosso lar estão abertas para você. Estarão sempre abertas e a nossa família é a sua família. Estaremos sempre em nosso posto à sua espera".

Diante de seus olhos, lendo a carta, Emmanuel descerrou-lhe imenso painel E ele, emocionado, nos viu com ele em Roma e éramos dois irmãos que se amavam profundamente. E as cenas se sucederam na sua visão do passado. O amor que nos unia era o amor eterno, imortal.

Encheram-se-lhe os olhos de mais lágrimas, agora de imensa alegria. O coração aflito, embebeu-se novamente de luz e claridade e, naquele mesmo dia, sob a força do passado distante, ligou o telefone.

Haviamo-nos reencontrado e éramos dois irmãos.

Deus em sua Glória permite, às vezes, que aqueles que muito se amam, através dos milênios se reencontrem e reconheçam.

## NO ALTO DE SANTA TEREZA

Morávamos no alto da Floresta, em Sta. Tereza, próximo ao Horto Florestal.

Belo Horizonte esplendia na paisagem serena de cidade nova que Cresce. A noite, de calor, facilitava-nos a marcha . Ouvíamos o amigo que ressurgira do fundo dos milênios, embevecido. Havíamos completado o curso de Direito naqueles dias. Com o diploma na mão, aguardávamos o futuro. Durante algum tempo vínhamo-nos dedicando ao estudo dos fenômenos espíritas e à compreensão da doutrina.

O sol da vida brilhava em nossos olhos. A alegria de viver renascera em nossas almas, após a morte de nossa filha.

O mundo marcha e nós marchamos com ele. Temos de marchar. De nada adianta parar e chorar sobre as próprias decepções. A vida tem as suas exigências e nada há mais certo do que a morte. Tendo inevitavelmente de morrer um dia, de que vale sofrer antecipadamente?

A esperança ainda é a sabedoria dos homens e a grandeza do futuro. Curvado sobre o abismo das próprias necessidades e imperfeições, deve o homem aceitar humildemente os desígnios de Deus a seu respeito.

Heleninha morrerá, mas, como Jesus, ressurgirá dos mortos para nós, através de uma mensagem maravilhosa. Demonstrará-nos a sua presença além da morte. Viera e nos falara.

Mais tarde, haveria de se materializar e conversar conosco e nós haveríamos de falar com ela. Acompanhamo-la até o sepulcro e vimos-la, depois, entre nós, com os mesmos cabelos louros cacheados, os mesmos olhos vivos e a mesma voz de criança que nos amava. Ressurgira dos mortos para a imortalidade gloriosa e para a Vida Eterna .

Jesus também ressurgira dos mortos, falara a seus discípulos e dissera da Vida Eterna. Quarenta dias passara com eles materializado e completara os ensinamentos demonstrando-lhes que além da vida humana existia outra vida, a vida do Espírito. "Na Casa de meu Pai há muitas moradas. . . Vou preparar o caminho para vocês...".

Éramos moços, cheios de esperança. A morte destruíra-nos a alegria de viver. Viver para quê? Se aquela que amávamos deixara a vida repentinamente? Só os soluços da alma desterrada respondiam às nossas desilusões. Na doutrina encontraríamos de novo a Ressurreição e a Vida com Jesus. E Jesus era a imortalidade e o Amor Eterno.

Chico caminhava, roupa simples, sem gravata.

Ia apenas tomar o café com broa de fubá.

Jair perguntava-lhe coisas sobre os espíritos que se comunicavam em nosso meio. Ele respondia alegremente.

Nessa época recebíamos o Altino e mais uma meia dúzia de espíritos, especialmente escritores estrangeiros. Entre eles, Oscar Wilde, com quem temos profunda afinidade e Voltaire, unido a nós pelos laços intelectuais da mocidade. Mensagens literárias e doutrinárias ao mesmo tempo.

Era para nós motivo de grande alegria falar desses amigos espirituais. Jair indagava, queria saber.

A paciência do Chico é imenso patrimônio que o acompanha.

Suas palavras caíam-nos na alma como água cristalina dos lençóis da cachoeira sobre as águas do lago. Estrelava-lhe a mente de pensamentos novos e de infinita sabedoria. Pontilhava suas palavras com pequenas historietas e casos interessantes, provocando-nos o riso e às vezes arrancando-nos até alegres gargalhadas. Chico é um grande conversador.

Frank Harris disse de Oscar Wilde que ele era um conversador genial .

Nós não saberíamos classificar talvez Chico Xavier como conversador. Quem sabe o maior conversador mediúnico que o mundo já viu?

O que ele diz, como diz e como pensa, são coisas extraordinárias.

A palavra brinca-lhe nos lábios como criança travessa brincando no jardim. Salta, corre, pula, e cabrioleia. A vivacidade de suas expressões é inimitável e a novidade das palavras e frases que pronuncia. Em sua boca, a palavra tem um sabor novo e um novo significado. Por exemplo: falando de um amigo comum, o Machado, alguém lhe dizia:

— Chico, o Machado é um homem bom, formidável!

— Ah! respondia o Chico — "O Machado é o namorado de todos"! Certa ocasião conversava conosco e saiu-se com esta:

— Ranieri, você tem fome de Jesus Cristo!

A maneira de dizer dá a essas frases uma tonalidade e um sabor surpreendentes. E tudo lhe sai tão natural, tão simples, tão perfeito!

Chegamos em casa. Rua Itacolomito, 106, Sta. Tereza.

A luz da entrada acesa, a sala iluminada. Casa nova, embora modesta .

Chico entrou meio desajeitado. Cumprimentou sorridente e sentou-se enquanto esperava o café com broa.

Minha mãe chegou depois, mas não entrou. Preferiu ficar lá fora.

— Não vou conversar com esse homem de olho torto! — disse ela de má vontade. Mulato feio!

— O que é isso, mamãe, é um homem bom. Não fale uma coisa dessas!

Com a bolsa na mão, ficou lá fora como criança que faz birra. Na realidade estava fazendo birra mesmo.

Alguém sentou-se com ela na área e ficaram conversando, indiferentes ao que se conversava lá dentro.

Chico contava-nos as suas histórias interessantes e espirituais. Comentava-se Emmanuel e ele falava com respeito do Senador romano Publius Lëntulus Sura...

— Em 1931 — dizia ele — Emmanuel me apareceu na forma de um velhinho de cabelos brancos e nunca mais me abandonou.

Visualizamos Emmanuel velhinho aproximando-se pela primeira vez do Chico e dizendo-lhe que tinham uma missão juntos, que haviam estado em Roma ao tempo em que Emmanuel era o orgulhoso Senador Publius Lëntulus e fora seu pai. Mergulhávamos num passado de dois mil anos. . . Aquele Emmanuel velhinho naturalmente era uma das figuras mais espiritualizadas do Grande Espírito, porque todos nós temos as figuras mais espiritualizadas e as menos espiritualizadas. Através do milênios temos muitas vidas, numas fomos prepotentes, generais, imperadores ou governantes, padres ou bispos e papas romanos, noutras fomos índios ou mendigos e atravessamos o mundo como quem atravessa um palco representando um papel. Mas as nossas vidas arrastadas no rio da vida, ora vão ter a uma praia, ora atingem um encachoeirado, outras vezes saltam desesperadas na correnteza. Nem todos se recordam do passado milenar. Alguns apenas têm esse privilégio.

Empédocles e Pitágoras recordavam-se de algumas de suas vidas. Nós, hoje, espíritas-cristãos, também tomamos conhecimento de algumas. Lembramo-nos ou então os espíritos nos falam de algumas. Através dos livros: Há Dois Mil Anos, 50 Anos Depois, Renúncia e Ave Cristo! Ficamos sabendo de algumas reencarnações de Emmanuel, Chico Xavier e outros companheiros.

Vemos a luta que travaram e vêm travando, pela espiritualização do mundo.

Suas dores e seus sofrimentos, as perseguições que sofreram, suas grandezas nos píncaros do poder público e suas misérias na posição de escravos ou de criaturas que erraram no mundo em desespero e desamparo, resgatando suas dívidas e assumindo novas responsabilidades, sacrificando-se por companheiros que ficaram na Terra ou elevando-se à Luz da Espiritualidade Superior. Santos e heróis, verdugos e mendigos. Fazendo parte de imensa família espiritual prosseguem na jornada da imortalidade, ora torturada, ora sob a luz das estrelas do Infinito.

Caem e levantam, levantam e tornam a cair, homens como nós mesmos, na dura lida da própria libertação e da libertação dos amigos queridos .

Minha mãe puxou a cadeira para perto da porta. Começara a, se interessar pelo que se falava ali dentro. Chico ria e suas palavras alegres despertavam o interesse. As histórias caíam-nos na alma como pétalas de rosas.

Daí a pouco, ela pediu licença e entrou.

Com aquele seu jeito decidido, justificou-se:

— Estou gostando muito da conversa do senhor. Chico sorriu, levantou-se e cumprimentou.

— Oh, dona Beatriz, a senhora é uma alma maravilhosa, só o sacrifício de criar esses filhos que a senhora tem fazem-na merecedora de nosso respeito.

Ela olhou-o assombrada. Como sabia seu nome? Sentou-se e ficou a ouvi-lo até a uma da madrugada. Lá fora os galos começaram a cantar.

## EM CASA

Aquela noite foi uma noite de festa e alegria. Chico não se retirou. Ficou para dormir.

Conversamos até às três da madrugada.

Nossa casa era relativamente cômoda e tínhamos uma boa biblioteca, espaçosa.

No canto, uma cama.

Lençóis limpos e fronha nova.

Chico olhou os livros, viu a coleção dos livros que recebeu, especialmente André Luiz. Pedimos que autografasse aquelas obras para nós, a fim de mostrarmos aos nossos futuros netos. Riu-se. Disse que depois o faria. Mas o fato passou. Nunca mais.

Quando ficamos sós, os outros haviam se despedido, nos abraçou e disse com ternura:

— Você é o meu grande amigo!

Sentimos uma onda estranha nos percorrer a alma. Algo de fantástico se passava conosco. Abraçamo-lo comovido e saímos. Sua presença em nossa casa se revestia de intensa espiritualidade. Dele se irradiava uma onda de paz, compreensão, entendimento. Sentíamos ao lado dele, o quanto ainda necessitávamos de evoluir.

Parecia-nos que nossa casa se santificava com a sua presença, as paredes, os móveis, tudo parecia ter se tornado santo. Não dormimos direito pensando que ele estava ali, sob o nosso teto, como se um dos apóstolos do Cristo houvesse nos visitado. Nessa época Chico não era considerado como hoje uma figura santa. Os espíritas diziam por toda a parte, talvez para valorizar a mediunidade, que ele era simples, ignorante, quase analfabeto, e que Emmanuel sim é que era um grande espírito. Havíamos escrito um artigo contra essa ideia. Desde o princípio vimos nele a criatura maravilhosa que é, sem contudo, afastar as possibilidades de errar que ele possui como qualquer um de nós.

É natural que alguns espíritas me houvessem advertido por exaltá-lo.

Entre os espíritas é comum silenciar a respeito da qualidade superior dos médiuns, acreditam que o médium possa se envaidecer e perder a mediunidade ou cair.

Comprendemos perfeitamente esse ponto de vista.

Pela manhãzinha, seis horas talvez, domingo, Jair já estava sentado na porta da casa ansioso de tornar a ver o Chico na hora do café. Minha mãe saiu e dissera:

— Não acredito nessas bobagens de espiritismo, mas o Chico é uma coisa diferente! Ele é formidável!

Algumas horas ouvindo-o falar e contar fatos mudaram a sua opinião a respeito do mulato gordo de olho torto!

Dissera mesmo:

— Ele não é feio não, a gente olhando bem, vê que até é bonito! Muito simpático!

Vê-lo e amá-lo é coisa de poucos momentos.

Aquelas palavras ficaram ressoando no meu espírito:

— Você é o meu grande amigo!

O passado cobrira-nos os olhos do espírito, a névoa do esquecimento envolvera-nos em sua mágica neblina. É possível que como Francisco de Assis ele nos amasse assim como o poverello amava os mendigos que o procuravam. Coração de santo dava-se a todos com a mesma intensidade.

Mas ele fizera uma distinção:

— *Vosê* é o meu grande amigo.

No dia seguinte a conversa engrenou de novo. Café simples com pão e manteiga, café de mineiro. .. Queijo, broa de fubá, o que sobrara da noite. . .

Chico saiu do quarto e quando nós entramos lá, ficamos assombrados. Ele não dormira sobre os lençóis nem sobre as fronhas. Tirara tudo e dobrara bem dobradinho num canto. .. Dormira sobre o pano puro do próprio colchão e não sei se usou travesseiro.

Vi de novo Francisco de Assis despojado de tudo, dormindo no chão da sua humilde cabana e comendo o seu alimento com cinza..

Havia nele muita coisa de S. Francisco e entre os frades do Santo havia um frade muito seu amigo chamado Raniero...

O que haveria entre nós?

Os discípulos do Cristo também às vezes se referiam a João como sendo o discípulo amado. ..

E foi ao discípulo amado que Jesus entregou sua mãe na hora de morrer.

Há o amor espiritual entre criaturas que foram irmãs em outras, existências, assim como o amor de mãe pelo filho querido.

## NA INTIMIDADE DO LAR

Aquele dia foi um dia de alegria. Chico fazia questão de servir à mesa. Pão a um, café a outro.

A todos dava a sua atenção e a sua palavra. Estendia a xícara fumegante e servia com amor.

Quando entrara em nossa casa encontrara o Arus. Menino de dois anos de idade, simpático, cabelos encaracolados, louros como o cabelo das espigas.

O garoto corria pela casa e o Chico tomou-o nos braços e perguntou:

— Como se chama?

— Arus —, respondemos.

E ele, imediatamente, sem pestanejar, acrescentou num relâmpago:

— Sura, não é?

A princípio não entendemos bem, mas vimos que Sura era Arus de traz para diante. Dissemos isso, e ele riu, esclarecendo: este menino pertenceu à orgulhosa gens cornelia, à família de Emmanuel, quando Publius Lêntulus em Roma. . .

Chico demonstraria sempre grande interesse e amor pelo Arus, trazia-lhe presentes, roupas etc.

Sentia-se que algum laço os ligava.

Ora, em Roma, Chico havia sido Flávia, filha de Publius Lêntulus, o orgulhoso Senador, que conversou com Cristo à beira do lago. . .

— "Por que me procuras à noite, senador?" perguntara-lhe Jesus Cristo.

"Por que não me buscais na claridade do dia?"

O senador que o buscara na noite, temeroso de ser visto em sua companhia, e que ali fora pedir auxílio para sua filha Flávia, gravemente enferma, baixou a cabeça.

— "Por que não me segues? Deixa tudo e vem. . . — dissera ainda Jesus.

Foi um minuto apenas. A indecisão tomara o seu espírito, mas ele não teve coragem talvez, assim como o moço rico, de deixar os seus bens, a sua posição social e o seu poder e não ouviu a voz do Mestre. Dois mil anos depois ainda estaria na Terra sofrendo pelo erro da indecisão de um minuto. Reencarnara uma vez como escravo, Nestório, sentira a força dos senhores de Roma e acompanhara os martírios de seu filho Cyro. Ai, então, começara a aceitar Jesus, Vemo-lo mais tarde em Renúncia como o Padre Damiano e no Ave, Cristo! Como Basílio, o músico e filósofo. No Brasil, surgiria com o padre Manoel da Nóbrega, Geral dos Jesuítas, que, juntamente com Anchieta, lançaria as bases não só da nossa civilização mas também do pensamento evangélico cristão em terras de Santa Cruz.

Figura extraordinária, maravilhosa, de homem e de pensador, poeta sensível e puro, guia espiritual amoroso e amigo das multidões. . .

Também este pertencia à gens cornélia. . .

— Sura, não é? Dissera o Chico.

Nós ficamos contemplando o garotinho.

Mais tarde Chico diria, quando o Arus já era moço:

— O sábio Arus, e acrescentaria:

— Esse rapaz, antes de renascer foi um dos meus guias espirituais.

E o nosso pensamento haveria de acompanhá-lo. Seria isso verdade? Mas o Chico não mente. Fosse o que fosse o futuro confirmaria ou não a sua assertiva.

Nós, quando o Chico se foi, ficamos olhando um par de meias que ele deixara ali. Saíra de sapatos sem meias, prova de que não usava meias.

Mais tarde haveríamos de perceber que quando o Chico se sentava à mesa para psicografar, automaticamente, talvez mesmo sem sentir, tirava os sapatos com os próprios pés e ficava descalço. Só olhando para baixo da mesa é que se via. Costumava ficar mexendo com os pés, um no outro, e enfiando os dedos nos dedos.

Aos sábados, Chico voltava à nossa casa. À noite havia uma reunião mediúnica com os amigos e começou a aparecer muita gente.

Nós íamos a Pedro Leopoldo e ele vinha a Belo Horizonte. Geralmente, íamos até às duas ou três da madrugada. Muita coisa ouvimos de seus lábios e gravamos. Histórias singelas de profunda sabedoria brotavam-lhe da alma e do coração.

Modesto funcionário da Fazenda Modelo, sediada em Pedro Leopoldo, Chico entrara em contato com um homem chamado Rômulo Joviano.

Figura austera e enérgica, chefe do Chico. Conhecemo-lo apenas de cumprimentar e através do que o Chico nos falava ou do que nos relatavam outros amigos. Não parecia assim à distância homem tratável.

Embora educado, dava a impressão de completa indiferença para com os outros e nós que éramos jovens e achávamos que a Doutrina ensinava a suprema humildade, admitíamos para nós, que Rômulo Joviano era um homem imensamente orgulhoso e prepotente. Com ele Chico estava fechado a sete chaves, e, como dizia o próprio Chico, como um cão amarrado a uma árvore e com corrente curta. Dominava o Chico totalmente. Durante mais de vinte e tantos anos durou esse Império. Todas as quartas-feiras, por vinte e tantos anos, Chico fez reunião em casa de Rômulo Joviano, exclusivamente para e com a família dele e não faltou um só dia.

No entanto, tudo o que Chico recebeu mediunicamente nesses anos: mensagens, artigos e páginas de imenso valor ficaram em poder dele, Rômulo, e não foram publicadas até hoje. Inexplicavelmente, inexplicavelmente. Com ingenuidade, talvez acredita ele que aquilo é propriedade sua. Não podemos julgar a sua interpretação, mas somos de parecer que sua atitude está absolutamente errada.

As páginas dos Espíritos pelo' Chico são um tesouro inestimável que pertencem à humanidade.

Rômulo Joviano e sua esposa, segundo informações do grande médium, foram Fernando e Izabel de Castela. Não admira, pois, a sua aparência orgulhosa.

Creemos que na sua ânsia de preservar o Chico, levou-o, todavia, a sofrer muito. Disciplina de ferro mantinha Rômulo, o rapaz, numa verdadeira prisão. Não sabemos bem como foi que Rômulo veio para a Doutrina Espírita. Parece-nos que através do Chico encontrou o mundo espiritual. Acreditamos na sua sinceridade e no seu zelo, mas admitimos que nem ele mesmo sabe o quanto fez o Chico sofrer. (\*)

Dizem que em certa época deveria ele apresentar um trabalho sobre gado ou criação de gado e não existiam subsídios em parte alguma a respeito do assunto que, parece, era especializado ou de caráter inédito, e Chico recebeu mediunicamente um trabalho esgotando o assunto e que lhe foi entregue. Segundo informações, o relatório do Chico era detalhado e profundo, cheio de datas e de referências extraordinárias, Nós, porém, nunca vimos esse trabalho.

A vigilância do Rômulo sobre o Chico era a de um carrasco sobre o encarcerado, a de um carcereiro com o condenado. É possível que essa disciplina em parte tenha sido benéfica ao Chico e por outro lado, a extrema rigidez e frieza lhe tenham feito muito mal. Parece que o Rômulo se acreditava proprietário do Chico. Propriedade tirânica. Prova disso é que nunca visitou Chico em Uberaba e afirmava que compreendia o Chico em Pedro Leopoldo, mas não compreendia o Chico em Uberaba. .. E não concordou nunca com a transferência do Chico para Uberaba. Não concordar, discordar, são coisas diferentes de não visitar nunca o amigo. Revoltou-se porque viu que o Chico estava se libertando dele. . . Será isso? Creemos que sim. Mandou certa ocasião uma carta para o Chico ir passar uns dias com ele, mas o médium parece que estava doente. . . E não foi.

(\*) Rômulo e sua esposa, segundo informações, morreram quando nós já tínhamos escrito estas paginas.

Amor que escraviza é um perigo. Amor exclusivista, amor obsessiva Amor que não dilata os horizontes da alma é apenas um pobre amor.

Em sua profunda humildade, Chico tudo suportou sem reclamai silenciosamente, acompanhando as determinações daquele homem como um escravo.

Seria interessante um estudo aprofundado das relações de Rômulo Joviano com Chico Xavier. Alguém há de fazê-lo no futuro. Não sei se nós mesmos viremos a ter esta oportunidade. Tudo é possível. Quem sabe?

Creio que a história de ambos, nesse período, seria fascinante, desde que vista com os olhos do escritor que compreende o imenso valor das menores atitudes dos grandes homens, e Chico deve ter vivido intensamente essa fase.

Lembro-me que ele falava de Rômulo com consideração, mas também com uma certa mágoa. Rômulo escravizava-o demasiado e parece que não lhe dava muito valor Como homem, valorizava apenas a sua mediunidade. Chico para ele é claro, era somente o instrumento. Assim como uma máquina na qual o sábio Emmanuel escrevia.

Aliás nessa época, Chico era geralmente considerado pelos espíritas como simples, ignorante, analfabeto, atrasado, enquanto se exaltavam, exageradamente, os espíritos que se comunicavam por ele. A sabedoria dos espíritos era colocada no altar e, para servir de contraste, a ignorância do médium era focalizada com impiedade. Sentíamos que os espíritas ficavam aborrecidos quando nós dizíamos que para receber' os espíritos que o Chico recebia, ele mesmo deveria de ser semelhante a eles. Fomos talvez o primeiro, em todo o Brasil a dizer que Chico Xavier era espírito elevado e talvez maior que Emmanuel. Isto, por escrito em jornal. Foi um escândalo. Ninguém admitia. Chico era simples, ignorante, analfabeto! — diziam eles.

Sentença impiedosa da época e do desconhecimento, quase total relativo à mediunidade. Desejava-se, queria-se, o médium inconsciente e ignorante e sonhava-se o espírito comunicante, sábio, literato ou angelical. O pensamento científico do mundo, contudo, desenvolvia o seu trajeto, e o sonho era substituído por um senso muito agudo da realidade. Penetrava-se nos umbrais de uma nova era e os espíritas também avançaram um pouco mais no campo do conhecimento e do entendimento.

O médium não é mais uma coisa, pelo contrário, é criatura humana, com necessidades e anseios, com fraquezas próprias e deficiências. Sonha e ama, deseja e espera. Come, bebe, dorme e trabalha com qualquer um outro. Merece respeito e consideração. Tomá-lo de as salto, indiferente às suas necessidades e ignorando que ele também tem a sua vida é uma violência sem nome. Escravizá-lo, uma ignomínia ou uma inconsciência!

Orientá-lo é uma coisa. Sugerir-lhe formas de disciplina também uma boa atitude. No entanto, ninguém tem o direito de se apropriar dele como se fosse o seu senhor.

Creemos, todavia, que a mão de ferro de Rômulo Joviano, de certa forma, lhe foi um bem. Se não fosse, Emmanuel já o teria libertado há muito tempo. Deus se aproveita até dos escombros para reconstruir os mundos. E, é lógico, dos escombros das nossas desilusões faz às vezes, o nosso glorioso destino.

Rômulo vivia com a mulher e uma filha. Não tivemos conhecimento da existência de outros membros de sua família.

Era um homem reservado, sério. Já de meia idade, com um pouco de cabelos brancos, forte, atlético quase, cabeça leonina. A filha desenvolvia mediunidade psicográfica intuitiva nas reuniões com Chico Xavier e chegou a escrever belíssimas páginas inspiradas por Otília, e que foram publicadas em jornais e revistas ou em separado para distribuição. Moravam numa residência senhorial na Fazenda Modelo, da qual Rômulo era o Chefe. Não sei se os membros da família, possuíam mediunidade realmente desenvolvida, mas o Rômulo aplicava passes curadores no Centro do Chico. Lia, no fim da reunião, uma página de Emmanuel, mas durante os trabalhos permanecia na cabine aplicando passes. Era uma das coisas que nós admirávamos porque parecia-nos que ali, se tornava humilde e bom. É claro que as nossas impressões poderiam estar erradas, que não fosse nem duro nem rijo, e até, quem sabe, fosse uma alma cândida. Mas a nós, infelizmente, ele aparentava ser duro e rijo. Insensível.

É verdade que aquele que aceita a doutrina espírita e o Evangelho de Jesus, dificilmente será absolutamente duro e rijo. O coração tende sempre a ser mole e a razão predomina sobre os instintos.

A casa era boa. Quando ali estivemos com o Peixotinho, Chico apontou um enorme flamboyant que pendia sobre o alpendre e disse: — Por aquele galho é que Narcisa desce para vir às nossas reuniões. — Como um anjo e suavemente desce.

Narcisa é um espírito que aparece em "Nosso Lar" e desfruta de posição espiritual avançada.

Fiquei olhando o imenso flamboyant e os seus galhos que se contorciam como serpentes que buscassem o chão e na minha retina via Narcisa pousando suavemente nos galhos pendentes. A casa sombria inspirava respeito e a folhagem luxuriante que se distribuía um pouco por toda a parte tornava mais fresco o lugar.

Tínhamos ido com alguns amigos visitar o Chico. Recebeu-nos na fazenda Modelo e mostrou-nos o lugar onde trabalhava como simples escriturário no fim da carreira, sem promoções nem melhoria. A Igreja época fazia muita pressão contra ele e vinha, por isso, através dos anos sofrendo enormes injustiças. Fez um concurso para o cargo que ocupava e não passou. Foi reprovado. Com isso, impediram-lhe o acesso nos quadros da carreira. Ganhava setecentos mil réis. Já naquele tempo era uma miséria. Apesar disso, estava sempre rindo.

— Por aí, vocês vêem que sou um burro e não poderia por mim mesmo escrever as mensagens que recebo...

Se eu fosse capaz de escrever o que recebo, então, teria facilmente passado no concurso. ..

A pobreza do Chico era conhecida. Filho de uma família pobre, criado na dor e no sofrimento.

O pai, João Cândido, vendia bilhetes de loteria e a mãe morrera quando ele era criança. Aos cinco anos já via o espírito da mãe, Maria João de Deus, que lhe aparecia debaixo de umas bananeiras no quintal.

Maria João de Deus era um espírito luminoso. No Rio de Janeiro, tivemos ocasião de vê-la materializada, no Grupo André Luiz, pela mediunidade do Peixotinho. O espírito mais luminoso que já vimos. O seu perísprito ou o seu corpo espiritual exibia-se com uma luminosidade de luar intensa. Parecia lã de carneiro, cheio de ondulações luminosas e a sua voz era suave como se pronunciada pela boca de uma flor.

Flor de luz e de esperança.

Evidentemente lhe deu através da vida, conselhos úteis e cristãos, capazes de conduzi-lo pelos caminhos do Cristo.

Ela que escreveu "Cartas de uma Morta", revelando a vida em Marte e Saturno, é claro deveria possuir imensa evolução. Na realidade, o primeiro guia espiritual conhecido de Chico Xavier. Ela que havia sido sua própria mãe. O primeiro nos dois planos.

"Cartas de Uma Morta" é um livro importante, de revelação. O estilo é simples, mas as informações são interessantes e de grande responsabilidade para o médium. Maria João de Deus deve ter sido na Terra uma criatura boa, e, talvez, até excepcional.

Vimo-la algumas vezes- como dissemos, nas sessões de materializações do André Luiz, do Rio. Sempre luminosa e bela. Em Belo Horizonte, os amigos do Grupo Scheilla deram à Mocidade o nome dela.

Para o Chico, ainda é a mãezinha querida. Aquela que lhe guiou os primeiros passos na vida espiritual e de alguma forma, também, na vida material, porque muitas e muitas vezes o aconselhou a suportar os sofrimentos e as dores com paciência.

É lógico que espírito ligado ao Chico por muitas vidas. Embora a brevidade do tempo que conviveram, apenas cinco anos na carne, veio ela, evidentemente, com a tarefa de recebê-lo em seu seio pela afinidade espiritual existente entre ambos. Diz Chico Xavier em "Explicação Necessária", página que escreveu como introdução ao "Cartas de Uma Morta": "As páginas que se vão ler são de autoria daquela que foi, na Terra, a minha mãe muito querida. Minha progenitora chamava se Maria João de Deus e desencarnou nesta cidade, em 29 de setembro de 1915. Filha de uma lavadeira humilde, de Santa Luzia do Rio das Velhas, ela não pôde receber uma educação esmerada; mas, todos que a conheceram afirmam que os sentimentos do seu coração substituíam a cultura que lhe faltava".

"Quando o seu bondoso espírito se comunicou por meu intermédio, pela primeira vez, eu lhe pedi me contasse as impressões iniciais da sua vida no outro mundo..."

"Eu contava cinco anos de idade, quando minha mãe desencarnou; mas, mesmo assim, nunca pude esquecê-la e, ultimamente, graças aa Espiritismo, ouço a sua voz, comunico-me ccn ela, e ao seu espírito generoso devo os melhores instantes de consolo espiritual da minha vida".

Por aí se vê o carinho, o amor, a veneração, que Chico passou a dedicar a sua mãe desencarnada.

Depois dela, passou a ser cuidado por uma mulher que muito o maltratou e fez sofrer. Colocava-lhe como castigo, por culpas imaginárias, garfos presos a um cordel de maneira que se fincassem nos seus quadris, na sua barriga e nos seus rins. Ainda hoje, Chico exhibe os sinais da tortura infantil.

Certa vez, aconteceu aquele fato esquisito e estranho da mulher que tinha um filho menor com uma ferida na perna, foi aconselhada por alguém a submeter a ferida do menino a um tratamento inusitado: um cachorro deveria lambê-la a ferida durante três sextas-feiras. Não tendo cachorro, mandou a mulher que o Chico substituísse o animal lambendo-lhe a ferida. Chico fez isso, com humildade, três sextas-feiras, e, realmente, a ferida cicatrizou e o menino ficou curado.

Essa passagem lembra profundamente aquela outra de Francisco de Assis.

O Poverello de Assis ia pela estrada, feliz, com seus companheiros, as andorinhas de Deus, cantando a sua canção. Corria e pulava, ria, gracejava com os amigos ou louvava o Criador. Recolhia nas mãos em concha as florzinhas de Deus, II Fioretti. Beijava-as e sorria à luz do sol. Depois corria de novo e pulava até que encontraram alguns leprosos imundos que se encolhiam à beira da estrada, medrosos, porque era costume que se guardasse uma distância entre os doentes de lepra e os homens cheios de saúde. Alguns traziam pequeno sino dependurado no pescoço, como as madrinhas da tropa, fato comum entre os judeus para denunciar a sua presença e alertar as criaturas, que eles, leprosos infelizes ali estavam, que não se aproximassem. A lepra era considerada, como ainda hoje, uma das doenças mais terríveis do mundo.

Francisco, no entanto, contemplou os leprosos com piedade. Olhou--os e encaminhou-se para eles. Assustados, fugiram todos, menos um que, estarecido, imobilizado, incapaz de arredar pé, ali ficou. Acreditava talvez que Francisco fosse exproba-lo ou agredi-lo. Nada disso, no entanto, aconteceu. Francisco aproximou-se-lhe com brandura, abraçou-o e beijou-o na boca.

— Filho de Deus, irmão da minha alma, eu te amo assim como Jesus amou os seus leprosos. Vem, ovelhinha de Deus, sê o meu irmão.

Com essas palavras e com esse beijo, Francisco curou o enfermo que viu as feridas cicatrizarem e seus lábios fendidos, rasgados e feridos, ligaram-se diante dos olhos atônitos dos companheiros de Francisco, que caíram de joelhos com a face no solo agradecendo a Deus o que fizera através de Francisco.

Jesus também curara os enfermos, e curara com amor o leproso.

Os que se humilham serão exaltados e os que se exaltam serão humilhados.

Na esteira luminosa do tempo e no desespero intérmino do mundo ficarão sempre, os santos e os heróis.

## SIMPLICIDADE

A história da meia ficou vibrando no meu pensamento. Ainda hoje, vejo na retina, indelevelmente gravada, aquela cena inesquecível dos lençóis dobrados num canto da cama, sem terem sido usados e o par de meias no chão, num cantinho.

A simplicidade, é lógico, marcara aquele homem com sal e água, ferro e fogo, esperança e fé.

Quanta naturalidade no seu gesto!

Perguntamos, depois, porque fez aquilo, e ele se limitou a sorrir.

É natural, era assim mesmo. Poucos poderiam compreendê-lo! O que poderia nos dizer?

## CONCERTO EM VARSÓVIA

Chico convidou-nos, a mim e ao Jair, pira um almoço na casa dele, em Pedro Leopoldo. Seria no próximo domingo.

Enchem o-nos de satisfação e alegria, iríamos vê-lo na intimidade do lar.

Chico nascera filho de João Cândido e Maria João de Deus em 1910, na pequena cidade de Pedro Leopoldo. Ruas de terra, de poeira, onde os pardais tomavam banho na areia. Geralmente desertas durante o dia e ensolaradas. O ar é puro como o de todas as cidades de Minas, o silêncio e o sossego lembram-nos as cidades por onde os Inconfidentes tramaram a libertação. Ouro Preto, Sabará, Mariana e a cidade que hoje se chama Tiradentes. Muita coisa se esconde no silêncio dessas cidades, onde o sonho do ouro e das pedras preciosas conduziu homens destemidos até os rincões mais afastados do Brasil.

Naquela época, Pedro Leopoldo ficava a duas horas de Belo Horizonte. A estrada era de terra e as jardineiras eram horríveis. Carros velhos, sujos, apertados. Sempre cheios. Gente com "trouxas", mercadorias, sacos, balaios etc. Era um Deus nos acuda!

A estação sempre cheia com gente que ia para toda a parte. Mas quando se conseguia o lugar e a gente se ajeitava no banco, apertado, tudo ia bem.

A vontade de chegar e ver o Chico era muito grande e esquecia-se tudo. Não há sofrimento insuportável quando há verdadeiro ideal.

João Cândido, homem simples, vendia bilhetes de loteria. Com a morte da esposa tempos depois, casou-se com dona Cidália, criatura excepcional e bondosa que deu a seus filhos as alegrias que somente uma verdadeira mãe poderia dar. Era afável, compreensiva e amorosa. Foi na realidade, conforme palavras do próprio Chico, uma verdadeira mãe para eles. Ao mesmo tempo libertou-o daquela mulher infeliz que o fez lamber ferida da perna do menino como se fosse um cão.

Substituiu Maria João de Deus. Com a morte dela, Chico ficaria encarregado de acabar de criar os irmãos.

Pedro Leopoldo ainda não compreendera a grandeza de seu filho, quando fomos almoçar com ele.

Chico preparara para nós um almoço à mineira, porém, executado com imenso carinho. Lá estavam o tutu de feijão, o arroz e o lombo de porco.

Casa simples, na simplicidade da quase pobreza. Mas vimos a um canto uma radiola e muitos discos.

— Ganhei essa radiola e toco, quando posso, os meus discos, especialmente Beethoven.

— É isso, Chico — respondemos — ouvi dizer que no fim da vida você ficará cego e então irá receber os grandes músicos: Beethoven, Chopin, Mozart. ..

Chico sorriu.

— Quem sabe, Ranieri! Quem sabe?! Olhem, vocês gostam do Concerto de Varsóvia? De Tchaikovsky? Eu adoro!

Disse e colocou o disco.

Os primeiros acordes encheram com seus sons a casa rústica enquanto o almoço fumegava na mesa.

As paredes desbotadas ressoavam sob a batuta do grande músico e os olhos do Chico se extasiavam enquanto seus lábios se abriam num grande sorriso.

—A música, a música me faz companhia. Com ela, me recupero! Ele estava em mangas de camisa, meia manga, e era gordo, muito gordo.

Suas mãos macias serviam-nos a comida ligeiramente e ele não perdia um só de nossos gestos. Lembro-me que de vez em quando me olhava com profundo amor e carinho.

Jair enveredou por uma conversa estranha. Começou a falar sobre beleza e feiura.

— Vocês não acham que só espíritos atrasados e maus ocupam corpos feios e disformes?

Iniciamos uma defesa dizendo que não, que um anjo pode perfeitamente ocupar um corpo que não seja belo, de acordo com os padrões comuns estabelecidos pelos homens.

Estávamos, na realidade, aflito, porque em verdade o Chico, fisicamente, era feio, gordo e quase cego de um olho.

— Ah, deixa disso, exclamava o Jair — quando Deus marca alguém é porque esse alguém merece! A Natureza não se engana!

Nossa aflição aumentava. .. Chico que nos lembrava Sócrates, todavia, se limitava a servir-nos e a sorrir, com o sorriso da bondade infinita que Deus lhe deu.

— Ora, Jair, argumentávamos a feiura ou a falta de beleza física é, às vezes, uma defesa para o espírito, a fortaleza dentro da qual o espírito pode enfrentar as tentações do mundo. Você imagina um espírito superior, de inteligência superior que vem em missão à Terra, se vem ainda com um corpo bonito será evidentemente, desde o começo, desde a mocidade, um centro de atração, e especialmente capaz de atrair as mulheres que poderão levá-lo à desgraça ou à infelicidade. Será, é lógico, assediado e perseguido. Creio que na maioria dos casos, a falta de beleza física é meio de defesa para o espírito em missão no mundo. É verdade que Jesus era belo segundo as escrituras, mas ele era o Cristo. Assim mesmo, sempre viveu rodeado de mulheres que nele encontravam o Reino de Deus e a Alegria Perfeita. Mas qual de nós pode aspirar a uma Situação e a uma condição dessas? Meu filho, o Espírito Superior geralmente se apaga na Terra para não chamar a atenção dos homens e quando estes o reconhecem como tal, geralmente já realizou a sua obra, e está se despedindo dos próprios homens.

Chico parece que gostava da conversa porque nos sorriu com ar de inteligência e entendimento, como se dissesse:

— Deixa, Ranieri, o Jair ainda é muito jovem espiritualmente. De fato, noutro dia, nos confirmou esse pensamento dizendo:

— Você, Ranieri, perto do Jair e do Inácio mental e espiritualmente, poderia ser considerado bisavô deles. ..

É lógico que se referia à idade espiritual de todos nós e encontrara para termo de comparação a ancestralidade material.

O sol entrava pela janela e iluminava a sala. Os primeiros acordes do Concerto de Varsóvia invadiram a casa e Tchaikovsky no seu poder e na sua glória inundou nossas almas com a sua alma imensa de artista.

## NOS DOMÍNIOS DA MUSICA E PALAVRAS DE SOFRIMENTO

O sol apagara-se. A noite chegava de mansinho aos acordes das músicas maravilhosas que estávamos ouvindo. A mais bela e pura das Artes dominava-nos os sentidos e arrebatava-nos a alma. Beethoven reinava em toda a grandeza do seu espírito. Evidentemente, Beethoven era o gênio musical preferido de Chico nessa época, parece que também Tchaikovsky o empolgava. Como o Chico gostava de música! Sempre foi sensível à música!

Escrevemos na ocasião um artigo: "No Domínios da Música", que não foi publicado. O original entregamos ao Chico. Os espíritas não admitiam nem música nem canto nas reuniões. Achavam que isso os assemelharia aos protestantes, muito embora Paulo de Tarso houvesse ensinado: "Louvai a Deus em hinos e cânticos espirituais".

Era, na época, corrente entre os espíritas que música e cânticos não tinham cabimento em reuniões.

Nosso artigo pregava justamente o efeito da música sobre as criaturas, sobre a alma e sua excepcional contribuição para a melhoria do ambiente das reuniões. Música nas reuniões, porém, era um escândalo e Chico pegou o artigo, leu, gostou e guardou, comentando:

— Infelizmente, Ranieri, você sabe como é que é, se eu colocar música nas reuniões será um escândalo, ninguém vai compreender! Mas eu vou ouvindo música em casa mesmo, até um dia...

Sorriu compreensivamente.

— Uai, não é mesmo?

Só quem conhece o Chico pode compreender por escrito esse "Uai, não é mesmo?" e ouvir na sensibilidade da memória a risada cristalina do amigo.

Era um absurdo, mas era e ainda é, música nas reuniões espíritas, segundo muitos. A evolução, às vezes, custa muito a chegar!

Lutamos sempre com o pensamento já estabelecido no mundo. São muralhas da alma humana, os conceitos que atravessaram séculos. Certos ou errados constituem sempre uma barreira às novas gerações. Na realidade não poderemos destruir de uma só vez o passado. Os fundamentos de nossa vida espiritual repousam, quem sabe? — nas origens do mundo ou muito antes! Estratifica-se o conhecimento e o pensamento.

Chico, para nós, representava a simplicidade e a naturalidade do Anjo que se fez carne e habitou entre nós. O seu sorriso e a sua bondade eram um clarão nas trevas do mundo.

Tudo para nós, ali, parecia santificado. As paredes, os móveis, as cadeiras, a bilha de água. . . Lembrávamo-nos de Jesus na simplicidade e pureza de sua vida, em suas sandálias simples de carpinteiro, amigo dos pescadores, e em sua túnica alva, lavada pelas mãos divinas de sua mãe. A simplicidade e a humildade são os primeiros degraus da sabedoria. Escada de Jacó, a evolução espiritual se faz degrau por degrau e não conseguiremos atingir os píncaros das glórias espirituais sem subir, dolorosamente, degrau a degrau.

Chico na simplicidade de sua vida cristã parecia-nos um santo. 'As mãos que nos serviam com carinho a comida simples mas bem feita, eram como andorinhas que voavam pela casa. Gostava de ser como era. Nós sentimos isso nele. Deveria ter sido uma criança pura.

— Qualquer dia vou levar vocês à casa do André. Lembram-se do André? É aquele moço que apresentei para vocês quando desceram da jardineira.

Lembrávamos. André viera com o Chico nos receber à chegada da jardineira. O rapaz era ainda moço, jovem, de bigode preto e cabelo ligeiramente ondulado, cortado à antiga, "Príncipe Danilo". Não era muito alto, mas nos parecera mais alto que o Chico. Dentes perfeitos e claros. Sorriso amigo e luminoso,

André ajudava o Chico nas reuniões mediúnicas. Recebia receituário. Chico estava recebendo nessa época o livro que depois se chamou "Libertação". A atividade era grande mas não era como é hoje. Havia mais possibilidade para as pessoas que tinham assunto reservado de conversar com ele. Muita gente, mas não tanto quanto hoje. Agora são milhares e a importância do Chico cresceu para o mundo.

André sabia que não tinha a importância do irmão. Parece que ajudava-o também na correspondência e na remessa de receitas pelo correio.

Centenas ou milhares de pedidos eram enviados pelo correio, atendendo pedido de pessoas que lhe escreviam. André era casado e tinha filhos. Às vezes, parecia preocupado com as coisas espirituais. Acreditávamos, naquele tempo, que prestasse uma obediência cega ao Chico. Mais tarde, verificamos que não era bem assim.

Magro, ossudo, passo rápido. Sempre com duas blusas ou seja, uma camisa e uma blusa. Não parava muito para conversar. Um sorriso, um aperto de mão e lá ia ele de novo, apressado, buscar não sei o quê! Dava a ideia de que estava sempre atarefado, providenciando a solução ou a execução de algo. Seria apenas um inquieto? Não sei. Era boa alma. Acho que nesse tempo já tinha um pequeno negócio. Uma quitanda, talvez, na rua principal. . . Coisa pouca. . . Depois, creio que se envolveu em negócios maiores.

Quando nós o encontramos era de manhãzinha, nove horas talvez, e o povo começava a se movimentar nas ruas. A cidade, como todas as cidades de Minas, recordava o passado. Casas em estilo colonial, encontravam-se aqui e ali. Pontes construídas antes do mundo, caminhos antigos, empoeirados. A calma mineira e o povo simples.

Era comum o Chico ir pessoalmente nessa época, ao correio. Gostava de fazer isso. Vinha com um grande pacote debaixo do braço. Separava sempre as cartas ou pacotes que julgava mais interessantes para ver logo. Creio que a dos amigos separava vendo no verso a indicação de nome e endereço. Aliás, para ele, ir ao correio era “outra religião”. Penso que uma das coisas que mais lhe agradava. Parece que ia duas vezes ao dia buscar correspondência... E ao responder o fazia sempre com o maior carinho. Para os amigos mais chegados, aqueles de coração, juntava à carta uma pétala de rosa seca e uma ou algumas mensagens.

Ainda faz isso até hoje. Às vezes um cartão pintado ou desenhado por ele mesmo pessoalmente ou então por alguém que nós nunca conhecemos. Chegamos a receber dele alguns cartões assim.

André trabalhava no Centro com o irmão e estava recebendo parte do receituário para ajudá-lo. Creio que recebia as receitas destinadas às pessoas que pediam por carta e o Chico recebia as receitas para as pessoas que estavam presentes e que lhe seriam entregues.

Gostei do André. Depois estivemos na sua casa.

Tchaikovsky continuava enchendo o ambiente com os compassos do Concerto de Varsóvia. Jair falava de mediunidade e Chico respondia nossas infundáveis indagações pacientemente.

Mais de cinquenta discos long-play ou comuns se empilhavam ali num canto. Era um sábado e iríamos ficar para voltar no outro dia. Chico convidou-nos para ir a um local que, dizia, era maravilhoso, situado atrás da fábrica. Desde mocinho Chico trabalhava na fábrica, pegando às seis e deixando às quatro da manhã.

Fomos andando e conversando. Aqui, alguém cumprimentava Chico, ali outro lhe fazia um sinal, às vezes parava para dizer uma palavra a um necessitado. Alguns, pobrezinhos, tentavam-lhe beijar a mão e ele impedia.

— Aquelas são as moças das baratas. . . — disse apontando duas velhas que o cumprimentavam e que estavam na janela.

A rua um tanto escura nos conduzia às redondezas da fábrica, Onde agora brilhava luminosa lua de prata.

Subimos a encosta, e penetramos belíssima plantação de enormes eucaliptos que margeavam pequeno riacho. A lua filtrava-se através das folhas como se fossem um véu de noiva e a água encachoeirada, de repente, atirava-nos a espuma na face, pulverizada em milhões de gotículas. Chico amparava-nos na subida e apertava-nos o braço com carinho.

— Aqui, outrora, vinham o César Burnier e o Noraldino. Chamavam isto de "hobby", lembrando nossas reencarnações na França. Atualmente, não vêm mais, continuou dizendo, mas vinham muito aqui.

Vimos logo que o Chico não levava ali senão as pessoas a quem devotava imenso carinho. Era aquilo quase o Jardim das Oliveiras... Sentimo-nos envaidecidos. E vimos também que a ligação mais íntima com César Burnier e Noraldino já havia passado...

Aquele pensamento despertou-nos outras ideias e perguntamos ao Chico:

— Você não teve um amigo muito íntimo chamado Plínio?

— Tive ótima pessoa. Criatura excepcional!

— Dizem que você teve relações de amizade com ele na Roma Antiga... É verdade?

— Sim, é verdade. Fomos muito ligados. Ele é muito inteligente, mas houve um fato que nos afastou. . . A esposa dele, um dia, chegou perto de mim e me disse: — Você é horroroso, você é um monstro! Senti um choque. Fiquei sem saber o que dizer, e nunca mais nos encontramos.

Chico disse aquilo com humildade e quase com lágrimas nos olhos. Eu não quis, em face disso, aprofundar mais o assunto. Vi que deveria ser mais profundo do que eu pensava:

Assim mesmo ele continuou:

— Infelizmente, todos os que se aproximam de mim, Ranieri, sofrem. . .

Fiquei olhando incompreensivelmente.

— Sofrer como?

— Sofrem, não sei, mas sofrem. Os que me amam sofrem.

O luar continuava enchendo a noite. A espuma das águas atirada à distância atingia-nos o rosto iluminado. O rumor do riacho cantava a sua canção...

O silêncio, quebrado apenas pelos seres e pelas coisas da natureza cobria-nos de paz...

Aproximamo-nos de uma pedra enorme e ali descansamos. Após espriar o olhar na noite, Chico disse:

— Aqui, há numerosos espíritos. Emmanuel, André Luiz, Culmiro Cunha, Antero do Quental e outros...

Sentimos que o ar se impregnava da presença augusta dos imortais. Nossos corações palpitavam mais intensamente. Antero parecia nos tocar e Emmanuel irradiava respeito e grandeza espiritual.

Chico pegou papel e lápis. Começou a escrever nas próprias mãos que seguravam o lápis e o papel.

O lápis corria vertiginosamente.

Um soneto de Antero e um poema de Casimiro. Mais alguma coisa que não me vem à memória agora. Nós orávamos em silêncio.

Casimiro ditara "No Castelo do Amor". Emmanuel transmitira a maravilhosa prece "Ante o Céu Estrelado".

A cópia do soneto de Quental que o Chico nos dera se perdeu. Hoje não sei mais qual dos sonetos é ele, dentre os dele mesmo.

Estávamos envolvidos por um ambiente de profunda espiritualidade. Descemos de novo a encosta. A lua coava-se ainda através da folhagem como luz em véu de noiva...

## MEDIUNIDADE EM CASA

As viagens de Chico a Belo Horizonte eram permanentes. Nós o recebíamos com alegria e conversávamos com ele através da noite. Abrimos as portas da casa aos amigos que vinham lhe trazer o seu abraço. Chico ria, conversava e, à sua maneira, ensinava.

Nossa mediunidade de psicografia ganhava força e rapidez.

Num daqueles sábados, à mesa, Chico nos disse:

— Ranieri, o Wilde está próximo a você e vai escrever. Tome lápis e papel.

Fizemos o que mandou.

Realmente- sentíamos a presença de Oscar Wilde que já vinha nos transmitindo mensagens naquele seu estilo puro, poético e inimitável. Havíamos recebido dele, páginas maravilhosas que, no entanto, o Chico não conhecia nem havíamos falado disso a Chico Xavier. Alegrou, pois, a todos, a notícia.

O Espírito escreveu bela página de profunda sensibilidade e ao terminar, Chico comentou:

— O Altino também está presente, mas a gente vê perfeitamente nele os traços de sua filha Heleninha.

Altino, o sábio Altino, havia sido em encarnação recente, nossa filha Heleninha, que desencarnara em 1945. Era o nosso Guia espiritual. Chico leu as páginas transmitidas por nosso intermédio, de Charles e nos afirmou, respondendo a pergunta de Jair:

— Ranieri, eu vi o Charles muito azul e diáfano, mas Emmanuel está me dizendo que Charles é Charles Baudelaire e que as Flores do Mal se transformarão nas Flores do Bem.

Ora, nós havíamos recebido um livro de Charles que tinha o nome de Flores do Bem, mas só nós, os íntimos de nosso grupo, Sabíamos.

Chico sorriu para o Jair.

E o Jair ficou empolgado porque as declarações do Chico firmavam a autenticidade de nossa mediunidade, a certeza de que o grupo ia bem e aumentava a confiança de todos em nossos trabalhos.

É natural que nós passássemos, nesse aspecto, a ser olhado pelos outros com mais respeito.

Oscar Wilde transmitiu uma página de profunda sensibilidade. Sentíamos-lhes o pensamento com intensas ressonâncias das recordações do Cárcere de Reading. O sentimento outrora grego e agora cristão que o dominava, enchia-nos a alma.

Chico acompanhava nosso desenvolvimento psicográfico.

Depois começou a relatar o que estavam pensando algumas pessoas presentes.

Eu havia dito ao Jair qualquer coisa de maneira que ninguém entendesse, mas o Chico logo acrescentou:

— De nosso amigo Lé. .. ?

Ora, Lé era o início do nome LEVI, que era a pessoa de quem falava.

— Deus me livre de você, Chico! — exclamou o Jair. O homem sabe o que a gente está pensando! Isso é muito perigoso!

Rimos todos.

Atravessamos a noite conversando com o Chico. Sua palavra fácil e brilhante era sempre um raio de sol na escuridão das nossas vidas.

Muitos assuntos espirituais foram tratados. E nós sentíamos que nossa casa estava santificada com sua presença.

## O NOME

Chico sempre falou muito de seu pai e de sua mãe. João Cândido era o pai. Nunca pude entender como é que Chico, filho de João Cândido, se chamasse Francisco Cândido Xavier. O Xavier no fim é qualquer coisa de estranho. Ninguém pode adotar um sobrenome. Parece--nos que a Lei não permite. Aí há um mistério qualquer, pensava eu. Muitos anos depois, mais de vinte, em 1972, é que o mistério se esclareceu. No Rio, na Editora ECO, conversávamos com o Mandarino e com o Francisco Klors Werneck.

— Sabe de uma coisa interessante, Ranieri? — perguntou o Werneck — você está escrevendo sobre o Chico. . . O Chico Xavier não se chama Francisco Cândido Xavier! Isso é nome literário que ele adotou. Abrimos os olhos de surpresa e demos uma gargalhada.

— Essa não! É o fim! Não acredito!

Os dois me olharam brevemente e o Werneck confirmou:

— Não acredita? pois vou lhe mandar essa notícia que foi publicada num órgão espírita, parece que O Reformador, não me lembro bem agora.

É natural o meu espanto. Conheço o Chico há muitos anos, conversamos sempre sobre muitas coisas, tenho contato com todos ou quase todos que o conhecem, como não haveria eu de saber se fosse verdade!? Fala-se tudo que se sabe do Chico no Brasil, como não haveríamos de saber isso?

— Pois é, meu caro, Chico se chama Francisco de Paula Cândido! Um tanto incrédulo, passamos a outra conversa e esquecemos o assunto.

Alguns meses depois, recebemos uma carta de Klors Werneck, o tradutor respeitado no Brasil, de tantos livros admiráveis.

Realmente, Chico começou em 1931 publicando suas produções em O Reformador assinadas apenas F. XAVIER e nessa época não havia nenhuma indicação de que fossem mediúnicas. Posteriormente é que passaram a ser assinadas por outros nomes, notadamente Emmanuel, e a indicação abaixo: mensagem, poema ou versos recebidos por Francisco Cândido Xavier, na noite de .... etc. etc.

Mas até ali, era sempre F. XAVIER. Ora, nessas condições, nós temos um Chico que não põe seu nome em nada do que recebe. Creio que é prova maior ainda de sua humildade.

Chama-se' Francisco de Paula Cândido e as mensagens são firmadas pelos espíritos. Geralmente é chamado apenas de Chico.

Vejamos a carta de Francisco Klors Werneck porque a ele devemos esse esclarecimento que é interessante para o futuro. "Rio de Janeiro, 22 de março de 1972. Caro Amigo e Confrade Ranieri:

Eu bem sei que você é ocupadíssimo e não tem mesmo tempo de responder-me, mas hoje me lembrei de que certa vez lhe disse que Francisco Cândido Xavier não era o verdadeiro nome do nosso Chico e você chegou a dar um pulinho que até chegou a assustar o Mandarino. Nós em latim costumamos dizer que *Dire et non probare non est vero*, que, se não errei no latim, quer dizer: Dizer e não provar não é verdade.

Tenho em mãos o Número Especial Comemorativo do Cinquentenário da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de dezembro de 1971. Lá na página 98, está um trecho que vou transcrever para V. Excia. (lá vai o tratamento português). Trata-se da revista "A Reencarnação", de Porto Alegre. Ei-Io:

"No número de agosto de 1957, desta revista, publicávamos nesta secção, um trabalho da autoria do grande esperantista Prof. Ismael Gomes Braga, que voltamos a reproduzir em parte por nos parecer de absoluta oportunidade, quando, há bem pouco, o Movimento Espírita Brasileiro (1968) assinalava os quarenta anos de atividade mediúnica de Francisco Cândido Xavier, o psicógrafo excepcional: — Francisco Cândido Xavier é o pseudônimo literário e não o nome civil do notável médium brasileiro. Dentro e fora do Brasil, não há espírita que não conheça e admire o extraordinário médium de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier, pelo menos através de sua excepcional obra bibliográfica, mas bem poucos, até há alguns meses, não ignoravam que o nome civil do humilde psicógrafo é FRANCISCO DE PAULA CÂNDIDO".

Agora, meu velho, se lhe interesse, — acho que não precisa ser divulgado — é pedir confirmação dele mesmo.

Continue a dispor do velho amigo e confrade  
Francisco Klors Werneck

Essa a carta do Werneck, que agradecemos.

Seria, no entanto, assunto interessante aprofundar-se no estudo desse problema de nomes que o envolvem.

Certa ocasião, Chico falava do Inácio. Companheiro de lutas espirituais, Inácio era uma inteligência fulgurante e uma alma boa, mas encontrava as maiores dificuldades para falar de doutrina cristã. Em particular, tudo ia bem, era um grande e notável conversador. Quase, preto, membro da Guarda Civil do Rio, chegara a ganhar cinco contos de réis numa ocasião em que nós ganhávamos trezentos mil réis. Pela diferença se pode ver a fortuna que os cinco contos representavam na época.

Inácio não conseguia falar sobre Jesus em público. Sempre que convidado a falar em público, levantava-se, gaguejava, tartamudeava e logo se sentava confuso. Pouca gente poderia dizer o que é que ele tinha falado. Chico recebera uma mensagem de Emmanuel que revela ter sido o nosso Inácio, Paulo DI, papa imoral e violento, que atentara contra a irmã e a própria mãe.

De fato, a fisionomia do Inácio era exatamente a mesma de Paulo III que aparece numa antiga edição da Enciclopédia Britânica.

Chico disse-nos certa vez:

— Ranieri, o Inácio praticou tantas faltas no passado em nome de Jesus, que nesta vida até a palavra para falar de Jesus lhe foi cassada. ..

Aquilo era de imensa profundidade porque Inácio na intimidade revelava conhecimentos maravilhosos, expunha com facilidade e argumentava, mas assim que se levantava para falar em Doutrina Cristã em nome de Jesus, não sabia mais nada, se afobava e se perdia...

Creemos que no caso do Chico seria apenas humildade, mas acontece que a Justiça Divina é perfeita e ninguém paga pelo que não fez.

Chico tem um olho cego e o outro quase cego. Isso, na verdade, é prova mesmo e não nos adianta encontrar outras explicações fora da Justiça Divina, que funciona perfeita para todos. Resgatar é oportunidade maravilhosa que a Espiritualidade Maior nos concede e tanto resgata o homem quanto aqueles que já são quase anjos...

Prova é prova. Nada acontece por acaso. Deus é infinitamente bom mas também é infinitamente justo. Cada um pagará as próprias contas. "Não sairás de lá enquanto não pagares o último centil..."

A palavra divina no caso é decisiva. Ninguém traz em si nem o bem nem o mal por acaso. O mecanismo da Justiça de Deus deve funcionar automaticamente através de suas leis e elas atingirão a todos no estágio em que se encontrem. E devem ser tão perfeitas que nem a Deus convém alterá-las em cada caso. É lógico que a nossa mente infinitamente pequena admite, aceita e quer que Ele altere suas leis em cada caso para satisfação de nosso entendimento. Mas não deve ser assim. O Universo estará estruturado em leis rígidas capazes de mantê-lo em harmonia eternamente.

Há espíritos que já estão atingindo o ponto de se libertarem das necessidades terrestres, isto é, em breve não precisarão renascer mais na Terra. Cremos que esse é o caso do Chico.

Lembremo-nos que Emmanuel afirmou em uma de suas obras que Jesus é o único espírito que fez a sua evolução em linha reta para Deus. Isto, naturalmente, se referindo aos espíritos que estão ligados de alguma sorte ao magnetismo terrestre e que têm compromissos com a Terra.

E também é lógico que o assunto comporta estudos. Poderia ele ter vindo com esses defeitos físicos para maior glória do Reino de Deus e para viver em humildade.

Quando perguntaram a Jesus quem havia pecado, referindo-se ao cego de nascença, se fora ele ou seus pais, Jesus respondera: nem ele nem seus pais, mas ele está aí e veio assim para maior glória de Deus.

## NA HORA DA DEMONSTRAÇÃO

Por aquele tempo, Chico viajava muito. Escrevia-nos quase que diariamente. Cartas belíssimas que nos tocavam a alma. Eram lidas, depois, por todos os amigos.

Vinha à nossa casa no fim de semana e afirmava que ia passar um dia no céu. Os laços de amizade aumentavam muito e havia um pequeno grupo que o amava sem limites.

Não fechamos as portas de nossa casa para ninguém nem o impedimos de agir como quisesse. Chico já tivera outras amizades, anteriormente, semelhantes à que vinha mantendo conosco e sempre ocorria que escondiam o Chico e ninguém podia vê-lo.

Lamentava-se muito esse fato e havia uma grande dúvida. A maioria achava que era coisa daqueles que Chico visitava, egoísmo puro. Alguns afirmavam que era o Chico mesmo que estabelecia aquele regime. Talvez, Emmanuel. ..

A bem da verdade, queremos dizer que Chico nunca nos pediu isto. Jamais falou que o escondêssemos nem se furtou a receber quem quer que aparecesse de repente... Era sempre o mesmo coração aberto, pronto a receber a todos. Ria, brincava e ensinava conversando. Comia com alegria e servia a mesa com dedicação. Nunca se viu tanto amor e tanto carinho para com as criaturas humanas.

Nós éramos jovens, ardentes, e a nossa juventude justificava tudo. Certo domingo Chico estava em casa, quando o Arus, garoto de um ano e meio talvez, entrou em convulsão. Rua Itacolomito. João Gonçalves morava ao lado. Companheiro e amigo dedicado, tanto nosso quanto do Chico. Jair e' outros amigos ali estavam e ficara combinado um almoço geral em casa do João.

Arus começou a se contorcer e a ter ataques. Chamamos o Chico. Ele veio e deu passes no garoto. O quadro era feio e impressionante. Ficamos chocados e nervosos.

A criança, parecia-nos, estava morrendo. Nossa confiança no Chico era enorme, mas sabíamos que ele não poderia fazer milagre. Ninguém faz-milagres. Só Deus. Já havíamos perdido uma menina, Heleninha, em convulsões. Entrou em convulsões e não voltou mais. Em poucas horas estava morta. Vendo o Arus naquele estado, atingimos as fronteiras do pânico. Será que iria acontecer de novo?

Uma angústia sem fim tomou-nos a alma. A mãe ali estava chorosa e sem esperança. Vira morrer a primeira filha, daquele jeito, daquela maneira! Como não haveria de se desesperar? Chico consolou, deu passes. O menino serenou.

— Vou mandar-lhe uma homeopatia muito boa para esses casos. Saíram para a casa do João.

Daí a pouco o Jair chegou na janelinha da porta e gritou:

— Ranieri, vamos almoçar! A comida está na mesa. Tomado de uma repentina revolta, respondi com violência:

— Meu filho está morrendo e você acha que eu vou almoçar!?

O grito fora muito alto, todos ouviram. Chico deve ter ouvido. O ambiente ficou esquisito, estranho.

Passado o desespero, me dei conta do que fizera, da indelicadeza que praticara. Mas já era tarde, não poderia desfazer o que fizera. Apenas a noite poderia me ajudar a esquecer. E não esqueci até hoje.

Chico, porém, não disse nada. Vi que compreendera o meu estado, mas vi também que de repente ele viu uma nova face da minha alma.

Eu ainda era romano, a encarnação de Roma vibrava na minha alma e no meu coração. As forças da vida vinham do fundo dos milênios e me arrebatavam. Eu seria incapaz de me controlar. Estava acima de minhas forças. Não sei o quanto isso influiu no futuro. . .

## A ALMA QUE FLUTUA

— Vi a alma do Arus flutuando muito ansiada sobre o corpo — disse o Chico. O Espírito dele ia e vinha, ia e vinha; Uma grande ansiedade o dominava.

Fitamos o grande médium com respeito. Seu olhar sereno contemplou-nos por um momento. Éramos o pai aflito mas também o cristão compreensivo. O sentimento de imortalidade penetrava-nos todo o organismo vivo.

Quer dizer, pensamos naquele instante, que mesmo vivo, no estado de enfermidade, o espírito se desprende e flutua sobre o corpo como se fosse desencarnar. É lógico que a doença e angústia representam resgate de erros praticados noutra existência, segundo a técnica espírita. O espírito retorna à carne para continuar conquistando evolução e espiritualidade, todavia não pode prosseguir se não aliviar a própria consciência resgatando o mal que fez. A ideia de Wilde no Retrato de Dorian Gray estava certa. O mal que praticamos se reflete permanentemente em nosso organismo perispiritual até que outra ação igual e contrária o neutralize. Na realidade, a consciência humana em certos aspectos funciona assim mesmo. Só se tranquiliza e se acalma quando procuramos equilibrá-la desfazendo o mal ou as ações que praticamos. A serenidade traz a paz, mas a paz só se alcança quando a consciência está tranquila, e a consciência só se tranquiliza ao sentirmos que estamos em harmonia com todos.

— O espírito do Arus flutuava sobre o corpo, angustiado, aflito, ia e vinha. .. — dissera o Chico.

Assim, deve, pois, flutuar o espírito na morte e o corpo permanece inconsciente ou semiconsciente.

Após o passe melhorou, realmente. Depois disso, mandou o remédio, que a mãe foi dando ao filho. Tempos depois, com uma doença grave, teve mais algumas convulsões por febre e nunca mais teve.

O quadro, porém, do Chico dando passe com a cooperação do Jair, isto por ter pedido ao Jair que lhe colocasse as mãos por traz para ajudá-lo, não me sai do pensamento.

Chico era gordo, nessa época, enorme, bonachão e risonho. Fazia, como até hoje, todo o mundo que o ouvisse rir, naquele riso de felicidade e compreensão espiritual.

O tempo, enquanto houver memória, não destrói ós grandes momentos de nossas vidas.

## TODO O DIA

Chico escrevia-nos quase todos os dias e nós respondíamos suas cartas imediatamente. Cartas maravilhosas as dele, que, geralmente, eram lidas por todos os companheiros. Via-se nelas uma sublimidade sem limites.

Admirador pela beleza das missivas, exaltamos um dia para o Chico a sua profundidade. Chico sorriu e disse que Emmanuel o ajudava a escrever.

De vez em quando Chico viajava. Ia a Uberaba ou Uberlândia onde se realizavam exposições de gado e ele auxiliava o Dr. Rômulo. E ali ocorreu aquele fato que já expusemos de, tendo o Rômulo necessidade de um trabalho de profundidade sobre gado, ter o Chico recebido da Espiritualidade um trabalho perfeito que esgotou o assunto.

Conversávamos sobre Uberaba e Uberlândia e ele nos contou que espíritos elevados, de ordem superior, estavam nascendo naquela região. Hindus, especialmente.

De Uberaba recebemos telegramas ou cartões. Nossa alma exultava com suas notícias sempre afetuosas. Isso foi muito antes de conheci ele Waldo Vieira ou pelo menos ter revelado que o conhecia.

Os espíritos de indianos estavam retornando à Terra, o que nos leva a crer que realmente os grandes lamas, os yogas e os sacerdotes da Índia, assim como seus iniciados e discípulos se transferirão para o Brasil, e, com eles, o sentimento de espiritualidade que enche os seus corações. É lógico que aqui, encontrarão o Cristo e o aceitarão. O Senhor os espera. Velhos, milenares espíritos, treinados no campo mental da meditação permanente, haverão também de dar amor. O Brasil, que é a Pátria do Evangelho necessita de espíritos dedicados que venham para salvar e ajudar.

Os Mestres Indianos estão renascendo entre nós e, provavelmente, darão extraordinário impulso para o desenvolvimento da Doutrina Espiritual. Haverá um grande anseio e uma grande ânsia de espiritualidade entre os brasileiros.

Aqui, onde Cabral aportou um dia, Missionário do Descobrimento, brotará o sentimento espiritual em explosões de luz.

Permaneçamos, pois, em nossa posição de luta para que não venhamos a cair em tentação. Jesus nos espera desde o princípio e clama por nós. Dificilmente, fugiremos da responsabilidade de servir. A cada um será dado de acordo com as suas próprias obras e com seu trabalho.

Oremos e o Senhor fará o resto.

## DEPOIS

Depois daquele fato, Chico começou a espaçar suas visitas. Não veio mais tão amiúde. A criança ficou boa. A homeopatia veio. Recebíamos cartões e cartas. O amigo estava viajando. Visitamo-lo por nossa vez e o encontramos sempre risonho.

De Belo Horizonte, mudamos para o Rio de Janeiro e ali continuamos a receber cartas suas. Sempre as mesmas, carinhosas, amigas, cheias de profunda amizade. Das longas noites de conversa cristã, muita coisa nos ficou como recordações imortais.

Chico sempre nos dizia que toda a criatura de quem ele se aproximava muito se tornava infeliz. Nessa época ele tinha essa ideia firme. Afirmava que os espíritos inferiores não podendo atacá-lo, atacavam os seus amigos.

Nunca compreendi bem essa teoria, mas acho que em alguns aspectos tem lógica. Jesus também foi perseguido pela espiritualidade inferior. Só o seu imenso poder livrou-o e aos seus amigos, algumas vezes, do sofrimento. Na verdade existe uma guerra entre o bem e o mal. As trevas atacam sem cessar. Mas o tempo da nossa intimidade maior foi um tempo feliz. Muito aprendemos. Recebemos óleo para as lâmpadas da vida. Aquele impulso inicial nos conduziu até mesmo longe. Acreditávamos que o seu pensamento estava errado. Unia vez disse, que "moirões juntos não fazem cerca" e que aqueles que têm responsabilidade na doutrina precisam de ficar mais distantes para que cada um realize a sua tarefa. E que só no fim é que iria, se Deus permitisse, procurar os amigos para a "união divina".

Certa ocasião também falou-nos que não queria saber de chiquismo, que gostava mesmo era do Espiritismo. E noutra oportunidade nos diria: Eu gosto muito dos espíritas e gosto muito dos espíritos, mas gosto mais do Espiritismo.

Parece-nos que tinha uma preocupação permanente de evitar proselitismo em torno de sua pessoa. Lutava para evitar que o tornassem um deus. Procurava sempre localizar a Doutrina e Jesus Cristo. Desviava toda observação que o centralizasse.

Sentia-se que ele gostava profundamente de amizades mas não de enteusamento. Fugia de todo elogio. A simplicidade dele é aquela mesma simplicidade de Francisco de Assis. Na realidade, nós nunca vimos ninguém neste mundo que se parecesse tanto espiritual e moralmente com S. Francisco de Assis. A mesma humildade cristã, o mesmo amor a todas as criaturas, a mesma devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Percebe-se, no entanto, de vez em quando, que Chico gostaria de ter casado e ter tido muitos filhos. Falou isso, comentou e repetiu.

— Nas encarnações do futuro, quero ter uns trinta filhos. . .

— foi o que disse.

Não pode ver criança que se enternece. Criou seis irmãos menores que a mãe lhe deixou, pois que o pai andava pelo mundo ganhando a vida com sacrifício.

Coloca, todavia, a obra acima de tudo. Se percebe que alguma coisa ou alguma amizade vem perturbar o seu trabalho, se afasta definitivamente, desaparece.

Amor demais também escraviza e deveremos aguardar o tempo de amar.

Por ora, estamos na seara e os trabalhadores são poucos, Para isso viemos ao mundo.

Nas esferas espirituais, naturalmente, o Senhor aos reserva o Jardim do Amor Eterno. Esperemos em paz.

## EMMANUEL EM 1931 \*\*

Emmanuel apareceu a Chico Xavier em 1931.

Na introdução de um de seus livros, talvez em Paulo e Estevão, diz o Chico que Emmanuel lhe apareceu espiritualmente, pela primeira vez, como um velhinho de barbas longas e brancas apoiado a um cajado. Posteriormente é que o veria como o orgulhoso senador Publius Léntulus que um dia encontrara o Cristo e não tivera forças para segui-lo.

Emmanuel, através de dolorosas reencarnações, atingiu elevada posição espiritual. Foi Manoel da Nóbrega e viveu no Brasil onde ajudou com Anchieta a assentar as bases do Cristianismo Renascente. Ao tempo de Cristo foi o Presidente da Judéia. Quando sua filha Flávia adoeceu gravemente, não encontrando alívio na medicina da época, o orgulhoso Senador que ouvira falar de Jesus, procurou-o à beira do Lago de Genezareth, à noite, para implorar-lhe a cura da filha amada.

Jesus, todavia, lhe perguntou:

— Por que me procuras à noite, Senador. Seria melhor se o fizesse à claridade do dia!

Publius, porém, ainda preso às conveniências do mundo, não se sentia com forças para seguir Jesus ou mesmo defrontá-lo à luz do sol. Jesus curou-lhe a filha, mas convidou-o:

— Vem, Senador, deixa o que tens e vem servir a Deus. Despede--te do mundo e segue-me.

Houve muito de indecisão em que Publius Léntulus vacilou, mas a sombra do Império Romano ainda era muito grande para ele, havia uma esteira de tradições romanas que o amarravam ao passado, e, na verdade, ele ainda não podia compreender Jesus. Por isso, olhou o Mestre com tristeza e foi embora.

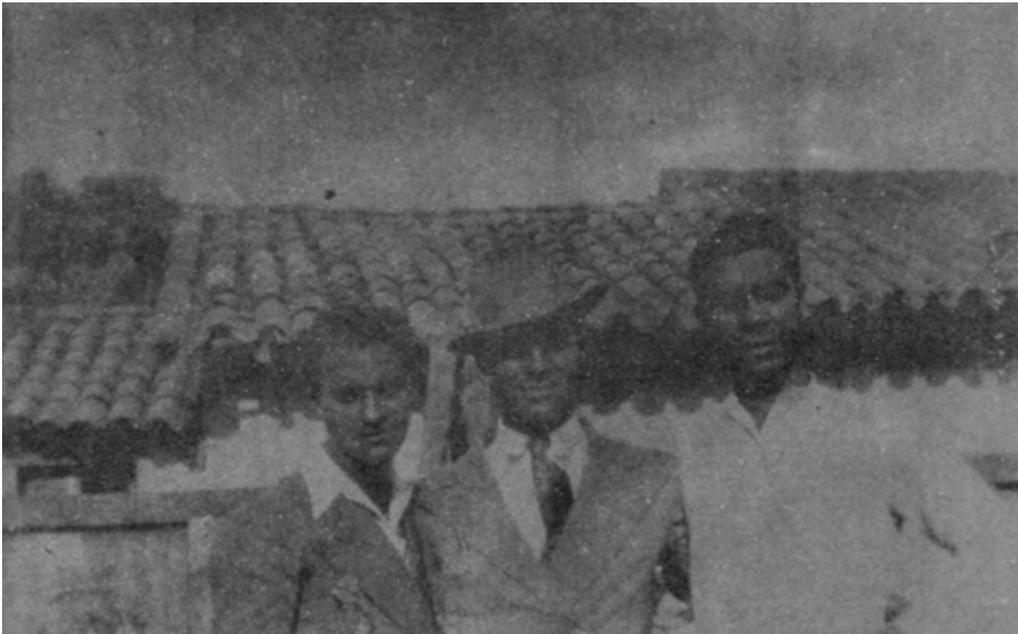
Por esse minuto de indecisão, vem ele reencarnando há dois mil anos. Depois de Senador Romano, com todo o poder nas mãos, reencarnou cinquenta anos após, como o escravo Nestório, grego que veio sofrer nas mãos dos romanos...

A pequena Flávia é uma das encarnações de Chico Xavier.

Na trama dos séculos, o médium Chico Xavier está intimamente ligado à figura de Jesus Cristo. Curado por Ele, renasce século após século para o trabalho cristão.

XX Costumamos repetir, às vezes, O mesmo assunto, porém abordando aspectos diferentes, (nota do autor)

CHICO XAVIER ainda jovem e seus irmãos Raimundo (Mundico) e José Xavier



## HISTÓRIA DE LÍVIA

O amor de Livia e Emmanuel sempre nos causou uma grande admiração. Em Roma, Emmanuel foi o Senador Publius Léntulus que chegou a exercer o alto cargo de legado de Tibério na Judéia por ordem do Imperador, ao tempo de Cristo. Livia que se tornou cristã, acusada injustamente de ser amante de Pilatos porque o procurara para salvar Jesus, vítima de uma trama muito comum na Roma Antiga, acabou morrendo no Circo Romano, após vinte e cinco anos de separação do marido, que a considerara adúltera. Mas o amor nunca morre, e o orgulhoso Senador, comprovando tardiamente a inocência da esposa, viu-a da Tribuna Imperial seguir para a morte infamante. Aquela mesma mulher para quem apaixonado, um dia, escrevera a belíssima canção "Almas Gêmeas":

Alma gêmea da minha alma,  
Flor de luz de minha vida,  
Sublime estrela caída Das belezas da amplidão! . . .  
Quando eu errava no mundo  
Triste e só, no meu caminho,  
Chegaste, devagarinho,  
E encheste-me o coração.

Vinhas na bênção dos deuses,  
Na divina claridade,  
Tecer-me a felicidade,  
Em sorrisos de esplendor! ..  
És meu tesouro infinito,  
Juro-te eterna aliança,  
Porque eu sou tua esperança,  
Como és todo o meu amor!

Lívia era cristã, comparecia às reuniões secretas dos cristãos e amava Jesus Cristo. Publius Léntulus, senhor absoluto dos que o rodeavam, segundo as normas romanas, sentiu o choque violento das almas que de repente percebem que além do seu sobre mundo material, há os que creem noutras formas de vida. Através de outras encarnações, pelo sofrimento e pela dor, foi ele encontrando pouco a pouco as portas e as chaves que o conduziriam ao Mestre. Hoje é o campeão do Evangelho em Terras de Santa Cruz.

Mas o amor de Lívia perdura. Aquela alma cândida e pura, que o amava em Roma, ama-o ainda com o mesmo carinho e o mesmo amor.

Espera-o, segundo a canção recebida, música e letra, por dois médiuns brasileiros, um estando numa cidade e o outro na outra, no mesmo dia e na mesma hora, encaixando-se depois letra e música perfeitamente, verso a verso:

### CANÇÃO DE LÍVIA

(Para Emmanuel)

Letra mediúnica de R.A. Ranieri  
Música mediúnica de João Cabetti

Eu te espero nesta vida  
Através da eternidade  
Cheia de felicidade  
De alegria, de esplendor.  
Quando um dia retornares  
Das sombras negras da Terra  
Além dos mantos da guerra,  
Das noites que não têm fim. ..  
Encontrarás na minh'alma  
Toda paz e toda calma,  
A mais sublime ternura  
De quem te amou sempre assim.

Vem, suave companheiro  
Das eternas caminhadas,  
Das manhãs, das alvoradas,  
Dos sonhos do meu amor.  
Vence a treva, vence a morte,  
Pois eu sou a tua sorte  
E o teu anjo protetor.  
Vem, te espero nesta vida,  
Sou a estrela ressurgida  
Através de toda a dor!

És, no entanto, a luz que brilha  
No centro da densa treva —  
E a tua luta se eleva  
Até as portas do Céu.  
Espero em ti a grandeza  
E a mais sublime beleza .  
Dos anjos que voltarão.  
Encontrarás nesta vida  
A minh'alma agradecida  
E o meu pobre coração.

LÍVIA

22-11-65

Emmanuel, além de ter sido Publius Lëntulus e Nestório, o escravo, teve outras encarnações que nós conhecemos. Assim, foi também: Padre Damiano, que aparece em Renúncia; Basílio, o músico e filósofo, que vem em AVE CRISTO!; e o Padre Manoel da Nóbrega, amigo de Anchieta, Geral dos Jesuítas em Terras do Brasil.

Essas as encarnações mais conhecidas de Emmanuel. Espírito muito antigo, austero e generoso ao mesmo tempo, Emmanuel, sob a égide de Ismael, se constituiu no paladino espiritual da Doutrina Espírita em nossa Pátria.

Pelo Chico, escreveu numerosas obras importantes, entre elas, os grandes romances mediúnicos: Paulo e Estevão, Há Dois Mil Anos, 50 Anos Depois, Ave Cristo!, Renúncia. . .

Entre os outros livros, destacamos Roteiro, Emmanuel, O Consolador e A Caminho da Luz. . .

E é natural que toda a obra de Emmanuel seja boa e na realidade não teríamos modo de separá-las umas das outras. Extraordinárias as que compõem a série de comentários evangélicos e que crescem dia a dia pela publicação de novos volumes, tais como Palavras de Vida Eterna, Caminho, Verdade e Vida, Fonte Viva. . . etc. etc.

Livros de cunho filosófico, que, no entanto, são sempre caracterizados pela orientação cristã. Obras que deixam muito longe em sabedoria a Imitação de Cristo.

Tão viva é a presença de Emmanuel entre nós que, provavelmente, no futuro, passará como tendo existido em corpo de carne no nosso século, escritor que escreveu maravilhosos livros. Vive entre os homens como se fosse um deles. Para nós, sua personalidade é absolutamente distinta da de Chico Xavier. Tem retratos por toda a parte e dá opinião sobre os mais variados assuntos. Tanto assim que as entrevistas que Chico deu na televisão foram consideradas Francisco Cândido Xavier-Emmanuel, e todos acharam o fato natural. Na televisão foi citado como estando presente e respondendo às perguntas. Ninguém riu nem pôs dúvida no fato. Pelo contrário, a notícia de sua presença na televisão tornou mais sério e respeitável o assunto e o programa.

A identidade entre Chico e Emmanuel nos parece absoluta, mas distinguimos perfeitamente um do outro. Pai e filha em diversas fases de suas vidas espirituais, estabeleceram sérios laços de afinidades que os manterão unidos pelo resto de seus dias espirituais. Houve época em que a todo momento o Chico se referia a Emmanuel quando conversava ou atendia consultas verbais, afirmando: — Emmanuel está dizendo... Emmanuel está falando que. . .

Assim por diante. Assinalava sempre a presença do Espírito e esclarecia que a resposta era de Emmanuel e não dele, Chico Xavier.

Lembramo-nos também que Chico nos contou que tudo o que ele recebia espiritualmente era fiscalizado por Emmanuel. Nenhuma mensagem seria escrita por outro espírito através dele, Chico Xavier, sem a permissão ou autorização de Emmanuel. Relatou-nos até o fato ocorrido com o espírito de Humberto de Campos. Este escreveu pelo Chico uma mensagem sobre o problema da carne, assunto muito agitado e atual na época entre os espíritas do Brasil. Devia-se ou não se devia comer carne? Era a incógnita que vibrava em todas as mentes com intensidade. Hoje o problema é o mesmo mas já está mais atenuado. Veio Humberto e escreveu uma pequena história pelo Chico.

"Um Anjo foi encarregado pelo Senhor de fazer um estudo da situação do Mundo Terrestre.

Chegando aqui viu um animal que ajudava a arar o campo e um outro que parecia uma espécie de demônio que lhe batia com um chicote.

Admirou-se da paciência do grande animal e da maldade do pequeno demônio.

Mais adiante, viu outro animal paciente igual ao primeiro sendo ordenhado num curral, e outro ser diabólico que lhe tirava o leite espremendo-lhe as tetas e com prejuízo de seu filho que berrava à distância... Depois, viu o grande animal morto, suas carnes sendo comidas pelos pequenos seres que andavam sobre dois pés e o seu couro sendo usado para calçado.

Julgou o Anjo que deveria fazer um relatório para as esferas espirituais e disse a um servidor espiritual que o acompanhava, espírito ligado ao esforço de recuperação da Terra:

— O homem é um ser muito elevado, bom e paciente, merecedor do amor de Deus.

Aproximou-se do pequeno ser, o diabólico, e disse-lhe:

— Porque fazes assim com o homem, porque o maltratas e matas se ele te dá tudo?

— Bem, respondeu o outro, o homem sou eu, ele é apenas o boi. O Anjo muito espantado levantou a cabeça cheio de apreensões e foi contar o fato ao Senhor.

A história era mais ou menos essa.

Emmanuel apareceu, leu e mandou Chico Xavier rasgar e jogar fora.

Nunca seria publicada porque na ocasião havia muitos espíritas trabalhando com a carne e ganhando a vida e isso se tornaria um drama para eles. Ainda não estavam em condições mentais de deixar esse serviço que lhes garantia o sustento da família.

Segundo Emmanuel poderia provocar problemas sociais mais graves do que os que existiam com a alimentação carnívora. O homem ainda não tem condições psíquicas para deixar de uma vez a alimentação dos animais e embora seja erro clamoroso. Só uma minoria espiritualizada ou que está no caminho da espiritualização maior poderá tentar isso. Por ora, é aventura.

Esse fato marca a figura de Emmanuel e o que ele é para Chico Xavier.

Até há pouco tempo atrás, tudo o que ele dizia, o Chico seguia. Quantas vezes, afirmava o médium, que ia fazer alguma coisa, mas Emmanuel lhe aparecia, em qualquer lugar, na rua, numa festa, etc; e lhe dizia que não, que fosse embora, e ele, humildemente, obedecia.

A relação Chico Xavier-Emmanuel é muito íntima e profunda.

Contou-nos Chico que Lívia paira numa região muito superior à de Emmanuel. Espírito muito mais elevado, que já alcançou condições espirituais muito altas.

Assim, Emmanuel, uma vez por semana, vai visitá-la e para isso é obrigado a passar por câmaras de purificação, de modo a deixar as vibrações da Terra de que fica impregnado.

Em Roma, ele ficou separado de Lívia, por vontade dele mesmo, vinte e cinco anos.

Agora, quem sabe, apesar de toda a sua grandeza, resgata o passado distante. . . ?

## LIBERTAÇÃO

Notamos que Chico sempre que se aproxima de alguém a quem ama ou descobre que amou em outras existências, recebe uma ou algumas obras. Parece receber da criatura ou das criaturas vibração ou estímulo para a produção literário-cristã. Acompanhando-lhe os passos, vê-se que após a realização dessas obras, ele se afasta. É possível que, sendo as obras, em geral, romances mediúnicos, revelam a trama na qual estão enlaçadas essas pessoas, no passado, ou espiritualmente, no presente.

É possível que lhe seja necessária a aproximação dos antigos personagens para que sua mente, mais sensibilizada, mergulhe no pretérito distante.

O reencontro com os velhos amigos, por outro lado, estabelece o clima propício à criação. Exaltado pela possibilidade de renovação sentimental afloram-lhe à mente as paisagens, as situações e os vínculos, que ressurgem das origens. Cremos que os grandes romances: "Ha Dois Mil Anos", "Paulo e Estevão", "Ave Cristo!", etc. exigiram um mergulho no passado, de modo que as civilizações romana e judaica pudessem reaparecer em todo o seu esplendor e naturalidade. Como numa tela cinematográfica, esclareceu-nos, em determinada época, o Chico, vejo tudo o que Emmanuel escreve. Ele liga a sua mente à minha mente e eu fico como que mergulhado numa espécie de hipnose espiritual. .. Roma reaparece como era. Até as pedras das ruas, as colunatas dos Templos e a algazarra do povo voltam de novo à minha mente e sinto--me presente a todos os acontecimentos.

Isto demonstra que Chico vive as cenas reais dos livros que os espíritos por seu intermédio escrevem. Sente-os e os vê.

Na época em que nos visitava, recebeu Libertação. Tivemos a felicidade de ir a Pedro Leopoldo, em companhia de Peixotinho, e outros companheiros, e, na casa do Dr. Rômulo, Chico nos pediu que lêssemos o prefácio de Libertação, que acabara de receber. Esse livro, segundo constou, se chamava primitivamente Portas Libertadas, nome que foi mudado para Libertação, quando já se encontrava nas máquinas da tipografia da Federação Espírita Brasileira.

Parece-nos que no tempo de nossa mais viva aproximação Chico escreveu três livros, salvo engano, além do Libertação, escreveu Alvorada Cristã e Ave, Cristo!

Esta observação fazemos como contribuição para o futuro. Todos os que estiveram em ligação íntima com Chico viram nascer obras, talvez produto de uma necessária vibração que a pessoa ou pessoas traziam para a produção lítero-doutrinária.

Colaborador inconsciente, o elemento depois era afastado para que não se prejudicasse, já que nós acreditamos que os grandes médiuns, especialmente os de psicografia, absorvem energias vivas dos companheiros. Continuar a absorver indefinidamente seria esgotá-los. E Chico é poderosa usina que consome potencial energético sem precedentes. . . Na realidade, Libertação tem muita afinidade conosco e com o nosso campo mediúnicos, assim como Ave Cristo! Nos fala profundamente ao coração. .

Aceitamos para nós, que os médiuns, especialmente os de psicografia, recebem vibrações não só de pessoas mais próximas como também de pessoas que estão à distância e que lhes fornecem recursos fluídicos capazes de auxiliá-los na realização de seu trabalho. Funcionam essas pessoas como o bujão de gás que alimenta o fogão. A simpatia é a grande ponte que liga os dois cosmos. O cosmo mediúnicos e o cosmo alimentador. Médiuns que conquistam a simpatia ou o amor de muitos companheiros, muito produzem.

Ninguém vive só nem produz só. Há necessidade de uma corrente fluídica e de uma área de pensamento semelhante. Somos uns dependentes dos outros na grande harmonia universal. As amizades que de quando em quando surgem para o Chico, a nosso ver, têm em grande parte, essa finalidade. Troca de forças magnéticas ou absorção de magnetismo que alimenta o poderoso motor de sua casa mental.

Há, por isso, necessidade constante de renovação dessas amizades. Porque a rotina no ciclo dos amigos traria o esgotamento e a estagnação, A mente cairia na inércia e na impotência. O coração funciona como acelerador do fluxo mental, e o coração se alimenta de amor e fraternidade renovados.

Os livros que Chico recebe são frutos do amor. E ele, como imensa fogueira, exige sempre mais lenha.

Assim, as criaturas aparecem em sua vida. Vêm, servem de lenha para a fogueira, e vão-se embora, perdidas no turbilhão do mundo.

Passam como sombras, umas após as outras. Alguns foram filhos de outras encarnações, outros tiveram, quem sabe, laços mais fortes, mas todos passam...

Só ele fica, como coluna de fogo, na missão do livro e da fraternidade. Disciplina férrea, segundo dizem alguns companheiros seus mais íntimos, não se afasta da sua linha de trabalho. Segue rigorosamente os horários estabelecidos e mantém a tarefa em alto nível. Sacrifica tudo e todos pela Missão Evangélica que recebeu. Acima dele e de todos coloca o Mandato Mediúnico.

Ninguém tenha ilusões a este respeito. Pode amar muito a uma pessoa, se esta, porém, por qualquer motivo, pode vir a perturbar a marcha de sua tarefa, abandona-a. Deixa-a simples e friamente, muito embora possa o seu próprio coração sangrar. Não é desumano, mas é cheio de responsabilidade para com o patrimônio espiritual que lhe foi entregue para guardar e fazer prosperar. Aqueles que não compreenderem isso, sofrerão muito. Do deslumbramento de sua amizade passarão para a desilusão da grande indiferença que ele parece exteriorizar. Chico é um caráter complexo dentro da sua aparente simplicidade. Suas atividades e reações são surpreendentes, e, em geral, fora do normal, do comum. Não reage como os outros homens. Nem poderia deixar de ser assim. Quem vive espiritual e moralmente noutra dimensão não poderá, evidentemente, reagir dentro dos padrões comuns da dimensão terrestre. Sofre a força que vem da outra vida. Por outro lado, é homem absolutamente igual aos outros homens com as mesmas necessidades físicas e morais. Tem fome, tem sede, tem frio, e tem necessidade de afeição - e amor, carinho e ternura, seja ou não, de forma espiritualizada ou materializada. O médium é apenas ponte entre os dois planos, telefone, como dizem muitos; cortina tênue que separa; véu simplesmente, ressonador ou caixa.

A responsabilidade no Evangelho lhe deu às vezes a impressão de suprema indiferença para com as afeições. Se tem que deixar tudo e todos para garantia do Evangelho, deixa. Não trepida, não vacila, não hesita. Isto é o que temos observado. Se estivermos errados, Deus que nos perdoe.

Uma simples sombra, como disse Martinico estudando grafologicamente a sua letra ,faz com que se afaste. Ninguém poderá esperar dele um convívio, pelo menos nesta vida, para sempre.

Aqueles que o rodeiam em breve se tornam peças vivas do seu trabalho. Enquanto estiverem nessa posição, permanecerão com ele. Se saíram dessa posição, o perderão.

Comprendemos, como médium que também somos, a sua atitude. O resto dos homens não compreenderá. Isto não implica, a nosso ver, em nenhuma alteração quanto à sua bondade e amor aos homens. É uma condição de trabalho. Condição de tal maneira forte que o impede de se perder nos atalhos do caminho.

É natural que cada criatura traga consigo o cortejo de amigos espirituais do passado e suas implicações do presente. A aproximação com qualquer pessoa nos lançará em seu cosmo particular de tal maneira que iremos enfrentar não só os problemas dela, mas também o de seus companheiros espirituais, com toda uma trama milenar. Esse fato pode se refletir na obra que pretendemos realizar e prejudicá-la. De modo que abraçamos no caminho da vida os que nos são caros, e após, saudosos embora, passamos como almas que se dessem as mãos, por um momento' nas veredas do Inferno para se encontrarem em dia, quem sabe, nas regiões superiores do Paraíso. Até lá, cada um tem que construir o seu próprio destino.

## NA CASA DE ANDRÉ

Uma noite, em Pedro Leopoldo, Chico, após a reunião, nos levou à casa de André, seu irmão. Jair e outros companheiros foram conosco. André era moço e simpático. Muito calado, olhos espantados, ajudava o Chico a atender a vasta correspondência que se compunha de milhares de cartas e também passara a atender parte do receituário médico. Desenvolvera a mediunidade de psicografia nesse campo. Figura estranha. Cumprimentava ligeiramente as pessoas, no Centro, e mal terminava a reunião, desaparecia. Ninguém ou quase ninguém sabia que era irmão do Chico. Chamava-se André Luiz.

Confesso que a primeira vez que ouvi seu nome, estranhei. Um dos espíritos de renome que escreve pelo Chico também assina André Luiz. Depois, não dei mais importância ao fato. O que é que havia de mais com que uma entidade espiritual adotasse o mesmo nome? Muito natural. Para os espíritos, um nome pouco significa.

André era moço bom e ajudava muito o irmão. Desdobrava-se em atenção para com as coisas do Chico. Pelo menos, a impressão que nos dava. Casado, tinha filhos menores e morava numa casa simples de tijolo. Nessa época, era dono de uma quitanda de verduras e parece que principiava a negociar. Admirávamos o seu esforço na edificação da Di quena família e vimos com que carinho Chico tratava um dos filhos de André.

Havia também, noutra casa, a Luíza, irmã do Chico, criatura excepcional que demonstrava possuir imensa afinidade com o grande médium.

Fomos algumas vezes recebidos na casa dela onde fizemos lanche. Ficou-nos dela e de seus filhos uma recordação indelével.

Seu filho Luciano, rapaz de uns quinze anos, geralmente era o mensageiro entre nós e Chico nos assuntos mais sérios e reservados.

Uma carta urgente, um recado que deveria nos chegar de viva voz, qualquer coisa assim.

Lidamos também com outros membros da família. Lucília, outra irmã, que posteriormente se casou com um moço catolicíssimo, chamado Pacheco, que andava com uma cruz no peito e que não compreendia nada ou quase nada daquele imenso movimento desencadeado por Chico Xavier no Brasil. Na realidade, parecia-nos que a família, com exceção de André não sabia a importância do irmão para o Brasil e para o mundo.

Chico na verdade era como ainda é, simples em tudo, especialmente no vestir.

É certo que as multidões já o procuravam e intelectuais de toda a parte iam visitá-lo e ver de perto a sua mediunidade.

A casa de André era simples. Entramos cheios daquela alegria cristã dos primeiros tempos do Cristianismo Nascente. Entre os discípulos de Jesus havia um André.

Os tijolos do piso impressionaram-nos a mente. Tudo era tão puro que havia ali a beleza do princípio. O irreal misturava-se ao real. Para nós, o Chico era um apóstolo. A presença da Espiritualidade Superior à sua volta nos envolvia. Médiun como ele, sentíamos as vibrações dos amigos espirituais. Vidente, víamos as criaturas que o rodeavam e nos rodeavam. Tudo parecia de alguma forma fantástico e estranho. Tudo ali era rústico, pobre, simples. Se a simplicidade nos conduz ao Reino do Espírito, é evidente que estávamos no Reino do Espírito. Tudo se apresentava como um conto de fadas. Jesus estava conosco e nós o sentíamos em toda a parte.

— Onde houver duas ou três pessoas reunidas em meu nome Eu aí estarei. Essa afirmativa do Senhor ressoava-nos ainda na acústica do tempo e da alma.

Tomamos o café, se não me engano, naquelas canecas bem mineiras, de lata. O café fica sempre quente e pela a boca da gente. O lugar era um tanto escuro e não me lembro agora se havia luz elétrica ou lampião, mas na retina do tempo, parece-nos que a sala era bem escura. Chico sentou-se à pequena mesa conosco e falamos do Flores do Bem, livro recebido por nós e assinado por Charles. Chico dissera que Charles era Charles Baudelaire e que as Flores do Mal se transformariam nas Flores do Bem.

Ingenuamente, cheio daquela ingenuidade própria da idade e também própria dos que se aproximando do Reino do Espírito se deslumbram com os coisas de Deus e acreditam que todos os que lidam com a Doutrina são bons e são puros, propusemos ao Chico que o livro fosse enviado à Federação Espírita Brasileira para publicação. Supúnhamos que tudo era fácil naquele campo. Considerávamos como ainda consideramos o livro bom, e isto pelas chaves de Sabedoria que revela, e assim admitíamos que não seria difícil a publicação. Ismael Gomes Braga que o lera se empolgara e nos orientara como devia ser publicado: tamanho pequeno, de bolso, para ser lido em qualquer lugar, livro melhor do que a melhor sabedoria oriental, essa a opinião de Ismael. Chico demonstrara por sua vez simpatia pela obra. Tudo parecia tão simples.

Chico, porém, nos respondeu com carinho:

—Ranieri, precisamos situar o nosso Charles no mundo dos livros. Acho, no entanto, melhor encaminhá-lo à LAKE. O nosso Lino publicará. A Lake é uma editora boa que vem publicando boas obras atualmente.

Sentimos, ao ouvir as palavras do Chico, qualquer coisa de estranho no ar.

— Por que não podemos mandar para a Federação?

— Ah, meu filho, você não sabe de nada! Lá o negócio não, é 'tão fácil assim.

Olha, quando nós recebemos o livro EMMANUEL, nós o enviamos à Federação Espírita Brasileira. Logo depois recebemos uma carta da Federação, dizendo que o livro não prestava e que a Federação não estava disposta a perder dinheiro com o livro. Não iriam publicá-lo. Chocados com o fato, escrevemos-lhe insistindo na publicação, especialmente por ser um livro escrito por Emmanuel, nosso amado Benfeitor, e que mandassem o orçamento do livro que nós pagaríamos a edição. Responderam asperamente que não. Não publicariam, que não podiam perder dinheiro e que nós também não iríamos perder. Nós então nos reunimos em Pedro Leopoldo: nós, o dr. Rômulo e outros companheiros e juntamos dois contos e duzentos mil réis que enviamos, em cheque, para a Federação Espírita Brasileira. Pouco depois, recebemos comunicação que iriam publicar o livro com o nosso dinheiro, fornecido por nós, mas que não se responsabilizariam por nada, nem pelos prejuízos e que não o publicariam sob a égide da Federação, isto é, não viria na capa ou no livro a marca da Federação como Editora e simplesmente como Distribuidora. Concordamos e não se ouviu falar mais no livro.

Muito tempo depois recebemos uma carta muito delicada, na qual a Federação dizia:

— "Chico, como é que vamos fazer? O livro Emmanuel já está na terceira edição, temos vinte e tantos contos em caixa e você até agora não nos mandou nenhum documento de doação do livro para a Federação ..."

Diante disso, esclareceu o Chico, escrevi-lhes dizendo que eu enviaria o documento que eles quisessem, por cartório, etc. porque nós estávamos neste mundo não para servir aos homens mas para servir a Cansa. ..

Chico falou e nós ficamos por um momento meditativos. O silêncio envolveu a todos e eu vi através de pequena fresta o drama que acompanhava o amigo no campo dos livros.

— Não tem nada, Chico, enviarei à Lake.

E o "Flores do Bem" foi publicado pela Livraria de S. Paulo.

Tempos depois, tentei a Federação oferecendo o "João Vermelho no Mundo dos Espíritos". Conversei com o Wantuil e ele me disse que infelizmente tinha um quarto cheio de livros do Chico encalhados e vinte dois volumes novos para publicação. Mas que se eu quisesse poderia entrar na fila dos vinte e dois .... seria o vinte e três. Embora o assunto interessasse, fui de novo para a Lake.

Na semi-escuridade da casa de André, que irradiava as vibrações do tempo dos Apóstolos do Cristianismo Nascente pude entender a luta de um homem que iniciara a sua marcha pela libertação do mundo. . A lição serve para todos.

## MAURO E MARÃ

Os jornais de Belo Horizonte traziam uma notícia extraordinária. Um menino de treze anos, chamado Mauro, dizia coisas incríveis. Os repórteres dos jornais da capital mineira, especialmente de "O Diário da Tarde", tomaram conta do caso. Um menino pobre, filho de uma pobre mulher que morava na Vila do "Pau Comeu" respondia assombrosamente perguntas sobre todos os assuntos : ciência, religião, filosofia, literatura. Os intelectuais estavam assombrados e ninguém sabia explicar o fenômeno. Dizia ele que quem respondia as perguntas não era ele, mas os espíritos de Emmanuel Kant, Rousseau, Voltaire e outros...

O caso produziu sensação fora do comum na cidade. Era uma criança que respondia inteligente e genialmente a perguntas profundas. Muitas foram as que os intelectuais lhe fizeram. Lembramo-nos de uma, já que não ocasião não tomamos nota e não temos agora, mais de vinte anos depois, os jornais à mão.

— O que é o Universo?

— O Universo não é o caos, o Universo é Ordem.

Só isso daria para expressar o pensamento de Mauro, esse o nome do garoto.

Lembramo-nos na ocasião, de Jesus conversando com os doutores da Lei. Os literatos e os intelectuais de Minas, na maioria católicos ou materialistas, não souberam explicar o fenômeno. Mauro respondia tudo sobre todos os assuntos e dizia que o seu guia espiritual se chamava Mara.

O caso impressionou. Tomou conta da cidade e Mauro andou de seca a meca respondendo perguntas de jornalistas, escritores, espíritas, gente de toda a ordem.

Soubemos depois, que resolveram levá-lo a Chico Xavier. O que diria o taumaturgo de Pedro Leopoldo?

Mauro foi, conduzido não sei por quem. Chico recebeu-o e dizem que falou assim:

— "Nós podemos nos encarregar da educação dele, eu e Emmanuel. Ficará numa fazenda, sob orientação de Emmanuel até os vinte e um anos e depois sairá para cumprir a sua missão. Antes disso, não poderá publicar nada nem dizer nada. Emmanuel tomará conta dele".

Mauro esteve conosco na Fraternidade de Belo Horizonte. Integrado na Mocidade Espírita pelo Jair não deu certo porque sobre qualquer assunto falavam Rosseau, Kant ou Voltaire...

Isso confundia a meninada que estava aprendendo apenas Evangelho. .. Depois desapareceu. Teria ido com Chico Xavier? 1945 ou 1946.

Em 1971, perguntamos ao Chico pelo Mauro e ele respondeu que não sabia. Que Mauro depois daquele episódio sumira. Nós lhe perguntamos se esse Mauro que tinha o sobrenome de Vieira, Mauro Vieira, não seria o Waldo Vieira?

Ele respondeu que não.

Como o assunto é interessante, deixamos aqui consignada a nossa impressão.

Mauro era uma figura extraordinária, maravilhosa. Eu não conheci o Waldo pessoalmente. Se não é ele, onde estará Mauro após esse contado com o Chico? Pois desapareceu.

## CHOPIN TOCA CHOPIN

Há muitos anos, em Belo Horizonte, tomamos conhecimento de que o Chico no fim da vida acabaria cego e que iria receber músicas mediúnicas, espirituais.

Dois rapazes do Paraná, provavelmente sabedores disso, fabricantes de pianos, lhe mandaram de presente um piano Brasil. Chico preparou--se para aprender piano com uma professora. Emmanuel apareceu-lhe e chamou-lhe a atenção, dizendo que havia muita gente que precisava de auxílio e tratamento de doenças físicas enquanto que ele se preparava para tocar piano. Chico deu meia volta e foi tratar dos enfermos. Mas a ideia de que ele no fim da vida iria escrever música mediúnica dos grandes músicos do mundo, nunca se desvaneceu.. Os espíritas acreditam sinceramente nisso. Nós também temos a nossa esperança. Seria alguma coisa de admirável ver Chico recebendo Beethoven, Chopin, Mozart, etc, etc.

Música espiritual, cheia de beleza e profundidade.

O mundo está precisando de música superior. Os grandes compositores desapareceram da face da Terra. Seria interessante ressuscitá-los. Ninguém melhor do que o Chico para dar-lhes de novo vida e música espiritual. Mas o fato ainda não se concretizou.

Há pouco tempo, tivemos notícia auspiciosa: Chico havia recebido uma série de músicas que comporiam um disco que se chamaria "CHOPIN TOCA CHOPIN". Como o título é puramente chiquiano, admitimos o assunto como possível e provável.

Chico cego receberia as composições musicais dos Grandes Gênios. Ele já tem um defeito na vista que nos leva a crer que acabará cego. É lógico que não há injustiça divina. Deus nada faz ou permite que ocorra dentro de suas leis que se converta em injustiça. Ê possível que em vidas recuadas, Chico tenha cometido alguma falta que faz com que hojet esteja com um dos olhos prejudicado. O passado ressurge em nossas vidas com a força do inconsciente. Ninguém paga, na economia divina, pelo que não deve. Às vezes, não sabemos porque devemos, mas devemos.

O santo que ostenta defeitos, na realidade deve. Este é o espírito da Doutrina. É possível que alguém venha ao mundo com defeitos sem dever. Parece-nos o caso do cego de nascença curado por Jesus.

— "Quem pecou? ele ou seus pais?"

— "Nem ele nem seus pais, respondeu Jesus, ele está aí para maior glória de Deus".

Isso dá uma ideia que "para maior glória de Deus pode alguém exibir defeitos físicos que não constituam dívidas". Será assim?

Chopin Toca Chopin, o disco, não saiu nem se confirmou a notícia, mas o fato é que a notícia correu o Brasil.

Chico, médium de múltiplas possibilidades, desde a psicografia até à materialização, não nos surpreenderia se amanhã apresentasse produções musicais. Na Inglaterra, temos Rosemary Brown e no Brasil o médium João Cabetti. Por que não Chico Xavier?

Alguém viu Chico tocando piano com suas mãos gordas, na época em que era gordo, e afirmou que nunca viu tão bela interpretação de Chopin como aquela. Esperemos o futuro.

Amar a música como Chico ama é difícil. Sabemos que tinha especial predileção por Beethoven e que não despreza por outro lado, a música moderna de Roberto Carlos.

Há poucos dias estivemos com o Cabetti em Uberaba.

Cabetti, de violão, tocou para o Chico e algumas músicas que trazia gravadas por ele ao piano foram reproduzidas ali no gravador. O grande médium ouviu com atenção, fez referências elogiosas e no fim alguns companheiros de S. Paulo, presentes, propuseram que se fizesse um disco com a música do Cabetti, de maneira a ser vendido com a finalidade de ajudar na construção da sede da Comunhão Espírita Cristã ou coisa assim.

Chico convidara o povo que estava dentro do Centro para ouvir a Música Cabettiana, que é música mediúnica, no pátio, onde se distribui a sopa das crianças, enquanto que ele, Chico, iria autografando uma intensidade de livros para os que o procuravam.

Assim se fez. Sentado à mesa, Chico autografava. Sentado na mesa com um pé num banco, Cabetti tocava. As músicas sucediam-se umas às outras. Chico de vez em quando parava de escrever, colocava as mãos nos olhos e ouvia.... ouvia.... Depois fazia um comentário. A música suave e evangélica do Cabetti deslizava como um rio que corre.

Mais tarde, três da madrugada, poucos amigos, Cabetti perguntava ao Chico como deveria ser o disco. E Chico então começou a falar com proficiência sobre música, orientando o Cabetti.

— Algumas, disse ele- devem ser tocadas e cantadas por você sozinho, mas outras devem ser orquestradas. ..

Daí, passou a fazer comentários de natureza mais técnica sobre assunto. Fiquei admirado de vê-lo discorrer sobre teoria musical e cor posição.

A verdade é que o homem sabe tudo ou alguém fala por ele. Tu tão certo, tudo tão lógico, tudo tão perfeito.

Chico havia dito:

— Cabetti, você é uma revelação!

Chico ficara sabendo que o Cabetti nunca aprendeu música, que comprou um piano e em poucos dias estava sentado nele tocando maravilhosas músicas sem ter nenhum mestre...

Ficou-nos a alegria de ver a disposição do Chico em ajudar o Cabetti, esperança renovada de que ele próprio ainda nos oferecerá no futuro o pensamento dos Grandes Músicos. Quem sabe?

## AINDA EMMANUEL

Em nossas conversas cristãs com Chico Xavier, muita coisa se aprendeu. Dizem que o rio corre para o mar... Nossas almas também, neste mundo, buscam as almas grandes capazes de nos dar mais conhecimento e mais alegria espiritual. O campo se cobre de flores e o céu se cobre de estrelas.

Emmanuel quer dizer "Deus conosco" e Jesus foi chamado Emmanuel. É significativo esse fato.

Desde o princípio, pela mediunidade do moço pobre de Pedro Leopoldo, os espíritos afirmavam de modo sutil através do nome Emmanuel, que Deus estava conosco.

O fato de Publius Léntulus ou Emmanuel ter conversado com Jesus à beira do Lago e ter se recusado a seguir o Mestre, levou-nos certa noite a argumentar com o Chico:

— Olha Chico, se Flávia foi curada por Jesus e se Publius Léntulus não aceitou o Mestre, naquela época, Flávia é espírito mais adiantado que Emmanuel!

Chico contemplou-nos sério. Em sua mente com certeza brilhava a lembrança da Roma dos Césares, a passagem do Senhor pela Terra e a cena do Senador que procurou Jesus nas trevas da noite.

— Ranieri, você está vendo Emmanuel apenas por uma janela. Ele já possuía grandes aquisições espirituais. Faltava-lhe apenas aceitar Jesus Cristo.

Emmanuel naquela época já era um sábio mas estava preso às convenções e preconceitos de seu tempo. Incapaz de se libertar, mas já dominado pelo anseio de espiritualidade. O Senador orgulhoso possuía enorme cabedal de conhecimento e bondade, todavia controlados por excessiva rigidez que lhe vinha das tradições da Pátria e da família.

O Cristo apresentava-se a seus seguidores como paladino da humildade, o que para os romanos significava fraqueza. No íntimo de Emmanuel, porém, já começava a brilhar a luz que vem de Cima.

Ninguém se transforma para o bem num só dia. Paulo de Tarso quando se transformou, não fez mais do que atingir determinado ponto de suas meditações. No interior de sua alma já há longo tempo vinha sofrendo o assédio das forças superiores que passaram a dominá-lo. O amor de Abigail que deixara o plano físico e a morte de Estevão da qual era causador vinham minando-lhe as energias íntimas. Não foi, é lógico, de uma hora para outra que se tornou cristão. Sua alma já vinha sendo trabalhada pela Espiritualidade Superior desde milênios. Aquela era a sua hora. Seu espírito amadurecera no sofrimento e os sacerdotes hebreus já nada mais lhe ofereciam senão ódio e má vontade. Saulo esperava, é certo, alguma revelação maior. Como todo judeu da época, esperava o Messias. E o Messias veio, apareceu-lhe na forma de Jesus, o Cristo, o Ungido, o Libertador...

Ninguém conseguiria afastar Paulo da luz. Chegara a sua hora e ele, obediente à Força que vinha do Alto, dobrou os joelhos, na certeza de que Deus, o Deus Único, estava com ele.

A Vitória do Espírito sobre a Matéria se confundiu com o fenômeno da Aparição de Jesus. A alma sofredora, que era Saulo, encontrou o caminho e a Libertação. Ele que sempre esperara a manifestação da Vida Eterna, viu que em Jesus estava na realidade, a Vida Eterna e Imortal.

A Grandeza de Emmanuel é evidente que não se pode medir por uma só vida. Nestório, o escravo, filósofo e sábio, recebeu as lições de humildade, na escravidão, capazes de dobrar a cerviz do orgulhoso Senador Publius Léntulus. Na figura do Padre Damiano e do Geral da Ordem dos Jesuítas, Manoel da Nóbrega, de novo pode o Senador, percorrer os caminhos da fé e da caridade. Espírito milenar, sofreu as agruras do mundo e a incompreensão da vida humana.

Lívia era-lhe infinitamente superior. Já naquela época, renunciou à glória de Roma para se tornar a mártir cristã despojada de tudo para morrer no Circo.

Espírito ligado ao Drama do Calvário, pois que intercedeu junto a Pilatos em favor do Cristo e por causa disso passou vinte e cinco anos acusada de adultério e de perjúrio.

Há em Emmanuel além disso, o grande escritor, o estilista diferente que está enchendo o mundo das letras brasileiras com obras notáveis, de profundo significado evangélico. Nele, reencontramos o pensamento cristão dos primeiros tempos, quando os apóstolos escreviam suas Epístolas que haveriam de atravessar os séculos.

A rigidez e a disciplina em Emmanuel são instrumentos de trabalho porque nele o amor é maior que a vida.

Os romances que escreveu são todos autobiográficos, se assim se pode dizer com referência a espíritos, e contam histórias verdadeiras, ocorridas em outras existências.

A sua permanência nas faixas vibratórias de nosso mundo tem sido um ato de amor. Os livros que não são romances têm nos mostrado o filósofo e o pensador sereno, o evangelizador cristão, capaz de nos orientar para o bem.

Vemos, assim, que através dos milênios, o espírito se prepara, aperfeiçoando-se, para tarefas maiores e mais perfeitas.

Nós, porém, apesar de tudo, acreditamos ainda que no campo do sentimento, Flávia tenha alcançado posição superior a Emmanuel, ela que foi curada pelas mãos misericordiosas do Cristo.

Podemos nós imaginar alguém que hoje vive entre nós, que é nosso amigo, e que numa de suas encarnações foi tocado e curado por Jesus? Só esse pensamento já nos conduz para além das fronteiras da vida humana.

De Belo Horizonte, na época, Chico viajava muito de trem.

A poeira da estrada, os solavancos, pioravam a viagem da jardineira. Melhor de trem. Trenzinho antigo. Não sei se o trem era da Central ou da Rede Mineira de Viação, o fato é que era cheio de fumaça, parando em todas as estações, demorado, ainda assim, melhor que a jardineira.

Viajamos eu, Jair e Chico. O sorriso dele e as nossas risadas de alegria enchiam o vagão. As histórias sucediam-se ininterruptamente, como se de seus lábios jorrasse uma cachoeira de palavras espirituais.

Chico sempre foi um grande contador de histórias. Com graça, elegância e "verve", fazia a gente rir pelo imprevisto do que ia contando. As rodas do trem nos trilhos cantavam o permanente "plac-plac — plac-plac". Era para nós imensa felicidade estar com ele, e desejávamos mesmo que a viagem não acabasse nunca...

A vida tem tão poucos momentos felizes que nós desejamos desesperadamente segurar para sempre aqueles que Deus nos concede.

Conversávamos e a conversa atingia não só as coisas de cada dia, a lembrança de outros companheiros, mas também as histórias maravilhosas do Evangelho e as revelações superiores da Doutrina.

## O ASSUNTO É ETERNO

De repente, Chico nos disse:

— Olha gente, quando há afinidade entre as criaturas a conversa é como um tecido de linho puro que estivesse sendo produzido. Não temos vontade de parar de conversar. O assunto é eterno.

Ficamos pensando na afirmação do amigo: "O assunto é eterno".

De fato, a verdadeira amizade e o verdadeiro amor fazem que a gente ria e chore juntas. Diz Ramachrisna que o amor a Deus faz com que a gente ria, chore e dance como se fosse louco...

Parece tão pouco o que é espiritual, tão tênue, e no entanto, enche a vida.

As palavras dos apóstolos estão sempre cheias de magnetismo e força e exercem sobre os homens uma imensa sedução. Os espíritos sentem-se presos a elas como as mariposas em torno da luz. Assim como a abelha busca o néctar das flores e mergulha nelas sequiosa, penetrando nas corolas iluminadas pelos raios de sol. O homem, no íntimo de sua alma, sempre busca Deus, e O busca através dos santos e dos puros, daqueles que davam a vida por amor das coisas eternas.

Quando há afinidade entre as criaturas as vibrações em forma de conversa ou de contemplação, repetimos nós, tecem o mais puro tecido de linho e criam a beleza e a eternidade.

Foi aí que eu compreendi um presente estranho que o Chico certo dia me dera: um pedaço de cetim branco, que em minha ingenuidade eu pensara que representasse a paz.

## SEM FAMÍLIA

Falava-se dos Missionários e das lutas terrestres. Os espíritos quando possuem pouca evolução, nascem compulsoriamente, por determinação da Lei. A força da Lei os atrai e obriga a renascer. Quando são mais adiantados têm, eles mesmos, a possibilidade de escolher de acordo com estudos realizados por entidades superiores. Os primeiros também têm quem decida por eles, só que não escolhem livremente nem lhes é pedida opinião. Inconscientes, retornam pela via do renascimento determinado.

— Em breve — disse o médium de Paulo e Estevão — os espíritos superiores vão nascer sem família, serão filhos de prostitutas ou de mulheres da vida, nascerão nos asilos e nas casas de assistência social. Virão libertos dos laços familiares. Assim, terão mais liberdade para servir o mundo.

Esses espíritos ou muitos desses espíritos seriam luminares nos caminhos do Bem e da Verdade.

As palavras do Chico caíram em nossa alma como orvalho na noite ou estrelas do firmamento.

De fato, muitos são os laços que ligam o homem às coisas da Terra. Preso a tudo que é material dificilmente consegue ele alçar voo para as coisas do Espírito.

A matéria densa apaga-nos, às vezes, os melhores propósitos e os encargos do mundo pesam como chumbo em nossos pés. Voltado para a Terra caminha o homem ao peso da dor e do sofrimento, triste, abatido, vencido. O passado milenar de erros e faltas que vibra no íntimo de seu organismo espiritual fala-lhe sombriamente de coisas distantes, mas reais que o dominam e escravizam. Embora seja uma bênção divina, a família é responsabilidade que de certa forma corta as asas daqueles que anseiam por servir a causa da libertação humana. Isso não nos autoriza a pregar o celibato repetindo o erro que em parte foi praticado pela Igreja Católica.

Pode-se servir a Deus tendo família e pode-se servi-lo não tendo família, apenas no segundo caso há mais liberdade de ação.

É claro que os espíritos que virão nessas condições de liberdade serão os missionários. A maioria continuará respondendo por obrigações familiares, que não deixam de ser uma missão. Guiar e orientar um pequeno grupo, às vezes é tão importante quanto dirigir a coletividade e pode se revestir de maior heroísmo e santidade.

É como alguém que fosse encarregado de conduzir pequeno barco com alguns companheiros em pleno oceano encapelado, na fúria da tempestade. Será talvez maior heroísmo do que conduzir um Cruzador. Atingir porto seguro ou a ilha acolhedora é responsabilidade de grande repercussão. Não cabe a nenhum de nós abandonar o pequeno batei em plena tempestade. Seria fugir a uma tarefa concedida pela Espiritualidade Superior. É evidente que há numerosos casos que justificam a modificação do programa, mas isso já implica em motivos que só no plano do espírito se encontrará a devida explicação. Os Sem Família que vêm aí, é certo que deverão dar maior cota de sacrifício e o Senhor que tudo sabe há de saber também porque voltarão nessas condições.

Seria isso consequência do fato de os homens e as mulheres de hoje se recusarem a ter filhos? Temos visto nos últimos tempos casos espantosos de até cinco gêmeos. Parece que a Natureza encontrando os obstáculos absurdos opostos pelo homem encontra outras portas para o renascimento necessário das criaturas... Na França, por exemplo, a limitação de filhos virou moda e quase lei.

Em toda a parte do mundo parece que se luta para impedir o nascimento das criaturas. Isso é fechar as portas do Infinito para os espíritos que precisam renascer para prosseguir na luta da evolução espiritual.

Assim, veremos que do charco e da miséria, Deus despertará os novos profetas da libertação.

## HA 40.000 ANOS

Há quarenta mil anos, disse o Chico, o homem luta na conquista da razão humana. Agora vamos conquistar a intuição e marcharemos para a angelitude.

Como vemos, a intuição é a próxima conquista do homem. Ualdí declarou: "a intuição está para a razão assim como a velocidade do som está para a velocidade da luz".

Os espíritas que defendem a mediunidade e incluem no campo da mediunidade aquelas faculdades que nós consideramos "faculdades anímicas", isto é, qualidades próprias do médium, porque a rigor mediunidade implica em intermediário, enquanto que as faculdades anímicas, como a vidência, audiência, clarividência, afirmam as possibilidades de percepção no campo espiritual, e, podem, de algum modo ser consideradas não mediunidade já que a mediunidade propriamente dita indica comunicação de um espírito através do médium. As faculdades anímicas apenas nos fazem ver que o médium pode perceber no infinito.

Pode haver espíritos ou não. A previsão do futuro por exemplo, que é o que constitui a profecia, é uma qualidade anímica, quer dizer, a exteriorização da alma encarnada colocada em sintonia com o mundo invisível, passa a ver, a ouvir e a sentir coisas que o comum dos mortais não vê, não ouve e não sente.

Ora, sabemos que o nosso mundo foi criado há milênios, vem dos tempos imemoriais e marcha para a eternidade do Universo ou pelo menos até uma idade em que a própria Terra se desintegrará.

Se conquistamos a razão após 40.000 anos é natural que o homem entre na posse da intuição num tempo talvez não menor do que esse. Em nossa época a intuição começa a desabrochar de maneira mais geral e coletiva porque particularmente, como possibilidade de algumas pessoas apenas ela já surgiu na humanidade há alguns séculos e até milênios. Basta lembrar de Apolônio de Tiana e Nostradamus, criaturas excepcionais dotadas de clarividência fora do comum.

No sentido, porém, da conquista para o comum dos mortais, essas faculdades começam agora a se tornar mais gerais. Por toda a parte, surgem os médiuns que exibem qualidades semelhantes numa proporção muito grande. No mundo inteiro, há os que são intermediários entre os homens e os espíritos e há os que percebem através do véu, no outro lado da vida. 40.000 anos de luta com a razão significa que houve evolução acelerada. O Homem veio da inconsciência, das simples sensações e dos instintos para o domínio da razão, que na realidade faz do ser humano um ser diferente na criação da vida no mundo.

As palavras do Chico continuam ressoando em nossa alma e arrastam-nos para um passado relativamente curto, pois quarenta mil anos pouco representam na extensão infinita da vida universal.

Após a conquista da intuição que será a grande força do homem no futuro, marcharemos para condição de anjos ou para a angelitude. Nessa marcha iremos ao encontro e na conquista da consciência divina.

## ANGELITUDE

De acordo com a teoria da Igreja Católica, os anjos foram criados diferentes dos homens. Enquanto os que estes ficaram entre o Céu e o Inferno, dependendo de sua conduta na Terra, os anjos, seres inexplicavelmente privilegiados teriam direito ao Céu e jamais cometeriam qualquer erro, falta ou pecado, porque foram criados perfeitos.

Também não é verdade que os anjos tenham sido criados perfeitos, assim cremos nós, porque se isso fosse verdade, como justificar o fato de Lúcifer ter errado, ele que era um anjo?

É evidente a falsidade de tal doutrina pelo absurdo e injustiça que encerra.

Nós admitimos a existência de zonas infernais, isto é, inferiores. Onde se juntarem os maus, aí será o Inferno. Onde se juntarem os bons, aí será o Céu. Até esse ponto, nada de mais. O Inferno quer dizer uma zona de eterno sofrimento, do qual nem Deus retira as almas ou sequer permite que elas saiam, isso também é absurdo.

Na realidade, a criatura reside no íntimo de sua consciência e é aí que nós sofremos ou vivemos felizes. Onde estiver a consciência pacificada, será o Céu. Onde estiver a consciência perturbada, atormentada, será o Inferno.

Mas a condição de anjo para nós, e não vemos motivo para lhe dar nome diferente, é uma conquista do espírito. Caminhamos da razão humana para a razão divina e entre as duas se situa a intuição. Esta é como um relâmpago no firmamento mental. O ser espiritual que veio através dos minerais, das plantas, da animalidade e do homem ressurgiu de si mesmo, como o sol de ouro após as trevas da noite. É natural que alcançada a condição de simples anjo, evolua para formas mais perfeitas, conforme diz Paulo, que se refere aos tronos e aos querubins.

"Entre o céu e a terra existe tanta coisa que nem sonha a vossa vã filosofia" —, essas as palavras do grande Shakespeare.

As palavras do Chico ressoam, pois, ainda em nossa alma, despertando nela profundas meditações, e nós víamos infelizmente a situação de imenso atraso dos seres que habitam a Terra, ferozes, maus, desgraçados, cheios de ódio, armando guerras e estabelecendo a destruição.

Jesus voltava-nos de novo ao coração como bálsamo luminoso que nos desse, apesar de tudo, ainda uma esperança: Os mansos herdarão a Terra.

E nós, humildes cristãos do último milênio de treva, curvamos a cabeça serenos e convictos de que Deus governa o Universo e que nem uma só folha de árvore cai que não seja sob as suas vistas misericordiosas.

E Eu estarei convosco até o final dos séculos...

## ANOTAÇÕES FAMILIARES

Logo nos primeiros dias de nossa convivência com Chico Xavier, vínhamos desenvolvendo a mediunidade de psicografia. Os espíritos comunicavam-se conosco com extrema facilidade, a mão corria veloz no papel e, de certa forma, estávamos empolgados com os acontecimentos. O Espiritismo nos aparecia como "A Grande Porta" aberta para o Infinito onde se encontrava Deus. Nossas almas, diante dos fatos, curvava-se humildemente, pois sentíamos que uma força superior nos governava e conduzia. Heleninha transmitia a sua palavra serena e amiga, falando-nos de encarnações anteriores nas quais nossos espíritos atravessaram os séculos e os milênios juntos, na luta da espiritualização, sofrendo ou alcançando as vitórias do Espírito. Quedas e ascensões, desânimos e esperanças, mas sempre para a frente. Escrevia ela uma espécie de história de nossas vidas através dos tempos e dissera de repente, referindo-se a nós:

— "Mãos de ferro, mãos de Alcalamano!"

Esse Alcalamano, segundo ela, vivera em tempos recuados e governara povos com terrível justiça e que agora voltara para servir aos homens com amor, com o amor recebido do Cristo.

Nada dissemos ao Chico sobre o assunto, eram as primeiras vezes que entrava em nossa casa e foi ver a biblioteca, que era relativamente boa e onde se alinhavam todas as obras que ele publicara até aquela época. Pedimos que autografasse todas para que ficassem como lembrança para nossos filhos e nossos netos. Sorriu e disse:

— Não, Ranieri, não fica bem eu autografar livros seus. Faço questão de lhe dar outros autografados. ..

Admiramos a maneira delicada de se sair do assunto. Mas, realmente, ganhamos mais tarde livros que nos deu autografados por ele, inclusive um volume do AVE, CRISTO!

De repente, nos disse assim:

— Sabe, Ranieri, diz Emmanuel que você já governou povos com "mãos de ferro".

Tentamos saber mais alguma coisa, mas não conseguimos nada. Aí, lhe contamos a história do Alcalamano.

Ora, é preciso saber que naquela época nós éramos simples estudante de Direito, não tínhamos cargo algum e na realidade trabalhávamos na casa de comércio de nossa mãe.

Só muitos anos depois é que viemos ser Delegado Regional de Polícia em S. Paulo, alcançando o final da carreira e, posteriormente, eleito Prefeito de importante cidade, que nos deu a oportunidade de governar com amor.

Em nossa mente, muitas vezes, passavam as hordas de Alcamano, comandadas talvez pelo Chefe justo, mas duro e é possível que no palácio dos imperadores e dos reis tivéssemos governado povos com mãos de ferro. "Mãos de ferro, mãos de Alcamano"!

Chico, provavelmente, vira-nos a alma por dentro, e divisara em nós o governante agora destronado.

Mais tarde, tivemos notícias de algumas encarnações anteriores. Uma de um poeta inglês e outra de um poeta francês, escritor e filósofo muitas vezes...

Pode parecer vaidade, mas foram os espíritos que nos disseram isso. Com que finalidade? Não sabemos.

Se houvessem dito que fomos índios ou negros, receberíamos a notícia da mesma forma, porém com menos responsabilidade, no entanto, sempre tivemos a ideia, desde criança, que já fomos beduíno... O deserto sempre exerceu uma impressão muito grande sobre nossa alma. O poeta francês a que nos referimos viveu entre os mendigos.

Todavia, quantos que ontem governaram povos, no orgulho do poder retornam à Terra na simplicidade e na obscuridade? O caminho das reencarnações é a estrada do aperfeiçoamento, e a todos cabe aprender e instruir, elevar-se e espiritualizar-se. O Bem e o Mal são a escolha de todos. A cada um cabe discernir e escolher o melhor.

No turbilhão da vida humana crescemos para Deus, ao encontro do paraíso interior ou descemos para as zonas mentais, ao encontro do Inferno do Mal.

## ANDRÉ LUIZ E OS TREZE ESPÍRITOS

Os problemas espirituais preocupavam-nos muito naquela época. Os encontros com o Chico eram sempre oportunidade de aprender mais. O seu riso alegre, a aparente felicidade que demonstrava e "aquela coisa diferente", que se irradiava dele magnetizava-nos a alma. Era um tempo também diferente em que o sol parecia mais puro e as nossas vidas mais cheias de sol. Lembrava Sócrates e os seus amigos.

Vendo-o, não sei porque, me lembrava invariavelmente da Grécia ou me recordava Francisco de Assis, o pobrezinho entre os seus frades, que nada tinham de material para si mesmos mas que com ele aprendiam a amar todas as coisas.

Desde criança sentíamos a presença da espiritualidade, e escrevíamos poemas sob o impulso de forças extra-humanas ou extraterrenas. Não nos era estranho, pois, de certa maneira, o fato mediúnicos.

Lembravamo-nos de algumas encarnações na Grécia, Roma e outros países ou povos da Antiguidade. Isso não nos impedia de ver no Chico um ser diferente com possibilidades muito além do comum dos mortais. Era ele um homem simples, da simplicidade mais contagiante que já se viu em nossos tempos. Estudou no Grupo Escolar de sua cidade, segundo nos contara, até o terceiro ano. Logo, seria a rigor, homem de poucas tetras. Nunca, porém, escondeu que sempre gostara muito de ler e que lera o que pudera. Livros emprestados, pois vivia numa pequena cidade do interior e não possuía meios para adquirir muitos livros. Gostava de ler revistas. .. Naquele tempo a cultura não se disseminara, como hoje, através da Televisão. O rádio também se existia estava ensaiando os primeiros passos. Acho que não existia com a expressão que passou a ter depois. O cinema era mudo e as cidades do interior dificilmente tinham cinema. Os meios de comunicação, difíceis. As estradas, péssimas, de terra, poeirentas... As jardineiras é que faziam o transporte. .. Não era fácil adquirir cultura nessas condições. Até as edições de livros nesse tempo eram limitadíssimas. Edições d\* quinhentos exemplares, de mil e só os grandes escritores atingiam três mil exemplares!

Começara escrevendo aos 17 anos, uma criança. E escrevera o "Parnaso de Além Túmulo", uma coletânea dos maiores poetas brasileiros e portugueses!

Depois disso, vieram os grandes romances históricos onde demonstrava conhecimento da história detalhada dos judeus e dos romanos. Exatidão de informações, datas, nomes e personalidades. A reconstituição da sociedade e dos costumes, judeus, gregos e romanos. Tudo ressurgia através de seu lápis cheio de emoção. O ambiente da Antiguidade reaparecia como por encanto. Nada forçado, nada preparado, mas com sinceridade e profunda naturalidade.

As figuras históricas situadas no tempo movem-se com vivacidade e como numa visão panorâmica, os acontecimentos se desenrolam em nossa mente de maneira cinematográfica. Há Dois Mil Anos, 50 Anos Depois, Ave Cristo, Renúncia, todos eles mais bem escritos do que a maioria dos romances históricos escritos no mundo. Paulo e Estevão, uma obra-prima. Impossível negar a força espiritual e literária de que estão possuídos.

Depois deles, os livros de visão mais científica escritos por um espírito que se chamou André Luiz.

Certa ocasião, perguntamos ao Chico se André Luiz não seria Osvaldo Cruz. Ele respondeu:

— Ranieri, durante dois anos recebemos mensagens de um espírito que se assinava José Medeiros, médico que vivera em S. Paulo, e quando José Medeiros desapareceu passamos a receber as mensagens de André Luiz...

Disse e sorriu para nós.

Não conhecíamos o Dr. José Medeiros nem sabíamos se havia ou não existido. O fato, porém, é que se admite no Brasil, hoje, que André Luiz tenha sido Osvaldo Cruz. Se não é verdadeiro é, pelo menos, bem cantado. .. como diria o italiano, ou falado...

A verdade é que com André Luiz, a mediunidade do Chico ganhou maior amplitude. Nessa época ele nos dizia que estava próximo de desencarnar. Que era como uma cabaça flutuante sobre as águas e preso apenas por um fio. ..

Se o fio soltasse lá se ia ele embora.

Começou, depois disso, a receber uma vasta obra com as mais impressionantes informações sobre o mundo espiritual: "Nosso Lar", "Os Mensageiros", "Missionários da Luz", "Agenda Cristã", "Ação e Reação", "No Mundo Maior", "Nos Domínios da Mediunidade", "Obreiro da Vida Eterna", "Mecanismos da Mediunidade", e muitos outros.



CHICO XAVIER em sua primeira visita a S. Paulo — Época aa publicação do "Parnaso de Além Túmulo" — (Gentilmente cedida pelo Jornalista Antônio Hermann Dias Menezes)

E esse fenômeno de sensação de morte, com reinício de atividade maior ainda em seguida, tem ocorrido com o Chico algumas vezes.

Sempre que ele começa a ficar assim pouco depois inicia uma série de livros mais notáveis ainda. Temos a impressão que o que ocorre é que ele passa a ter um desprendimento perispiritual cada vez maior, o que lhe dá a impressão ou a sensação da morte.

Nós aceitamos a tese da prorrogação da vida terrestre por autorização aos Seres Superiores que habitam o Mundo Espiritual. Se há necessidade de que a criatura por merecimento ou por necessidade de trabalho permaneça na terra, a sua existência física é prorrogada por mais algum tempo. Poderia por outro lado, ser coisa um pouco diferente existência parcelada ou por etapas. Se vamos cumprindo bem determinadas tarefas, conquistamos o direito de viver o período seguinte. Se, pelo contrário, começamos a voltar ao passado ou a cometer faltas que agravam a nossa vida espiritual, morremos após certa parcela ou temos até a vida abreviada para não trazer prejuízo à Doutrina, ou a nós mesmos.

Notamos na vida do Chico e de outros espiritualistas esse fenômeno da prorrogação ou parcelamento.

Quando parece que ele vai morrer, ressurgue outra vez produzindo obras importantes e belas.

Há pouco tempo, perguntamos ao Weacker, companheiro de trabalhos do Chico, se era verdade que ele ia morrer nestes três anos, conforme entrevista dada a jornais brasileiros por uma senhora de idade que afirmava ter estado com ele, além da própria clarividência. O Weacker riu e disse que não, que o Chico ainda pretendia escrever até os duzentos livros, e que estava muito bem de saúde. Mas a verdade é que anteriormente nós estivemos com ele em Uberaba e tivemos a impressão de que estava muito debilitado. Segundo nos disse, convalescia de uma ou mais operações que fizera. Demos-lhe um remédio da moda, e depois disso, vimo-lo novo em folha, iniciando a marcha das televisões, da recepção de títulos, escrevendo livros de caráter moral de elevado teor, inclusive literário.

Tudo isso, demonstra que ele possuía uma energia fora do comum e alguns diriam "de fora", que lhe dá forças quase sobrenaturais.

Os livros de André Luiz que exibem uma cultura invulgar, de caráter científico, chamaram a atenção dos mais outros e atraíram muitos médicos ao estudo da Doutrina.

Conversando com Chico, este nos disse:

— André Luiz é apenas o representante perante os homens da obra que produz. Na realidade, ele é assistido por treze entidades ou instrutores espirituais de elevada hierarquia que lhe retransmitem o conhecimento.

Interessante a informação. Um grupo de Espíritos Superiores orientam o espírito que serve também de intermediário através do médium. Aliás, isso já era assunto nosso conhecido. Como existem médiuns na Terra existem também os médiuns do Campo Espiritual.

De outra vez, Chico nos disse que Emmanuel controlava todas as comunicações que outros espíritos desejavam transmitir por ele e houve caso até ocorrido com Humberto de Campos que não pôde ver publicada uma mensagem sua em forma de histórias que o Chico recebera. O caso é interessante. Humberto veio e transmitiu a mensagem. Chico recebeu. Veio Emmanuel e mandou que se rasgasse ou inutilizasse a mensagem porque viria criar problemas para os homens. E a mensagem foi destruída.

Ora, se pensarmos que Humberto de Campos, autor consagrado não só na Terra como escritor terrestre mas também como autor de belíssimas obras espirituais, assim como "Boa Nova", "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", etc, verificaremos que a disciplina no 'plano espiritual é rígida e quem se propõe a falar de Evangelho e de Doutrina tem que aceitar o controle de Espíritos mais adiantados. E aceitam com humildade e respeito.

Treze entidades são os autores das obras escritas por André Luiz e Chico é o responsável perante o mundo físico.

Prova disso é que cada livro de André Luiz apresenta um Instrutor diferente que acompanha André até o fim do livro.

## JANTAR

Nossas recordações se perdem no tempo. Chico é para nós um patrimônio imperecível não só de amizade, mas também um tesouro vivo para o futuro do mundo. Nele, os homens encontrarão repouso e paz, como legítimo mensageiro de Cristo.

O trabalho árduo que executa disciplinadamente cada dia, ele o faz através dos anos com a mesma regularidade e precisão. Não muda. Pelo contrário, amplia cada vez mais suas tarefas e responsabilidades.

Naquele dia havíamos ido em caravana ver o Chico. A estrada poeirenta, camioneta com algumas cadeiras em cima, o vento atingindo-nos a face, cabelos esvoaçantes...

Éramos talvez dos companheiros. Recebidos pelo médium com aquela alegria de sempre. Gordo, exibindo saúde e tranquilidade.

Felizes pelo reencontro. Nessa época ainda não se havia organizado o Movimento da Fraternidade e todos eram carnívoros. Comia-se carne à vontade. Alguns bebiam vinho ou cerveja.

Troca de ideias, perguntas nossas, de todos, respostas do Chico, a todos. Consultas, comentários, tudo se misturava.

Logo, Chico nos disse que iríamos jantar num Bar da cidade. Estávamos em Pedro Leopoldo. Tempo bom.

Sentamos à mesa e a comida mineira foi servida: arroz, feijão, parece que tutu de feijão, ovos, bifés...

Todos comiam e conversavam. Os bifés eram devorados regularmente, mas no prato do Chico o seu bife era afastado para um canto. Também não bebera nenhuma bebida alcoólica. Nada de vinho nem cerveja. Água mineral ou guaraná. Fiquei de olho no bife dele. Queria ver o que iria acontecer com a carne que estava em seu prato.

Pouco antes de terminar o jantar, procuramos o fotógrafo para uma fotografia coletiva. Não o encontramos.

Logo depois, todos se levantaram da mesa e fomos ao caixa pagar a conta. O homem nos respondeu:

— Chico já pagou.

Ficamos abismados! Mais de doze pessoas, ele, o mais pobre de todos, ganhando pouco e tendo família para manter, inclusive as irmãs!

Tentamos convencer o homem do bar e nada conseguimos. Ordens do Chico ali eram cumpridas rigorosamente...

Até hoje, nosso coração dói quando pensamos no caso. Sentimo-nos culpados daquela situação. Jamais poderíamos imaginar que isso pudesse ocorrer, mas ocorreu.

Era sempre o primeiro a pagar as contas dos amigos. É natural que se tornasse depois imenso sacrifício. Nada, porém, havia mais a fazer. Não prevíamos a sua atitude... Éramos moço, meio envergonhado. ..

Prometemos a nós mesmos ser mais prevenidos para o futuro.

No entanto, a história do bife ficou em nossa mente. Chico não comia carne. Disfarçadamente, colocara o seu bife de lado.

Lendo o "O Consolador", de Emmanuel, e recebido por ele, encontramos lá a pergunta 129, com a resposta que ingerir carne é um erro de enormes consequências...

O problema da carne tornou-se no correr dos anos um problema maior. A Fraternidade orientada por Espíritos Superiores estabeleceu como norma que os elementos que compusessem o Departamento Mediúnico não comessem carne. Pelo Peixotinho, através da mediunidade de efeitos físicos ,os Espíritos materializados recomendavam a mesma coisa. Em O Consolador, Emmanuel ensinava o mesmo princípio... Depois, muitos outros espíritos por outros médiuns falaram a mesma coisa...

Só quando Waldo foi morar com o Chico é que começamos a ouvir coisas diferentes que partiam dele... Médico, fez uma campanha contra a falta de carne na alimentação. Havia notícias sobre isso. Pessoal-mente, nunca estivemos com ele e não ouvimos, por isso, de sua boca qualquer referência. Falava-se nos pobres que não teriam condições para se alimentar com alimentos diferentes, que substituíssem a carne, tais como ovos, leite, etc, etc.

É lógico que a humanidade marcha para a libertação da alimentação carnívora. Os homens não poderão por muito tempo continuar ingerindo as vísceras que lhes trazem com elas as vibrações de sofrimento dos animais sacrificados assim como as doenças e distúrbios que elas produzem. Há o problema, porém, da libertação imediata ou gradativa. Esse fato, de acordo com informações mediúnicas de entidades espirituais, tornou-se problema também nos planos do Espírito, já que ali há Espíritos Superiores que querem que a humanidade deixa de se alimentar da carne imediatamente e há os Espíritos Superiores que ensinam que a libertação deve ser gradativa, já que a humanidade através dos milênios se intoxicou com as vibrações da carne e para deixá-la deverá proceder a uma desintoxicação lenta, gradativa, até que possa estar livre dela.

A carne acirra as paixões e alimenta o ódio, enfim, dinamiza as paixões fortes que levam o homem às atitudes mais belicosas e violentas.

Assim como nós, diz o Chico, recebendo instruções de André Luiz, os Espíritos continuam estudando, também, esses problemas e outros mais difíceis que constituem imensa trama no imenso Universo.

## NATANAEL

A palavra pode ser luz e pode ser sombra em nossa alma.

"Da palavra que pronunciarees será escravo; da palavra que reteres, será senhor" — afirma velho ensinamento que dizem ser árabe.

A influência da palavra no mundo é muito grande. "No princípio era o Verbo..." — falou João.

Os' homens de Deus dizem palavras diferentes. Há nelas a doçura do mel. Exibem uma luz nova que ilumina os caminhos como o sol que se coasse através das árvores.

Natanael era um espírito que se transmitia pelo Chico e também por nossa mediunidade.

Pedro Machado, médium de Belo Horizonte, que desenhava sob o impulso espiritual figuras de espíritos e recebera mensagens maravilhosas e alguns livros: *Frauta do Além*, *Canções da Imortalidade* e *Esplendores de Salomão*, fizera um desenho de Natanael relativo a uma encarnação que este tivera na Grécia ao tempo de Sócrates.

Não sabia, na realidade, se Natanael era ou não o Natanael que aparece no Evangelho e a respeito de quem Jesus Cristo disse que haveria de ver os anjos do Céu descendo sobre o Filho do Homem. O fato é que suas mensagens, curtas, belas e profundas, vinham cheias de filosofia. Pensamento exato, preciso, filosófico, perfeito. Nele, os ensinamentos morais sob uma forma literária original, são como estrelas luminosas em noite escura.

— Sabe, Ranieri, disse o Chico, que Natanael é o Guia Espiritual do Rio Grande do Sul?

Conversávamos a respeito do Espírito. Chico nos dissera que vinha lendo as mensagens de Natanael por nós recebidas e publicadas na imprensa, fazendo referências delicadas que muito nos comoveram.

Quis nos dar talvez, uma prova da veracidade das mensagens e da certeza de que partiam realmente de Natanael. Nada havíamos até aquele momento contado a ele sobre Natanael, a não ser agradecer-lhe as referências ao trabalho que vínhamos realizando.

— Isso me alegra muito, Chico, lhe respondemos, porque depois que começamos a receber mensagens de Natanael, temos recebido muita correspondência do Rio Grande do Sul, especialmente de Bagé.

Foi aí que ele nos falou que existem espíritos superiores responsáveis pelas diversas regiões do Brasil e do Mundo.

No plano espiritual, as responsabilidades espirituais também são distribuídas com relação aos povos e aos países.

Diz André Luiz à página 172 de *Evolução em Dois Mundos*, através de Chico Xavier: ... "é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico".

Como se vê, há um espaço das nações onde até a linguagem dos espíritos se conserva a mesma: português — português; francês — francês; inglês — inglês; italiano — italiano...

Saber no entanto, que um anjo tutelar guarda os nossos destinos é alguma coisa de confortador, que, todavia, não deixa de aumentar as nossas responsabilidades.

Sabemos que a Ismael entregou Jesus a responsabilidade de, juntamente com Helil, velar pelo Brasil.

Deus não abandona as suas criaturas. Em toda a parte colocou seus Mensageiros para que o Homem nas suas fraquezas possa descansar neles a sua alma, o seu coração e a sua esperança.

## A VISITA DO GALENO

Galeno dirigia o Grupo Espírita André Luiz, do Rio de Janeiro, na rua Moncorvo Filho, atrás da velha Faculdade de Direito, ao lado do Campo de Santana, onde se deram grandes acontecimentos da História do Brasil. Ali mesmo onde um dia as tropas foram buscar Deodoro da Fonseca para decidir o destino do país.

"André Luiz" era um grupo de trabalhos espirituais de efeitos físicos. Peixotinho, o médium de materializações e curas. A pequena comunidade inicialmente cheia de amor, começou depois a se desentender.

Apesar de os espíritos materializados estarem ali todas as semanas ensinando, aconselhando, recomendando, amparando, a desarmonia de vez em quando penetrava o coração das criaturas.

— Um dia haveremos de nos materializar nas praças públicas para fazer o que vocês não querem fazer! — clamara um espírito materializado. "É preciso amparar os pobres e ajudar os enfermos diretamente".

Mas em toda a parte há o problema de dirigir e o de ser dirigido. O Grupo tomou importância no Brasil. Os Espíritos vinham, se materializavam, conversavam com os homens, completamente inundados de luz. Revistas brasileiras publicaram o relato das reuniões.

Nesse tempo, o fenômeno das materializações ainda estava muito limitado, o grande público acompanhava ceticamente, de longe...

Os espíritas ansiavam por ver, todavia, duvidavam muito. Não era como hoje. O Espiritismo ainda não fora apresentado na Televisão. Havia luta entre a Igreja e os espíritas polêmicos.

Galeno assediado por todos os lados. Queria disciplina no Grupo, disciplina férrea, rígida, tenaz. Outros desejavam mais liberalidade. Peixotinho, coração de ouro, convidava qualquer um para ir às reuniões. Galeno barrava o cidadão na porta...

Tempo glorioso, mas difícil.

Um dia, Galeno, já idoso, se arrancou para Pedro Leopoldo.

Ia conversar com o Chico.

Foi.

O médium sempre muito ocupado, não pôde recebê-lo. Galeno insistiu com um, falou com outro. Precisava de ver o Chico. Ficou ali uns dois dias sem obter resultado.

Finalmente, perdeu a calma. Revoltado, foi para o Hotel, fechou-se no quarto e orou a Deus e exprobou o espírito de Emmanuel.

— Afinal de contas, Emmanuel, eu sou o Presidente do "André Luiz", tenho imensa responsabilidade sobre os ombros, preciso harmonizar aquela gente e você não me ajuda! Isso está errado! Há tanta gente que não tem nada o que fazer, não tem responsabilidade alguma espiritual e é atendida imediatamente! Eu, no' entanto, que tenho boa intenção e que já estou velho, faço uma viagem de sacrifício e, nada! . . .

Mal acabara de pronunciar essas palavras, ouviu bater na porta do quarto.

Foi abrir e ficou pasmado.

Era o Chico que muito humilde lhe dizia:

— Irmão Galeno, Emmanuel me mandou vir vê-lo. Com lágrimas nos olhos se reencontraram. Ficaram conversando por mais de duas horas.

Galeno lavou a alma na alegria de dizer ao Chico tudo que sentia e seu coração cansado se rejuvenesceu ao receber o irmão' amado que viera mandado por Emmanuel, que ouviu as suas preces.

Assim, também, um dia, Saulo, o perseguidor, vira Ananias entrar em seu quarto da rua Direita e dizer-lhe:

— Irmão bem amado, o Espírito de Jesus me apareceu e mandou--me vir libertá-lo das trevas... E os olhos de Saulo se abriram para a Vida Eterna.

## ROMANELLI E OURIVIU

Entre as figuras humanas que conhecemos em nossa vida, uma das maiores foi a de Rubens Romanelli, provavelmente um gênio.

Imensa cultura, bom orador, profundo filósofo e pensador, grande professor... Não cremos haja outro, no Brasil, que se lhe assemelhe com as mesmas características. É claro que poderá haver maiores, igual, não.

Criatura diferente e fascinante no campo intelectual e no campo do sentimento. Coração puro e alma superior. Domina todos os assuntos com enorme poder de exposição e conhecimento e o faz sempre numa linguagem belíssima. Para nós, o maior orador espiritualista do Brasil. Escreveu um livro sobre uma palavra e ganhou um prêmio com esse trabalho, da Academia Brasileira de Letras. O livro sobre uma palavra tem trezentas e sessenta e tantas páginas! Autor do Primado do Espírito. Poeta de profundas ressonâncias filosóficas. A par disso, o mais humilde dos mortais. Se não fosse tão humilde já seria célebre. A bondade nele é inata. Sincero consigo e com os seus amigos. Não acreditamos que tenha inimigos e se os tem, há a certeza de que a culpa não é dele.

Ê o que, para nós, chamaríamos de "um homem eminente que vive na obscuridade do grande público", porém respeitado e famoso na Faculdade e na Escola onde leciona. E sempre amado pelos seus alunos.

Por volta de 1944-45' existia em Minas, num lugarejo chamado Esmeraldas, um homem de nome Oriviu. Nessa época, Romanelli era simples professor, porém conceituado em Belo Horizonte. Ouriviu, segundo constava, milionário. Único fornecedor de carvão de pedra para a Mina de Morro Velho.

Estivemos na Fazenda do Ouriviu em Esmeraldas, certa ocasião, com o médium Fábio Machado. A casa situada numa eminência se dependurava sobre a fralda de uma encosta e ali, maravilhosa árvore, parece-nos que um flamboyant, jogava seus galhos sobre o enorme alpendre de madeira que rodeava a casa. Nos galhos, caixinhas também de madeira onde os pássaros iam fazer os seus ninhos, especialmente, canarinhos da terra, de cabeças vermelhas, que andavam em bando. Não permitia ele que se caçassem pássaros ou qualquer animal na Fazenda. Pai de cinco ou seis filhos, parecia-nos um homem bom.

Pretendia construir uma Cidade para crianças e foi a Belo Horizonte buscar o Rubens Romanelli para professor de seus filhos.

Havíamos escrito um poema, publicado no jornal O Poder, e dedicado ao Romanelli. Não conhecíamos nessa ocasião pessoalmente o Rubens. Logo em seguida, recebemos carta dele agradecendo a dedicatória e propondo um encontro. Desse encontro ressurgiu imediatamente a amizade que nos unira em muitas vidas anteriores.

Ouriviu além de lhe oferecer um ordenado que provavelmente satisfizesse ao Rubens, deu-lhe casa nova, taqueada, etc. e outras vantagens, mas o que empolgou o Romanelli foi mesmo a ideia da construção da Cidade. Deslumbrado, correu com a família para Esmeraldas e ali ficou, se não me engano, por três anos.

Deram-se bem a princípio. Amigo do Chico, este visitou-o uma ou duas vezes, já que Esmeraldas ficava a trinta quilômetros de Belo Horizonte, além de Pedro Leopoldo distar duas horas de viagem de jardineira da capital de Minas.

Depois, surgiram os problemas dos empregados da Fazenda que ganhavam pouco, sofriam necessidades e que não encontravam no Ouriviu entendimento e compreensão.

Romanelli passou a ajudá-los, inclusive aplicando-lhes injeções. Preceptor dos filhos de Ouriviu, cabia-lhe manter a escolinha e não se intrometer nos negócios da Fazenda.

De vez em quando ia advogar a causa dos humildes lavradores junto ao senhor todo poderoso. Daí estabelecer-se uma certa animosidade do Ouriviu para com ele foi um pulo.

Rubens, às vezes, saía de Esmeraldas e vinha às nossas reuniões de Belo Horizonte e contava-nos as suas amarguras. A situação estava ficando tensa. Ouriviu passara a tratá-lo mal e até a persegui-lo.

Quando as coisas estavam nesse pé, Chico, conversando conosco disse:

— Ranieri, Romanelli precisa sair com urgência de Esmeraldas porque o Ouriviu foi em encarnação passada Fernão Dias Pais Leme, e o Rubens Romanelli é aquele filho adotivo que Fernão Dias mandou enforcar por defender os homens humildes que os acompanharam na expedição. Se o Romanelli não sair de lá urgentemente, o caso vai se repetir...

A história dos Bandeirantes e das Bandeiras retornou-nos ao pensamento.

"Fernão Dias Pais Leme, plantador de cidades!" — exclamara o grande Olavo Bilac em "O Caçador de Esmeraldas".

E Ouriviu desejava construir uma cidade e falava em levantar outras pelo Brasil... A Fazenda se localizava em Esmeraldas que ele procurara a vida inteira. ..

Víamos também na retina do Espírito o filho que ele adorava enforcado por ordem sua, mas, homem de ferro, o sacrificara para manter a disciplina.

Romanelli que o seguira na ilusão renovada de construir uma cidade para as crianças era bem o filho revoltado que de novo se colocava à frente dos homens humildes para defendê-los. . .

A reencarnação é a porta pela qual passam todos aqueles que buscam, na roda do destino, a marcha evolutiva na rota do Infinito.

## QUEM NÃO QUER CRESCER...

Os fenômenos mais probantes da mediunidade para nós, ainda são os fenômenos de materialização. Estamos falando dos fenômenos verdadeiros, não daqueles que possam deixar dúvida.

Se para enviar um homem à Lua foi mobilizada a ciência mais adiantada da Terra e convocados os mais eminentes cientistas, é lógico que o mesmo deverá acontecer com a vinda dos espíritos materializados à Terra.

Na espiritualidade também deve ter sido mobilizada a ciência espiritual mais avançada e os recursos mais poderosos. Quanto à materialização de espíritos mais adiantados ou menos adiantados é outra conversa. Os homens por sua vez iniciaram o seu trabalho enviando foguetes ao espaço e satélites artificiais. Depois, enviaram macacos. Posteriormente, foram homens, não sabemos de que nível intelectual e atualmente sabe--se que os astronautas são também técnicos e cientistas. O mesmo pode ter ocorrido no campo do Espiritismo. As primeiras materializações podem ter sido de espíritos inferiores, as últimas já de espíritos adiantados e alguns até superiores.

O futuro contar-nos-á outras coisas. O mal do homem é pensar que no lado de lá as coisas se passam muito diferentemente do que no lado de cá. Cremos que a afirmativa do Senhor: "A cada um segundo as suas obras" não se refere somente ao plano terrestre mas também ao plano espiritual e a todos os mundos. As palavras de Cristo são eternas e prevalecem para sempre.

No Grupo André Luiz do Rio de Janeiro se manifestavam espíritos de diversas ordens, desde os espíritos familiares até os Espíritos mais elevados, assim como o próprio André Luiz. É claro que este último uma ou duas vezes, mas espiritualmente estava sempre presente. No entanto, havia divergências entre os companheiros encarnados que compareciam aos trabalhos. O Grupo inicialmente pequeno começou a crescer. A divulgação e a notícia dos fenômenos se espalharam pelo Brasil e interessou a muita gente assistir as reuniões. Havia os que achavam que o Grupo sendo pequeno mantinha aquele amor inicial que unia os companheiros. Outros achavam que era uma necessidade dar oportunidade a mais gente.

Um dia, uma caravana do André Luiz embarcou para Pedro Leopoldo atrás de Chico Xavier. Iriam lá sem dizer nada. O que o Chico lhes dissesse espontaneamente seria a solução do caso.

Para eles, Chico era a última palavra. Peixotinho, em sua grande humildade, ouvia tudo e não discutia. O que dizer? Os Espíritos estavam ali, mas o Chico era o Chico e ele também amava muito o Chico. Fossem pois, a Pedro Leopoldo, ouvissem o apóstolo e voltassem para casa que ele aceitaria tudo...

Foram. Chico recebeu-os bem, com carinho e lhes disse:

— Meus irmãos, diz André Luiz que 'quem não quer crescer não deve nascer'.

Disse e sorriu.

Todos ficaram surpresos.

— Uai! Vocês não deixaram o Grupo nascer? Agora têm que vê-lo crescer para servir cada vez mais aos que sofrem. O amor e a caridade cobrem a multidão dos pecados. ..

Voltaram e o Grupo cresceu. Cresceu tanto que construíram um prédio de três andares e parece que hoje construíram no mesmo lugar um de dez andares ou mais...

"Quem não quer crescer não deve nascer".

A sabedoria do espírito penetra-nos profundamente o coração e a inteligência. Todos nós procuramos produzir mais e melhor, servir mais e abrir os braços a todos os que buscam um pouco de paz, de compreensão e de fraternidade. Nada neste mundo permanece o mesmo através dos milênios. A força que vem de Deus manda o mundo marchar e manda o homem crescer.

"Crescei e multiplicai-vos. Dai e vos será dado".

"É dando que se recebe".

Essas palavras imortais devem despertar aqueles que havendo recebido os tesouros do Reino acreditam que devam guardá-los avaramente para si. Não basta ser bom — diz o Altino — É preciso fazer o bem.

## PENSANDO...

Tudo na vida dos grandes homens tem importância para a posteridade. As menores coisas, os fatos mais insignificantes, os gestos, as atitudes. ..

Já falamos isso noutra ocasião. O futuro procurará avidamente saber. Quando os grandes homens são santos, então a lenda se encarrega de confundir a verdade e muito pouca coisa de real sobrevive à sua morte. A irrealdade toma conta do assunto, a fantasia substitui os fatos reais e ficamos sabendo tudo, menos a verdade. Assim foi com Francisco de Assis e assim será com todos os santos, se nós não nos encarregarmos agora, já, de guardar como tesouro precioso o que vai ocorrendo. Chegou o apóstolo a dizer a respeito de Jesus que nem todos os livros que se escrevessem no mundo dariam para contar tudo o que Jesus fez.

Se contarmos de 1931 a 1972, Chico está com quarenta e um anos de mediunidade efetiva. Quanta coisa não ocorreu com ele que nós desconhecemos? Somente a menor parte é que vem ao conhecimento público.

Certa ocasião, escrevemos uma carta ao Chico dizendo que ele deveria no futuro, escrever um livro a exemplo de Madame d'Esperance, relatando todos os fatos referentes à mediunidade que ocorreram com ele. Seria em nossa opinião, enorme esclarecimento para os homens. Infelizmente, não cremos que ele faça isso. Pela sua humildade, se manterá silencioso. Nós, no entanto, não podemos nem devemos pensar no Espiritismo somente como religião, mas pensar nele também como ciência e a ciência precisa de ter fatos como base. Embora a religião também necessite de base, a humanidade aceifa-a apenas como revelação.

Tudo o que ocorreu com esse homem, o que ele sentiu e viveu espiritualmente será de imenso valor para a humanidade. Quanto a isso não há dúvida. E só ele poderia contar com intensidade e calor.

Há percepções que só o próprio médium pode revelar. Só ele percebeu, viu, conheceu e viveu. Insubstituível a sua revelação.

Há exemplos no mundo. Além de Madame d'Esperance, outros fizeram isso. Hoje já se compreende que o médium não tenha necessariamente que ser analfabeto. E só se pode receber, por exemplo, certo tipo de mensagem quando trazemos bagagem de conhecimento de outras vidas.

Chico possui todas as qualidades mediúnicas: psicografia, vidência, clarividência, incorporação, desprendimento, transporte, materializações, etc.

Enquanto escreve, seu espírito desprende-se do corpo e permanece na sala, no plano espiritual, conversando com outros espíritos, ou recebendo instruções; nessa hora pode estar recebendo, como já ocorreu, mensagens em duas línguas diferentes, inglês e francês, fato relatado pelos jornais e por um escritor espírita, se não nos enganamos, Carlos Imbassahy.

Isso tudo é importante, mas Rubens Romanelli me disse um dia, sigilosamente:

— Ranieri, sabia você que o Chico vê na intimidade das coisas?

— Não, não sabia.

— Pois fique sabendo que ele vê nas árvores tudo em movimento, ( interiormente, as moléculas, etc. e nos seres vivos orgânicos, as células.. .

Bem, ler o pensamento dos outros nós já havíamos presenciado, no entanto, essa notícia era nova. Microscópio Humano.

A mediunidade tem suas manifestações. À proporção que o espírito evolui mais facilmente penetra nos mistérios da Natureza.

Penetrar visualmente ou espiritualmente na intimidade dos seres, na sua contextura, é um novo sentido que dá ao homem um poder ilimitado quase no campo do conhecimento. E natural é que lhe imponha, por outro lado, imensa responsabilidade. Quanto maior o nosso conhecimento, maior a nossa responsabilidade. O nosso livre arbítrio está reduzido ou limitado à nossa ignorância ou ao nosso conhecimento. Quem mais conhece espiritualmente mais responsável se torna perante as leis de Deus. O fato de nós, através das percepções do espírito, conhecermos o mecanismo da natureza não nos permite revelá-lo àqueles que ainda não têm condições para saber sem virem a se confundir, assim como confundir a outros.

"É preferível que se lhe colocasse u'a mó amarrada ao pescoço e se o atirasse ao rio..." — afirmou Jesus.

Por isso, talvez, Chico silencie. É comum em meio a uma conversa, quando está fazendo alguma revelação, mudar repentinamente de assunto, sem maiores explicações.

O interlocutor quer saber o resto e não obtém mais nada. Presume-se que Emmanuel o impeça, interfira...

Nem todos podem sem graves prejuízos saber todas as coisas ou mesmo certas coisas. A mente humana não suportaria a carga e o homem enlouqueceria. A verdade deve ser oferecida à humanidade, gradativamente...

## SEMENTEIRA E LAVOURA

Em Chico Xavier distinguem-se muitas posições, como aliás, em toda a criatura.

A do homem é uma, a do médium, é outra.

Erram os que confundem o médium com o homem. Há os que supõem que o médium Chico Xavier nada sofre, que está acima do sofrimento; e há os que acreditam que ele tudo sabe, como se fosse Deus. Para o comum dos homens, poderia ser considerado um sábio, com aquela profunda sabedoria inata que lhe vem dos tempos imemoriais das reencarnações que se perdem nos milênios e das informações que lhe dão os espíritos. Daí, porém, a admitir-lhe a infalibilidade, a distância é muito grande. Infalível só Deus. Sofrer, sofre como qualquer um de nós. Por outro lado nem sempre acha conveniente invadir a seara alheia e destruir profissões como no caso da medicina.

Para ele, quanto para nós, os médicos são missionários com imensas responsabilidades. Receberam o título para servir o povo. O conhecimento que conquistaram se lhes dá o direito de ganhar a vida, lhes dá também o dever de atender os seus semelhantes. Na consciência médica deveria estar gravado permanentemente o juramento de Hipócrates. Na consciência de muitos está. Não de todos, mas de muitos.

Os espíritas como todos os homens sempre têm problemas. A vida que nos dá alegria e possibilidades de evolução, também engendra situações difíceis, na maioria dos casos, por culpa do próprio homem. Chico é visitado por milhares de criaturas que vêm de toda a parte do Brasil. Algumas até do estrangeiro. Todos lhe trazem problemas para orientar ou resolver. É claro que não resolverá todos mas orientará a todos, de uma forma ou de outra. Porta aberta para o Infinito recebe as inspirações que lhe vêm do Alto e retransmite ao consulente ou então com os próprios recursos de que dispõe diz o que pensa. O fato é que os necessitados são sempre ouvidos. Calmo, tranquilo, sereno, vai atendendo as multidões. É possível, que às vezes, o seu coração e a sua alma estejam sangrando por sofrimentos ou problemas sociais, todavia, ninguém percebe, porque ele sorri para um, conta uma história para todos, ampara outro.

Franciscanamente passa a vida e a vida por ele passa no dia a dia de levantar os seus semelhantes e sofrer com eles quando não há outra solução.

— Os pequenos grupos familiares reunidos em casa, onde se estuda e aprende o Evangelho — Ranieri — disse o bom amigo, certo dia — são a sementeira cristã. Os Centros Espíritas e as pregações públicas são a lavoura! Lá fora, pregamos o que aprendemos no aconchego das pequenas reuniões espirituais instaladas aqui ou ali...

Jesus — de vez em quando, afirmou ainda ele, ia orar no Horto e buscava a solidão. Outras vezes se fazia acompanhar de alguns amigos ou se reunia com os doze para dar-lhes instruções... Depois saía para a pregação às multidões.

Esse assunto veio à baila porque alguém dissera que era contra as reuniões espíritas dentro de casa. Que os espíritas deveriam ir para os centros espíritas. \*

Nós afirmávamos que as conversões, as transformações nunca se fazem nos centros, muito raro. Que em reuniões privadas se consegue muito. Há criaturas que se envergonham, inicialmente, de entrar num centro espírita antes de compreenderem a doutrina. A uma casa de um amigo vão. É lógico que o espírita deve ir pelo menos uma ou duas vezes por semana ao Centro para receber e para prestigiar ou para dar de si o que Deus lhe concedeu. Também nos tempos da Igreja Primitiva os cristãos se reuniam nas casas de alguns irmãos. Assim, vemos Paulo em suas cartas dizendo: recomende-me aos irmãos da Igreja que se reúnem na casa de Rhode...

A Igreja que se reunia na Casa de Rhode era o grupo cristão que ali fazia suas orações e ouvia a Espiritualidade. E a Igreja Primitiva nasceu nesses lares onde os apóstolos permaneciam por algum tempo. A sementeira e a lavoura.

Fortalecidos na sementeira, na intimidade de algumas poucas almas e corações, partimos com a charrúa para a grande lavoura do mundo onde o sofrimento, a dor, o desespero e a incompreensão esperam a nossa palavra como água pura e cristalina que caísse do Céu...

## DOR E ALEGRIA

O mundo é o planeta da dor — afirmam os espíritas. Os mansos herdarão a Terra — proclama Jesus.

Isto nos dá a ideia de que o planeta da dor, no final dos tempos,

alcançará a redenção.

Se os mansos herdarem a Terra deverão herdar uma Terra mansa e pacífica construída por eles mesmos.

Segundo a Espiritualidade, aproxima-se da Terra vertiginosamente um grande planeta, muitas vezes maior que a Terra, mais pesado, e que atrairá todos aqueles que não possuem ainda no coração e na alma a boa vontade e a fraternidade.

"No final dos tempos serão separados os bodes das ovelhas e o joio do trigo".

Conversávamos com o Chico sobre a alegria e falávamos da dor. Lembrava-nos Ramakrishna falando a seus discípulos, na pureza de seu espírito. Sua bondade atingia-nos a todos mas sua inteligência brilhava, talvez sob o influxo do pensamento de entidades superiores. Os assuntos iluminados por sua palavra prendiam-nos a atenção, uma historieta ou outra ilustrava a palestra.

— A dor — disse Chico — projeta-se verticalmente e a alegria se espalha horizontalmente. O sofrimento se lança para o Alto e por isso é mais fácil encontrar Deus na dor do que na alegria.

Chico falou e nossos olhos o acompanharam. Aquilo era uma revelação.

Chamamos de revelação a uma verdade que de repente é tornada conhecida dos homens e geralmente nos vem pelas vias espirituais.

De fato, na tempestade da dor o homem se ajoelha e procura Deus. Na ânsia de encontrá-lo, sabe que Ele está no Alto e volta os olhos e o coração para Cima.

A alegria, por sua vez, nos liga aos nossos semelhantes de uma certa forma. Ligação talvez passageira, todavia, capaz de unir os que encontram nela, quem sabe, a fraternidade?

Para que o espírito no homem nasça para as coisas espirituais deverá ele sentir as dores do parto e a glória da ressurreição.

A dor arrasta o ser verticalmente, o pensamento se eleva. A alegria é como flor que lançada nas águas de um lago produzisse ondas circulares.

Toda criatura irradia e produz ondas, emite raios, e projeta sons e cores.

As ondas são concêntricas. Os raios provavelmente partem em linha reta.

O sofrimento envia raios para o alto.

A ciência do futuro identificará todas essas coisas e dirá triunfante que descobriu. Como sempre não terá a coragem de dizer que muitos homens já sabiam.

A humanidade marcha.

Olhamos o Chico e vimos nos seus olhos o futuro do mundo.

## JEAN MANZON E DAVID NASSER

Conta-nos o Barbosa, Welson Gonçalves Barbosa, de S. João da Boa Vista\* que hoje o repórter brasileiro de "O Velho Capitão" tem o maior respeito por Chico Xavier.

O Barbosa é amigo antigo de David Nasser e parece que, homem de negócios e gerente de banco, que sempre foi, se encarregava e se encarrega ainda hoje, de zelar pelos assuntos administrativos do jornalista em S. João.

Relatou o escritor ao Barbosa o episódio ocorrido entre ele, Jean Manzon e Chico Xavier.

Isto tem muitos anos, mais de vinte.

Foi publicada extensa reportagem no O Cruzeiro, em que se procurava desmoralizar o médium. Cremos que seja a página mais triste da vida do jornalista David Nasser. Provavelmente, já sofreu muito por causa disso.

David Nasser e Jean Manzon foram a Pedro Leopoldo e procuraram Chico Xavier, o moço pobre e simples que conversava com os espíritos recebia os poemas e sonetos dos maiores poetas brasileiros e portugueses. Havia recebido o "Parnaso de Além Túmulo" 'e impressionara o Brasil inteiro. Flor singela e pura no Vale das Sombras e da Morte. David Nasser era o jornalista temido à busca de escândalo e sensacionalismo. Estava na mocidade, na força e na pujança de sua luta.

Chico Xavier era bom assunto, era notícia e não se sabe se o jornalista veio com outras intenções piores porque na época a Igreja Católica estava muito interessada na destruição de Chico Xavier. Não o encontraram na cidade e foram procurá-lo na Fazenda Modelo onde trabalhava sob as ordens de Rômulo Joviano como modesto funcionário.

Do local onde se encontrava Rômulo para onde estava o Chico e que era perto, havia uma linha telefônica. Conversaram com Rômulo Joviano e disseram que queriam falar com Chico Xavier, afirmando que eram jornalistas franceses. Para evitar qualquer comunicação, cortaram a linha telefônica.

Estiveram com o Chico, entrevistaram-no e declararam-se jornalistas franceses. Fizeram o que bem entenderam... Obrigaram-no a colocar-se em situações ridículas e fotografaram-no de todo o jeito. Depois, foram embora.

Chico ao se despedirem lhes doou dois livros.

Chegando ao Rio, David Nasser tomou do livro e começou a folheá-lo e surpreendeu-se ao ler uma dedicatória que o Chico escrevera mais ou menos assim: "Ao caríssimo irmão David Nasser...", etc. etc. Assombrado, ligou o telefone para Jean Manzon e disse-lhe:

— Jean, você dê uma olhada no seu livro e veja se há alguma coisa nele.

Jean Manzon examinou o livro que recebera do Chico e leu também espantado:

— Caríssimo irmão Jean Manzon. . . Como pôde ele saber quem eram eles?

De nada adiantara a história de jornalistas franceses. É bom notar-se que nessa época Jean Manzon e David Nasser eram quase ou totalmente desconhecidos...

É uma história interessante porque envolve nomes nacionais. Prova da mediunidade de Chico Xavier. Parece-nos até que foi a partir dessa reportagem que David Nasser e Jean Manzon iniciaram uma brilhante carreira jornalística... Lembremos Herodes e Pilatos que estando há muito tempo brigados, se tornaram amigos quando encontraram Jesus para julgá-lo.

O contato com o Mestre que a um nada respondeu e ao outro apenas contemplou quando este o interrogou dizendo:

— O que é a verdade?

Ele poderia ter respondido:

— Eu sou a Verdade! — mas não o fez. Guardou no silêncio da alma a resposta divina para que os séculos pudessem dizer:

— Ele é a verdade.

## SOLIDARIEDADE CRISTA

Na Natureza tudo de alguma forma se mostra solidário. As vezes, a solidariedade é feroz e destruidora. No entanto, existe a solidariedade. Os animais e as plantas — vivem do oxigênio do ar. As plantas alimentam-se por outro lado do mineral da terra. Muitos animais devoram as plantas para sobreviver. Os peixes maiores comem os peixes menores. O homem vive de todos eles. O sol colabora para a existência da vida.

No silêncio do entendimento universal o Mundo é um mundo só.

Apenas é uma quantidade mínima aquela que compõe a humanidade e que se entende.

No campo da compreensão humana — estamos com milênios de atraso.

Do fundo das origens emergimos para a luz da Espiritualidade Maior.

Chico conversava longamente. Dizia-nos coisas engraçadas e esclarecia com afirmações profundas.

Perguntava-nos, às vezes, como ia fulano, como estava sicrano, companheiros e amigos comuns que se encontravam em cidades próximas à nossa ou que tinham conosco e com ele, ligação.

Havia outros companheiros.

Olhos fixos nele, todos seguiam a sua palavra.

— Sabe, — fulano desencarnou... beltrano partiu... O Machado, você sabia? Também partiu. O Machado era "o namorado de todos.

— Olha — Ranieri, continuou o Chico, os amigos formam conosco como que uma imensa bexiga... Podem estar longe, distantes...

Da mesma forma que tocando na bexiga num ponto é como se se tocasse nela toda, nós também sentimos assim, se um amigo sofre, ou lhe acontece alguma coisa, estando longe, nós sofremos e sentimos como se fossemos nós mesmos...

Essas simples palavras nos revelaram muita coisa a respeito do Chico, que parecia mistério. Suas atitudes que parecem excêntricas... Tudo se explica. O problema da aproximação dele de algumas pessoas e o posterior afastamento, esclarece-se pelo fato de se admitir que seja orientado espiritualmente no sentido de não absorver o drama de cada um. Renovar as ligações de outras vidas é talvez atrair o cortejo de entidades que acompanha essas criaturas causando-lhe dificuldades no trabalho do Livro que é, na realidade, a sua obra mais importante.

"Aproximo-me das criaturas que amamos noutras existências e as reconheço como se fossem flores. Se dependesse de mim ficaria com elas para sempre. Mas não posso..."

"São flores maravilhosas de perfume inigualável... Mas não posso. .. Tenho que prosseguir..."

Palavras semelhantes a essas ouvimos de sua boca algumas vezes. Não deseja criar problemas para ninguém. Não quer perturbar a vida dos outros. Vem, vê, regozija-se com o encontro, sente o amor e o carinho e vai de novo na luta imensa de sua vida.

Se pudesse, ficaria para sempre. Mas não pode. Sua missão lhe manda prosseguir... E tem que prosseguir. A seu lado está Emmanuel que o adverte, que lembra, que fala.

Tudo é bom e tudo é tão belo, no entanto, o Cristo chama e pede. De braços abertos no madeiro da Cruz convoca o discípulo amado.

"Aquele que põe a mão na charrúa não pode olhar para trás..."

"Se olhar, não está apto para o Reino de Deus" porque o Reino de Deus é também reino de trabalho incessante.

Nós somos como uma imensa bexiga. Se alguém que amamos sofre, mesmo estando longe, nós também sofremos... Se está feliz, nós também nos sentimos felizes\_\_

Parece que no recesso da alma nós abarcamos o mundo inteiro e nós estamos no mundo e o mundo está em nós.

"Eu sou o viticultor e vós spis as uvas. Eu sou a parreira e vós sois as varas... Se as varas permanecerem na parreira darão muito fruto. Permanecei em Mim e produzireis muito fruto. Eu e o Pai somos Um".

Há na memória do tempo o eco imortal das palavras do Senhor que vivem em nós para sempre.

O Centro Espírita estava cheio. Reunião com o Chico. Muita gente de fora, especialmente do Rio e de S. Paulo.

Todos queriam falar com ele, perguntar coisas, consultá-lo ou contar-lhe histórias, relatar fatos. Sorria para uns, abraçava outros, aconselhava, orientava. De pé, sempre de pé. Atenção voltada para o problema do consulente, porém, prestando atenção a outros fatos que ocorriam no recinto, pois de vez em quando dizia uma palavra a alguém que conversava mais distante, esclarecendo ou dando um aparte no assunto... Capacidade cnimoda, fora do comum, às vezes, inexplicável. Como poderia ao mesmo tempo saber tudo, ver tudo, e esclarecer tudo?

Algumas pessoas, mais acanhadas, esperavam a sua vez.

Estavam organizando a mesa dos trabalhos e convidando pessoas para se sentarem.

Todos consideram uma grande honra e maravilhosa distinção sentar-se à mesa com o Chico. Semelham os escolhidos.

Nós chegamos com alguns companheiros, cumprimentamo-lo de longe e sentamos num banco.

Daí a pouco ele nos convidou para sentar à mesa.

— Não, obrigado, aqui mesmo está bom...

— Ranieri, vem, disse ele outra vez, sente-se aqui...

— Não, fico aqui mesmo...

— Ora, Ranieri, não banque o humilde não!

Levantei-me imediatamente e sentei-me à mesa. Sua palavra tocou-me fundo o coração porque naquela época eu sempre mantivera uma aparente humildade. Mas ele levantara o véu de minha alma. "Não banque o humilde, não".

De fato, eu nunca fui humilde. Espírito revoltado, teimoso, tenaz, mantinha uma impressão de humildade. No fundo, era orgulhoso e vaidoso. Ele me descobrira.

Vi que sabia muita coisa que estava em nossa alma. Ou via nossa alma por dentro ou conhecia mesmo o nosso espírito de outras encarnações. "Em verdade, Senhor, vemos que sabeis todas as coisas" — disseram os apóstolos a Jesus Cristo.

Nós nunca dêramos ao Chico a oportunidade de ver qualquer atitude nossa que denunciasse o espírito que éramos nós. Ele, todavia, lera-nos a alma.

Os apóstolos quando viram que Jesus lhes conhecia os pensamentos mais íntimos, exclamaram: Agora vemos que sabeis toda as coisas!

A capacidade de percepção do Chico é muito grande e as informações que recebe do mundo espiritual a respeito das pessoas lhe dão enorme superioridade sobre quase todos os homens. Por outro lado aumenta-lhe a responsabilidade. Muitas vezes, quando alguém lhe contava alguma coisa que ocorrera confirmando manifestações de sua mediunidade, ele respondera:

— Meu filho, isso aumenta a nossa responsabilidade... "Quando não conhecíeis a Lei, não tínheis pecado" — exclamara Paulo — mas agora que conheceis a Lei, estais em pecado.

Aquele que não conhece a Lei, queria ele dizer, não têm aos olhos de Deus, responsabilidade pelos atos e erros que pratica, mas depois que fica conhecendo a Lei e passa a saber o que é certo e que é errado, assume responsabilidade perante Deus e tem que responder por isso.

Estar conscientemente em contato com o mundo espiritual, ouvir, ver e conversar com os espíritos é aumento de responsabilidade porque com o conhecimento ficamos obrigados a respeitar as normas e ensinamentos.

Enquanto não conhecíamos Jesus nossas faltas não eram levadas em conta. Agora não, o que fizemos de mal pesará em nossa consciência como chumbo derretido.

Um dia, agora no futuro, seremos chamados a responder pelo que fizemos.

Inexorável é a Lei que ferida só se restabelece em nós pelo amor que cobre a multidão dos pecados.

## AS BARREIRAS

Quando nós conhecemos o Chico, tudo era muito fácil. Existiam, porém, já naquele tempo, pequenas dificuldades para chegar até ele, fora das reuniões públicas. Acontecia, como acontece até hoje, que muita gente queria vê-lo durante o dia, a qualquer hora. É lógico, que o Chico hoje é um homem de grande importância social. Procurado pelas multidões, geralmente sofredoras e necessitadas, que se compõem de criaturas de todas as classes, desde o mendigo e o alcoólatra até os milionários e os poderosos. Governadores e Presidentes comunicam-se com ele de alguma forma e fala-se de governadores que já o visitaram e de Presidentes da República que lhe enviaram mensageiros.

Os humildes e a classe média, todavia, é que constitui a grande maioria que se acotovela em toda a parte para vê-lo, para senti-lo, para tocá-lo, para ouvir-lhe uma palavra ou receber-lhe um sorriso. A sua palavra por menor que seja faz feliz muita gente e é levada para longe, para outros Estados, e repetida a cada instante como lição ou ensinamento.

Em Pedro Leopoldo era mais fácil conversar com ele fora de hora. Às vezes, era encontrado na rua. A cidadezinha com a maioria das ruas sem calçamento era um oásis para os peregrinos.

Aqueles que vinham do torvelinho das grandes capitais, acostumados ao povo em massa, ao movimento de ônibus e de carros, de bondes e de camelos, encontravam ali paz e tranquilidade. Na simplicidade da terra mineira, sempre com pouca gente, o sorriso do povo e o cumprimento a cada instante, porque o mineiro das cidades menores sempre cumprimenta a todos que encontra na via pública, deixava o carioca e o paulista encantados.

Minas Gerais da tradição religiosa e das recordações dos heróis da Inconfidência, sempre foi alguma coisa de diferente para os brasileiros. Sabia-se e ainda se sabe que tudo de incomum e de milagroso acontecia e acontece em Minas Gerais. Em muitas cidades de Minas se sente ainda a presença viva dos inconfidentes e dos bandeirantes como se estivessem por ali.

O Brasil Colonial e Imperial ainda vive nas ruas de Ouro Preto, Mariana, Sabará... Fernão Dias Pais, Borba Gato, Antônio Raposo, falam das Bandeiras. Tiradentes e Gonzaga, da Rebelião de Vila Rica.

Há no ambiente uma atmosfera cívica de Brasil puro que as outras cidades do Brasil não possuem.

A pureza e a simplicidade religiosa dos mineiros são conhecidas. Ainda hoje, o maior contingente católico, que visita, semanalmente Aparecida do Norte, é de mineiros. As Igrejas de Minas guardam no seu interior muita ternura e tradição religiosas. Parecem diferentes das outras igrejas do Brasil. Lembram, no silêncio e na solidão, velhos baluartes na luta contra a incompreensão humana.

Recordam-nos Anchieta do "Evangelho na Selva", de Varela, recordam-nos o verbo inflamado de Castro Alves:

"Nada turbava aquellas fronte calmas,  
Nada curvava aquellas grandes almas  
Voltadas p'ra amplidão...

No entanto elles só tinham na jornada  
Por couraça — a sotaina esfarrapada...  
E uma cruz — por bordão.

Eram eles que o verbo do Messias  
Pregavam desde o valle às serranias,  
Do Pólo ao Equador..."

Por essa sinceridade profundamente religiosa dos homens que vivem em Minas Gerais, talvez tenham surgido sempre ali os maiores médiuns brasileiros e ocorrido os fatos mais extraordinários. O Povo Hebreu recebeu Jesus em seu seio porque na verdade era o povo mais religioso da época. Deus, o Deus Verdadeiro, para eles estava acima de todas as coisas.

Quando Deus pediu a Abraão que sacrificasse Isaac, este não teve dúvida de levá-lo ao pequeno monte para ser sacrificado. Tão grande era a sua fé, que o Senhor permitiu-lhe que levasse o filho de volta.

Essa fé é que forma o ambiente propício a aproximação da Espiritualidade Superior. Também o pequeno Chico Xavier, ainda criança, acreditava firmemente em Deus e por algumas vezes viu o espírito da própria mãe que vinha consolá-lo.

Já em Pedro Leopoldo não era fácil falar com ele em particular. Trabalhava na Fazenda Modelo, preso ali desde as primeiras horas da manhã. Talvez fosse encontrado em casa na hora do almoço.

À tarde, quando voltava da Fazenda, sentado no velho carroção puxado a animais, atrás junto com os trabalhadores humildes, também poderia ser encontrado na rua. .. e era comum ser ele esperado à porta de casa por algumas pessoas...

Atendia-as na porta ou na rua. Às vezes encontravam-se em sua casa, lá dentro. Não tinha sossego.

Certa ocasião, o movimento aumentara tanto que ele não podia nem comer. Dizem que foi com uma marmita para o fundo de um terreno murado e ali ficou comendo no meio do mato. Um homem saltou o muro e veio invectivá-lo:

— Você não é o Chico Xavier? Não é o missionário? Porque está fugindo de mim? Quero falar-lhe! Preciso falar-lhe!

— Bem, mas eu também necessito de comer...

— Comer? Comer nada! Você tem é que atender o povo!

Chico foi obrigado a usar, fora de seus hábitos, de certa energia para que o homem o deixasse.

Por isso e por outras coisas havia certas barreiras.

Falava-se primeiro com André, com os seus cooperadores e companheiros mais chegados. Com o Lico, com a Luiza, sua irmã. ..

Geralmente, no início diziam que ele não estava. E podia ser verdade porque trabalhava na Fazenda, que era distante da cidade; seis ou nov© quilômetros. .. não me lembro bem. Mas deveria ser mais ou menos isso.

Voltava-se a falar, a pedir, e então era marcada a entrevista. Ainda hoje, em Uberaba procedem mais ou menos assim. Há sempre alguém que o ajuda e protege. Se não fosse esse cerco, já teria se acabado.

Verdade é que na hora da reunião estava sempre lá e atendia como atende a todos.

Não é um homem livre, é escravo do trabalho espiritual e servo de todos os homens. Vive prisioneiro. Como Paulo poderia exclamar: Eu sou prisioneiro de Cristo!

Preso por amor. N'Ele encontra a sua alegria.

É preciso que se compreenda a sua situação. Tem necessidade de paz e descanso.

Um dia lhe perguntei:

— Chico, o Newton Boechat me disse que você iria receber um novo romance histórico, "Inácio de Antióquia", é verdade?

— No momento, Ranieri, não é possível. Você não sabe que para receber uma obra dessas, eu preciso de ficar segregado?

— Mas vai não ou não receber?

— Bem, Inácio de Antióquia é uma figura maravilhosa dos primeiros tempos do Cristianismo e que teve uma vida semelhante à de Paulo. Lutou pelo Evangelho, sofreu e glorificou-se. Eu, porém, agora não tenho possibilidades de receber a obra. Irei recebendo, por ora, as mensagens.

De fato, obras como "Paulo e Estevão", "Há Dois Mil Anos", "Ave, Cristo!", exigem tranquilidade de modo a que o espírito do Chico possa dar um mergulho no passado.

Diz Hemingway, o grande romancista de "Por quem os sinos dobram?" e "Adeus às Armas", que a pior coisa que pode acontecer a um escritor é receber visitas demoradas... E Hemingway era um grande amante de visitas. Sua casa estava sempre cheia de gente. Amigos entravam e saíam ruidosamente. No entanto, compreendia ele que o escritor precisa de tranquilidade para escrever. Imaginemos então, de que serenidade não necessita um médium para poder reviver histórias que aconteceram há mais de dois mil anos?

E a vida do Chico é uma vida disciplinada. Trabalha desde às primeiras horas da manhã até à noite e a nova madrugada e quando vai para casa, às vezes, duas a três horas da manhã, ainda vai ver alguma coisa...

A obra do Livro é a sua obra maior. A ela deve dar ainda o resto de seus dias...

Sua vida não pode e não deve ser invadida a todo o instante. Para a felicidade dos homens deve ser protegida. Quanto mais viver mais produzirá. Tesouro inesgotável de sabedoria exige de nós amor e entendimento. Quem quiser ajudá-lo deve primeiro compreender essas coisas. .. É tão pouco o de que ele precisa e é tanto o que ele dá... Colaboremos, compreendendo-o.

É a melhor e a mais fácil maneira de amá-lo.

## PREGAÇÕES COM O CHICO

Pedro Leopoldo lembra-nos o passado com intensidade. Havia no ambiente da cidade um clima diferente das outras'. Não sei se é a distância no tempo que nos faz pensar assim... Sentíamos por toda a parte um ar santificado e a simplicidade do povo. Talvez fosse como Jerusalém no princípio. Havia aquela impressão profunda de Cristianismo Primitivo. É como se víssemos os anjos e os espíritos andando pelas ruas e os cristãos de novo confabulando.

O Centro de Chico Xavier, o Luiz Gonzaga, era uma casa simples e pobre, ao lado de sua casa cor de rosa desbotada, também uma casa humilde. O salão de reuniões era muito pequeno. Mal dava para conter a mesa com um banco comprido onde se sentavam o Chico e os oradores e mais três bancos, apenas em frente, onde se sentavam aqueles que o buscavam. U resto ficava em pé, acotovelados por ali. Creio que se aglomeravam no estreito salão cerca de setenta pessoas nos dias em que estava mais cheio. Alguns ficavam olhando da porta...

A pobreza era a maioria. Gente simples que vinha buscar uma receita...

Os que não eram pobres em geral desejavam mais uma orientação espiritual sobre problemas íntimos ou de pessoas da família. Além das mensagens, Chico, antes ou depois da reunião, lhes dizia uma palavra direta. Aquele semblantes tristes tornavam-se menos tristes. Alguns saiam felizes, com uma nova esperança.

Estivemos ali falando algumas vezes. Chico ao nosso lado psicografando.

O banco tosco sob nossas pernas, quando de pé, nos obrigava a falar com elas semi-encurvadas por estar a mesa muito encostada a nós, por falta de espaço, e o banco já na parede. Era difícil. Tudo apertado tudo pequeno, e muita gente de mais para o local. Assim mesmo falava--se com entusiasmo. Sentia-se no ambiente intensa vibração e os espíritos nos tocavam a cada passo. Médiun também, percebíamos as entidades à nossa volta. O ambiente estava santificado. A mão gorda do Chico corria vertiginosamente sobre o papel. Um maço enorme de papel jornal. Diziam que uns amigos do Rio e de S. Paulo lhe mandavam de presente, todo ano, um caixote de papel para receber mensagens e escrever livros. O Sampaio e o Gonçalves.

Chico sempre sereno e sempre risonho como se a felicidade houvesse feito morada na sua alma.

O seu abraço era sempre quente. Via-se-lhe a alma pura nos olhos e no sorriso. Um dos olhos já afetado por enfermidade. Semi-branco denunciando talvez uma catarata. Os espíritos segundo constava, lhe disseram que no fim da vida ficaria cego e aí então começaria a receber música dos Grandes Mestres: Chopin, Beethoven, etc. Ficava-se penalizado de imaginá-lo um dia cego, mas confortado de saber que o mundo ganharia maravilhosas melodias espirituais. Isto ocorria por volta de 1945, 1946...

Já se passaram vinte e seis a vinte e sete anos e nunca soubemos que Chico lidara com música, a não ser aquela cena de contratar professora para ensinar-lhe música e que vem em O SANTO DOS NOSSOS DIAS, até que um amigo chamado Getúlio nos contou um fato concreto, que relataremos em capítulo à parte.

Podemos, no entanto, calcular o que não serão para todos nós as melodias que forem recebidas pelo Chico!

Ê verdade que atualmente surgiu na Inglaterra uma médiun que pouco sabia de música ou nada sabia, simples dona de casa, e que vem recebendo música dos Grandes Mestres. Chopin está permanentemente com ela e tornou-se um espírito familiar, segundo ela diz.

Há mais de doze anos, nós vínhamos dizendo ao João Cabetti que à sua volta sempre víamos Ligt, Beethoven e outros espíritos... Era comum também vê-los em nossa casa. No entanto, todas as vezes que o Cabetti tocava piano, nós víamos alguns deles. Cabetti ria e não “acreditava, muito embora suas mãos se enregelassem e ele entrasse num estado diferente, passando a compor músicas espiritualizadas, absolutamente diferentes de tudo o que já se compôs no mundo”.

Falavamos-lhe:

— Cabetti, os espíritos desses músicos estão procurando na Terra um médium que possa recebê-los. Ainda não o encontraram. Quanto encontrarem, você verá.

Realmente, a médium inglesa vem fazendo sucesso, tendo terminado a Sinfonia Inacabada, de Schubert, entre as notáveis obras que recebeu, já havendo se apresentado segundo notícias da Imprensa, na BBC, de Londres, por diversas vezes.

Nossa clarividência foi, pois, confirmada.

Isso não impede que Chico Xavier receba os músicos. Poderá recebê-los escrevendo a música ou tocando em qualquer instrumento e de modo especial ao piano.

Acreditamos sinceramente que o nosso mundo necessita de música espiritual. Não poderiam os Mestres da Música ficar à parte neste movimento de renovação espiritual da humanidade.

A simplicidade do Centro Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, o primitivo, atraía não só o povo mas também os Espíritos Superiores.

Chão de tijolo, porém muita limpeza. Na mesa rústica e grande havia em todas as reuniões uma toalha muito limpa e muito branca, parece-nos que bordada a crivo e engomada e uma jarra ou vidro com flores frescas. Mulheres simples lavavam e tratavam o pequeno salão com carinho. A limpeza era impressionante.

Pela mão do grande médium desfilavam Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Antero do Quental, Casimiro Cunha e quase todos os poetas brasileiros desencarnados.

Humberto de Campos com o mesmo sentimento de humanidade e o mesmo amor aos humildes.

Emmanuel, espiritualmente, tudo dirigia e controlava. Era com reverência, respeito e carinho, que se ouvia no final da reunião, a mensagem da noite transmitida por ele. Bezerra de Menezes e Pethion de Vilar atendiam o receituário, amparando os enfermos.

E poderíamos dizer como o poeta:

Em tudo havia o mais profundo amor.

## SEM ANZOL

Na retina do tempo, o passado ressurgue como se nós já não pertencêssemos a este mundo. Parece-nos contemplá-lo através de uma névoa. Lá embaixo, a Terra. Nós não somos mais deste mundo. Somos simples espírito e vemos tudo o que nos ocorreu. Uma imensa e profunda saudade enche-nos a alma. Tudo passou... Nada nos resta senão observar o que fizemos e o que deixamos de fazer. O espírito será julgado muito mais rigorosamente pelo bem que deixou de fazer na Terra, do que pelo bem que realizou.

"Fazei todas as coisas, fazei tudo o que tendes a fazer, e depois declarai-vos servos inúteis, porque fizestes apenas o que devíeis de fazer". — Essas as palavras duras do Senhor.

Chico sempre foi procurado por todos, velhos e jovens. Todos ficam a ouvi-lo profundamente interessados. Aquela sua alegria, como um raio de luz e um clarão de sol, penetra todas as almas.

Como Sócrates e como Roberto Carlos, atrai a juventude. Os jovens veem nele uma mensagem nova e autêntica. A sabedoria que promana-lhe dos lábios, do coração e do espírito, fascina-os. As mensagens que vêm do outro lado da vida, interessa-lhes prodigiosamente. Ouvir coisas que para nós são extraordinárias, saber de algumas reencarnações, compreender que entre os dois mundos está estendido um fio capaz de ligar os mortos e os vivos, é realmente algo de maravilhoso!

E eles vêm e vão como pássaros que buscam a luz e retornam em revoadas. Muitas vezes os moços estão desiludidos. Já era assim na época do romantismo. Os Grandes Poetas da raça expressaram essa realidade. Sentiram esse drama e viveram esse tormento. Álvares de Azevedo, o poeta que morreu aos vinte e um anos.

Se eu morresse amanhã,  
Viria ao menos fechar meus olhos  
Minha triste irmã.

Minha mãe de saudades morreria,  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de vida e que amanhã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida...  
À sombra de uma árvore  
E escrevam nela:  
Foi poeta, sonhou e amou na vida!

Casimiro de Abreu, com vinte e três anos:

Há dores fundas, agonias lentas,  
Dramas pungentes que ninguém conhece  
Ou suspeita sequer!  
E o grande Fagundes Varela atravessa a noite com um grito de  
angústia:

Teto caiste! — Crença — já não vives!

Castro Alves, com vinte e quatro anos:

Quando eu morrer, não lancem meu cadáver  
No fosso de um sombrio cemitério!  
Odeio o mausoléu que espera o morto  
Como o viandante desse hotel funéreo!

Todos eles traziam na alma a desilusão e a morte. O Romantismo é um estado de espírito. Acreditamos que a nossa época seja eminentemente romântica. Houve uma volta do Romantismo. A atitude atual da juventude diante do mundo e da sociedade é absolutamente romântica. O colorido das roupas, o extravagante das cores e os brincos usados pelos homens, os longos cabelos deles, o desafio às ideias e à maneira de viver habitual, tudo isso denuncia o mais extremo romantismo. Nossa mocidade que ama a música diferente, antitradicional, mas que também ama a música clássica. Que quer a pintura sem normas e que ama os grandes pintores do passado, que exige uma arte sem limitações e sem amarras, não faz mais do que fizeram os nossos mais ardentes poetas românticos. Álvares de Azevedo reunia-se em S. Paulo com os amigos em farras que escandalizavam a sociedade e George Sand já se vestia de homem e frequentava as rodas elegantes de Paris há mais de um século!

"Não há nada de novo debaixo do sol!" — exclamava Salomão.  
"Vaidade das Vaidades, tudo é vaidade!"

A roda das civilizações gira, vai e volta, retorna aos mesmos pontos. Há os que acreditam que ela se processa em espiral. Há no Homem e há na Humanidade ascensões e quedas, retorno e progresso.

Chico atrai a todos, assim como a luz atrai as mariposas e os gênios exercem influência sobre as criaturas que vibram com eles no mesmo ideal.

Alguns moços visitavam Chico em Pedro Leopoldo. Queriam se distrair aos domingos e convidavam-no para ir pescar. Na sua bondade, Chico ia. Voltava sempre sem peixe. Um dia, estranhando o fato, alguém foi verificar a sua Unhada e viu que não tinha anzol...

Jesus também pescava sem anzol. Dizia aos discípulos: "Lançai ali as vossas redes" e eles as lançavam e logo após as içavam carregadas de peixes.

— Vedes como pescais peixes e em quantidades? — observou-lhes, porém, o Rabi. Sei que sois pobres pescadores, mas vinde após mim e Eu vos farei pescadores de almas porque Deus vos chamou para pescar e arrastar para o seu Reino aqueles que amam a sua Palavra.

E eles foram e se tornaram pescadores de almas...

Chico também, pescando com aqueles moços, sem anzol, conseguiu transformar alguns em pescadores de almas nessa Era da Ressurreição no Espírito.

"Vinde e Eu vos farei pescadores de almas e a cada um darei de beber a água da Vida Eterna e vos darei de comer o Pão Divino da Imortalidade porque Eu e o Pai somos Um".

## TRÊS MILHÕES DE EXEMPLARES

Nenhum escritor brasileiro entre os maiores viu sua obra por mais notável que tenha sido, atingir três milhões de exemplares.

Chico Xavier em vida está assistindo esse acontecimento. Sua obra que nasceu com o Parnaso de Além Túmulo, cresce dia a dia, hora a hora. Todos os anos são publicados dois, três, cinco e até seis livros. Nenhum escritor jamais, que saibamos, produziu assim. Todo esse material é consumido sofregamente, ansiosamente, pelos leitores. Espera-se o novo livro de Chico Xavier com ansiedade e quando chega vende tudo. Milhares são aqueles que possuem os seus livros em coleções maravilhosamente encadernadas. Por exemplo —, em 1931 foi publicado o Parnaso de Além Túmulo. Em 1935, um livro. Em 1936, um. Em 1937, dois. Em 1938, quatro. Em 1939, dois. Em 1940, três. Em 1941, três. Em 1942, dois. Em 1943, dois. Em 1944, um. Em 1945, três. Em 1946, sete. Em 1947, três. Em 1948, três. Em 1949, dois. Em 1950, três. Em 1951, três. Em 1952, quatro. Em 1953, dois. Em 1954, três. Em 1955, um. Em 1956, um. Em 1957, três. Em 1958, dois. Em 1959, dois. Em 1960, três. Em 1961, dois. Em 1962, seis. Em 1963, dois. Em 1964, seis. Em 1965, três. Em 1966, dois. Em 1967, três. Em 1968, quatro. Em 1969, cinco. Isto num total de dois milhões trezentos e um mil exemplares. De 1969 para cá as edições continuam crescendo, com novos livros, tendo atingido quase três milhões ou ido além dos três milhões, porque nos faltam dados agora para melhor esclarecimento. As últimas notícias davam o acontecimento por volta dos três milhões.

Nem os maiores escritores brasileiros atingiram tal cifra. As edições de Humberto de Campos que foi um dos maiores escritores brasileiros e dos mais lidos, era no máximo de três mil exemplares ou quando muito de cinco mil. As do Chico são geralmente de dez mil, quinze mil e vinte mil, sendo que se repetem todo o ano, enquanto Humberto demorava a ver nova edição de livros seus. Machado de Assis, Alencar e outros tiveram belas edições pela Garnier, de quinhentos exemplares apenas. É verdade, que em nossos dias temos Jorge Amado em edições enormes, mas não se repetem com a mesma regularidade e velocidade, nem o mesmo número de livros que o impedem de atingir o número fantástico dos milhões de exemplares que apresenta Chico Xavier.

Creemos que este fenômeno ainda não foi bem focalizado pela Imprensa Brasileira. E acreditamos, sinceramente, que no dia em que a Imprensa do Brasil se der conta desse fato, Chico já atingiu de seis a sete milhões de exemplares. É preciso saber que os livros americanos quando atingem nos Estados Unidos um milhão de exemplares se tornam best-sellers no mundo.

Chico apresenta coisas interessantes. Por exemplo, até 69, Emmanuel, que é seu guia espiritual, já tinha visto publicados 647.000 exemplares de obras sob o seu nome e André Luiz, 662.000. Estes dois Autores Espirituais, portanto, já naquela época somavam 1.309.000 de exemplares, totalizando 39 títulos.

Todos estes dados estamos recolhendo do "Catálogo Geral das 100 obras de Chico Xavier", redigido e coordenado por Stig Roland Ibsen e Edith Nóbrega Canto Ibsen, publicação de fevereiro de 1970.

Há de se notar a variedade de assuntos tratados em seus livros: poesia, romance, obras filosóficas, orientação moral, científica, etc. etc.

A multiforme atividade literária e doutrinária de Chico é impressionante. Ao mesmo tempo que lança um livro de cunho nitidamente evangélico assinado por Emmanuel publica obras de incursões científicas escritas por André Luiz e deixa vir a público uma Antologia de Sonetos ou um volume de Trovas, como seria o caso da "Antologia dos Imortais" e "Trovadores do Além". Olavo Bilac ao lado de Cornélio Pires e Fagundes Varela em frente a Augusto dos Anjos! E em meio a tudo isso, mensagens familiares, receitas para os enfermos, passes, água fluídica, conselhos diretos e verbais aos aflitos, reuniões públicas, reuniões privadas, reuniões de desobsessões, peregrinações, sopa para as crianças pobres, programas de Televisão, autógrafos em livros, tardes de autógrafos e viagens... viagens... viagens!

Um mundo de fatos, acontecimentos e pessoas que o rodeiam. E dentro desse turbilhão, em meio a milhares de cartas que lhe vêm de toda a parte do país, para responder, escreve livro após livro, escreve, escreve:

Poderíamos recordar o soneto de Bilac:

Longe do estéril turbilhão da rua, Benedictino, escreve! No aconchego Do claustro, na paciência e no sossego, Trabalha, e teima, e lima, e sofre e sua!

Apenas teríamos que Chico escreve no turbilhão mesmo, no meio do povo, sem claustro e sem sossego.

Trabalha, sofre e sua, mas não lima porque em geral, os espíritos já lhe transmitem as páginas perfeitas. Em casos especiais, tendo em vista velocidade com que correm a sua mão e o lápis, é que, depois, terá que emendar uma palavra ou outra. Muito raro. Algumas vezes, o espírito comunicante tem que lhe ditar de novo uma ou outra palavra que foi escrita ilegível.

As condições de escrever, para ele, no Centro Espírita é diferente de todas as condições de escrever de todos os outros escritores e poetas brasileiros. Os poemas e o sonetos saem-lhe através da mão a jato, perfeitos, corretos, incluindo rima, ponto e tudo o mais. A sua obra é perfeita, não só do ponto de vista gramatical e literário, mas também como um edifício que fosse construído dentro da mais perfeita arquitetura. É um conjunto harmônico e tem começo, meio e fim. Termina--se a leitura de um livro com tristeza de vê-lo acabar. A luz da Sabedoria brilha ali como um cofre aberto de diamantes que faiscassem...

Pedras preciosas refulgem, ouro, incenso e mirra... Longe do estéril turbilhão da rua, Benedictino, escreve!

Colocou-se a serviço da humanidade.

Sua mente sob a força mediúnica das mentes desencarnadas vibra intensamente e ele produz com fortaleza e amor.

Os anos vão passando assim como o rio que corre permanentemente. Águas serenas descem com prodigiosa força e vão refletindo as paisagens, o céu e as estrelas que o envolvem e rodeiam. Cada livro traz o pensamento da Espiritualidade, fundamentalmente o mesmo por pregar o Reino de Deus, porém sob forma, roupagem e manifestações diferentes por abordar os mais variados aspectos da vida humana e espiritual. Cada espírito que fala tem a sua linguagem própria e o seu modo de ser. Emmanuel não se confunde nem em estilo, nem em pensamento, nem em substância com André Luiz. Um é o apóstolo do amor, o outro, é o apóstolo da Ciência. Ambos, no entanto, abrem as portas que conduzem ao Cristo.

Se Chico fosse apenas escritor, com a obra que já produziu seria o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

## A CRUZ

Suzana Mousinho, oradora evangélica, espírita, residente no Rio de Janeiro, e que percorre o Brasil realizando conferências espíritas, esteve em Guaratinguetá na noite de 30 de setembro de 1972, ontem, onde realizou uma palestra na Inauguração do Centro Espírita Diógenes de Medeiros.

Ficamos a ouvi-la de pé, na entrada da porta, o tempo todo. Após, conversamos com Suzana Mousinho, admirando-lhe além da belíssima dentadura de dentes como pérolas, o sorriso bonito de nortista e a palavra quente e fácil de criatura acostumada a lidar com as Escrituras Sagradas.

Falara-nos sobre o apóstolo Pedro e discorrera com carinho e amor dizendo-nos das suas fraquezas. Recordou-nos o Calvário como quem recorda velhos tempos e revive acontecimentos que retornam do fundo dos séculos. Ouvimo-la interessados nas passagens evangélicas nas quais apareciam a cada passo os homens rudes que seguiram Jesus e sentindo em suas palavras a Mensagem do Mestre que partira do mundo pelos braços da Cruz.

Amiga de Chico Xavier, do companheiro querido, que luta na Terra pela libertação espiritual dos homens, contou-nos alguns casos interessantes que grafamos na memória integral e que haveremos de guardar para sempre. Entre esses casos, ressaltou-nos que esteve no Hospital com o Chico, quando este foi operado. Chico, muito amigo, quando vai ao Rio, costuma ficar em sua casa ou então em casa que ela possui, em Petrópolis. Unidos por laços espirituais do passado é uma alegria o reencontro.

Chico foi operado três vezes, segundo ela, e lhe pediu sempre que lhe fizesse o favor de pedir às pessoas que estivessem no quarto do hospital que se retirassem caso ele fosse anestesiado. Tinha recoio de dizer coisas inconscientemente, que não lhe fosse permitido revelar.

Ele foi anestesiado, disse ela, o que ocorreu é que a todo o instante se dirigia a espíritos que vinham visitá-lo e cumprimentava-os, falando com eles.

Diz ela que acordado, Chico fixava muito um crucifixo que havia na parede do quarto. Jesus pregado na Cruz. Olhava-o e verificava que o crucifixo estava todo iluminado com luz espiritual.

Implicado com o caso, perguntou a Emmanuel porque estava o crucifixo assim iluminado e Emmanuel lhe respondeu:

— São as preces dos enfermos que ficam neste quarto e as preces das pessoas sinceras que vem visitá-lo e que voltam quando oram o seu pensamento para esta cruz.

Chico admirou-se com o esclarecimento e compreendeu.

Isto quer dizer mais uma vez que a oração é um poder que se irradia e mais do que isso, que emite vibrações eletromagnéticas ou de natureza parecida que projetam partículas, provavelmente atômicas, que se fixam para onde nós as dirigimos. Ali, naturalmente, do mesmo modo que o rádio ficaria despreendendo partículas ou emitindo radiações que despertariam q interesse de entidades dedicadas ao bem para o caso do enfermo. Talvez mesmo radiações viessem a beneficiá-lo diretamente. A Prece é um poder. O poder do amor e o poder do Espírito.

Suzana Moutinho contou-nos a história. A noite ia alta e o piano sob as mãos leves do Cabetti ressoava recebendo as inspirações suaves que os espíritos transmitiam ao pianista. Os acordes espirituais iluminavam a música com clarões imprevistos e como coroas de rosas de todas as cores que descessem nas águas de um rio sereno, rodopiando na dança sem fim.

## DIZIAM QUE NÃO ERA ELE QUEM ESCREVA OS LIVROS

Nosso pensamento volta ao passado. Muita coisa aconteceu. Nossos caminhos tomaram outra direção mas de vez em quando parecia-nos entre o milharal ver um lenço branco de paz que nos acenava e nós lhe respondíamos com outro lenço de paz.

— Ranieri, quando há afinidade entre as criaturas é como um pano branco e puro que fosse tecido — disse o Chico —, e nos deu como presente um pedaço de cetim branco e brilhante.

O trem corria para Pedro Leopoldo, trenzinho bitola estreita, se não me engano, da Rede Mineira de Viação.

O barulho das rodas nos trilhos enchia-nos a alma e os ouvidos com o blá-blá blá — plec-plec-plec — bláblá-blá...

Lá fora, de vez em quando, pintando a paisagem, uma fazenda velha, o curral, o gado... o estrume. .. à margem da estrada, o lavrador que parava olhando o trem. . . galinhas .... porcos. .. estações que apareciam e desapareciam.

Blá-blá blá...

Plec-Plec-Plec...

A claridade do dia.

Nós, no entanto, conversávamos com o Chico.

De pé, no trem. Às vezes, assentávamos. Chegava alguém, uma mulher carregada, um velho, cedíamos o lugar. Novamente, de pé... revezamento. Alegria. Gargalhadas. Histórias engraçadas e espirituais. Nossos olhos brilhavam na euforia cristã.

Trenzinho gostoso! Não chegava nunca. Estávamos satisfeitos com a demora. Quanto mais demorasse mais ficaríamos conversando com o Chico, longe de tudo, longe de todos. .. A paz que reinava entre nós semelhava aquele tecido branco, brilhante, puro, que estava em minhas mãos...

Máquina poderosa de projetar, nossa mente ativa a memória que desperta as recordações, a mansidão do Chico e o seu olhar cheio de paz cristã.

Também, na velocidade daquele trem, estamos atravessando o mundo. Cada dia nove acontecimentos... a cada hora... a cada instante ...

Corria a notícia de que não era Chico o escritor de seus livros. Nessa época, a Igreja era muito contra Chico Xavier. Católicos exaltados davam entrevistas em jornais. Homens às vezes de grande projeção. Outros, tão importantes quanto eles, defendiam Chico. Travavam-se polemicas pelos' jornais, falava-se nas ruas do caixeirinho de Pedro Leopoldo que recebia Humberto de Campos. ..

Insistia-se em propagar a notícia falsa de que um intelectual de grande cultura, possuidor da maior biblioteca do mundo, vivia oculto em Pedro Leopoldo e era ele quem escrevia os livros...

Chico sorria. Aquelas mãos gordas que nós contemplávamos escrevia obras de profunda simpatia humana. Delas fluía a linfa que dessedentava milhares de criaturas... O pensamento da filosofia cristã com as respostas sinceras às preocupações científicas dos homens daí recebia o esclarecimento necessário. Da humildade de sua condição social saltara para as páginas da Imprensa Brasileira e tornou-se famoso.

Falava-se dele, discutia-se, esbravejava-se... Sua obra, porém, permanecia de pé como o carvalho que desafia o tempo e o monte de pedra que recebe no dorso relâmpagos e tempestades...

Ora, a existência de tal personagem, jamais se comprovaria. Depois, quem iria escrever livros notáveis e dar para que outrem colocasse o seu nome e se tornasse famoso? Além disso, esses livros vendidos rendem milhões de cruzeiros que tornariam qualquer escritor rico e não seria o caso de um tal homem desprezar. Livros traduzidos já para numerosas línguas e que em breve dominarão o mundo? Fama, riqueza, glória! Tudo isso devia ser desprezado por um homem muito inteligente, genial, que viveria na sombra enquanto que o Sr. Chico Xavier ia cada vez crescendo mais e alcançando a mais alta posição jamais conquistada por um escritor!

Há ainda o fato de que as mensagens e poemas ou sonetos que compõem esses livros terem sido escritos à frente do público nas reuniões públicas do Centro Espírita onde trabalha o Chico ou então em grandes assembleias às quais comparece. Atualmente, 1973, até na Televisão.

Agrippino Grieco assistiu à transmissão de mensagens maravilhosas de Humberto de Campos e sonetos de Augusto dos Anjos, escritos na maior velocidade, debaixo de seus olhos e na presença de duas mil pessoas, como se lê às páginas 64, 65, 66 e 67 de "A Psicografia Ante Os Tribunais", de autoria do advogado de defesa de Chico Xavier, Miguel Timponi.

Diz Agrippino Grieco:

"Nisto, o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte folhas de papel, destinadas à escritura do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição do texto. Rubriquei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lápis com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rasistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. À proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixara o lápis do Chico.

Primeiro, um soneto atribuído a Augusto dos Anjos. A seguir, percebi que estavam em jogo, bem patentes, a linguagem e o meneio de ideias peculiares a Humberto de Campos. Dirão tratar-se de um à la maniére de, como os de Paul Reboux e Charles Muller".

E ainda afirma o grande crítico literário:

— "O médium Francisco Cândido Xavier escreveu isto do meu lado, celeremente, em papel rubricado por mim. A atenção que lhe dei e a leitura que fiz em voz alta dos trabalhos por ele apresentados com as assinaturas de Augusto dos Anjos e Humberto de Campos, não importam em nenhuma espécie de adesão ao credo espírita, como fiz questão de esclarecer naquele momento. Sempre fui movido por sentimentos de catolicidade, graças à educação recebida na infância, mesmo sem ir a extremos de clericalismo radical. O meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" 'aí está a testemunhar quanto me merecem os grandes autores da Igreja. Mas q certo é que, como crítico literário, não pude deixar de impressionar-me com o que realmente existe do pensamento e da forma daqueles dois autores patrícios- nos versos de um, e na prosa de outro. Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller, julgo difícil (isso o digo com a maior lealdade) levar tão longe a técnica do pastiche.



AGRIPINO GRIECCO e o Poeta mineiro ALENCAR (Da coleção do Autor)

De qualquer modo, o assunto exige estudos mais detalhados, a que não me posso dar agora, nesta visita um tanto apressada à formosa terra de Minas.

— "O assunto é complexo, requer uma série grande de coeficientes de ordem religiosa, intelectual, literária etc, sob a ação dos quais deve ser analisado, mas, assim mesmo, nunca deixa de ser interessante".

"Assim, nada mais tenho a acrescentar senão repetir algumas palavras sobre a profunda emoção que me assaltou ao ler as referências da mensagem de Chico Xavier, feitas a mim e atribuídas a Humberto de Campos. Íntimos, num contacto cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amizade intensa e mútua. Agora, anos após a sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as ideias e o estilo, e da maneira extraordinária porque o foi".

"O que me não deixou dúvida, sob o ponto de vista literário, foi a constatação fácil da linguagem inconfundível de Humberto na página que li.

Como crítico, se sem que eu conhecesse sua procedência, má houvessem apresentado, tê-la-ia atribuído ao autor de "Sombras que Sofrem", "Crônicas", "Memórias", e outras inúmeras preciosidades das nossas letras contemporâneas".

"Quanto a mim, não podendo aceitar sem maior exame a certeza de um pastiche, de uma paródia, tive, como crítico literário que há trinta anos estuda a mecânica dos estilo, a sensação instantânea de percorrer um manuscrito inédito do espólio do memorialista glorioso.

"Eram em tudo os processos de Humberto de Campos, a sua vontade de parecer austero, o seu tom entre ligeiro e conselheiral, alusões à Grécia e ao Egito, à Acrópole, a Tirésias, ao véu de Isis muito ao agrado do autor de "Carvalhos e Roseiras". Uma referência a Sainte Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre do gosto e clareza que Humberto não se cantava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a ler a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: "É Humberto puro"!

Ora, só estas afirmativas de Agrippino Grieco, figura admirada e respeitada da intelectualidade brasileira, crítico dos mais sérios e o maior crítico literário dos últimos tempos, no Brasil, chegam para destruir qualquer fantasia. Absurdo supor que outrem escreveria a obra monumental que Chico Xavier vem escrevendo. O historiador mineiro Lúcio dos Santos levantou a questão de que em "Há Dois Mil Anos", se falava de um senador e presidente da Judéia, Publius Lêntulus, que nunca existiu.

Ficou facilmente comprovado para vergonha e vexame do historiador, que, muito preocupado com a própria religião, se esquecera que a carta célebre que foi escrita a Tibério sobre Jesus e que se encontra no Vaticano foi escrita por Publius Lêntulus Sura, representante de César entre os judeus.

O que realmente ocorre é que a produção literoreligiosa, filosófica e científica de Chico Xavier é tão intensa pela qualidade: e quantidade quão espantosa pela variedade de estilo e assuntos, que assombra. Tão extraordinária que não podendo desmenti-la, inventou-se que seria escrita por outro.

Esse fato, porém, já caiu em total esquecimento. Não se fala mais no assunto, mas na época provocou polêmicas na Imprensa Mineira.

Lembramo-nos do fato, lemos nos jornais na ocasião, apenas não nos recordamos do homem que defendendo Chico, demonstrou de público a ignorância ou má fé de Lúcio dos Santos.

Também duvidaram de Jesus, cuspiram-lhe nas faces, bateram-lhe e o crucificaram, todavia, Ele é o Filho de Deus.

## JOÃO CÂNDIDO

O pai de Chico Xavier era um homem engraçado. Devia de ser. Seria ingenuidade? Não sabemos. Tinha idéias imprevistas. Chico sempre falou dele com carinho e respeito, muito embora saibamos nós que Chico acabou de criar os irmãos e trabalhou duramente para isso. O pai andava vendendo bilhetes de loteria e o que ganhava deveria ser uma insignificância. Aquele movimento de gente em Pedro Leopoldo, gente que vinha de toda a parte, de todo o lado, que batia à porta a qualquer hora. ..? Chico naquela época recebia a todos, não só no Centro Espírita mas na porta de sua própria casa. Muitos entravam e ficavam conversando. .. conversando...

Servia café, dava bolinhos... nada. Continuavam ali firmes.



JOÃO CÂNDIDO XAVIER — Pai de Chico — (Da coleção particular de dona Elma Pena de Almeida) — Sobrinha de Chico Xavier

Encantados com a figura do médium permaneciam sem que ele pudesse fazer mais nada. Recebia mensagens para eles, orientava... Essa era a sua vida.

João Cândido achava aquilo estranho!

Chico não cobrava nada... Tanta gente! .

— Olha, Chico, se você construísse aí na porta um galinheiro e cada um de seus amigos ou cada um desses que te procuram deixasse uma galinha, nós ficaríamos ricos!

Chico riu. Só isso que faltava!

— Mas não é verdade? Imagine como o galinheiro ficaria cheio!

Essa passagem lembra aquele dia em que Pedro diante da transfiguração de Jesus, aturdido, assombrado, vendo o Cristo iluminado entre Elias e Moisés, exclamou:

— Senhor, façamos três tabernáculos aqui: um para Ti, outro para Elias e outro para Moisés!

A ingenuidade de Pedro era flagrante. Assim, também João Cândido, puro e engraçado. Era fato o que dizia, tão grande a multidão que procurava o Chico.

— Ora, Chico, os espíritos que orientam você são tão atrasados que ao invés de escreverem Manoel escrevem Emmanuel Eles mandam você não cobrar nada de ninguém porque não pagam o leite, não compram carne e não têm que comer carne! Pode ficar certo, meu filho, quando eu morrer, vou ser seu guia!

Chico sorria compreensivamente. Conhecia o pai e amava-o.

— Bom, pai, temos que fazer uma reunião de família para arranjar com um pouco de cada um dos membros da família aqueles oito mil

reis para pagar o imposto da casa. ..

— Uai, é? Tem gente aí devolvendo dinheiro para o Rio de Janeiro e não cobrando nada de ninguém! Vocês que se arranjam!

Chico devolvera cem contos à família de Frederico Figner que lhe deixara por sua morte em testamento.

Os olhos do Chico pararam pensativos. Era verdade. Ele, no entanto, não viera ao mundo para ficar rico de dinheiro, viera para ajudar a libertar a mente humana. O que fazer? Deveria prosseguir. Às vezes, sentia o cansaço, o desânimo e o tédio. Emmanuel, contudo, reconfortava-o.

Os espíritos vinham conversar com ele. Buscava a pequena elevação atrás da fábrica onde corria silencioso regato cortado às vezes pelo rumor do encachoeirado. . . Lá encontrava paz e os amigos espirituais vinham conversar com ele e dar-lhe bom ânimo. As árvores cercadas pela brisa pareciam contender-lhe as agruras e a pobreza material mas os espíritos mostravam-lhe a grandeza espiritual. Ninguém, porém, acreditava que ele sofresse, nem os próprios espíritos que eram seus amigos. Para os homens, ele não necessitava de nada e vivia no Paraíso! No entanto, como isso era falso! Ele tinha as mesmas necessidades que os outros homens e ganhava pouco, quase nada e tinha a responsabilidade de manter toda uma família!

Quem haveria de compreendê-lo? Parece que só nós um dia, percebemos que ele também sofria e era humano como nós. Escrevemo4he nesse sentido e ele nos respondeu:

— "A atualidade é de serviços, angústias e testemunho do médium. As alegrias da alma devem ser adiadas para depois. Estou na situação de um trabalhador de enxada às mãos, cujo dever é aguardar o fim do dia. Vi algumas flores belas e sublimes em meio ao trabalho e fiz menção de deixar o serviço para colhê-las, de espírito enlevado com tanta luz e perfume. Entretanto, uma força maior obriga-me a retomar o instrumento de ação e continuar, continuar...

, Poderíamos dizer que não é bem assim, que deveríamos buscar consolação e reforço, mas creia que em meu caso eu me abraçaria demasiado com o reconforto e esqueceria o serviço.

Assim, pois, qual me encontro será melhor. Um asno sob a cangalha pesada tem possibilidades de errar menos — diz-nos o nosso querido Emmanuel e é melhor que eu prossiga debaixo de arreios enormes. Disciplina, renúncia, obrigações sem fim, suor e trabalho são as únicas forças que me ajudarão a não complicar o serviço de nossos maiores, com as minhas imperfeições individuais".

(Carta de 17 de Abril de 1948)

Em muitas outras cartas, Chico nos falou de sua luta. Compreendemos o seu trabalho e as dificuldades que encontra no mundo, inclusive o problema daqueles que o visitam e que percebem que nem sempre ele tem tempo para receber a todos como desejava. Há os que querem reuniões particulares, há os que sonham ser recebidos por ele em sua própria casa, há os que o buscam em toda a parte e não lhe dão sossego. Não compreendem e não querem compreender que deixando-o mais liberto lhe dão mais tempo para servir à humanidade inteira. Há, é lógico, por outro lado, uma minoria que se satisfaz com um sorriso seu, com um gesto uma simples palavra e que fica a vê-lo à distância sem perturbá-lo. São os que o amam muito mais que os outros, que desejariam se acercar dele, lhe dar amor, carinho e compreensão, mas que vêm a vida se escoar na ampulheta mágica do tempo, e que não querem lhe trazer dificuldades. Cremos que ele compreende por sua vez essas criaturas desprendidas e que as ama no silêncio de seu coração.

Por enquanto, enfrenta luta muito grande, está na Missão do Livro, que é o seu dever maior no campo da mediunidade. "A atualidade é de serviços, angústias e testemunho do médium". Chico escreveu isso em 1948, portanto, há 24 anos atrás, contudo, a situação para ele ainda não mudou. Continua dando testemunho de pureza, simplicidade e trabalho. A Missão do Livro prossegue. Milhares de exemplares são publicados todo ano e dezenas de livros estão sendo arrojados como alimento, ao público sequioso da palavra espiritual. A pobreza procura-o, os aflitos nele buscam consolo e paz.

Depois das palavras daquela carta, quanta coisa não sucedeu no terreno das angústias do médium?

O sobrinho acusou-o pública e injustamente e em seguida morreu. Waldo Vieira separou-se dele, companheiros que eram no caminho do Cristo. É duro ver alguém que prosseguia junto conosco na jornada e na luta, deixar o caminho certo e buscar fantasias. Só, de novo, continua Chico a sua peregrinação entre os homens.

Era natural que a família estranhasse aquela movimentação de gente que vinha de toda a parte. Família católica não podia compreender tudo aquilo. Chico no início procurou o padre, quando ainda jovem, para orientá-lo em seus problemas espirituais, pois o espírito da mãe lhe aparecia e conversava com ele. O Catolicismo, porém, não podia lhe dar solução. Não tinha recursos para isso. Ninguém melhor, no entanto, que Emmanuel, que fora o padre Manoel da Nóbrega, poderia ajudá-lo. O velho lidador, agora no plano espiritual, viria orientá-lo dentro do Evangelho. Emmanuel em numerosas encarnações fora pai do espírito que hoje é Chico Xavier. Ligados pelo amor e pela arte, haveriam de sentir sempre aquela atração que os unirá para sempre.

Em "Ave, Cristo"! — Emmanuel é Basílio, o músico e filósofo e Chico é Blandina. Em "Renúncia", — Emmanuel é o Padre Damiano e Chico é Alcione. Em "Há Dois Mil Anos", — Emmanuel é Publius Lêntulus. e Chico, Flávia, sua filha bem-amada, que encontrou a cura nas mãos misericordiosas do Mestre. Tão íntima é a ligação que une os Moisés que vem do tempo de Cristo. Estiveram juntos com o Senhor e sentiram sua gloriosa Presença!

Não podemos, é lógico, sonhar sequer que Chico Xavier, espírito de imensa responsabilidade perante p Cristo fique só para nós e que o amemos exclusivamente. É uma grande luz que passa, sorri para nós, nos estende a mão e vai embora se despedindo. Encontra-nos como Pedro encontrou a mulher paralítica na Porta Formosa do Templo de Jerusalém.

Parece-nos ainda ouvi-lo na memória do Tempo:

— Não tenho ouro nem prata mas o que tenho, isso te dou: levanta e caminha!

## AMAURI PENA UM SOBRINHO DE CHICO XAVIER

O mundo espiritual é o mundo onde os espíritos vivem. Numerosas são as faixas de vibração onde eles se movimentam e residem.

As faixas vibratórias correspondem à vibração dos seres que ali permanecem até que atingindo vibração maior são arrastados ou impulsionados pela força da lei para outra faixa. Ninguém vive num meio ambiente vibracional que não é o seu. A força que nos conduz só se satisfaz com o nosso estacionamento no meio que nos é próprio. Fora disso, sofreremos os impactos das vibrações diferentes que nos atacam de todos os lados ou com os quais nos chocaremos violentamente.

Os médiuns têm a sensibilidade necessária para perceber e sentir o plano espiritual e aqueles seres que vivem nele.

É lógico que a mediunidade nos dá condições de perceber e sentir não somente a presença das criaturas superiores que habitam o Mundo dos Espíritos como também as inferiores. Sintonizados com entidades superiores marchamos para o melhor; sintonizados com entidades inferiores, caminhamos ao encontro do pior. A mediunidade, porém, é a capacidade de vibrar nessas faixas que estão além da nossa mas misturadas conosco. O Reino de Deus e o Reino de Satanás estão aqui mesmo. "O Reino de Deus" está no meio de nós — disse Jesus. E está mesmo. Nele vivemos, existimos e nos movemos, conforme afirma a palavra de Paulo.

O médium tanto pode receber espíritos bons quanto espíritos maus. No Evangelho de Jesus encontramos Pedro, o apóstolo, nas seguintes circunstâncias:

Na primeira, Jesus pregava e Pedro inquieto, sentindo que o Senhor abalava os alicerces falsos do edifício construído pelos fariseus, exclamou:

- Senhor, é muito duro ouvir este discurso!
- Se não quereis ouvir, ide, pois, embora, respondeu Jesus.
- Mas, Senhor, é muito duro ouvir este discurso e para quem iremos nós!
- Vá, afasta-te de mim, Satanás!

Noutra oportunidade, os discípulos se acercaram, do Mestre porque se falava muito de Jesus e os Judeus andavam preocupados em saber quem era Ele.

— Quem dizem os homens que Eu Sou? — perguntou-lhes.

— Uns dizem que sois Elias, outros, que sois João Batista ou algum dos antigos profetas .. responderam.

— E vós, quem dizeis que Eu Sou?

— Vós sois o Messias, o Filho do Deus Vivo! — exclamou Pedro.

— Em verdade vos digo, que não foram nem a carne nem o sangue que vos disseram isto, mas meu Pai que está nos Céus!

— afirmou Jesus.

Como se vê, Pedro, que era apóstolo, e a quem Jesus entregaria as "Chaves do Reino de Deus", ora ficava possuído por Satanás, isto é, o espírito inferior, e ora pelo Pai que está nos Céus ou seja, o Espírito Superior.

A força mediúnica é uma só, tanto para o bem quanto para o mal, é apenas questão de sintonia e direção. A energia elétrica obtida da cachoeira tanto pode servir para iluminar uma cidade quanto para acionar o raio da morte.

Amauri Pena era sobrinho de Chico Xavier, filho de Maria Xavier Pena, irmã de Chico. Conhecemo-lo em Sabará. Amauri tinha 11 anos de idade, e era uma criança magra, enfezada, sem expressão. Dona Maria, muito pobre, mas um coração excepcional. Trabalhava com Rubens Romanelli, que era professor. Rubens disse-nos apontando o garoto .

— É um gênio. Escreve poesias maravilhosas dignas de Castro Alves e de outros grandes poetas brasileiros.

Olhei o garoto e não dei nada por ele. Vi algumas poesias que escrevera e achei realmente extraordinárias. Escrevia num caderno.

— Eu não deixei que publicasse, até agora, disse o Rubens, porque quero me certificar melhor se são dele mesmo ou se são de espíritos.

Fiquei pasmado. Ali havia um médium extraordinário, que era um menino, e não se publicavam as coisas notáveis que escrevia!

Mais tarde, passados alguns anos, soube que Romanelli tomara-o sob sua responsabilidade.

O menino, agora rapaz, estava escrevendo um livro fantástico que se chamava "Os Cruzilidas," escrito pelo espírito de Camões.

Estivemos com o Rubens e ele nos mostrou páginas escritas naquela linguagem típica do poeta português, não só o estilo, mas também o vocabulário eram puramente camoneano.

As oitavas luzitanas voltaram a viver através do lápis de Amauri Pena. A maneira de escrever era a mesma do grande vate. Tão igual que espantava, embora os versos fossem novos, absolutamente novos, não sendo modificação ou simples adulteração dos versos escritos em vida terrestre por Luiz de Camões.

Ao lado desse poema que contava a 'História Espiritual da Descoberta do Brasil, já que relatava o que ocorrera no Plano do Espírito antes que o Brasil fosse descoberto e tudo que aconteceu ali durante a travessia do oceano, as interferências espirituais e as lutas.

Krishna nos ensinou que no Céu se travam terríveis batalhas entre o Bem e o Mal e Zaratrusta também fala disso.

Camões retrata, pois, nos 'Cruzilidas', a epopeia espiritual da descoberta de um novo continente, porque o Brasil na realidade tem a força e as dimensões de um imenso continente.

Pode-se imaginar a importância desse poema, que até hoje não foi publicado. Segundo nos disse Romanelli, na última vez que o encontramos, que o livro estava na Livraria Allan Kardec, para publicação. Talvez tenha voltado às mãos do Rubens, não sabemos. \*\*

(\*\*) Atualmente temos em mãos uma parte dos originais de "Os Cruzilidas". Nota do Autor.

Além do poema 'Os Cruzilidas', Amauri recebia sonetos perfeitos e assinados por outros espíritos. Os sonetos e outros poemas Rubens andou publicando no jornal "A Síntese", do qual era diretor. Pensávamos que Amauri Pena pudesse um dia ser o substituto do tio, no campo da mediunidade, mas isso não aconteceu. O que ocorreu foi que um dia Amauri foi para os jornais e fez tremendas acusações a Chico Xavier, chamou-o de mistificador e outras acusações, dizendo que tudo o que Chico escrevia era da cabeça dele mesmo e aquilo que o próprio Amauri também escreveu era tudo de sua própria lavra, embora assinado por nomes respeitáveis da literatura brasileira. Os jornais sensacionalistas do Brasil inteiro estamparam o caso em manchetes e exploraram fartamente o assunto.

Chico foi para a rua da amargura. Todavia, não se defendeu. Pelo contrário, o pouco que falou foi em defesa do sobrinho e procurou justificar lhe a atitude inconsequente.

Nós, porém, ficamos particularmente sabendo que Amauri morava com o Romanelli, antes disso, e no sobrado em cima, ou ao lado, morava também uma linda jovem pela qual o rapaz se apaixonara. Parece que estava aos cuidados de uma velha tia. Amauri, além de mulato, não tinha nada, pobre de pobreza franciscana. A moça loura gostava do rapaz, a velha, no entanto, se opôs, e acabou com o namoro. Apaixonado, desesperado, o moço pobre que acreditava ter escrito um poema genial, passou a beber, descontrolou-se e julgou-se por sua vez um gênio desprezado. Daí a lembrar-se do tio e culpá-lo de seus fracassos foi um pulo. Chico nada tinha com o caso, mas o moço Amauri havia se sintonizando com as forças inferiores do espírito e foi dominado por elas.

Envolto pelas entidades malignas, acabou, pouco depois, no hospício. O Chico sofreu com tudo aquilo.

O caso, exposto publicamente nos jornais. As acusações injustas do sobrinho e os religiosos de outros credos armados ferozmente para destruí-lo.

Creemos que lembrar-se de acusar o tio psicologicamente deve-se ao fato de Amauri desde criança ouvir em sua casa falar de Espiritismo, de espíritos, de mediunidade, tudo ocasionado por ser o tio o maior médium brasileiro. A própria mãe é médium extraordinário. É possível, embora não tenhamos notícias disso, que Chico Xavier o tenha orientado inicialmente em sua mediunidade, falando-lhe alguma coisa que o impressionara. Pode ser que acreditasse que em decorrência disso tudo é que assinara poemas e sonetos com nomes de grandes poetas, que fora influenciado pelo tio e pela mãe. Daí, também, a revolta. Parece que a velha tia da moça que amava era católica fervorosa e fanática e o fato de Amauri receber espíritos se tornou para elas uma barreira intransponível além da sua pobreza e da sua cor. Ora, naturalmente, sob a influência de espíritos maus, pensou ele, para vencer esses obstáculos de pobreza, cor e pouca beleza, só provando que era um gênio e que escrevera um livro de gênio.

O livro já havia sido elogiado por Romanelli e outros professores que leram a obra e disseram que era digna de Camões. Demonstrando que não era mediunidade, ele seria famoso por si mesmo e haveria de entrar nas boas graças da velha, que não teria dúvida de receber o moço mulato, pobre, mas genial!

Mas para isso deveria começar provando que o tio também não era médium mas simplesmente outro gênio e só isso já daria a ele, como aliás deu, repercussão nacional.

Sabemos que foi também influenciado por outras pessoas. Oportunamente, quem sabe, voltaremos a esclarecer melhor os fatos.

Embriagando-se permanentemente, Amauri atirou-se nos braços das entidades inferiores do mundo espiritual inferior e foi afinal internado em Sanatório, na cidade de Pinhal, no Estado de S. Paulo.

O assunto foi amplamente divulgado e miseravelmente explorado pelos adversários da Doutrina Espírita e pelos inimigos gratuitos de Chico Xavier.

Mais tarde, Amauri melhorou, arranjou uma banca de sapateiro e começou a trabalhar. Quando a Fraternidade realizou um congresso naquela cidade, Amauri nos procurou e pediu que reuníssemos os diretores da OSCAL porque ele tinha uma notícia importante a nos dar.

Reunimos os componentes mais credenciados da Fraternidade na Casa do Cavaliere e ouvimos Amauri Pena.

Humildemente, retratou-se de todas as acusações que fizera contra Chico Xavier e declarou que desejava fazê-lo por escrito para que todo o Brasil soubesse.

Como havia pouco tempo saído de uma Casa de Saúde, resolvemos não aceitar naquele momento a sua retratação por escrito, dizendo-lhe que oportunamente, aceitaríamos a sua declaração escrita. Ah, poderia parecer que a Fraternidade o forçara a tomar essa atitude.

Tempos depois, Amauri morreu e a declaração não foi escrita. Perdeu-se uma bela oportunidade, no entanto, a intenção dos diretores da Fraternidade foi a melhor possível.

E que ele se retratou espontaneamente, se retratou.

Na luta diária de cada médium, os dramas se sucedem a todo o momento. As forças do mal estão vigilantes para nos destruir. Médiuns com grandes possibilidades serão arrastados pelos abismos da incompreensão e da loucura se não colocarem sua "alma e seu coração em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Só através do Evangelho conseguiremos sintonizar com o Bem Verdadeiro. Diz o Espírito de Charles que intuir é vibrar no Infinito.

Desprendido do organismo físico, mais que os outros homens, o médium vibra no Infinito e sente poderosamente a influência dos Espíritos que o rodeiam.

De acordo com a qualidade habitual e o tipo de nosso pensamento emitimos ondas concêntricas e raios em todas as direções que nos situarão no clima e no mundo com o qual nos afinamos.

A passagem citada de Pedro, o Apóstolo, ilustra bem o assunto. Ele era discípulo do Senhor e até o discípulo a quem Jesus entregaria as chaves do Seu Reino neste mundo. Ouvira Jesus todos os dias, recebera os seus ensinamentos, o seu amor e as suas vibrações, o Senhor estava com ele e é o Príncipe dos Apóstolos, no entanto, ora estava dominado pelo espírito de Satanás e ora, pelo Pai que está nos Céus. Logo, a mediunidade se presta ao bem e ao mal, dependendo apenas de nós a posição que venhamos a possuir. Amauri também foi um grande médium e tanto recebeu Camões, o genial poeta, como recebeu os espíritos das trevas que através dele, investiram contra Chico Xavier.

Orai e vigiai — disse Jesus a seus amigos.

E nós, na humildade de nosso coração e na pequenez de nossa vida, murmuramos com Francisco de Assis:

— Senhor, faze de mim um instrumento de tua paz!

## NOS CAMINHOS DE SÃO FRANCISCO

Antônio Olavo, como todos os anos, neste dia, vem a Guaratinguetá. Vem assistir a uma solenidade de homenagem a um velho escritor. A fisionomia tranquila de Antônio Olavo e os seus cabelos, agora, já branqueados, dão-lhe o aspecto respeitável daqueles primeiros cristãos que percorriam o mundo ensinando o Evangelho aos outros homens. Bondade, compreensão, amizade, são características inconfundíveis da sua personalidade.

Suave é a sua palavra e manso o seu coração.

Como sempre, nossa conversa tão variada termina em Chico Xavier.

Casos, histórias, palavras, gestos, tudo que ocorre com o grande médium de Uberaba, é recordado com carinho.

— Olha, disse o Antônio, de repente, certa vez o Chico me contou que passou por ele perto de sua casa um preto com uma ferida enorme na perna.. Chico viu e disse consigo: agora vou fazer como S. Francisco de Assis. E fez. Pegou o preto e levou-o para sua casa. Durante uma semana tratou de sua ferida e lhe deu de comer. Quando o homem ficou curado, lhe disse:

— Meu amigo, você já está bom. Deve, pois, ir embora porque infelizmente' o meu ordenado é pequeno e eu não tenho dinheiro suficiente para continuar a mantê-lo.

O homem olhou-o e exclamou:

— Está bem, compreendo.

Mas imediatamente tirou uma faca e avançou para o Chico, pressionando-a na sua barriga.

— Me dá todo o dinheiro que você tem aí. Chico entregou-lhe o que tinha e falou-lhe:

— Vai, meu irmão, vai com Deus. E o homem foi.

Chico ficou pensando em como é difícil agir como S. Francisco. A paciência e o amor, a bondade e o perdão, a coragem e o entendimento, o destemor e a fé, são coisas difíceis de reunir-se na alma de uma só pessoa. Os ingratos são filhos de Deus que ainda não compreenderam nem a fé, nem a bondade, nem a compreensão, nem o amor e nem o perdão.

Cabe, porém, a nós, entender-lhes as imperfeições porque são espíritos que estacionaram no tempo.



CHICO XAVIER — RANIERI e o jovem FERNANDO em 1967 — Uberaba — (Da coleção do Autor)

160

## MEDITAÇÃO

Recordar é viver. A memória é qualquer coisa de extraordinária. Afirma a ciência que todo organismo humano renova suas células cada sete anos, com exceção das células cerebrais e de modo especial das células da memória. Assim, lembramo-nos de Pedro Leopoldo, da cidade quase sem expressão onde nasceu Francisco Cândido Xavier. Ela lhe deverá no futuro a imortalidade.

Naquela época, apenas algumas ruas eram calçadas, a maioria das ruas, cobertas de pó. Agradável, mas desprovida de recursos. cremos que as únicas alegrias do povo, além de ficar na janela vendo o povo passar, eram as procissões, a chegada das jardineiras e o correio que trazia as cartas e as notícias. Duas horas apenas de Belo Horizonte, a viagem se tornava cansativa porque a estrada era cheia de buracos e de dificuldades. Depois, dizem que o Juscelino mandara calçar, já que as multidões buscavam Chico Xavier, que se tornara atração turística e fonte de riqueza para a cidade. Gente de toda a parte ia a Pedro Leopoldo ver o grande médium e encontrava nele amor e consolação.

Chico trabalhava na Fazenda Modelo do Estado, quando o conhecemos. Antes fora caixeiro de uma venda e parece que trabalhara na fábrica. Onde teria ele adquirido toda a cultura que seus livros exibem?

Nunca negou que gostasse de ler. Afirma mesmo em "Palavras Minhas", espécie de prefácio para a primeira edição do "Parnaso de Além Túmulo" que sempre gostou de ler e que devorava tudo que encontrava. O que poderia ler ele naquela época, já que todas as possibilidades de ter uma boa biblioteca lhe eram vedadas? Além disso, mesmo os livros emprestados estavam sujeitos a serem destruídos pelo pai que acreditava que ler era bobagem...

E quem teria em Pedro Leopoldo uma boa biblioteca para emprestar-lhe livros? E se houvesse não lhe seria fácil adquirir cultura naquelas condições e se o conseguisse, não lhe seria fácil conquistar a sabedoria de que dão mostra os seus livros!

Sabedoria é alguma coisa que transcende a simples erudição ou mesmo a maior cultura. Não é o homem culto que é sábio. O homem culto também pode ser sábio, mas nem todo homem culto é sábio. A sabedoria é conquista milenar do espírito eterno e podem se contar nos dedos os sábios que há no mundo. Sábios foram Sócrates e Platão, Jesus era o Filho de Deus.

De onde viria a sabedoria daquele menino pobre de Pedro Leopoldo? Os doutores da Lei, em Jerusalém, também se admiraram naquelas dias da sabedoria de Jesus, um menino de doze anos que subira com os pais para assistir às festividades da Páscoa e ficara discutindo com eles durante três dias. O povo espantado não podia compreender como uma criança daquelas deixava os doutores em grandes dificuldades.

— "O que digo não digo de Mim mesmo" — afirmava Ele — "mas meu Pai que está em Mim é quem fala por Mim. Vós não credes porque tendes duros os vossos corações e esquecestes das coisas de meu Pai. Se cuidásseis mais das coisas de Deus, que também é vosso Pai e que não conheceis, não vos admiraríeis do que eu vos digo. Mas agora não podereis me compreender porque meu Pai que está nos Céus não vô-lo permite, mas virá um dia em que todos os homens entenderão tudo o que vos digo agora. Mas a vós não será permitido porque não crestes nem naquilo que vos ensinou Moisés, pois ele vos disse que o Senhor despertaria entre vós um profeta semelhante a ele. Vós não crestes e por isso pagareis amargamente. Raça infiel que declarais Deus apenas de lábios mas não o tendes verdadeiramente em vosso coração!"

Os judeus alarmados ouviam a criança falar daquele jeito e se encheram de grande temor como se a qualquer momento fossem ouvir trc-vejar a voz de Deus numa nuvem dos céus.

Deus pode falar através da voz de uma criança. Em Pedro Leopoldo, Deus começou de novo a falar ao mundo através da voz e da mão de uma criança. Francisco Cândido Xavier, o pequeno Francisco, iniciou com Kardec, a luta pela renovação espiritual do mundo. Aos quatro anos de idade, Chico encontrara o espírito de sua mãe, Maria João de Deus, debaixo das bananeiras plantadas no quintal. A mãe abençoada, viera conversar com o filho, que estava desterrado e só no mundo, e lhe falou da beleza de outras vidas, dos mundos superiores que existiam nos outros planos, e da sua missão na Terra.

Amparou-o e confortou-o no desterro. Chico recebeu a mãezinha querida com o coração jubiloso e feliz. Ele que estava órfão viu novamente aquela que na Terra lhe dera o ser e que voltava para amá-lo sempre.

Comovido, recebeu a mãe que não haveria de abandoná-lo mais e que no futuro haveria de em "Cartas de Uma Morta" falar-lhe de Saturno, de Marte e de outros planetas onde os espíritos habitam, estudam, trabalham e amam.

O espírito de Maria João de Deus é um espírito luminoso. Em 1946, nós vimos Maria João de Deus materializada no Grupo Espírita André Luiz do Rio de Janeiro, à rua Moncorvo Filho, 27, através da mediunidade de efeitos físicos de Peixotinho.

O corpo espiritual de Maria João de Deus estava totalmente iluminado de dentro para fora com uma luz da cor da luz do luar e parecia lã de carneiro luminosa. Conversou conosco, falou da Doutrina e falou-nos de seu filho amado. Conversou com os enfermos e fez-lhes aplicações com aparelhos de radioatividade.

Um espírito luminoso como o dela, só alcança essa iluminação através do Evangelho, vivendo e praticando o Bem e meditando permanentemente nas coisas do Senhor. Suas viagens espirituais levam-nos a crer na sua elevação já que supomos que só espíritos de maior elevação possam atravessar os espaços siderais como ela atravessou, para penetrar na atmosfera de planetas que de acordo com a afirmativa de alguns espíritos respeitados na Terra, são superiores ao nosso em evolução.

A mãezinha querida vinha lhe contar as suas lutas no plano espiritual e vinha preveni-lo do que o aguardava no futuro e consolá-lo. Chico — criança enfrentou situações difíceis: o problema da mulher que tomou conta dele e dos irmãos e que de qualquer forma lhe criaram dificuldades no espírito infantil e o problema dos garfos que lhe eram enterrados nas carnes, amarrados à sua cintura porque diziam que ele tinha o diabo no corpo e era preciso tirá-lo.

Pedro Leopoldo, na placidez da rústica fazenda, como diria o Poeta, tornou-se a Mecca de todos aqueles que durante anos procuraram Chico Xavier. A cidade, antes silenciosa e pacífica, viu as multidões percorrerem-lhe as ruas à proporção que os anos passavam, adquirindo importância; viu suas ruas cheias de automóveis do Rio de Janeiro, de S. Paulo, de toda a parte, nos dias de sessão de Chico Xavier. De criança tornou--se homem e de homem marchou para a maturidade imortalizando a cidade em que nascera. Os livros continuavam brotando-lhe das mãos como as rosas de Sta. Izabel.. . As mensagens, as receitas para os que sofriam, a palavra amiga para todos...

A tudo isso assistiu Pedro Leopoldo enquanto que o Brasil inteiro acompanhava a vida daquele homem que passava puro entre os homens...

Nós continuávamos através dos anos recebendo cartas amigas de Chico Xavier.

## AS CARTAS

As cartas de Chico Xavier são maravilhosas. A primeira que recebi vem datada de 1948. O estilo é simples, belo e profundo. Imagens suaves e às vezes imprevistas. Recebe-se a carta, lê-se e fica-se embevecido com o olhar no espaço contemplando o infinito... Depois, volta-se a ler, e muito tempo depois ainda, de vez em quando, voltamos a procurá-la no lugar mais seguro e escondido onde a colocamos com amor e tornamos a ler com imensa saudade.

A primeira carta que recebi dele foi para mim uma revelação, assim como quem recebesse um bouquet de rosas brancas respingadas de orvalho... ou como quem visse estrelas caindo do céu em noite estrelada... Tesouro de beleza imortal, guardo-a com o mais profundo e entranhado amor certo de que se conseguir fazer chegar aos meus filhos e netos lhes legarei riqueza sem par.

Li-a com sofreguidão. Após a primeira visita do Chico, veio a primeira carta. Foi com aflição que a segurei nas mãos e a abri para não rasgar o envelope. Vinha de Pedro Leopoldo. Olhei com carinho o selo e depois o remetente. A letrinha miúda e serena do Chico identificava o autor terrestre porque creio firmemente que também as cartas trazem a influência marcante e amorosa de Emmanuel.

"Habituei-me, porém, a ver mundos em formação em cada alma. Aqui, os elementos se encontram ainda dispersos, acolá, a natureza ainda procede por experimentação".

"Suas definições de irmão constituem o que penso. Somos uma grande família. A felicidade de um dos componentes do grupo efetivo vibra em todos os demais, tanto quanto o sofrimento de um só atinge a comunidade inteira.

Repartem-se os laços, dividem-se as dores, distribuem-se os gozijos em partes iguais. Somos felizes em Jesus, porque não estamos sós. Ele ensinou-nos a conquistar o caminho da libertação com a chama divina do amor fraternal. Levanta-se o grupo de lírios das águas escuras do charco, buscando a luz que desce do sol e das estrelas. As raízes ainda permanecem presas no solo, mas a cova sombria não interessa mais. As flores pedem luz, mais luz, e ainda que as pétalas retornem ao chão, o perfume — alma delas — foi liberado e terá subido para a Glória do Eterno.

Assim, os nossos conjuntos de fraternidade espiritual. Buscamos a Claridade Bendita para enriquecer todos aqueles que nos partilham a experiência\*'.  
Esse, um trecho da carta de 1948.

Sente-se nele a luminosidade de uma alma pura e provavelmente a presença de outros seres superiores que, como anjos do Paraíso, voam à sua volta. Não sei se é Emmanuel. Chico falou-nos que Emmanuel o ajudava na redação dessas cartas.

Em carta dirigida a Arlete em 1955,, quando esta sofria imenso drama, ei-lo que lhe envia palavras de conforto e entendimento:

"Querida Arlette, sempre lembrada irmã, Jesus nos abençoe.

Compreendo a aflição que lhe vai na alma sensível. Já reli; várias vezes, as suas notícias e partilho-lhes o sofrimento moral. Sei quão terrível é a dor para seu carinho de irmã e, à frente de um drama assim tão doloroso com o qual fomos atingidos, recorro à prece, rogando à Nossa Mãe Santíssima lhe dê consolo e bom ânimo.

Sem dúvida, estamos sob rude tempestade. Uma irmã querida que parte para a vida espiritual em circunstâncias tão trágicas, uma sobrinha órfã e um irmão em aflitiva prova... Tudo isso é muita dor a esmagar o espírito, contudo, tenhamos calma e confiança em Deus, não é?

Deus sabe por que desabou semelhante luta sobre os nossos corações e, nós como filhos d'Ele, supliquemos fortaleza e resignação".

As cartas de Chico Xavier serão estudadas no futuro. Possuem elas beleza e sabedoria. Estão impregnadas de espiritualidade, poesia suave e consolação. Numa, ensina com naturalidade, sem pretensões mas de maneira profunda; noutras, conforta os corações em sofrimentos. Não escreve por escrever. Constituem outras tantas mensagens de amor enviadas às almas em prova.

Tivemos a felicidade de no decorrer dos anos receber muitas dessas cartas. Quando chegam são sempre recebidas como a pomba da paz que leva um ramo de esperança sobre o mar imenso de nossas vidas. Essa atividade do Chico é intensa.

Nossa obra será para o porvir um roteiro para aqueles que pretenderem estudar Chico Xavier. Os pesquisadores do futuro terão aqui as indicações principais de como e onde devem pesquisar. As cartas enviadas a numerosos companheiros deverão ser copiadas e estudadas. Nelas se encontra muita coisa importante que Chico não pôde dizer de outra maneira.

A presença nelas do pensamento espiritual é marcante. Sente-se, lendo-as, que passamos a viver num clima superior. Ali, navegamos em mar sereno, cheio da claridade que vem do Alto.

"Felizmente, vou indo em ritmo normal. As lutas aumentam, mas consola-nos saber que a fé viva aumenta igualmente, em torno de nós".

Essas palavras escreveu-nos ele de Leopoldina, em viagem no dia 27-6-48.

A carta vem escrita em três cartões impressos com a mensagem de Emmanuel, "Jesus no Lar", de 3-4-48.

As suas cartas aos amigos geralmente vêm acompanhadas de mensagens dos espíritos impressos e de outras tantas coisas, que são gestos delicados de profunda simpatia humana.



CHICO XAVIER — RANIERI — ARLETTE e outros amigos da Fraternidade — (Da coleção do Autor)

Ê minucioso em tudo o que faz e diz. Mais do que minucioso, é preciso, exato. O que diz, além de ter sabor novo, diferente, não comporta mais nada.

Às vezes, demonstra interesse por assuntos que para outros passariam despercebidos.

Escrevendo em 31-5-54, a Arlette, preocupa-se com o trabalho do Peixotinho:

"Peço a você dizer ao Ranieri que li com grande encantamento o "João Vermelho". É um belo e valioso livro para crianças de todas as idades. Ele foi muito feliz na condução dos assuntos. Há muito tempo estou para escrever ao Ranieri e espero fazê-lo em breves dias. Rogo a você perguntar igualmente a ele por mim como vai indo a organização do livro sobre as fotografias mediúnicas. O Peixotinho esteve aqui conosco em janeiro deste ano com o Henriquinho e foi batida uma chapa, sobre a qual ainda não conheço o resultado. Se o Ranieri tiver recebido alguma cópia dessa fotografia que ainda não conheço, estimaria receber das mãos dele essa cópia, por empréstimo e depois restituirei. Desejo apenas confirmar a impressão que eu tenho a respeito de quem seja a entidade fotografada, sim? Desde já muito grato".

A carta veio de Pedro Leopoldo. Transcrevemos o trecho pela importância que representa para a Doutrina Espírita e, principalmente, para a mediunidade de Peixotinho. Confirma os fenômenos por Peixotinho e dá autenticidade ao fenômeno das fotografias mediúnicas que os espíritos em Pedro Leopoldo produziram através do grande médium desaparecido.

Além disso, mostra o alto apreço em que o Chico tem às materializações dos Espíritos e às provas que se conseguem através dessas materializações.

Chico sempre demonstrou o maior interesse pelos fenômenos de materializações.

Parece-nos que a entidade espiritual a que se referia era Meimei. Fotografia que vem reproduzida em nossa obra "Materializações Luminosas".

Vê-se que em suas cartas Chico demonstra muitas preocupações com numerosos assuntos da mais alta importância para os nossos estudos de Espiritismo no Brasil.

É uma fonte de informações que os pesquisadores não deverão esquecer. E há muita gente boa no Brasil que recebeu cartas dele sobre os mais variados ângulos.

Para nós, representam sempre uma flor que pela manhã desabrocha em nosso jardim. Orvalhada pela noite é como uma estrela pousada no hastil.

É sempre com uma palavra de estímulo que penetra em nosso lar. "Meu caro Ranieri Jesus nos abençoe.

Estou lendo as "Flores do Bem", com um deslumbramento de alegria. Admirável trabalho! Que o Senhor nos auxilie a ver você cada vez mais animado e mais abençoado em seu ministério de amor e luz. Estou com sede de 'mais Charles'. Quando teremos um novo livro?"

Isto veio escrito num pequeno cartão de Natal que tem três anjos à porta da entrada de uma casa de palha que simboliza a manjedoura. Um toca um violino, o outro lê uma mensagem e o terceiro traz na mão esquerda um buquê de flores para entregar ao morador da casa.

A delicadeza do cartão e o seu simbolismo são comovedores. Alma sensível, Chico toca de luz tudo aquilo que faz e nos envia. Sutil e profunda é a mensagem que nos endereça em cada palavra, em cada imagem, em cada gesto. A pétala de rosa amarelecida dentro de algum livro e que recebemos às vezes em suas cartas é também uma mensagem. E com imenso carinho há ocasiões em que pinta com suas próprias mãos alguma coisa em cartões para nos mandar.

É tão profundamente espiritual tudo isso, que sentimos na verdade, nessas horas, o Reino de Deus entre nós.

Falando de mediunidade, escreveu em 19-5-69:

"Em verdade, meu caro Ranieri, é impossível esperarmos tarefa mediúnica sem cruz no monte, na qual testemunhemos aos poucos, a fé viva, diante de todos. Diz Emmanuel que é importante a particularidade de haver o Mestre partido pelos braços da cruz degradante, no cimo do Calvário- à frente dos que o desrespeitavam e feriam. Ele podia ter se ausentado da Terra no fundo de um vale ou numa câmara pacífica, à distância dos verdugos, mas aquela morte em espetáculo, dolorosa e terrível, é o quadro--padrão para todos os que receberam a tarefa de estender-lhe os ensinamentos neste mundo. Desde que nos unamos, em Espírito ao Senhor, passamos a ser içados ao madeiro do testemunho, perante a observação de todos. Cobrem-nos a alma o ridículo, a incompreensão, o sarcasmo e a perseguição sem tréguas, entretanto, a voz do Mestre, persiste na acústica de nossa alma, induzindo-nos à ressurreição".

É claro que páginas como essas não podem se perder abandonadas no fundo de uma gaveta, emboloradas pelo tempo e pela umidade. A única maneira de salvá-las é incluí-las, tanto quanto possível, em livro. Pode parecer imodéstia ou desejo de exibição, no entanto, cremos que estamos zelando para o bem da humanidade. Johann Strauss trabalhou durante toda uma vida desde as primeiras horas da manhã até às últimas horas da noite compondo maravilhosas e geniais músicas. Trabalhou duramente e após a sua morte, Oscar Strauss, seu sobrinho, revoltado com o aparecimento do "charlestone", encheu uma carroça e mandou incinerá-las no crematório de Viena!

O prejuízo que esse homem deu à humanidade é sem precedentes porque ali estava o que de melhor o compositor havia feito.

É necessário que alguém que verdadeiramente ame o artista, o poeta, o escritor, o músico ou o médium zele por suas obras e por suas lembranças. É patrimônio sagrado da humanidade.

Como dissemos, as cartas constituem preciosa atividade do Chico que deverão ser recolhidas para os fundamentos do estudo que a respeito dele o futuro fará.

Os grandes homens devem ser acompanhados de perto por alguém que além da inteligência lúcida, visão avançada, vai recolhendo os tesouros que com naturalidade vão eles espalhando em seu caminho. A vida dos grandes homens é roteiro para a humanidade. Tudo o que lhes acontece interessa a todos, hoje ou amanhã.

Quanto lamentamos a falta de informações mais detalhadas a respeito de alguns gênios da humanidade!

Leonardo Da Vinci, que foi um supergênio, Bach, que viveu silenciosamente, e outros que nos deixaram muito poucas informações!

Q:anto não daria o Homem para conhecer melhor as suas próprias origens ou para ter mais notícias daqueles que na realidade ajudaram a construir o mundo!?

## MAIS UM POUCO SOBRE AS CARTAS

Certa noite, Chico levou-nos à casa de André, seu irmão, para tomar café com pão e manteiga. Já dissemos que a impressão que nos causou foi a de quem entrasse na casa de Pedro, o Apóstolo.

Foi ali que Chico nos contou a história do livro "Emmanuel".

Em pequena sala, André e u'a moça lidavam com montanhas de cartas. Abriam-nas, separavam, naturalmente de acordo com critério adotado pelo Chico. Havia as que traziam pedidos de receitas ou conselhos e havia as cartas amadas dos companheiros distantes. Ai, eu vi que o André que recebia receitas no Centro, saía assim que terminava a reunião e às vezes antes e desaparecia. Ele ia para casa, a fim de atender a avalanche apostolar que assaltava o irmão. Eram cartas de todo o Brasil e talvez algumas até da Europa ou de países asiáticos. A maioria pareceu-nos que vinha com o selo para a resposta mas uma grande parte não enviava selo nem envelope. Isso, por certo, se tornava uma despesa pesada para o Chico. No começo ou talvez por muitos anos, o Chico fez aquele trabalho sozinho. Eram milhares de cartas. Abria, lia, separava e respondia. Recebia as receitas, punha nos envelopes, subscritava, selava e entregava no correio. Trabalho demorado e sacrificial. Atualmente, tantas são as cartas que o Chico recebe que ele mesmo é encarregado pelo Correio de separar as cartas que recebe na própria repartição dos Correios e Telégrafos. Depois, vieram outros ajudá-lo e ali estava agora, à nossa frente, André. Cabelos negros, bigode quase à Hitler, magro, moreno, sempre assustado, como uma sombra silenciosa à volta do Chico. Médiun psicógrafo, recebia também receituário e ajudava. Verificamos que já naqueles tempos uma parte das receitas era recebida pelo André, sendo que invariavelmente, as referentes às pessoas presentes à reunião eram recebidas pelo Chico.

Uma máquina de escrever, duas mesinhas, cartas, cartas e mais cartas. André, a moça e mais alguém trabalhavam indiferentes à nossa presença. Algumas respostas lacônicas e era só. Via-se que se preocupavam exclusivamente com o serviço a fazer.

Fomos para a mesa da sala e passamos a conversar. Disse ao Chico que gostaria de oferecer à Federação o livro do Charles, "Flores do Bem", para publicação. Pensativo, ele nos respondeu:

— Ranieri, procuraremos situar o nosso Charles no mundo dos livros. Quem sabe pela LAKE de S. Paulo? Quero, todavia, lhes contar um fato. Quando recebi o livro "Emmanuel", remeti-o à Federação Espírita Brasileira para publicação. Depois recebi uma carta da Federação que dizia que não iria publicar o livro porque não prestava e iria dar' prejuízo. Muito desapontados, escrevemos a eles esclarecendo que o livro era de Emmanuel, justamente o nosso Guia Espiritual a quem devíamos tanto e que desejávamos então publicar por nossa conta, que iríamos pagar a edição e que por favor nos mandassem o preço. Responderam que era uma loucura publicar o livro que daria prejuízo, mas que o preço era dois contos e duzentos, o que representava muito dinheiro na época. Diante disso, reunimos os amigos e ficou assentado que cada um daria um pouco. Assim se fez e conseguimos o dinheiro, que mandamos por cheque à Federação. Ela, porém, irritada, mandou dizer que não se responsabilizaria e que por isso não publicaria o livro como sendo edição sua mas que colocaria na capa Federação Espírita Brasileira — Distribuidora.

Concordamos. O livro foi editado, vendeu bem e um dia recebemos uma carta muito delicada da Federação dizendo assim: "Chico, como vai ficar o caso do livro Emmanuel? Você sabe, já está na terceira edição, temos em caixa vinte e dois contos de réis e até agora você não mandou nenhum documento doando o livro à Federação"!

Respondemos a eles dizendo que poderiam fazer o documento no cartório que desejassem que nós assinaríamos porque estávamos no mundo para servir à Causa e não aos homens!

Chico falou e nós ficamos pensativos. No tempo e no espaço os corcéis dos pensamentos galopavam. Como eram ingratos os homens!

O primeiro livro da lavra de Emmanuel fora recusado pela Federação e depois vinham os pobres mortais reclamar direitos e dinheiro!

Mas ali estava o homem bom de Pedro Leopoldo, que olhava com compaixão, perdoava e esquecia.

O fato comprova-se facilmente porque as três primeiras edições do livro "Emmanuel", cujas capas foram de cor diferente, verde, vermelha e azul, exibem lá: Federação Espírita Brasileira — DISTRIBUIDORA e não Federação Espírita Brasileira — EDITORA.

Daí podem-se tirar numerosas ilações. 1) Demonstra que Chico Xavier também sofre. 2) Que mesmo médium como ele passa por essas decepções mediúnicas e deixa claro que ela não é infalível e nem sempre está bem orientada. Não é o fato de estar sob a proteção de Ismael que a tornará invulnerável. 3) Médiuns que enviem livros para a Federação e os vêm recusados podem saber que nem sempre ela está certa e que a recusa de seus livres pode, realmente, ser um erro como pode não ser. 3 Deus nos deixa, de fato, uma faixa muito grande de livre-arbítrio: para nós, para Chico Xavier ou para a Federação Espírita Brasileira.

Depois dessa história, Chico falou muito sobre livros e nos fez ver delicadamente o drama da publicação de livros. Nossa alma e nossos ideais naquela época eram cheios de pureza e de boas intenções. Não compreendemos por isso o problema e enviamos o "Flores do Bem" para a Federação. Ela não recusou mas disse que teríamos que esperar uns dois anos para vê-lo publicado porque tinham vinte e dois livros na fila para serem publicados. .. A mocidade vibrava em nosso sangue e não nos permitia esperar. Mandamos o livro para a LAKE e foi publicado. O livro não era tão mau. Chico dissera em carta de dois de março de 1948:

"Chegaram hoje as sublimes "Flores do Bem". Comecei a navegar nesse oceano de pérolas, que podemos simbolizar nos pensamentos divinos de Charles. Tomei o barco da lua e lendo-lhe os poemas de suave encanto e de prodigiosas revelações, acredito estar navegando num mar de estrelas. Como é doce ouvir a melodia de Charles na harpa do Ranieri! Estou deslumbrado.

3) Este assunto que já veio em capítulo anterior foi reproduzido de modo resumido aqui tendo em vista necessidade dos comentários finais.

Flammarion contemplando os mundos, nas sombras da noite não teria tanta surpresa e tamanho encantamento. Cada definição, cada frase, cada trecho surgem coroados de luz divina.

Muito grato meu irmão pela fortuna que me enviou".

E mais à frente torna a falar das páginas de Charles, na mesma carta, dizendo:

Devem partir mundo afora, sem a nossa interferência, para que a musicalidade celeste dos versos do Charles se espalhe no mundo com a pureza original. É uma fonte que correrá pura, aliviando os sedentos da vida humana...

Não avalia você com que júbilo estou saboreando linha por linha.

Posteriormente, encaminhamos à Federação o "João Vermelho", que teve o mesmo destino. A LAKE, porém, publicou os dois.

Não cremos também que naquele tempo o "Flores do Bem" pudesse dar lucro à livraria. Da mesma forma que o "Emmanuel", era livro mais profundo e atingiria u'a massa menor de leitores. Poemas filosóficos, de profunda filosofia e poesia espiritual, semelhante a O Profeta, de Kalil Gibran, que naquele tempo ainda não fora publicado e nem era conhecido no Brasil e não sei se no mundo. Absolutamente diferentes um do outro, porém da mesma linha espiritual.

Charles publicado pela LAKE, naturalmente, em edição menor, correu o mundo como pôde e ficará por certo um livro raro.

Esses casos são úteis para os médiuns novos que buscam abrir caminho. Essas dificuldades, hoje eu compreendo que fazem parte da vida, mas naquele tempo eu não pensava assim, ainda não havia sofrido o que sofri depois, e recebi a informação com uma certa revolta e uma certa mágoa, porque para mim a Federação era intocável.

Mas Chico sofrerá mais: era o grande missionário que defrontava a incompreensão humana, ele que viera para ajudar a transformar a Terra e iluminar a consciência dos homens.

## COMENTANDO

As cartas de Chico Xavier, a nosso ver, são verdadeiras obras primas de concisão, de perfeição e de beleza. Delas se evola uma claridade de luar. Aqui e ali, pontilham os ensinamentos novos e as revelações. Na intimidade da vida epistolar, às vezes, revela ele coisas que não contaria de público.

Creemos, firmemente, na presença dos Espíritos à sua volta quando redige as cartas.

Pela responsabilidade que conquistou na Doutrina, esperamos que nem nessas horas os Espíritos o deixem sozinho. Evidentemente, ele tem a sua vida e fará muitas coisas por si mesmo, assim como exporá opiniões que são suas próprias.

De um modo geral, no entanto, consideramos que a Espiritualidade ilumina suas missivas.

A beleza da linguagem, a maneira nova de dizer e de pensar mostram que estamos diante de um médium poderoso e de um pensador esclarecido. Curvado sobre si mesmo, Chico Xavier, na verdade, é quase um sábio. Em diversas oportunidades, temos dito que para nós ele é Sócrates reencarnado. Opinião, naturalmente, pessoal, nossa. Em face, contudo, de sua própria afirmação de que é a primeira encarnação de homem que assume na Terra, somos obrigados a silenciar o nosso pensamento.

Chegamos a ler uma carta notável, há muitos anos, na Estação do Rocha, se não me engano, no Rio de Janeiro, em casa de dona Esmeralda Bittencourt, na qual ele contava que certa ocasião, se viu desprendido do corpo surgindo nas pedras das ruas de Paris. Sentiu que saia das próprias pedras e se tornara uma menina de nove anos. Viu-se caminhando pela rua e entrou as portas de um palácio, subiu a escada, e, chegando a um salão, viu Catarina de Mediei, o Duque de Guise, a Duquesa de Nemour e outra pessoa da qual não me lembro agora, mas que era filha ou filho de Catarina de Mediei e discutiam o massacre a ser desencadeado, da noite de São Bartolomeu. Catarina vacilava, mas a Duquesa de Nemour insistia com ela para que desse a ordem de massacre. Sob a influência e coação da duquesa, Catarina, de repente, embora contrariada, indecisa, deu a ordem e o massacre se realizou com a morte de 10.000 protestantes.

A criança assistiu à cena e Chico Xavier que fora essa criança revelara a dona Esmeralda que perdera quatro filhos em desastre, que aquela era uma das razões de seu sofrimento e de suas provas porque ela, Esmeralda Bittencourt fora a duquesa de Nemour, que colaborara decisivamente para que o massacre ocorresse. Dona Esmeralda, diante disso, falou-nos que assim compreendia de certa maneira as provas que Deus lhe impusera, levando-lhe os quatro filhos agora.

De nossa parte, notamos um detalhe interessante: é que dona Esmeralda nesta vida se chamou Bittencourt sobrenome que no final soa como Nemour e que com certeza também teria sido sobrenome ou título da Duquesa. Além disso, a presença da criança que era o Chico demonstra uma ligação do Chico com os personagens da história francesa, fato que se repetiu nas encarnações do Brasil onde Chico foi realmente, muito amigo de dona Esmeralda. Tão amigo que ela colecionava tudo que lhe caia nas mãos, relativamente a Chico Xavier. Ela me prometera uma cópia da carta, o que infelizmente não ocorreu porque depois daquela visita, nunca mais nos encontramos.

Dizem que faleceu há alguns anos. Não sei ao certo, mas o que ela colecionou é material interessante que deve estar em mãos de sua família. Na ocasião em que visitamo-la, ela já organizara quatro álbuns sobre Chico Xavier e estava preparando um livro de mensagens que viria a chamar-se "Regeneração". Esse livro, anos mais tarde, foi publicado.

Casos como esses haverá muitos em cartas particulares de Chico Xavier. Sabemos de muita coisa que não iremos contar agora porque não estamos autorizados. Será questão de sorte. Se ele morrer primeiro do que nós, contaremos em livros futuros. Se nós morrermos antes dele, ninguém contará.

Há fatos valiosíssimos que arriscaremos a expor mesmo sem autorização, desde que não prejudiquem terceiros. Já dissemos que tudo o que acontece na vida dos grandes homens pertence à humanidade. Todavia, não nos cabe colocar ninguém em dificuldades. Mas que é uma pena é...

Haverá os que pensam diferente de nós e julgarão que a vida particular de outrem não deve ser exposta. São opiniões. Para nós, os gênios, e no mesmo caso, os médiuns, pertencem eles mesmos ao gênero humano. É como o perfume que trescala da flor: depois que se desprende dela, foge-lhe ao domínio, pertence ao mundo.

## CONCURSO

Fomos um dia visitar Chico na Fazenda Modelo, de Pedro Leopoldo. O tempo estava quente e o sol filtrava-se através do bambual que margeia a estrada nas proximidades da fazenda. Dr. Rômulo era o Chefe.

Chico, simples escrivão. Modesto e pobre. Ganhava pouco, mal dava para sustentar a família, de seis irmãos.

O gado da Fazenda Modelo era de primeira ordem. Holandês e Zebu ou Gir, salvo engano.

Jair não se aguentou e tomou um copo de leite tirado na hora. Chico mostrou-nos o lugar onde trabalhava e apresentou-nos alguns colegas.

Contou-nos aquele caso do Humberto de Campos, já publicado por nós na Revista da Fraternidade. O caso do Anjo que visitou a Terra para conhecer o homem e encontrou um homem arando um campo e fustigando o boi.

Dirigiu-se a seu companheiro de viagem e lhe disse:

— Como o homem é bom! — esse ser estranho bate-lhe e o atrela e ele mansamente obedece!

Mais adiante encontrou de novo o ser estranho tirando leite da vaca, e exclamou o Anjo:

—Extraordinário é o homem que se deixa ordenhar por essa criatura má e mesquinha que o explora!

Mais para a frente, viram o boi desapiedadamente no matadouro e o ser esquisito que o seguia, após abatê-lo, arrancava-lhe a pele e dividia-o em pedaços.

— Maravilhoso é o homem que se submete com resignação a tudo isso! — admirou-se de novo o Anjo.

— Não, meu amigo, esclareceu o outro. O ser estranho, que o fere, que o explora, que o mata, esse é o homem. O outro é o boi, uma alimária terrestre!

O assunto era profundo e digno de meditação, mas o Chico esclareceu.

— O Humberto escreveu esse caso mas Emmanuel apareceu e impediu a publicação, dizendo que por ora não seria possível, pois há muitos companheiros nossos que para sobreviver na Terra precisam se dedicar aos matadouros e frigoríficos e que a humanidade ainda não tem condições de abandonar a alimentação carnívora. Só alguns poucos estão vencendo essa fase.

O ensinamento ficou no ar como advertência de luz. Nós prosseguimos meditativos, pois fazemos parte da Fraternidade, que já deixou a carne, o álcool e o fumo há muito tempo!

Chico compreendeu e disse-nos, talvez para mudar o rumo de nossos pensamentos.

— Vocês sabiam que eu fiz um concurso para o meu próprio cargo que exerço há anos e fui reprovado!?

Riu gostosamente e completou:

— Isso é prova de que não sei nada mesmo e tudo que escrevo não sou eu que escrevo, não é meu, é dos Espíritos!

Achamos graça e ficamos pensando. Ali estava o mais sábio dos homens e não conseguira passar num simples concurso de escriturário para o Ministério da Agricultura!

"Eu não faço nada de Mim mesmo, mas o Pai que opera por mim dá testemunho de Mim".

Essas palavras do Senhor ressoaram profundamente em nossa alma. Colocamos a mão no ombro do Chico e consolamos:

— Isso e assim mesmo, meu filho, esses concursos servem para proteger muita gente que não merece. Nem sempre os que se submetem a concurso honestamente passam nele, mas vira um tempo em que não será assim!

— Uai, Ranieri, é mesmo. Mas eu estou satisfeito com o meu lugar, li verdade que muitos mocinhos que vieram trabalhar aqui, muito depois de mim e aprenderam o serviço comigo, vão passando nos concursos e hoje são meus chefes!

Mas eu estou satisfeito, vejo que Deus quer que eu seja o que sou. Não passo de um sapo com uma vela acesa em cima!

Demos risadas e olhamos o céu onde "o sol como um brigue em chamas se atufava nas ondas". 5

5) Nota do Autor — As vezes repetimos trechos já escritos para reforçar ou completar melhor o assunto e outros. . .

## INÁCIO DE AMIOQLIA

Newton Boechat é nosso amigo desde quando tinha dezessete anos e começou a publicar um jornalzinho chamado "A Luz do Mundo". Depois, ficou homem e se tornou um dos maiores oradores espíritas do Brasil. Já pronunciou mais de três mil conferências em todo o território nacional. Alma pura, caráter íntegro, coração de ouro. Um dos poucos homens realmente puros que conhecemos.

Belo Horizonte, minha terra, não sei se é também a do Newton, no entanto, foi lá que nos reencontramos.

As conferências do Newton são sempre muito concorridas e a sua palavra mediunizada empolga os auditórios. Memória privilegiada, dicção cheia de beleza, ordenação das ideias, constitui autêntico pregador da Doutrina Espírita em Terras do Brasil.

Sempre interessado em todos os assuntos da doutrina e nos acontecimentos relacionados com os médiuns e fatos mediúnicos, quando nos encontra, o Newton tem novidades. Ouvimos-lhe as palavras e anotamos. Em toda a parte, estamos constantemente aprendendo.

Jamais deixamos, nessas horas, de comentar Chico Xavier. Newton, como nós, visita-o de vez em quando.

Falava Newton Boechat na sua natural loquacidade. Lembramos fatos ocorridos com o médium de Pedro Leopoldo e Uberaba. A figura do amigo bailava em nossas palavras e nas dele. Riamos ou ficávamos sérios, de acordo com o assunto. Noventa por cento alegria.

— Sabe, Ranieri, o Chico falou-me que vai escrever mais dois livros. Um deles será um novo romance. Abordará a história de Inácio de Antioquia, figura dos primeiros séculos do Cristianismo, semelhante a Paulo, o Apóstolo. Sofreu como Paulo e foi levado preso para ser supliciado. Verdadeiro Santo Cristão, influiu poderosamente na comunidade cristã do princípio...

Interessou-nos o fato imediatamente. Chico há muito tempo não recebia romance. Depois de "Ave, Cristo!", nada mais. Só mensagens, mensagens e algum livro de André Luiz.

Os espíritas também estavam com "fome de mais romances" escritos por Emmanuel.

O outro livro também seria importante, parece que sobre sexo, mas não me lembro. O tal romance de Inácio de Antioquia me empolgou. Realmente, os romances recebidos pelo Chico e por outros realizam um papel importante na difusão da Doutrina Espírita. A Krijanovski, por exemplo, com os romances escritos pelo Espírito de Rochester, a partir da Vingança do Judeu, exerceram benéfica influência no mundo.

O Há Dois Mil Anos, Paulo e Estevão, 50 Anos Depois, Renúncia, Ave Cristo! são obras decisivas na vida espiritual do Brasil.

Inácio de Antioquia seria um novo programa para todos os que se aproximam do Evangelho.

Ouvimos o Newton, empolgamo-nos e guardamos o fato. Um dia, fomos a Uberaba. Conversávamos com o Chico e ele nos dizia muitas coisas interessantes. Depois, o acompanhamos à noite em suas peregrinações pelas ruas de um bairro pobre de Uberaba. De quando em quando, acotovelado pelo povo, conversávamos. Tomou-nos do braço e fomos andando.

— É verdade, Chico, que você vai receber agora ou já está recebendo um romance sobre Inácio de Antioquia, uma figura cristã dos primeiros tempos do Cristianismo? o Newton me disse...

— Não, não estou não, Ranieri. Você não sabe que para receber livro como esse eu preciso ficar "segregado"? Agora não dá... O movimento aumentou muito. Depois que fomos à Televisão não há mais tempo para nada. Muita gente... Para isso, meu filho, eu teria que me recolher.

— Mas você não recebe nas reuniões públicas, com toda a facilidade, as páginas extraordinárias de Emmanuel?

— Isso é outra coisa. Para receber romances tenho que mergulhar no passado, na vida dos personagens... Chico riu. Eu compreendi. A multidão arrastou-o. Que pena!

Até um grande médium como aquele precisava de silêncio e de paz, de recolhimento e de segregação para produzir as grandes obras de Deus. Na verdade, ele não tinha mais sossego e creio que não terá até o fim da vida. E que vida!

Fiquei para trás, deixei que o povo o levasse em seus braços e cai em profundas meditações.

Numa daquelas conversas maravilhosas das noites cristãs da Rua Itacolomito, de Sta. Tereza, a Arlette perguntou ao Chico o que achava ele do fato de se aplicarem passes em pessoas necessitadas, em casa. Chico visitava-nos semanalmente. Vinha aos sábados e voltava aos domingos. O Arus estivera enfermo e recebeu alguns passes, inclusive do próprio Chico.

— Em casos como este, acho que está certo, respondeu ele —, mas em casos de obsessores, creio que não se deva dar passes em casa porque "permanecerão vibrações de espíritos inferiores no recinto e até mesmo entidades sofredoras poderão ficar na casa, se o ambiente não oferecer condições adequadas".

A pergunta era inteligente e a resposta fora sincera.

— É preferível que se dê e se receba no Centro Espírita — acrescentou ele. — Ali, há correntes vibratórias próprias, ambiente preparado e espíritos especializados no assunto. O médium, por sua vez, estará amparado.

O ensinamento calou fundo em nossa alma.

É comum aos espíritas aplicarem passes a qualquer hora, em qualquer lugar e em qualquer pessoa. Entusiasmo do cristão dedicado, no entanto, a parte mediúnica da doutrina se constitui de regras técnicas e funciona já no campo da ciência. Há médiuns excepcionais que terão as condições de se sobreporem a esses problemas, a maioria, contudo, não.

Necessário é que o ambiente para os passes esteja fluidificado e amparado pela concentração habitual de companheiros que compartilhem conosco o auxílio aos enfermos. Os obsedados trazem consigo uma série de problemas que são, às vezes .insolúveis e que desafiam a nossa capacidade de ajudar. Nem sempre a nossa boa vontade supre nossas deficiências mediúnicas. Há aquela afirmativa popular de que — "de boas intenções o Inferno está cheio".

Não basta, às vezes, a boa intenção, é preciso a cooperação de uma organização espiritual que não se constitui num só dia.

A palavra do Chico era uma advertência. Naquela época era comum receber-se alguém em casa para tomar passe. A atitude do passista, profundamente crista, não correspondia, porém, a uma conveniência espiritual. Ajudava-se o necessitado e prejudicava-se o ambiente familiar. Como sabemos, o recinto onde se trabalha mediunicamente fica impregnado com nossas vibrações e sera sempre construção de longo tempo.

O Centro Espírita é o local adequado para os trabalhos espíritas. Somos, no entanto, favoráveis ao culto de preces no lar e mesmo às reuniões de pequeno número de pessoas; cinco, seis que contem com alguns médiuns, em cômodo mais isolado da casa e dirigidas por pessoa experiente. Médiuns excepcionais não podem ser contados entre as criaturas comuns. Para eles, a situação é urgente, pela assistência espiritual de que estão rodeados. Realizam o que lhes é permitido em qualquer lugar, em qualquer ambiente, com qualquer pessoa, e tudo dá certo. São, entretanto, médiuns excepcionais, fora do comum...

Para a generalidade dos médiuns e para determinado tipo de médiuns, há que se tomarem precauções especiais. Por exemplo: médiuns de materializações, médiuns sonambúlicos, etc. etc. Estes, mesmo sendo excepcionais, exigem ambiente preparado e seguro. Dependem quase sempre de dois ou três elementos que os auxiliem na concentração e nos quais confiam absolutamente. Não é fácil de se explicar mediunidade na época em que vivemos, por isso, vamos recolhendo aqui e ali, -observações como essa feita pelo Chico.

Trabalhos espíritas no lar devem ser rodeados de precauções e carinho.

Lembremo-nos das palavras de Jesus: a cada um segundo as suas obras.

## SOBRE MATERIALIZAÇÕES

Chico sempre foi muito interessado nos fenômenos de materialização. A importância que deu a eles foi das maiores. No tempo do Peixotinho, entusiasmou-se mais ainda e certa vez me deu uma revista que trazia artigo ou reportagem com fotografias de espíritos materializados, em pleno dia, nos Estados Unidos, parece que no acampamento espírita de Chesteifield. Materializações modernas daqueles dias. Pediu-nos, de viva voz, que quando publicássemos o livro 'Materializações Luminosas, para colocarmos a legenda "U'a amiga espiritual de Chico Xavier" sob a fotografia do Espírito de Meimei. A fotografia fora batida pelo Henrique Lomba Ferraz com a mediunidade do Peixotinho, em reunião realizada em Pedro Leopoldo, presente Chico Xavier e no Centro Espírita Luiz Gonzaga.

Algumas reuniões do Peixotinho, com a presença do Chico, se realizaram ali e o Peixotinho, de vez em quando, visitava o Chico e lá permanecia hospedado com ele durante muitos dias.

Médium extraordinário, de efeitos físicos, Peixotinho entrosado com o Homem de Pedro Leopoldo, provocava a presença das mais elevadas entidades espirituais. Peixotinho na realidade foi um grande médium de materializações de ordem superior. Clarões, relâmpagos como no Monte Sinai, visita espiritual de espíritos iluminados que pronunciavam palestras filosóficas de nível acima do comum dos mortais.

A admiração de Chico pelo Peixotinho sempre foi grande. Tinha o médium de Macaé na mais alta conta. Peixotinho era a suprema humildade. Pessoalmente, ninguém dava nada por ele. Pequeno, magro, simpático, pobre. Só mais para o fim da vida é que seus recursos aumentaram por força de aumento de vencimentos do Exército. Alma aberta a todas as amizades, coração puro. Parece que na ocasião tinha seis ou sete filhos, talvez nove, não me lembro bem.

Há pouco tempo atrás, fomos a Uberaba. Altas horas conversávamos com o Chico na rua, à porta do Centro, na hora da despedida. Alguns amigos, dos que ficam até depois do fim...

Chico ria, conversava, contava pequenas histórias, comentava fatos. A conversa repentinamente foi conduzida para as materializações. Falamos do Zé Jorge, bom médium também de efeitos físicos, e falamos de outros, novos. Chico após elogiá-los, falou de chofre:

— Ranieri, médium como o Peixotinho não acredito que apareça nunca mais. Era um médium extraordinário!

— Não penso assim, Chico, replicamos. Outros terão que vir, a Doutrina continua e os homens estão aí...

— Pode ser, mas não creio — concluiu ele. Ficamos olhando o companheiro pensativamente.

— De fato, Peixotinho foi um caso diferente, mas para Deus nada é impossível.

Chico riu de novo e mudou de conversa.

Lá em cima no céu, as estrelas brilhavam e o espírito do Peixotinho, agora na Espiritualidade, talvez estivesse nos ouvindo e sentisse vontade de reencarnar... Quem sabe?

## AINDA O PEIXOTINHO

Não teria o Chico colaborado com o seu ectoplasma para as materializações de Pedro Leopoldo com o Peixotinho?

Temos a certeza que sim. Temos a certeza de quem estuda os fenômenos espíritas, não a prova. Entre uma coisa e outra, a distância é muito grande.

Todos os assistentes ou membros de uma reunião de efeitos físicos colaboram com maior ou menor quantidade de ectoplasma ou de vibrações. É uma contribuição pessoal, inconsciente, porém sempre mínima em relação à contribuição do médium de efeitos físicos, especialmente sendo ele Peixotinho.

Peixotinho sempre produziu fenômenos de materializações de alto nível, mas acontece que as de Pedro Leopoldo são belíssimas. Vejamos por exemplo, a fotografia da materialização de Ana (6), assim como a de Meimei (7). São lindas, destacando-se o rosto que é uma perfeição e mais do que o rosto, a expressão fisionômica.

Notamos, desde o começo, que as materializações com a presença do Chico, melhoravam.

Chico, às vezes, descrevia as entidades que iam se materializar, afirmando que pela vidência via-as no ambiente.

Sabemos hoje que Chico é médium de materializações, mas naquele tempo ninguém sabia. Pelo menos ninguém dissera isso.

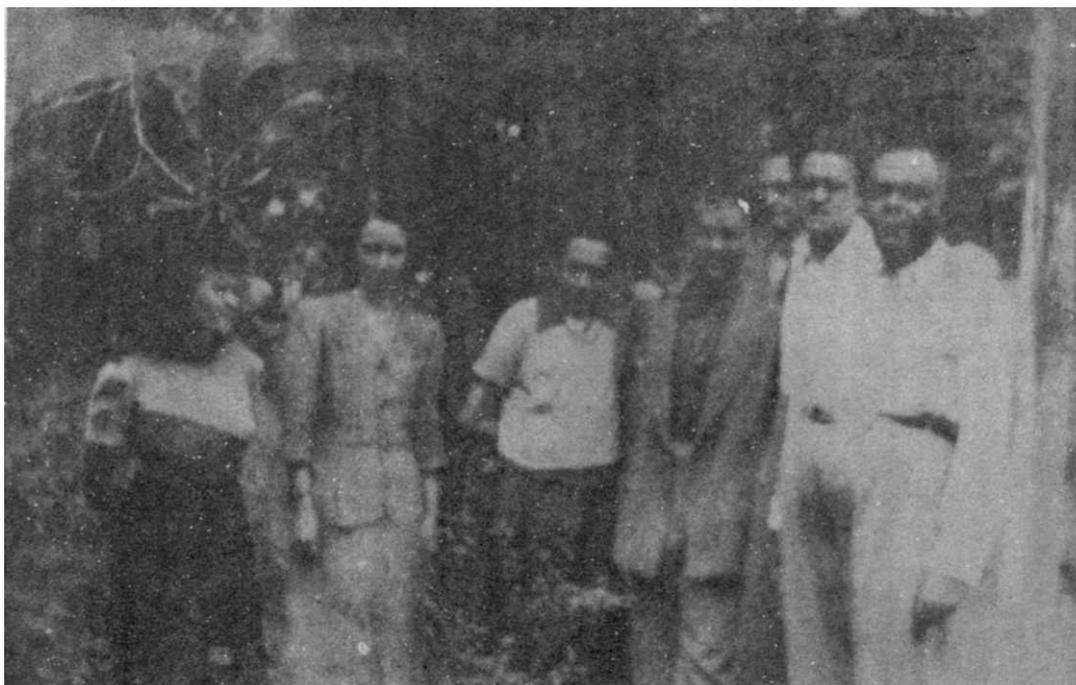
Também não sabemos se a presença e as forças de Peixotinho junto ao Chico colaboravam para desenvolver a sua mediunidade de efeitos físicos. Há no Brasil alguns médiuns de efeitos físicos que foram desenvolvidos em reuniões com o Peixotinho ou que acabaram de se desenvolver com a contribuição de sua mediunidade.

É natural que manipulando o material ectoplásmico de Peixotinho pudessem os Espíritos agir mais facilmente sobre o outro médium em desenvolvimento.

A realidade, porém, seja como for, é que com a presença do Chico os fenômenos pelo Peixotinho tomavam maior expressão. As materializações de Ana e Meimei são extraordinárias. O fato de o Chico fazer questão de publicar que se tratava de u'a amiga espiritual de Chico Xavier, faz-nos crer na afinidade que o ligava a Meimei. Ora, sendo grande a afinidade, o recolhimento pelo Espírito do ectoplasma era fácilimo.

6) "Materializações Luminosas".

7) "Materializações Luminosas".



CHICO XAVIER — PEJXOTINHO — RANIERI — Dona LAVRA —  
JOÃO GONÇALVES — INÁCIO DOMINGOS DA SILVA — (Da  
coleção do Autor)

O amor é força de atração inexorável. O amor e o ódio nos imantam às criaturas que amamos ou odiámos, apenas o amor é força de libertação e o ódio, força de escravização. A imantação, no entanto, é quase a mesma e nós admitimos que o ódio nesse aspecto exerce maior influência. Chico que mais tarde se revelou como médium de materializações, assunto que será relatado no volume sobre mediunidade, que estamos elaborando, e no TEORIA E PRÁTICA DAS MATERIALIZAÇÕES, livro a sair, naturalmente, forneceu enorme quantidade de ectoplasma para as materializações de Meimei e Ana.

Quanto a isto, não temos a menor dúvida, apenas, como sempre, pela humildade que o caracteriza, não se referiu ao caso, deixando que tudo ficasse à conta de Peixotinho.

## O CONVERSADOR MEDIÚNICO

Frank Harris disse de Oscar Wilde que este era um conversador genial. O encanto da palavra do futuro prisioneiro de Reading prendia os que o ouviam. De seus lábios brotavam os lírios do vale e as flores do campo. De seus olhos desprendia-se o magnetismo capaz de arrastar multidões. Tudo nele era magnetismo e força.

Chico é da mesma raça e da mesma tempera, porém num clima cristão. Wilde que sonhava com a Grécia era o grego que descendia de Alcebíades. Chico, que sonha com o Cristo, descende de Sócrates. Num, a beleza da arte; no outro, a grandeza da sabedoria. Chico é sábio. Wilde era o escritor do mundo que buscava o Reino da Perfeita Beleza Humana. Só no fim da vida- Wilde buscou o Cristo, e embora já falasse Nele muito antes.

A sabedoria do Chico, porém, tem a beleza das expressões de São Francisco de Assis. Traz em si o tom franciscano e a resignação do pobre. Há muita identidade entre Chico e Francisco. Ambos possuem o dom da simpatia humana, que é própria dos santos, mas que neles vem envolvida em profunda humildade. Cremos que apesar dessa humildade, Chico seja o maior conversador mediúnico que o mundo já conheceu. Multidões procuram-no em Uberaba e já procuravam em Pedro Leopoldo e desfilam à sua frente. Cada um é recebido com um sorriso e uma palavra de bondade. Chico ouve com carinho e simpatia os pedidos que lhe fazem e as consultas que lhe exprimem e, tendo ao lado, segundo ele, entidades espirituais, notadamente Emmanuel ou Bezerra de Menezes, vai respondendo. As aflições das criaturas que sofrem são colocadas em suas mãos e ele, sem pestanejar, diz o que os Espíritos lhe informam ali através da audiência. Vai tentando encaminhar ou solucionar os problemas e fala mansamente, de irmão para irmão. .. No entanto, ao mesmo tempo vai autografando livros e de quando em quando, contando histórias ou fazendo pequenos comentários, entremeados quase sempre de risadas alegres... Todos riem com ele porque o seu riso é contagiante. Chico, todavia, é extraordinário conversador, atravessa a noite conversando. E fala de tudo: religião, ciência, literatura, arte, modas, assuntos do dia e problemas humanos... Está sempre ao par dos acontecimentos do Brasil e do Mundo.

Como pode ele saber tudo isso, atendendo aquelas multidões, ninguém sabe. Pode mesmo ser que conversando com todo o mundo acabe sabendo tudo. Mas a verdade é que não há tempo para lhe falarem dos acontecimentos do mundo. Cada um traz o seu problema cruciante, que faz questão de lhe relatar. A maioria vem aflita, desesperada... Poucos amigos se perdem no meio do povo. A paciência de Chico é infinita. Nunca demonstra má vontade. Fala, conversa, acalma, orienta, consola. ..

E isso é permanentemente. Sem descanso quase. As reuniões avançam noite a dentro e ele também prossegue, incansável...

Nos últimos tempos, costuma descer a pé do Centro Espírita até a praça principal de Uberaba, que deve distar uns três klm. Acompanhamo-lo uma noite após o término dos trabalhos. Eram mais ou menos duas horas da madrugada. Disse ele que estava fazendo aquele passeio depois das reuniões, agora, habitualmente, como exercício físico e que se sentia muito bem. ..

Nós ficamos cansados. Ele não demonstrou nada. E ia conversando, falando, abordando os assuntos mais diversos e interessantes. Uma informação aqui, uma história ali, uma anedota acolá.

E a conversação atrai, prende e interessa. Se ele não se despedir, já altas horas, ninguém vai embora. E é uma pena porque esse material de sabedoria e conhecimento vai se perdendo. Nós gravamos alguma coisa. Depois houve um pequeno incidente com uma gravação que estávamos fazendo e, daí, desistimos. Quando vamos lá, não levamos mais gravador. Se tudo o que diz é espiritual, dificilmente os espíritos tornarão a repetir o que disseram. cremos que uma parte é dos espíritos e outra é dele.

Naquela noite, falamos com ele mais uma vez do livro que iamos enviar à editora "Chico Xavier e a Poesia Brasileira" e ele nos disse que era melhor colocar "Luso-Brasileira". Ai, nos lembramos que de fato no livro havia o estudo de uma meia dúzia de poetas portugueses. O Dr. Elias Barbosa estava presente e o Chico disse que ele também estava escrevendo um livro semelhante ao nosso, a pedido da Federação. Nesse livro o Elias estudava também os poetas do "Parnaso de Além Túmulo", que ia completar quarenta anos de publicação ou de recepção.



CHICO XAVIER — No Teatro Municipal de S. Paulo quando ali foi recebido — vendo-se também o então ainda jovem Campos Vergai — (Gentilmente cedida pelo Jornalista Antônio Hermann Dias Menezes)

— Pois é, Ranieri, o caso agora é de prioridade, o seu deveria ter saído primeiro...

Rimos e respondemos-lhe:

— Não tem importância, Chico, o nosso modo de escrever é tão diferente do estilo do Dr. Elias, que não prejudica nada. Como nós vemos as coisas ninguém vê!

Ele riu. O Dr. Elias, então, passou a conversar conosco sobre o seu livro. Trocamos ideias e lhe dissemos da forma como elaboramos o nosso livro e ele afirmou que coincidia com o critério que adotara para o seu. Diante disso, posteriormente, tomamos a deliberação de incorporar essa obra a este volume "Recordações", de maneira a torná-lo apenas uma parte despersonalizada de um livro e não um livro independente, mas voltando, a Editora Allan Kardec nos pediu o livro em caráter de urgência. . . Entregamo-lo para publicação com o título que a própria editora colocou e do qual discordamos: "Chico Xavier e os Grandes Gênios".

## O CASO HUMBERTO DE CAMPOS

Humberto de Campos era um dos maiores escritores brasileiros. Nos últimos dias de sua vida, dominado por terrível enfermidade, escrevia com profunda piedade. Suas palavras e suas páginas já falavam de alguém que não era mais deste mundo. O público assistindo impotente à sua quase agonia devorava-lhe as crônicas e os livros como quem se despede de um grande amigo. Doente, deformado, sob o peso da morte, Humberto recebia cartas de consolo e conforto, e, diz ele —dos espíritas que tentavam dar lhe novas esperanças.

Morto Humberto de Campos sob a consternação nacional, tempos depois, Chico Xavier começou a receber o grande escritor.

O estilo era o mesmo, as imagens e as expressões eram do melhor Humberto. Agripino Grieco veio de público atestar a autenticidade do estilo e da linguagem, cheia de referências à Grécia e aos homens que ambos amaram, já que se encontravam quase que diariamente para um bate-papo. ..

As crônicas escritas pelo Chico saltaram para as páginas dos jornais e passaram a ser estudadas e criticadas, os livros foram vendidos às enxurradas, e o nome de Chico Xavier ganhou maior popularidade.

A venda dos livros despertou o interesse da família que ingressou em Juízo para cobrar indenização e impedir talvez a publicação das obras. O caso tornou-se rumoroso e foi fartamente divulgado pela Imprensa Brasileira, como é do conhecimento de todos.

Daí, a polêmica. Em toda a parte se falava no caso: discutia-se na rua, altercava-se no barbeiro, interessava à mocinha do balcão de lojas comerciais, os professores arriscavam-se a comentar os estilos, e muita gente divergia quanto ao direito da família do escritor receber ou não o dinheiro relativo às obras. Uns, inclusive os espíritas, afirmavam que era muito justo que se dessem os direitos autorais à viúva e aos filhos do cronista.

Outros, julgavam que não, que o espírito é livre e não pertence mais à família e que por isso o que escrevesse também não pertencia. A Federação Espírita Brasileira contratou o Dr. Timponi para defender Chico Xavier em Juízo e este apelou para a colaboração literária e doutrinária do grande escritor espírita Carlos Imbassahy.

O juiz, Nelson Hungria, notável jurista, conduziu o caso com mestria e deu um despacho saneador que liquidou a questão. Nesse tempo, porém, lá do Maranhão, uma velhinha bondosa, que acalentara nos braços, um dia, o seu filho amado, escreveu a Chico Xavier e lhe enviou o retrato do escritor com carinho. Dona Ana de Campos Veras, que naturalmente contemplara o cajueiro que seu querido filho plantara quando criança, na Parnaíba, saudosa e cheia de ternura manda também ao médium estas palavras singelas mas profundas:

"Ao Prezado Sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete espiritual do meu saudoso filho, Humberto, ofereço com muito afeto esta fotografia, como prova de amizade e gratidão.

Da criada atenciosa,  
Ana de Campos Veras  
Parnaíba, 21-5-38".  
Mulher extraordinária!

Coração de mãe não se engana. Através das páginas recebidas por Chico Xavier ela não só viu o estilo glorioso do filho, mas viu-lhe também a alma amorosa e cristã.

E em 19 de julho de 1944, dona Ana de Campos Veras diz ao redator de "O Povo":

"— Realmente — disse dona Ana de Campos Veras — li emocionada as "Crônicas de Além Túmulo", e verifiquei que o estilo é o mesmo de meu filho. Não tenho dúvidas em afirmar isso e não conheço nenhuma explicação científica para esclarecer esse mistério, principalmente se considerarmos que Francisco Xavier é um cidadão de conhecimentos medíocres, onde a fraude? Na hipótese do Tribunal reconhecer aquela obra como realmente da autoria de Humberto; é claro que, por justiça, os direitos autorais venham a pertencer à família, no caso, porém, de os juizes decidirem em contrário, acho que os intelectuais patriotas fariam ato de justiça aceitando Francisco Cândido Xavier na Academia Brasileira de Letras...



Aspecto da reunião no Teatro Municipal de S. Paulo com Chico Xavier

Só um homem muito inteligente, muito culto, e de fino talento literário, poderia ter escrito essa produção, tão identificada com a de meu filho.

Parece-nos ouvir a voz simpática e amiga da- mãe extremosa, que lá dos sertões do Maranhão, dava uma lição de verdade e de entendimento aos pseudosabios e cientistas de nossa pátria. Com a sua sensibilidade de criatura que conhece bem o próprio filho, aceitou-o sem restrições. Viu nas paginas que escrevia o artista e o filho, que os homens de má vontade não queriam ver.

" No caso, porém, de os juizes decidirem em contrário, acho que os intelectuais patriotas fariam ato de justiça aceitando Francisco Cândido Xavier na Academia Brasileira de Letras..."

E é verdade, ou acreditavam que era verdadeiramente o Espírito de Humberto que escrevia as obras, e na opinião de dona Ana de Campos Veras, e aí então a família do escritor merecia os direitos autorais ou então, que dessem ao Chico uma cadeira na Academia. A Justiça e os homens, no entanto, não fizeram nem uma coisa nem outra. A Justiça lavou as mãos como Pilatos e declarou que ela nada tinha a ver com o caso que fugia ao seu domínio, pois, não poderia legislar no Reino do Espírito. .. E os brasileiros não tiveram talvez a coragem de lhe dar uma cadeira na Academia. . . Mas a velhinha serena que lhe mandara o retrato do filho, na sua simplicidade de mãe, deu-lhe quase, em seu coração, o lugar do próprio filho.

## DIREITOS AUTORAIS

Há muita gente que não sabe que Chico Xavier não recebe para si os direitos autorais dos livros que escreve.

Ninguém escreveu até hoje, neste Brasil, mais livros do que ele e ninguém recebeu menos, em dinheiro, pelo seu trabalho. Creio que tem recebido muito em amizade, amor e compreensão, em simpatia humana e em popularidade. São essas, porém, moedas não catalogadas ainda na escrituração terrena. Não há fichário entre os homens para registrar o amor nem inventaram ainda a máquina que registra as irradiações de simpatia, mas já existe o IBOPE, figura moderna capaz de acusar a posição aproximada do escritor ou do artista, do santo ou do médium, no coração do público, e, Chico, nesse aspecto, pode saber o quanto os brasileiros o amam.

Há pouco tempo, falando por um canal de televisão, empolgou todo o Brasil e não foram poucos os homens que choraram ouvindo sua palavra suave e cristã. Estávamos diante de um novo sábio e de um novo santo. Simples e amigo, Chico falou dos grandes problemas do mundo e respondeu a numerosas perguntas que interessam de perto a alma humana. E, naturalmente, na sua sensibilidade de grande médium que já recebeu os maiores poetas da nossa língua, sentiu pulsar junto ao seu o coração de todo um povo.

Neste momento, os livros de Chico Xavier já devem ter passado a casa dos três milhões de exemplares. Qualquer escritor, com essa cifra, já estaria rico. Chico, porém, prefere a simplicidade e nada deseja para si mesmo. Confia em Deus e aguarda o futuro como o semeador que após semear espera os frutos do seu trabalho. Sabe que o Senhor não o abandonará e que acima dos problemas e das misérias dos homens paira a vontade soberana de Deus.

Todos os direitos autorais das obras de Chico Xavier são destinados a amparar os pobres e os sofredores. A Federação Espírita Brasileira recebe a maior parte, já que não são muitos os livros publicados fora dela. Outras editoras têm publicado livros seus para atender a instituições de caridade.

Enquanto seus livros rendem milhões, Chico Xavier vive com um minguado vencimento de funcionário aposentado da Secretaria da Agricultura. Cada edição de livro dele é geralmente de dez a quinze mil exemplares e saem dois a três livros por ano e às vezes até mais.

Chico, contudo, se mostra indiferente ao dinheiro que possa vir das obras dos espíritos. Para ele, o dinheiro relacionado com as coisas espirituais não existe.

A Livraria Lake de São Paulo publicou uma dúzia de livros do Chico, o G.E.E.M. mais nove livros e a Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, vem publicando uma série. Entre esses livros publicados fora da Federação estão aqueles de tamanho e formato pequeno que encontraram grande aceitação. Livros de bolso, cômodos, portáteis. Os direitos autorais concedidos pelo Chico são sempre mediante documento passado em cartório, por escritura pública, pelo menos é a conclusão a que chegamos, ouvindo-lhe algumas vezes comentários sobre o assunto. Nada fica para ele.

Há ocasiões em que está em dificuldades financeiras, de caráter pessoal, mas mesmo assim não aceita nem recebe dinheiro algum. Rígido em questões relacionadas com a Doutrina, de uma rigidez quase brutal. Ele que é tão bom, tão manso e tão humilde! Não permite nem aceita que paire qualquer sombra ou dúvida sobre as coisas da Doutrina. Jamais admitiu que se supusesse que as obras que escreve fossem suas. São obras dos Espíritos e como tais não lhe dão direito a nenhum lucro ou vantagem.

"Dai da graça o que de graça recebestes" — disse o Senhor. E ele assim o faz por amor a todos nós.

## VISITA AO CHICO

3-2-73

Fomos a Brasília. Mello, Feliciano, Rui, conosco. Viagem cansativa mas interessante. Rodamos das quatro horas da tarde às nove horas da manhã do dia seguinte. Nosso objetivo: resolver o problema da autorização de Faculdades para Guaratinguetá.

Brasília resplandecia em sua glória arquitetural de cidade do futuro, mas que no presente é apenas uma cidade desumana. O gênio de Niemeyer explodia aqui e ali nas construções de feitio oriental às vezes e de inspiração marciana, outras. A igreja que são mãos unidas para o céu, o Senado e a Câmara que lembram os discos voadores. Lúcio Costa deslizava nas rodas dos automóveis porque o seu traçado genial não deixou lugar para os pedestres e para os pobres. Naquela cidade não podem viver os humildes. Brasília não esmaga o homem com sua grandeza mas conduz a alma a um estado estranho de incompreensão. Compreendemos ali, a; beleza e a admiramos mas não temos onde situar o homem. Não há lugar para os homens, contudo há lugar para os artistas e para os ricos. Mesmo assim, a melancolia em breve estiola aquele que possui o poder do dinheiro. Os prédios dos ministérios igualam o poder de governar. A identidade dos dois blocos, da Câmara e do Senado, a igualdade entre a arquitetura do Palácio do Planalto e do Senado assim como a do Palácio da Alvorada também nivela os que governam e legislam. Gênio socialista, Niemeyer deixou ali a sua pregação. Todos são iguais, até o Presidente da República. O Itamarati enfrenta outro prédio que apenas se diferencia dele ligeiramente nas reentrâncias das colunas. São iguais. De repente, a Bandeira do Brasil, mal colocada, porém, imensa na sua majestade, clama contra a igualdade talvez inconsciente do artista.

Um rio cheio de moedas que os transeuntes, os turistas lhe atiram no fundo das águas fala do romantismo do povo que homenageia o Presidente. Entre o Povo e o Presidente o artista colocou um pequeno córrego lembrando os palácios medievais e nele o povo atirou as moedas singelas de seu país. Brilham como estrelas no lodo das águas.

Voltamos de Brasília no sábado, paramos em Uberaba. Em Goiânia havíamos reencontrado a cidade tradicional movimentada, que tem calor e vida. Diferente de Brasília, o povo está nas ruas e as artérias largas sem exagero, parecem formigar de gente. Moças, rapazes, velhos, crianças, mulheres, todos se encontram. Casas de comércio, movimentadas, cores nas roupas, cores nas vitrinas, cores nas ruas. Tudo é vida e trepidação.

Uberaba, contudo, embora menos bela, é também movimento e vida. Há, todavia, no ar, a impressão do vício escondido. Os carros que à noite rodam desenfreados na praça e a rapaziada que leva as moças em algazarras e alaridos. Os poucos bares estão sempre cheios e os meninos que, a cada passo, pedem esmola, falam da pobreza do povo e da humildade daquela gente. Ali, no entanto, é a terra do gado e dos fazendeiros ricos. Enquanto, dizem, os milhões correm nas algibeiras e nas carteiras de cheques dos homens do gado, as crianças mendigam pelas ruas e pelas praças.

Chico estava na peregrinação. Procuramo-lo. Chegáramos atrasados. As ruas de terra por onde andava ele e a sua gente exibiam as poças de água e o capim molhado, que crescera desordenadamente. No meio da noite, uma lanterna brilhava sobre a cabeça de um rapaz que a erguia. A pequena multidão seguia o missionário que ia de porta em porta fazendo a sua pregação.

Pobrementemente vestido, ar cansado, sobre os braços de um homem enorme que o sufocava e de uma mulher silenciosa que gozava o prazer de travá-lo rijamente pelo braço, como se dissesse em triunfo:

— É só meu! Só meu! De mais ninguém! Ele gosta de mim, eu o sinto! Só meu!

Chico falava, Chico sorria, Chico andava, Chico se dobrava sob o peso da missão e da vida, humildemente. ..

Acompanhamo-lo sem que nos visse. Parava à porta de uma casa, os moradores vinham vê-lo, o povo à volta, silencioso, atento.

Família pobre que ele visita. Abria um livro ou mandava que alguém abrisse, um livro espírita, de Emmanuel ou André Luiz, e lia. Alguém dizia alguma coisa. Ele comentava com espírito. Sem que ninguém percebesse, uma das mulheres que o seguiam, como aquelas que seguiram Jesus, entregava um envelope com dinheiro nas mãos do dono da casa, e a caravana prosseguia, na noite à luz bruxolante da lanterna.

Alguns rapazes, também disfarçadamente, haviam levado mantimentos para aquelas criaturas num saco branco.

Perto dele, atrás com os outros companheiros, arrastávamos os nossos pés... As vezes numa poça d'água, noutra no barro mesmo.

A felicidade brilhava em todas aquelas almas, e na nossa.

As palavras do Chico contando um caso aqui, outro ali, era um pássaro de luz que voava entre nós.

Retornamos ao Centro Espírita da Comunhão Cristã. Pobreza, simplicidade, cristianismo. O amor era o centro de nossas vidas.

Reunidos à mesa, Chico recebeu uma mensagem de Emmanuel: "Petição de Mulher". Leu-a em voz alta.

Após, passou a ouvir a pequena multidão que o cercava. Ouvi-lhes as amarguras e as dores, os sofrimentos e as desgraças e para todos encontrava a palavra que consola e levanta.

Abraçamo-lo no fim. Abraçou nossos amigos.

E começou a falar sobre adultério.

Um homem ali lhe perguntava e ele respondia:

— Não concordo com essa história de que o homem pode fazer o quiser e a mulher, não. Sou pela castidade, mas como dizem os ingleses: Tudo o que o ganso bebe a gansa também pode beber...

O homem acha que pode fazer o que quiser, mas a sua mulher não.

O homem acha que pode fazer tudo que quiser, mas o seu pai, não.

O homem acha que pode fazer tudo o que quiser, mas o seu filho, não.

Não, eu não concordo. Guardem a castidade, mas fiquem sabendo que tudo o que um pode fazer o outro também. Sou pela castidade de ambos, mas repito que tudo o que um faz o outro pode fazer. Estou dizendo isto porque este senhor tem uma escola de oradores espíritas e quer que eu diga algo sobre adultério. Creio que o melhor é que havendo dúvida os oradores não tratem do assunto. Tudo o que levanta dúvida para a Doutrina deve ser deixado de lado até uma melhor oportunidade. Assunto controvertido, fique de lado. Os oradores não devem fazer, de público, confusão na cabeça dos ouvintes. Nem todos têm condições de entender. Nós, aqui estamos falando em família, em particular.

Vou contar um caso para vocês. Minha mediunidade começou aos quinze anos. Comecei a receber os espíritos, a ver e ela foi se desenvolvendo. . . Quando eu estava com uns vinte anos, um amigo de meu pai me disse um dia que ia me levar para passear, dizendo que ia fazer um serviço especial. À noite, fui com ele. Levou-me a uma casa de mulheres. Quando entrei e vi nossas irmãs, lhe disse: por que é que me trouxe aqui? Se eu quisesse vir teria vindo sozinho, não era preciso ninguém me trazer! Ele respondeu:

— Foi seu pai que me pediu, acha que você já está na idade.

— Eu não quero nada disso, se quisesse teria vindo sozinho. As mulheres, porém, nos rodearam e disseram logo:

— Vejam quem está aqui: o Chico Xavier! Gente, hoje não vai ter nada não! Vamos fazer uma prece juntos!

E logo foram pedir um Evangelho emprestado nos vizinhos porque ali não havia nenhum. E foi uma coisa! Prece, passes, palavra dos espíritos! Grande alegria cristã.

Quatro homens, porém, revoltados, ciamr>iam:

— Chico, porque é que você tinha que vir aqui hoje?! Chico riu e nós também rimos.

. — Hoje — acrescentou ele — tudo evoluiu, mudou. Diz o Espírito de Emmanuel que as religiões colocaram um tampão no problema do Sexo e não havia meios, através dos espiritualistas, de chegar às criaturas maiores esclarecimentos. Os religiosos não admitiam conversa sobre sexo, os pais não falavam com os filhos sobre o assunto. Daí, então, veio uma ordem da Espiritualidade Superior:

— Começar pelo materialismo, é através dele que chegarão as primeiras notícias. E assim foi. Não demorou e os médicos, os psiquiatras, os psicólogos, todos começaram a falar de sexo. Com os doentes, com os jovens, com todo o mundo.

O que o ganso bebe a gansa também pode beber. Tudo evoluiu. Não concordo com essa história de que um pode fazer tudo o que quiser. Defendo os dois e sou pela castidade, mas defendo principalmente a mulher...

Aproximamo-nos dele para conversar. Falou conosco de livros. Depois, voltando-se para o Feliciano, começou a falhar-lhe de cursilhos. E para nós:

— Não podemos permitir que a Igreja Católica agora se acabe. Ela está se dividindo. Isso não pode acontecer. Ela precisa sobreviver mais cem anos. Nós não temos condições de receber os católicos que estão vindo em multidões. Todas as semanas vêm aqui mais de mil, estão saindo da Igreja e nós não temos tempo nem recursos para recebê-los. Nem eu, Ranieri, nem você. Nossos centros espíritas são como choças e eles estão saindo dos palácios. ..

A Igreja não pode se dividir porque se isso acontecer e ela perder a autoridade sobre o povo, muita gente vai ficar doida. .. Haverá crimes horríveis por todo o lado e em quantidade... Ranieri, Mello, nós precisamos ajudá-la a sobreviver mais um pouco. Prestigiem-na para que não caia. .. Essa briga de cursilhos não vai bem. Estou preocupado.

E estou preocupado que acabem com o Inferno: ainda há necessidade do Inferno! Sem ele tudo vai piorar.

Vi que o Chico estava realmente preocupado, falava sério, não ria como lhe é habitual.

Ficamos meditando. Suas palavras nos recordaram Manoel da Nóbrega e Anchieta lançando no início da colonização brasileira as primeiras sementes do Evangelho em terras do Cruzeiro.

Procuramos a janela para ver as estrelas, mas o céu estava escuro, as nuvens de chuva ainda estavam no céu.

## CHICO NA TV

As televisões anunciaram que Chico Xavier compareceria no Pinga-Fogo. Expectativa, suspense, interesse. Todos aqueles que nunca o viram vibraram porque teriam agora a oportunidade de vê-lo e ouvi-lo. Por toda a parte se ouvia dizer que Chico em determinado dia, estaria frente a frente com as câmeras de televisão.

Nós, também, de Guaratinguetá, aguardávamos. Já imaginávamos Chico diante do terrível Pinga-Fogo que já interrogara tanta gente importante, desde o tempo de Aurélio Campos !O Pinga-Fogo era um desafio. Chico era um santo e um ingênuo, um simples e um bom. Como se portaria na Televisão? Essa era a pergunta que cada um se fazia a si mesmo. Valeria a pena se arriscar a tanto? Haveriam de estraçalhá-lo ou os Espíritos que o assistem estariam presentes para ajudá-lo?

Lembravamo-nos de O Cruzeiro e do caso Otília Diogo. O fato abalara o Brasil e os jornalistas que não tinham conhecimento da técnica dos fenômenos construíram a confusão. Waldo Vieira deixara a mediunidade após aquele fato e Chico retornará, sereno, ao seu trabalho evangélico. Mas apesar disso, o acontecimento ficou no meio comum como uma grande e imensa dúvida. Nós escrevemos um folheto: "Em Defesa da Mediunidade". Embora a publicação de vinte mil exemplares, parecera-nos que não atingira o grande público, diluíra-se na massa e permaneceu quase ignorado. Vinha, agora, o Chico à Televisão. O que iria acontecer?

Os espíritas estavam esperançosos e preocupados. A esperança de vê-lo triunfar, a preocupação de vê-lo novamente sofrer a incompreensão dos homens.

Mas ele foi à Televisão e causou um impacto nacional. O Brasil inteiro ficou aparvalhado diante daquele homem simples que falava como um sábio e procedia como um santo. Sereno e sábio, respondia como Sócrates, a todas as perguntas e esclarecia indagações. Deu de novo a impressão de que era "o mais sábio dos homens". Interrogado, diga-se a verdade, com imenso respeito e carinho pelos jornalistas, escritores e homens de saber, dava sempre a explicação razoável e perfeita que todos esperavam. E era comum assinalar, de momento a momento, a presença ali de Emmanuel e André Luiz, que o auxiliavam a responder. Testemunho da Verdade...

Dezenas foram as perguntas que lhe fizeram. Entre elas, todavia, anotamos, como resposta ou informação, esta:

"Existe um líquido na espinha do homem que se espalha na hora em que ele agoniza e que lhe tira toda a dor, fica anestesiado. A morte, assim, não dói nada. É uma anestesia geral".

O assunto era novo, por isso consultamos os médicos amigos e nenhum tinha conhecimento da existência do líquido que anestesia. Se é do conhecimento da Medicina, o que não parece também ser, não é do conhecimento geral porque nós nunca ouvimos falar nisso.

Comprendemos, então, que a morte, nessas circunstâncias, não traz sofrimento físico algum e Victor Hugo tinha razão, quando dissera: "O sono é a imagem da Morte". Revelação interessante para nós, pobres mortais, que tememos a dor, o sofrimento e a morte. Dor e sofrimento que, neste mundo, são necessários, a fim de que o espírito evolua e se aperfeiçoe. Consolação para os que sofrem, como nós, nos círculos infernais da existência humana, sujeitos a enfermidades de todo o tipo e a desilusões de toda a ordem. Deus em Sua Bondade Infinita tudo previu e tudo preparou para que o homem em sua jornada pela Terra tivesse o pão da vida e o pão da morte.

Outras coisas importantes disse o Chico naquela noite. Sua palavra era como bálsamo para nossa alma e como óleo para as lâmpadas da nossa vida.

"Não coloqueis a luz debaixo da cama" — ensinara o Cristo — "mas no velador para que todos a vejam e se iluminem".

Sempre houve entre nós e o Chico uma certa coincidência relativa a determinados fatos. Coincidência às vezes extraordinária. No campo da mediunidade é comum recebermos uma informação espiritual aqui e o Chico receber coisa semelhante lá. Por exemplo: durante alguns anos nós tínhamos os originais de um livro que se chamava Palavras de Vida Eterna. Um belo dia, Chico publicou um livro chamado "Palavras de Vida Eterna". Recebemos outro livro, do Espírito do Irmão X, com o título "Jerusalém Libertada", e o Chico recebeu um livro que se chamou Portas Libertadas. Enquanto o livro girava nas oficinas gráficas da Federação Espírita Brasileira, o Arlindo de Belo Horizonte publicava em manchete, em "O Poder", a notícia do nosso "Jerusalém Libertada". Não sabemos se por influência desse fato ou não, mas o caso é que o livro "Portas Libertadas" do Chico teve o seu título mudado para Libertação, que aliás nos parece melhor título.

Além disso, todas as vezes que estamos escrevendo ou recebendo algum livro sobre assunto que é novidade, Chico também está tratando do assunto. Escrevemos "O Sexo Além da Morte" e no mesmo período Chico recebeu Sexo e Vida. Coisas assim, coisas interessantes.

Por isso, sempre que conversamos com o Chico, os Espíritos nos enviam alguma confirmação por intermédio dele.

Certa ocasião conversávamos sobre problemas espirituais e ele nos disse que a saída do espírito do nosso mundo é muito difícil. Que as portas de saída são guardadas rigorosamente e que quando um espírito consegue alcançar as portas de saída há muito júbilo no Céu.

Lembramos da palavra do Cristo: "Há mais júbilo no Céu por uma ovelha que se salva e que estava perdida do que pelas noventa e nove que estão conosco".

— É muito difícil, mas muito difícil ao espírito alcançar as portas de saída da Terra. Há vigilantes poderosos que impedem a saída do espírito. Só quando este atinge a plena espiritualização é que consegue atravessar as portas.

Olhei o Chico e fiquei pensativo. Por nosso intermédio .estávamos informados de assunto semelhante. O magnetismo terrestre atrai e aprisiona aqueles que ainda mantêm-se num teor vibratório inferior. Em "O Abismo", tivemos oportunidade de ver zonas infernais terríveis e ouvimos falar das Portas de Saída.

Muita gente acredita que é fácil sair de nosso mundo, basta morrer. Mas o fato não é assim. Só através da espiritualização milenar conseguiremos vencer as barreiras das faixas vibratórias. Há uma relação direta entre as centenas e talvez milhares de faixas vibratórias que percorrem e penetram os mundos e a vibração de seus habitantes.

Em nossa visão espiritual ficamos contemplando as Portas Libertadoras que conduzem os espíritos eleitos através da evolução para os caminhos livres do Infinito.

## AS REUNIÕES

As reuniões do Chico sempre foram das mais concorridas do Brasil. São simples, sem mistério. Ele sempre fez questão de que se realizassem na claridade. Todos vêm.

Sentado à cabeceira da mesa, ao lado geralmente, o Presidente do Centro, à volta da mesa, pessoas que são indicadas por ele um pouco antes do início dos trabalhos e que nós admitimos que sejam por Emmanuel.

Chico escreve num pedaço de papel o nome dos convidados para a mesa. Iniciados os trabalhos, enquanto ele psicografa uma montanha de receitas: duzentas e até quinhentas, os elementos que estão sentados fazem comentários, em voz alta, sobre os livros que estão à mesa. Há sempre uma quantidade grande de exemplares dos mesmos livros. Antigamente, durante muitos anos, havia livros variados; hoje, notamos que só há O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo. O Presidente indica inicialmente a lição da noite para O Livro dos Espíritos e depois para O Evangelho. Todos abrem os livros que têm à frente nas respectivas lições, tanto num quanto noutro livro, e acompanham. De um a outro vai sendo dada a palavra e quase todos fazem o seu comentário.

Chico recebe o receituário e no fim, recebe mensagens. Ultimamente, tem recebido só uma mensagem de Emmanuel que se refere às lições lidas. Antes, recebia mensagens variadas, inclusive particulares ou para pessoas que estavam na reunião. Enquanto isso tudo ocorre, numa salinha, à entrada, alguém aplica passes nas pessoas que o desejarem. O Dr. Rômulo Joviano deu passes ali durante muitos anos assim como também o fez por longo tempo o Machado, que Chico chamava de "o namorado de todos".

Noutra sala em frente, uma livraria exhibe a literatura dos Espíritos que se comunicam pelo Chico principalmente, e de outros autores. Os livros são vendidos e a maioria das pessoas no fim da reunião pede um autógrafo ao médium ou uma dedicatória. Terminada a reunião, enquanto autografa, o médium vai conversando com as pessoas que vão se despedir dele, abraçando-o, ou que vão consultá-lo sobre os mais diferentes problemas. A todos responde com delicadeza e boa vontade. Ali vão pessoas de todo o Brasil e gente até de outros países. Uma enorme quantidade de carros estaciona à porta. O interesse é muito grande.

O riso do Chico é como cascata cristalina e contagia aqueles que o ouvem. Antigamente, ele não se incomodava que se gravasse ou levassem as mensagens de caráter geral. Hoje, não. Controla tudo e tudo quer saber. Não permite sem sua autorização que se grave qualquer coisa. Isso se entende porque ele às vezes faz observações reservadas que não devem ser retransmitidas pelo rádio, televisão ou jornal. Em conversa com amigos mais íntimos dá vazão às suas opiniões ou a opiniões dos espíritos mas que não podem ser entendidas por todos. A verdade deve ser dosada. ..

A conversa final vai quase sempre através da madrugada e no fim o Chico acompanha os últimos visitantes até à porta do Centro, quando alguém apaga as luzes e fecha a porta, se despede carinhosamente de todos, geralmente, diz aquela frase:

— Fala Emmanuel, meus amigos, que o assunto é eterno... E ri gostosamente.

Os abraços, ali, se renovam na despedida. Os visitantes, no entanto, não vão embora nunca. Depois da despedida, falam mais alguma coisa, contam mais uma história, ouvem um comentário engraçado do Chico, e, enquanto isso, a madrugada engole a madrugada.

Somos de dormir tarde, duas horas da manhã, e de acordar cedo, sete horas, mas nos surpreendemos com a vitalidade do Chico que não tem horário. Vara a noite e, às vezes, no dia seguinte cedinho já tem compromisso. Mas poderíamos dizer que essa é a sua vida, a sua missão. Não adianta que não muda. Um dia destes nos disse:

— Nem eu, Ranieri, nem você nunca haveremos de ter sossego!  
Ri com ele. Eu estava justamente me preparando para ficar à-toa e não fazer mais nada.. . Havia dito aos companheiros de viagem. Ele, no entanto, foi logo dizendo que nós não iríamos ter sossego até morrer. . .

Quantas vezes, nós o surpreendemos cansado, com aquela multidão à volta. Exemplo de trabalho, luta, dedicação, esforço, compreensão, amor.

Em seu sorriso há sempre uma mensagem de paz.

E não é só aquela reunião. Há duas outras, segundo ele, por semana, para o trabalho dos livros e uma outra não nos lembramos para que, além do sábado dedicado às peregrinações.

E há muita gente na Doutrina Espírita que clama em altas vozes que trabalha muito.. .

"Eu trabalho e meu Pai nunca deixou de trabalhar. .." Essas palavras de Jesus ressoam ainda em nossas almas. E nós vemos ali, sereno e bom, o homem que também deu a sua vida pelos outros homens.

## A ARTE COM A ARTE

Na silenciosa esteira do tempo e da memória, nosso pensamento voa, com suas longas asas, como a gaivota sobre o mar. Sobe, desce e plana... Aqui, da distância, ficamos observando o pássaro que se eleva a grandes altitudes e se projeta .depois, do alto, no dorso das ondas... Lá longe, o céu se encontra com as águas, formando a linha do horizonte, porta aberta para outros continentes...

É um quadro de luz, inolvidável.

E o passado ressurge em força espiritual transcendente.

A Arlette gostava de pintar. Pintava quadros. Chico visitava-nos, semanalmente e nossas conversas, comumente, iam da religião à ciência, da ciência a arte, da Doutrina aos acontecimentos sociais.

Havia, porém, sempre referência à arte e aos artistas. Chico, sempre interessado em arte: música, pintura, poesia...

A Arlette fez para ele um quadro que, na ocasião, nós consideramos bom. Um Cristo sobre o monte falando a u'a multidão e o Chico, entusiasmado ou pelo menos, demonstrando entusiasmo dissera:

— Arlette, esses são os quinhentos da Galiléia! Veja, Jesus se despede de seus discípulos e lhes diz que eles haverão de reencarnar em todos os séculos para conservar-lhe a pureza e a beleza da Doutrina! Os olhos do Chico brilhavam de alegria na satisfação de levar o quadro. Deslumbrou-se com ele.

De fato, tempos depois, tive oportunidade de ver o quadro dependurado em lugar de destaque na parede da casa da Luísa, sua irmã.

Nessa ocasião, então, pareceu-nos um Cristo esganiçado, esquisito, estranho. Anos depois tornei a vê-lo e já me pareceu de novo bom, obra moderna, precursor de muita coisa que veio depois por grandes pintores.

Estávamos na biblioteca, em nossa casa da rua Itacolomito, em Sta., Tereza. Ali, onde o Chico dormia quando nos visitava.

— Olha, disse ele, — o casamento de Arlette e Ranieri, — 6 o casamento da Arte com a Arte.

Sorrimos, e achamos a ideia encantadora e é lógico que atingiu de alguma forma a nossa vaidade.

Através dos anos, no entanto, verifiquei que realmente tem sido apenas o casamento da arte com a arte.

Aquele casamento artístico que me acompanhava desde a infância fizera com que duas criaturas que gostavam de arte se encontrassem. De minha parte, creio que o maior interesse foi esse.

Ela, com o correr do tempo, melhorou sua capacidade de pintar e se não alcançou uma posição na arte brasileira é porque não quis se dedicar de corpo e alma ao maravilhoso dom que Deus lhe deu. Mas Chico sempre dissera: "A Arlette é a humildade viva". Disse mais, logo no começo em que recebia André Luiz, "a Arlette daqui a quinze anos pintará quadros de Nosso Lar".

Mas existe o livre arbítrio e cada um responde pelo que faz e pelo que deixa de fazer neste mundo.

Chico colocou o quadro embrulhado debaixo do braço e levou-o para Pedro Leopoldo. Foi no trenzinho das quinze para as dez. Nós o deixamos no trem e nos seus lábios brilhava aquele sorriso feliz de felicidade infantil.

Nossos olhos estavam cheios de lágrimas. Como era preciso tão pouco para fazer aquele homem feliz!

## AS AMIZADES

Chico liga-se temporariamente a certas pessoas. No começo, descobre-as e fica eletrizado, empolgado. Visitas, cartas, cartões, reuniões, amizade profunda. De repente, sem explicação alguma, desaparece, some. O silêncio cobre a distância. Durante anos, esse fato sucedeu com numerosas pessoas que se tornaram suas amigas íntimas, de permanecerem no mesmo recinto, de dormirem e comerem na mesma casa e depois, foram afastadas quase que definitivamente. Estudando essas criaturas, vendo-lhes os hábitos e o caráter, compreendemos que, des fato, com algumas houve motivos sérios de afastamento e, com outras, não; pelo menos naquele conceito comum de amizade que todos temos.

Para nós uma amizade cristã se firma na eternidade. E se isso é verdadeiro, tanto mais importante e séria será a amizade neste mundo. Isso cremos, mas pode haver motivos espirituais que, provavelmente, modificarão nosso conceito.

Chico, na cronologia de nosso conhecimento, manteve amizade profunda com um moço chamado Plínio. Dizia-se em Belo Horizonte que fora a encarnação de um filho do Senador Flamínio, que aparece no "Há Dois Mil Anos" e que por coincidência traz o mesmo nome.

Ouvi falar dessa amizade, no princípio, parte por intermédio de César Burnier.

Sei que por fim se desentenderam ou o Chico desapareceu.

Esse rapaz me parece que era sobrinho do Professor Cícero Pereira, figura muito conhecida do Espiritismo de Belo Horizonte. Pelo que sei, Chico tinha razão.

Manteve também uma amizade séria no começo, com o grupo da União Espírita Mineira: César Burnier, Noraldino de Mello Castro, Bady Cury, Nenen Alluotto, e outros, que eram espíritos que ele conhecera em França e agora reencarnados. O Bady parece que fora general francês. Os outros, não sei. Todas pessoas de responsabilidade.

Sempre estive mais ou menos em contato com o Rubens Romanelli com quem naturalmente, teria conversado longas horas através dos tempos, por ser o Rubens espírito brilhante, elevado e inteligência fulgurante, a par de possuidor de prodigioso conhecimento. Segundo informação do Chico, o Rubens fora o filho adotivo que Fernão Dias Paes Leme mandou matar porque provocou a revolta de seus homens...

Clóvis Tavares manteve amizade com o Chico e mantém, como nós, até hoje, porém não sabemos a evolução dessa amizade. Provavelmente, esfriou-se com o tempo e, aquilo que era fogueira ardente, crepitante inicialmente se tornou pouco a pouco uma pequena fogueira, cujas chamas tremulam, enquanto os homens vêm-se acocorar ao pé do fogo para contar histórias...

Clóvis, numa de suas encarnações, foi o Padre Flanagan, de "Renúncia" e me parece que o Rei Clóvis, de França.

Jaks Aboab, o judeu errado, como ele mesmo dizia, gozou da alegria da convivência com o Chico, cheia de intermitências... e que por fim terminou com sua morte. Era também um dos espíritos ligados ao Clóvis e ao Chico na Idade Média.

João Gonçalves era companheiro nosso, cunhado do Lair, homem bom e simples. Ligara-se ao Chico, parece, quando este começara a visitar nossa casa em Sta. Tereza. João era nosso vizinho, de muro. Amigo, estava sempre em nossa casa conversando, ou nós na dele. Os meninos corriam de uma casa para outra. João, quando lhe dava na cabeça, ia ver o Chico e dormia na casa dele. Não pude apreender o grau de amizade a que chegaram mas sei que era sempre muito bem recebido pelo Chico. Alma simples, não era intelectual, nem médium, nem doutrinador. Era um homem bom que procurava outro homem bom como amigo. Também não fiquei sabendo nunca as encarnações do João que o ligariam ao Chico.

Nós fomos e somos ligados a ele por laços de eternidade, segundo a sua palavra.

— Ranieri, nossa amizade se assenta na eternidade. .. foi o que disse certa vez.

Depois de nós, ligou-se com Lenine, um moço de Leopoldina, do qual se desligou em breve.

Carlos Cavalcanti, o Cadinhos, que de acordo com informações, foi Carlos V, deu muito trabalho ao Chico. A amizade com ele e com toda a família dele foi muito grande. A mãe possuía uma casa de fotografia na rua Tupinambás, em Belo Horizonte. Chico ia sempre lá.

Algumas vezes eu o encontrei ali e até numa delas, estava o Divaldo Pereira Franco. Hospedava-se sempre em casa do Carlinhos. Chico esteve no casamento da Dothy, irmã do Carlinhos, onde fez uma prece, segundo dizem.

Essa foi uma daquelas amizades que exigiram um afastamento imediato do Chico, plenamente justificado. Foi ali que encontrei o grande médium à porta do prédio. Conversando com ele, falamos de Pietro Ubaldi.

Nessa ocasião se falava muito a respeito de Pietro Ubaldi e dizia-se que ele era a reencarnação de Pedro, o Apóstolo.

— O que é que você acha disso, Ranieri? — perguntou-me o Chico.

— Uai! Você é que me pergunta? eu é que deveria lhe perguntar — respondi — você sabe tudo, eu não sei nada!

— Gosto de conferir. .. sorriu ele — o que acha?

— Eu acho que se Pietro Ubaldi é Pedro, você é Jesus Cristo! Mas como acho que você não é Jesus Cristo, nem Pietro Ubaldi é Pedro!

Chico ficou sério e acrescentou:

— Ranieri, para receber "A Grande Síntese" era precisa u'a mente divina.

Eu fitei o Chico com descrença. Não aceitava Pietro Ubaldi como Pedro nem acreditava que ele tivesse u'a mente divina. Não admitia que "A Grande Síntese" tivesse sido escrita por Jesus por alguns motivos.

1.º) Jesus, em nossa opinião, não iria se envolver com fórmulas matemáticas e químicas.

2.º) No livro vinha assinado:

Sua Voz, se fosse ele seria: "Minha Voz".

Aceitava e falava sim, que talvez o livro tivesse sido inspirado por Francisco de Assis, que era de Gúbbio onde vivia Pietro Ubaldi e que era seu devoto incondicional, na parte evangélica, e talvez houvesse sido escrito pelo espírito de algum dos grandes matemáticos que viveram no mundo, quem sabe Pascal? — na parte científica.

Jesus, nunca.

— Ranieri, falou ainda o Chico com bondade — Ubaldi não deve vir para o Brasil. Vai sofrer muito. Você precisa conversar com o Lino e com o Clóvis Tavares para impedir á\*'sua vinda. O lugar dele é lá onde está na Europa mesmo. Lá ele é Uma Grande Luz e um pouso onde os Espíritos vão pousar. .. Fale com eles, com o Romanelli.

— Não, Chico, não falo, porque eles estão empolgados com a vinda do homem, já fizeram grandes despesas, e além disso, não me ouviriam, não sou ninguém. ..

Chico reafirmou: "Vai e fala, ele vai sofrer muito". Despedimo-nos.

Mas eu não falei nada. Não adiantava.

Arnaldo Rocha foi outro companheiro que se ligou ao Chico por algum tempo. Nessa época, iniciou o Chico as reuniões de desobsessão do Grupo Meimei e foram gravadas as comunicações que vinham por intermédio dele, por incorporação, e que daí por diante passaram a se chamar Psicofonia. Temos a impressão que esse termo altera substancialmente o termo incorporação. Neste, incorporação, tem-se a idéia que o espírito se envolve na aura do médium e o domina como se estivesse encarnado nele. Incorpora. Penetra em seu corpo, passa a dominar-lhe o corpo. No termo psicofonia tem-se a idéia de mente e garganta ou de som. O espírito se ligaria à mente do médium simplesmente e falaria pela sua boca. Psichê e fonia. Seria isso? O fato é que o Chico passou a receber os espíritos de obsessores por incorporação. Espíritos que eram e são doutrinados por alguém que estivesse no recinto. Parece-nos que seria pelo Geraldo Benício Rocha, irmão de Arnaldo Rocha, ou por este mesmo.

Esta amizade não durou muito tempo, embora as reuniões tenham continuado.

Com dona Esmeralda Bittencourt, a amizade do Chico se estendeu por longos anos, até a morte desta.

Com a oradora Mousinho, do Rio, também se mantém até hoje. Recebe o Chico em sua casa na Guanabara e visita-o até hoje.

Existe uma dona Dolores, de Santos, muito ligada ao Chico, mas a respeito de quem quase nada sabemos.

Grande foi à ligação de Chico Xavier com Waldo Vieira, chegaram a morar juntos na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, como dois apóstolos que se unissem para servir o povo. Segundo todas as informações que recebemos, Waldo era uma criatura excepcional e um bom médium. A ruptura, porém, é bastante conhecida e sabe-se que houve motivos realmente sérios para isso.

Fernando, um moço, conheceu o Chico de maneira singular. Chico estava à porta de um hotel em Poços de Caldas. Fernando passou e Chico chamou-o e começou espontaneamente a orientá-lo. O rapaz estava às portas do suicídio e Chico salvou-o. O fogo inicial da amizade extinguiu-se, mas a amizade continua. Quando se conheceram, Chico escreveu: E a Vida Continua..., de André Luiz.

Há outras amizades, com homens e com mulheres. Essas, no entanto, foram as mais conhecidas. Chico tem muitos amigos em S. Paulo, todavia, não dispomos de dados para melhores esclarecimentos. Sabemos da grande amizade que o une ao Gonçalves e que o ligou ao Sampaio. Não conhecemos, porém, detalhes. Assim como o beija-flor que vem pressuroso buscar o pólen das flores e depois se afasta velozmente, Chico também se aproxima feliz, contempla-nos, por um momento, e, após, se afasta...

Às vezes passa de novo por nós, mas não será mais o mesmo. Detem-se por um minuto apenas.

Essa atitude sua para muitos é inexplicável e causa sofrimentos. O que acontece é que os espíritas são profundamente respeitosos e vêm na mediunidade do Chico um dom divino e em sua figura, uma figura celestial. Daí, calam no coração as suas dores e os seus sofrimentos. Eu, contudo, passei a estudá-lo também sob esses ângulos. Compreendo muita coisa que os outros não compreendem e felizmente tenho a ajudar-nos a nossa mediunidade.

Creio firmemente em meu coração que Chico é espírito elevado, superior, que veio a este mundo com u'a missão profundamente cristã e universal e não pode, na intimidade de sua alma, ser totalmente compreendido. Ele se guia por forças que ele mesmo desconhece e os seus passos são conduzidos pela Espiritualidade Superior. Por outro lado, admitimos que tenha, como todos nós> fraquezas e fragilidades, que é um homem que sofre o que nós sofremos, a quem também é permitido o uso do livre arbítrio.

Poderá errar e poderá falhar. Não é infalível e não é Papa de nada. Isso não o impede de em relação a nós, à nossa evolução, ser considerado um santo. A sua santidade, ou pureza está em relação à nossa impureza ou inferioridade. Diante de nós, ele é um santo, comparado conosco, ele é um santo. Apenas isso. Santo no sentido de bom, de menos impuro, de menos inferior. Mas falha, erra e até pode cair. Um fato, porém, é mais do que verdadeiro: sempre colocou Deus, Jesus e a Doutrina acima de todas as coisas.

Há, ao nosso ver, diversas hipóteses para o fato. É lógico que ele mesmo não nos declare as razões que o levam a agir desta ou daquela maneira. Uma das maiores preocupações de Chico Xavier é a humildade, Tudo isso para ele, de acordo com nossas observações, tem que estar enquadrado dentro da humildade. Nós até agora não compreendemos, no entanto, como se arranjou ele no caso da famosa peruca para conciliar o seu uso com o sentimento de humildade, que o segue assim como a sombra acompanha o corpo.

A verdade é que qualquer sombra que possa cair sobre a doutrina ou sobre a sua conduta humilde faz com que tome decisões heroicas.

A Missão do Livro, que é a sua missão principal, mantém-no em severa disciplina. Qualquer coisa que possa perturbar lhe o trabalho de recepção dos livros é motivo para que ele recue ou modifique a sua marcha. E entre os motivos sérios, está a amizade a certas pessoas. Tem-se a impressão que ele tem uma tendência muito grande para se dedicar demais às suas amizades, de tal maneira que isso o absorveria totalmente. Quando percebe que esse fato está ocorrendo, afasta-se imediatamente. Se continuasse provavelmente não faria mais nada, já que, deslumbrado com a amizade de Chico Xavier, o companheiro dele por sua vez não lhe daria mais sossego. Muitas vezes falou conosco: "No futuro estaremos unidos na União Divina, por ora, é trabalhar, trabalhar. . ."

E falou-nos também que no fim iria viajar e procurar os amigos e se comprazer na companhia deles. E é natural. Quem não gosta de bons amigos? Ernest Hemingway tinha pavor de visitas, quando estava escrevendo, porque elas lhe perturbavam totalmente o trabalho, no entanto, amava os amigos e procurava-os quando não estava escrevendo livro.

Realmente, para o escritor e, mais ainda, para o médium, embora os amigos sejam um maravilhoso acontecimento, a presença contínua não deixa de entrar-lhe o trabalho. Porque o trabalho literário e o trabalho mediúnico requerem concentração, serenidade, paz. Cada criatura tem seus problemas, não só materiais como também espirituais. Cada pessoa traz consigo um cortejo de amigos espirituais que a rodeiam. Ora, nem sempre interessa ao trabalho do médium, ou mesmo ao trabalho do médium Chico Xavier, esse grupo de espíritos. É lógico que reconhecendo pela clarividência ou por informação de Emmanuel, velho companheiro ou companheira amados, com quem teve relações de amizade ou mesmo de amor de pai, de irmão, de irmã, de mãe ou de esposo, é lógico que se aproxime entusiasmado. Quando, porém Emmanuel lhe adverte que aquele reencontro embora muito belo e às vezes necessário, lhe está prejudicando o trabalho da doutrina, é natural que Chico, embora com o coração sangrando e com a alma ferida, se afaste. E deve se afastar sem explicações. Não poderia dá-las pessoalmente. Bom como é não teria condições de dizer nada. Faz como Goethe: desaparece.

Há outro aspecto do problema: o companheiro que se lhe aproxima pode ter também a sua tarefa espiritual própria, que será totalmente transtornada com o reatamento de amizade milenar com Chico Xavier.

Ora, quem não gosta de ouvir e ver o Chico por toda a eternidade? Todos gostam. Se ele ficar à disposição da criatura, esta não vai trabalhar, não vai realizar a sua tarefa, fica ali, ouvindo, vendo, se divertindo. Cremos que a aproximação com o Chico tem sempre uma finalidade maior, que é a de nos estimular mais para o trabalho espiritual. Chegamos, vimos, abraçamos, enchemos nossas lâmpadas com o óleo espiritual e partimos para o trabalho de cada dia. De vez em quando voltamos a ver o Chico. Abraçamo-lo de novo, sorrimos e partimos. E assim até a morte. Mas iremos realizando o nosso trabalho.

Acontece que às vezes um médium bom que encontra o Chico fica tão impressionado com a grandeza da mediunidade dele, Chico que acha que a sua é insignificante, não tem razão de ser, e desanima. Então, Chico tem que deixá-lo só, liberado para produzir e realizar a sua tarefa pessoal.

1Por outro lado, temos observado que sempre que o Chico se liga a alguém, realiza uma obra especial. Por exemplo, em nosso caso, durante o período mais crucial da nossa amizade ele escreveu três livros: Libertação, Jesus No Lar e Ave Cristo! Esses livros podem ter sido publicados depois, um ou dois ou mais anos, mas foram escritos naquele período de nossa amizade. Com Fernando, Chico escreveu: E a Vida Continua. ..

Quando amigo do Plínio, escreveu, parece, Há Dois MU Anos... e 50 Anos Depois.

Nota-se que há sempre uma relação de trabalho mediúnico. Temos a impressão que as pessoas que se lhe aproximam têm relação direta com a história escrita por ele ou com personagens dessas histórias. A aproximação facilita o trabalho. As vibrações dessas criaturas ajudam--no a escrever o livro ou os livros. Terminado o trabalho, ele se afasta. Mas enquanto dura a necessidade da obra, Chico está fascinado pelos seus amigos ou encantado com eles. É o motivo espiritual que o anima. Às vezes, aquelas pessoas foram em existências anteriores, Os personagens do romance. Vejamos, por exemplo, o caso "declarado" de Clóvis Tavares, que foi o Padre Flanagan, de Renúncia.

Esta é uma tese. Temos outra.

Determinadas criaturas são chamadas por algum tempo para lhe fornecerem vibrações para escrever certa obra ou trabalho. São como bujões de gás para o fogão ou como lenha para o fogo. Terminada a obra têm de ser afastadas porque senão se esgotariam vibracionalmente. Chico absorver-lhes-ia as energias mas não pode ir além de um certo limite. Falo isso, como médium de psicografia que sou e esclareço que o médium psicógrafo de grande poder absorve energia de amigos a grande distância pelo simples fato de se ligar a eles pelo pensamento. É lógico que esse fenômeno deveria ser controlado pelos Espíritos que controlam sua mediunidade. Esse combustível lhes permite trabalhar normalmente, mas para o caso de obras determinadas assim como histórias e romances, de maior fôlego, há necessidade de mais combustível.

Ora, entende-se que é um fenômeno provisório. Estamos numa situação de trabalho espiritual. Prestamos nossa colaboração e vamos embora. Assim, também, se entende que dois ou três bons médiuns de psicografia que tenham missão ou tarefa especial não possam e não devam ficar permanentemente juntos.

Um poderia anular a atividade do outro.

Assistimos o caso Waldo Vieira-Chico Xavier. Durante três anos seguidos nós esperávamos um desenlace. Como temos faculdade de receber mensagens de espíritos de vivos, recebíamos ora o pensamento do Waldo, ora o do Chico. E o Waldo insistia em que iria sair da companhia do Chico. Relatávamos esses fatos ao Zózimo de Miranda Filho, até que o caso ocorreu. Não víamos possibilidades de ver essa ligação ir mais longe. Um estaria esgotando vibracional e fluidicamente o outro e ambos iriam cair no abismo. A Espiritualidade, contudo, preservou o Chico, enquanto que o Waldo só se recuperará daqui alguns anos ou na próxima existência ou noutras. O caso deles, porém, é caso à parte que estudaremos no volume sobre mediunidade.

Como vimos, as amizades do Chico, em geral são temporárias. Não lhe foram permitidas, parece, nesta vida, outras soluções. Certa vez, nos disse:

— Eu vejo vocês como quem vê amados filhos. Vocês são meus filhos do coração. Vejo-os como quem vê belíssimas e maravilhosas flores, aproximo-me com vontade de colhê-las todas, mas não posso!"

Havia tanto sentimento naquilo que dizia que nós compreendemos o seu drama: está crucificado sem cruz.

Um dos fatos mais interessantes na vida de Chico Xavier é a presença de Emmanuel. Chico relata que a primeira vez que Emmanuel lhe apareceu na forma de um velhinho de cabelos brancos foi em 1931.

Esse 1931 é um ano importante para o mundo. Vemos o aparecimento de Emmanuel e com ele a mediunidade disciplinada e o início de uma grande luta e missão de Chico Xavier. Foi nesse ano que Raun-sol iniciou na Argentina importante movimento espiritualista e reencarnacionista, com a publicação de livros notáveis e que constitui a Fundação Logosófica. Criou a Logosofia, movimento paralelo ao Espiritismo e que provavelmente dará no futuro os seus mais doces frutos. Sabemos que o Espiritismo não tem grandes possibilidades de desenvolvimento na Argentina, por agora. Entra através de alguns livros. Associações não encontram ambiente e parece que nem o Governo permite. Raun-sol assim é uma possibilidade quanto à reencarnação.

Em 1931, Pietro Ubaldi começou a escrever sua obra. E cremos nós que nesse ano outros fatos importantes no campo espiritualista ocorreram.

Pois bem, nesse 1931, apareceu, oficialmente, Emmanuel.

Daí para cá, parece que sua presença ao lado de Chico é quase permanente. É o orientador principal, o Chefe da Embaixada, se assim se pode dizer. Há outros espíritos que estão também diuturnamente com o Chico. Um deles é Bezerra de Menezes, que chefia a equipe médica. A extensão da influência de Bezerra nos trabalhos do Chico é muito grande, quase tão grande e importante quanto a de Emmanuel. Mas Emmanuel durante muitos anos governou o Chico ditatorialmente.

O médium não fazia nada sem o controle de Emmanuel. Assim, muitas vezes, convidado, saía para uma festa e em meio do caminho lhe aparecia Emmanuel que lhe perguntava —Chico, aonde é que você vai?

— Ah! Vou a uma festa, fui convidado!

— Você não acha melhor, Chico, ir cuidar da multidão de enfermos que nos espera, do que festejar?

Surpreendido e envergonhado, Chico retornava ao trabalho.

E foi assim. Qualquer atitude que tomasse e que prejudicasse o andamento dos serviços da Doutrina, encontrava Emmanuel pela frente. E Chico desistia sempre. Voltava atrás, retornava à tarefa mediúnicamente.

Graças a essa disciplina, conseguiu ele realizar sua grande obra.

Sabemos que Emmanuel controla as mensagens que Chico recebe, especialmente as dos outros espíritos. Quando são transmitidas sem o seu conhecimento, ele estuda e às vezes autoriza a publicação, às vezes nega. Manda o Chico destruir, como naquele caso da mensagem sobre a carne escrita por Humberto de Campos. Humberto escreveu a mensagem pelo Chico condenando a ingerência de carne pelo homem, a matança do gado, etc. etc.

Emmanuel posteriormente leu a mensagem e mandou que fosse destruída porque a época não era oportuna. Havia muitos espíritos e muita gente que dependia do gado na Terra e que entraria em grande confusão mental. Gente que trabalhava nos frigoríficos, gente que criava o gado para sustento do mundo e além disso, a humanidade em massa não estava em condições de deixar de comer carne. Os pobres, especialmente, não dispunham de recursos para substituir a carne por ovos, queijos e outros alimentos que custam caro. Com isso - lá se foi o Humberto de Campos e a sua mensagem. Emmanuel é, em serviço, de extrema rigidez. Exige disciplina, horário, etc. Não arreda pé de suas responsabilidades, apesar de defender a tese das almas gêmeas e escrever romances de profundo amor e ter sempre demonstrado através de muitas vidas, imensa humildade. Dessa disciplina férrea e desse amor profundo nasceu o médium Chico Xavier.

As vezes, o Chico está conversando com alguém, animado, e instintivamente, entra num campo de considerações ou de revelações e, de repente, muda de assunto. O ouvinte, não compreendendo bem o que está acontecendo, pergunta: Por que mudou ele de assunto? O que há? Chico sorri e também não diz nada ou dá uma desculpa qualquer.

Geralmente, é Emmanuel que interfere e impede que a revelação prossiga por ser intempestiva, fora de oportunidade ou inconveniente.

Aqueles que aprenderam a conhecer Chico durante algum tempo percebem essas coisas, essas mudanças assim como percebem quando é algum espírito que fala diretamente por ele. Emmanuel é facilmente identificável. A linguagem, a entonação de voz, e o assunto. André Luiz também não é difícil. O que ocorre é que quando o Chico fala mediunizado, mais de um espírito deve estar junto dele. A presença de Emmanuel é na realidade um dos fatos mais impressionantes da vida de Chico Xavier. Há mais de quarenta anos é o amigo, o pai, o irmão, o companheiro do médium. Lado a lado como irmãos siameses. Plenamente identificados e sintonizados um com o outro, mente a mente.

Esta vida a dois é interessante porque mostra a colaboração entre os dois mundos, o visível e o invisível. Poderíamos dizer como disse André Luiz num de seus livros: "a dupla em serviço".

A teoria dos anjos da guarda nos vem à mente. Emmanuel não seria o Anjo da Guarda do Chico mas funciona como se fosse. Cremos que a sua missão seja eminentemente técnica, apesar dos laços de amor que possam ligá-los. Emmanuel deve estar à frente de enorme falange de cooperadores espirituais, que agem em diversos setores no Brasil e no Mundo, e que tem também o Chico como centro desse movimento. Cientes de suas tarefas, ambos se entregaram de alma e coração ao serviço de Jesus.

E prosseguirão assim por muitos séculos.

SEMELHANÇAS ENTRE MÉDIUM  
E  
ESPIRITO GUIA

Há alguns anos, escrevemos um artigo, que foi publicado nos jornais espíritas, no qual falávamos da semelhança entre a fisionomia do médium, geralmente, e o espírito que o controlava ou o Guia Espiritual como é chamado no Brasil. E dizíamos que Emmanuel pintado por Del Pino apresenta os traços fundamentais de Chico Xavier. Não o

Chico atual, magro, que caminha ao encontro da figura venerada do Ghandi. A magreza do Ghandi em breve se parecerá com a magreza do Chico. Mas o Chico já foi gordo, gordo fora do comum. Surpreende-nos agora vê-lo tão magro. Parece, no entanto, que perdeu peso, mais de quinze quilos nos últimos tempos, em decorrência de regime. A gordura estava agravando sua enfermidade, pois houve época em que esteve doente, fazendo operações, etc.

No momento, como nos disse, está bem, se sente bem.

Há um retrato dele, ainda jovem, com a mão debaixo do queixo, cujos traços se parecem muito com os de Emmanuel. Para confirmar nossa tese, lembrávamos que também o Guia Espiritual do médium mineiro Pedro Machado, se parecia muito com ele, e era uma figura de mulher, Fenáreta, mãe de Sócrates. Os traços de Fenáreta e de Pedrinho são os mesmos. Acreditamos, que a longa permanência do Espírito ao lado do médium, facilite a aproximação das fisionomias. O perísprito é material plástico e sendo material plástico modela segundo o pensamento habitual da criatura. O corpo resistirá, mas apesar disso, sofrerá a influência do perísprito que o interpenetra. Há também a possibilidade de serem médium e Espírito Guia, espíritos pertencentes à mesma família espiritual e isto na realidade tem de ser, e ferem em outras vidas pertencido às mesmas famílias carnis.

No caso do Chico, sabemos que em muitas vidas foi filha de Emmanuel.

Em o "Há Dois Mil Anos" foi Flávia. No "Ave, Cristo!", foi a filha de Basílio. E assim por diante.

Nós admitimos todos esses elementos e aceitamos a tese da semelhança pela aproximação dos perísperitos e pela constante recepção do pensamento espiritual.

Anotamos esses fatos como contribuição para o futuro. A mediunidade de Chico Xavier será sempre estudada, por mais de um século depois de sua morte e a sua figura atravessará os tempos na memória dos homens como a de um apóstolo que viveu entre nós.

## O ABISMO

Saíra o livro O Abismo. Muita celeuma. Comentários na rádio do Rio de Janeiro, mesa redonda. Aplausos. Condenação. Entusiasmo. Reprovação. O Caos e a Harmonia. O Céu e o Inferno. Uns contra, outros a favor.

Nós, como sempre, com a nossa consciência tranquila. A mediunidade é assim mesmo. Uns exigem que o médium seja inconsciente; outros, que ele seja burro e analfabeto; mais outros, que não seja intelectual. Enfim, o médium consciente de seus deveres recebe as mensagens e entrega-as à multidão que as julgará. "Pela árvore se conhece o fruto". Se for boa dará bons frutos, se for má, dará maus frutos. Os frutos provam a qualidade da árvore.

Certos de que nada somos, manteremos a serenidade daqueles que cumpriram fielmente o seu dever.

Em Poços de Caldas, Chico Xavier.

Na época da publicação do livro estava disposto a sair de Uberaba. Alguns problemas. Começou a visitar Poços de Caldas. Sua alma pendia entre Poços de Caldas e Petrópolis. Em ambas as cidades, havia bons companheiros. Por fim, Uberaba percebendo, talvez, que o Chico pretendia deixá-la, deu-lhe um título de cidadão e demonstrou-lhe o seu imenso amor. As ruas à volta da Comunhão Espírita Cristã foram asfaltadas. O próprio prefeito procurou-o e a esposa superintendeu a construção do jardim da casa dos velhos, ao lado da Comunhão.

Chico ficou. Qual o coração que não ficaria?

Chico apareceu, porém, um dia, em Poços, com um exemplar já bem lido e relido de "O Abismo".

Fernando, Aureliano, outros companheiros rodearam-no.

— Uai, Chico, está lendo esse livro? O que acha dele?

— Infelizmente, tudo o que está escrito aqui é verdade! — respondeu.

Certa surpresa.

Ele, todavia, acrescentou:

— Olha, vou contar um caso -para vocês.

Um dia destes, entrei em desprendimento. André Luiz veio me buscar. Tirou-me do corpo e disse-me: agora, me acompanhe, vamos entrar terra a dentro.

Começamos a descer. Penetramos na terra. Logo depois, paramos à beira de um lago que parecia de petróleo.

— Olhe bem esse lodo — disse André.

— Olhei e vi dois olhos que me olhavam de dentro daquela lama. Parecia um crocodilo com cara de mulher. Olhei mais e aquele ser saltou para mim. Eu o recebi numa espécie de lençol alvíssimo e o acolhi com amor em meus braços como a mãe acolhe o filho amado.. .

Chico parou de falar. Os companheiros empolgados seguiam a narrativa. ..

Chegara uma pessoa que talvez não estivesse em condições de saber aquelas coisas e o Chico mudou de conversa.

Seria interessante saber o fim dessa história e conhecer muitas outras que, com ele ocorreram, espiritualmente, no seio da terra...

Suponho que fatos e seres muito mais sérios do que aqueles que aparecem no O Abismo apareceriam e seria outra notável contribuição de sua mediunidade para a Doutrina.

A Humanidade marcha, contudo. Sob os seus pés, milhares de seres gemem, choram e sofrem...

"Haverá o ranger de dentes.

Ninguém-sairá de lá enquanto não pagar o último ceutil..." Estas palavras de Jesus ressoam como palavras de Vida Eterna.

## AS PEREGRINAÇÕES

A Fraternidade em Belo Horizonte trabalhava em favor da pobreza num ritmo de amor intensivo. Os moços, entusiasmados, com Edgar à frente e outros, haviam iniciado um movimento diferente aos sábados: visitar aos pobres e necessitados debaixo das pontes e dos viadutos, e nos lugares miseráveis e difíceis onde se encontravam. A teoria deles era a de que não se deveria esperar que o desgraçado batesse à nossa porta para implorar; nós, como cristãos, é que deveríamos procurá-los. A teoria era revolucionária e vinha de certa forma causar um impacto no meio ambiente espírita. Passaram a ser criticados pelos que não os compreendiam. Logo depois, Chico Xavier iniciava em Pedro Leopoldo as suas peregrinações. Não sei de onde partiu a idéia primeiro mas os fatos ocorreram na mesma ocasião. Alegrou-nos saber que o Chico fazia o que a Fraternidade realizava e vice-versa.

A confirmação de que estávamos certos era bom.

As peregrinações em pouco tempo ganharam repercussão em todo o Brasil. A idéia, evidentemente, era dos Espíritos Superiores.

Ouvíamos falar de longe, das peregrinações. E fomos ver.

As peregrinações por uma estranha mas natural associação de ideias, lembrava-nos Francisco de Assis, o pobrezinho. A mendicância de porta em porta e a redistribuição depois, aos pobres...

Recordava-nos, também, Buda, o Sublime... Esmolando com seus companheiros e atendendo a pobreza.

Queríamos ver de perto as peregrinações.

Chegamos, relativamente cedo, à Comunhão de Uberaba. Chico já se transferira para Uberaba. Motivos sérios, orientação espiritual, o haviam conduzido à cidade do Gado. Terra do Zebu, onde dizem que os fazendeiros são milionários... À volta do Centro, porém, nós só vimos pobreza e miséria. Centenas de crianças que corriam como pequenos pássaros para tomar a sopa que o Chico dá.

Recebe ele, também, a cooperação de alguns, aliado ao esforço de seus companheiros da Comunhão, e distribui com todos. . .

Os tempos modernos; a técnica diferente; no fundo, a mesma coisa. Receber dos que têm e dar aos que não têm. Francisco de Assis, Buda, Jesus...

A criançada vinha comer. Nas ruas, mendigos a todo o momento.

Gente pobre, gente abandonada? — gente sem rumo. Por toda a parte, mulheres perdidas. Uma cidade viva onde há muitos bancos, comércio ativo, movimento intensivo, mas onde o vício parece se esconder e a miséria tenta se exhibir.

Retrato, talvez, do Brasil.

Às três e pouco da tarde, no entanto, Chico apareceu. Conversou conosco, abraçou-nos e aos amigos que nos acompanhavam. Contou casos interessantes, muitos dos quais gravamos. Muito riso, muita alegria. As crianças à mesa.

— Às seis e meia, começaremos a nos preparar para as peregrinações —, disse ele.

Vi que havia gente de S. Paulo, do Rio, de fora. ..

Na hora marcada, lá estava ele. O povo, em multidão, enfileirava--se na porta do Centro, que não demorou a abrir.

Veio, abraçou uns e outros, sorriu, conversou

Logo depois, saía, de braço conosco e outros companheiros. Há muito não víamos o Chico e aquele gesto de atrair-nos, fez bem à nossa alma.

Percorremos as ruas do Bairro. Pequena multidão atrás. Chico ia parando. À porta de uma casa, cumprimentava os donos, gente humilde, beijava-lhes as mãos, abria um livro e lia uma página. Uma criança declamava para ele um pequeno poema ou uma canção. Crianças muito pequenas. Algumas de três anos, quatro. A vizinha maluca ou carinhosa ressoava na rua deserta onde só o grupo do Chico aparecia. Logo depois, um rapaz com um lampião nos ombros saía à frente clareando o caminho. Seguíamos atrás, de novo arrastado pelo Chico que conversava conosco- dizia coisas, ouvia outras, ria, comentava, orientava. . .

Cada um queria chegar mais perto dele, sentir o seu calor, respirar -lhe a presença. Mas era uma disputa educada, silenciosa, que se passava mais dentro do coração. Chico simples, Chico quase mendigo, arrastava os pés na rua de terra e ia como um rei distribuindo as maiores riquezas da Terra. ..

Lembrei-me de Jesus quando disse: Muitos reis e príncipes da Terra virão e desejarão ter visto ura só dia do Filho do Homem mas não o conseguirão. ..

Chico também ali estava.

Quantos no futuro lamentarão não terem vivido junto com ele nem tê-lo conhecido vivo?

Os poderosos e os grandes virão também em romaria aos lugares onde ele esteve e falarão do seu amor às criaturas e da sua humildade. Outros exaltarão a sua pobreza e dirão de suas palavras inspiradas. E haverá aqueles que clamarão que um Anjo do Senhor esteve entre os homens...

Lembrei-me dos magnatas e dos homens de negócio, dos presidentes de repúblicas e dos governadores e vi que nenhum era maior que ele...

Mas os seus sapatos velhos se arrastavam no pó e na noite silenciosa. Um coro de crianças um punhado de pobres e de idealistas dançava à sua volta e cantava-lhe a sua canção.

E os pequeninos o chamavam de tio Chico, amorosamente, e lhe davam pequenos ramalhetes de flores, que ele agradecia com uma palavra de ternura.

Alguém disfarçadamente entregava um envelope com dinheiro ao dono da casa. Só os mais astutos, como nós, percebiam.

Um rapaz de cor já passara na frente e deixara mantimento que conduzia num saco.

A voz do Chico às vezes era cansada. Parecia que o peso do Mundo inteiro estava sobre os seus ombros e que a humanidade sofredora clamava por ele. Seu coração estava cheio de Jesus Cristo e Francisco de Assis, o Santo, provavelmente o acompanhava. Parecia-me ver os dois conversar no silêncio da caridade. E eu, que sou um pecador, estava a seu lado, sentia-lhe o calor e o hálito, ouvia suas palavras e me comovia. Lamentava não ter realizado nada de bom neste mundo e compreendia o quanto ainda era miserável e insensível. Quem era eu para travar-lhe o braço e acompanhá-lo, lado a lado, como um irmão?

Ele, porém, sorria para mim. Talvez compreendesse os meus pensamentos e lesse no fundo da minha alma. Outras vezes apertava-me o braço com sua mão delicada num gesto de compreensão e solidariedade. Duro é para um homem compreender a sua inferioridade e Lembrar-se dos seus pecados. Na presença dos santos nós nos tornamos menores e percebemos que na realidade estamos nus. Não temos, no entanto, a coragem de nos afastarmos deles e nos escondermos numa furna. Cobrir a cabeça com saco e cinza e clamar a Deus para lavar os nossos picados. Ficamos ali, quietos e pensativos, ou, então, embevecidos levados pela turba.

Era assim a vida do Chico. Acuado pelas multidões, pelos pobres, pelos enfermos, pelos desorientados, pelos loucos e também pelos amigos e pelos bons.

Na verdade, o mundo pouco sabia a respeito dele... Provavelmente, no segredo de sua alma, teria os seus sofrimentos, as suas dores e as suas alegrias. Fora do mundo, pela evolução do espírito, dentro do mundo, pelo amor às criaturas.

Mais tarde, retornamos ao Centro. Batera ele de porta em porta. Numa casa, estava u'a mulher paralítica que visitou. Todos entraram com ele, apertados, atabalhoados .espremidos, na ânsia de estar juntos, de ver, de ouvir, de sentir. E uma voz mansa falava no silêncio, porque a algazarra serenava, e todos ouviam como crianças que ouvem o mestre.

Lia Emmanuel, André Luiz, Albino Teixeira, Casimiro, e outros, muitos outros. O livro aberto ao acaso caía na página que interessava a todos. Exata, perfeita, fiel.

E ele falava também como uma criança, cheio daquela pureza amável de S. Francisco. Não usava o burel mas parecia um frade. E eu me lembrava do irmão Leão e do irmão Jumento. E sentia de novo que estávamos na Umbria e que falávamos àquela mesma gente desesperada que o amava. E ele de novo estava conosco, seus frades e amigos, os seus irmãos menores...

"Vem Francisco", ouvíamos na acústica do tempo, a voz do Senhor que o chamava, e ele lá ia para o pequeno horto onde orava e ouvia as palavras do Senhor que o reprendia:

— Francisco não estás tão humilde como antes? Porque fazes isto? Não dei o meu sangue por ti?

E ele, envergonhado, chorava e pedia perdão, e o Senhor, compadecido lhe dizia:

— Vai, Francisco, toma conta das minhas ovelhas e não tornes a errar...

E Francisco voltou a repetir:

— Ah, infeliz sou eu que ainda não alcancei a humildade!

E nós ficávamos transidos de horror porque ele era tão bom e tão humilde!

Olhos postos em seu rosto iluminado à distância pelo lampião, recordávamos o outro Francisco e perguntávamos a nós mesmos se não era o mesmo?

## IDÉIAS SOBRE AS PEREGRINAÇÕES

Aquelas peregrinações, na verdade, lembram as peregrinações de São Francisco e a simplicidade do Chico recorda o santo de Gubbio.

Pequenas peregrinações que são visitas aos pobres.

"Quando derdes de comer e quando derdes de beber a um destes pequeninos é a mim que o fazeis" —, ensinou-nos Jesus Cristo.

O Chico o que faz com essas peregrinações é mostrar àqueles que o visitam cheios de entusiasmo pela sua pessoa o que, na realidade, têm de fazer. Transforma a homenagem que lhe prestam em aula de ensinamentos cristãos.

Certa ocasião nos disse que não queria saber de chiquismo. Temos notado que ele desvia tudo aquilo que possa focalizar e engrandecer a sua pessoa mas aceita humildemente as homenagens à nossa Doutrina. O que possa valorizar a Doutrina encontra-o sempre disposto a colaborar, mesmo a Televisão.

Por isso, talvez, e por amor aos pobres tenha criado as peregrinações. O rico e o pobre, o homem de negócios e o cristão que em sua cidade dispersam suas forças e energias em setores diferentes vêm nas peregrinações, se forem medianamente inteligentes, a orientação cristã que devem seguir: retornar à Terra onde vivem e fazer coisa semelhante.

É lógico que o que ele faz é apenas um exemplo para os outros.

Aquilo é uma semente. Para quem tem olhos e ouvidos de ouvir, é isso.

Chico exemplifica para que os outros aprendam e o imitem.

O que acontece é que muita gente vai lá, acompanha as peregrinações, derrama lágrimas de compaixão e ternura, sofre com o Chico e junto dele, depois retorna à sua terra e não procura fazer nada semelhante. A peregrinação torna-se para eles numa oportunidade mais fácil de estar com o Chico, de vê-lo, de senti-lo, e de se alegrar com ele, o que é bom, (boa e útil é a companhia dos santos) e é só. Voltam felizes mas esquecem o serviço. Creio que aproveitam de alguma forma o que sentiram ali, admito que renovam os seus propósitos de transformação interior. Nós também vamos lá e agimos como todos. Seria melhor, no entanto, se aproveitássemos o exemplo dele, criando onde nós vivemos obras semelhantes de caridade. Não precisa ser igual. Obras de amor ao próximo. A transformação do mundo para o bem pode começar ali.

Naquela noite, ao despedirmo-nos, Chico abraçou-nos com carinho. — Venha sempre!

Em nossa memória, vimos outrora o Chico em Pedro Leopoldo, às seis horas da manhã, em plena névoa fria despedindo-se de nós com as duas mãos para cima.

Que grande distância nos separa agora desse tempo e como ele andou pelo mundo peregrinando!

## A SOPA

As crianças são como os pássaros, pássaros de Deus. Riem, comem e brincam e na ingenuidade de suas almas nos lembram a palavra do Senhor:

— Deixai vir a Mim as criancinhas, que delas é o Reino de Deus. O que se fizer hoje para as crianças se faz em favor do futuro do mundo.

— A criança é o futuro! — exclamou Emmanuel. Chico ama as crianças.

No Ave, Cristo! — em Roma, nós assistimos àquela cena da morte de Silvano.

Quinto Varro voltou o seu olhar para os pequeninos e amou-os até o fim.

Que nós saibamos, Chico não organizou ele mesmo, nenhuma obra de assistência direta às criaturas, a não ser a sopa das crianças em Uberaba e o Natal com a distribuição de alimentos ao povo. Tem estimulado outros companheiros a realizarem essas obras. Ele permanece na missão do livro e na orientação direta dos que dele necessitam. Não fez organizações. Mas a sopa, ele fez. Não sei se foi idéia dele, mas ele tem o maior carinho com as crianças.

Diariamente quase mil sopas são servidas aos menores. Quando chega a hora da sopa as crianças aparecem correndo de toda a parte, grandes e pequenos. Vêm sujas, rasgadas, pobrezinhas e se sentam à mesa tosca, onde mulheres cheias de amor, em grande caldeirões lhes servem a sopa quente nos pratos limpos. Alguns mendigos também se sentam à mesa e adultos que acompanham algumas crianças também comem. Os visitantes, que não precisam, se sentem tentados a comer. É uma grande alegria. As crianças, muitas delas esfomeadas, repetem o prato mais de uma vez e há os que escondidamente enchem uma lata que trazem para levar para os irmãozinhos e a família, que ficaram em casa. Essa é uma obra extraordinária de amor ao próximo. Chico vem conversar com elas, faz-lhes carinho e esclarece os visitantes, que o enchem de perguntas. As panelas brilham e a cozinha ao lado da cobertura onde se abrigam os comensais está sempre movimentada.

Todos nós nos sentimos ali como se estivéssemos em nossa própria casa e recebemos aquele calor de solidariedade humana.

O ambiente é o mesmo da Casa do Caminho, da Comunidade Cristã de Jerusalém. Os bancos simples e a pobreza recordam os primeiros tempos do Cristianismo e a Vida dos Apóstolos.

As crianças são como pássaros, os pássaros de Deus que vêm comer felizes nas mãos do Santo.

A tarde estava cheia de sol, os pardais rolavam na poeira da rua, as folhas do outono caíam uma a uma, rodopiando no ar. Nosso pensamento se perdia no Infinito como se contemplássemos um oceano sem fim. ..

Tudo falava de amor e de ternura. Recordávamos os dias de nossa infância quando líamos empolgados "O Guarani" e da janela do sobrado, de quando em quando, tirando o olhar do livro, olhávamos o céu... Nosso pai, nossa mãe. .. e lá ouvíamos de novo Casimiro de Abreu murmurando a sua canção:

Oh que saudades que eu tenho Da aurora da minha vida!...

E ainda:

Da pátria formosa, distante e saudoso, Chorando e gemendo meus cantos de dor, Eu guardo no peito a imagem querida Do mais verdadeiro, do mais santo amor: — Minha Mãe!

E a "Visita à Casa Paterna", de Luiz Guimarães Júnior, começou a brincar na minha saudade:

Como a ave que volta ao ninho antigo, Depois de um longo e tenebroso inverno, Eu quis também rever o lar paterno, O meu primeiro e virginal abrigo:

Era esta a sala! Oh! se me lembro e quanto!

Uma ilusão gemia em cada canto, Chorava em cada canto uma saudade.

Os versos também como folhas de outono rolavam uma a uma na minha mente.

Chico conversava com um grupo e ria. Aproximamo-nos dele com carinho. Falava de muitas coisas, contava histórias.

— Sabem de uma coisa? Um dia destes uma pessoa muito interessada na Doutrina me procurou e me perguntou:

— Chico, como é que a gente faz para entrar no Espiritismo?

— É muito fácil, respondi, a gente vai lendo uma página, ouvindo um orador, recebendo um passe, e quando assusta já entrou.

A pessoa ficou muito admirada.

— Uai, Chico, é assim?

— É.

E acrescentou:

— Ela ia saindo, quando lhe puxei o braço e lhe disse:

— Eu gostaria de saber é como se sai dele!

— O homem olhou-me mais espantado ainda — disse o Chico, dando uma gostosa gargalhada.

— De certo, ali estavam mais de mil e quinhentas pessoas para serem atendidas!

E eu fiquei pensando que a Doutrina é como "o primeiro e virginal abrigo", como o lar de nossos pais, o nosso primeiro lar, a gente nunca mais sai dela...

Alguns rapazes espíritas de Belo Horizonte se tornaram amigos de Chico Xavier. Entre eles, Carlinhos e Arnaldo Rocha.

As visitas entre Belo Horizonte e Pedro Leopoldo se intensificaram. A irmã do Carlinhos, Dothy, hoje casada com Henrique Rodrigues, e a mãe, recebiam o grande médium em sua casa à rua Tupinambás, num apartamento, sobre a loja de fotografias. Estive lá muitas vezes, eu também era amigo deles, mas escondiam o Chico de todos. Mantinham-no em total segredo, no entanto, os espíritas de Belo Horizonte sabiam que no sábado e domingo, o Chico estava lá. Nessa ocasião, eu já me transferira para o Rio e ia a Belo Horizonte uma ou duas vezes por ano. Invariavelmente, ia lá. Cumprimentava-os e desaparecia, buscando nossos amigos da Fraternidade. Uma vez ou outra coincidiu de encontrar o Chico.

Numa dessas visitas, porém, soube que o Chico, de vez em quando acompanhava os rapazes à pescaria de lambari. Insistiam com ele, e o médium para não desagradá-los e também para gozar-lhes a companhia ia junto.

À beira do rio, armava a vara e ficava com a Unha na água esperando o peixe.

Fiquei impressionado com o Chico. Chico pescando? Pegando peixe? Não comentei o fato, mas estranhei. Ele não era pescador, nós pelo menos não sabíamos disso. Nós sim, gostávamos de pescar, mas ele?...

A idéia ficou pulando em nossa cabeça como lambari fora d'água. A vida rodou na ampulheta do tempo.

Um dia, alguém conversava conosco em Belo Horizonte e falava-se sobre o Chico com muito entusiasmo.

— Você sabia da última?

— !!!

— O Carlinhos e o Arnaldo Rocha iam pescar aos domingos e levavam o Chico. Todos pegavam peixe, menos ele. O coitadinho ficava quieto, quieto, esperando o peixe, e, nada!

Um dia destes, estranhando o fato, um deles olhou a Unhada do Chico e não encontrou anzol!

Meu interlocutor deu uma risada, nós também rimos.

— Não tinha anzol!

O Chico colocava a linha no rio mas colocava sem anzol...! Agora compreendíamos melhor o Homem de Deus.

— Ide, bando de aves peregrinas, ide! Atravessai os pélagos rugidores! Ide pescar almas para Deus e consciências para a Pátria!

Essas as palavras que nós escrevemos aos treze ou catorze anos de idade, num discurso chamado O Livro Simbólico e pronunciado no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte.

Ele também atravessara os pélagos rugidores e viera pescar almas para Deus!

## A PERSONALIDADE

Nascido a 2 de abril de 1910, signo de Aries, Chico tem as contradições próprias do seu signo. O protegido de Aries é sempre uma criatura estranha, cheia de altos e baixos. Embora um tipo de Aries elevado, Chico não foge às determinações inexoráveis do signo. O carneiro com dois chifres. Como carneiro, exhibe bondade, os chifres, porém, denotam agressividade ou pelo menos capacidade de defesa. O médium de Pedro Leopoldo é um cordeiro que de vez em quando se defende a si mesmo. Não dá chifradas, mas mantém-se na defensiva e afasta-se no momento que julga propício. Figura completamente diferente de todas as criaturas que já encontramos, apesar de à primeira vista parecesse quando era mais jovem, um moreno cego de um olho. Meio de altura, como se diria no passado, era imensamente gordo, quando o conhecemos há vinte e seis ou vinte e sete anos atrás. Nos últimos anos por questão de saúde emagreceu tanto que anda buscando o Ghandi. Está de u'a magreza franciscana.

Sempre simples no vestir, apenas nas solenidades importantes aparece com um terno na moda e de gravata. Há vinte anos era simples.

Caráter íntegro impõe a si mesmo uma disciplina férrea de trabalho e não se afasta um centímetro de suas responsabilidades, haja o que houver, nem o faria por quem quer que seja, nem pela criatura que mais amasse no mundo.

Se percebe que a sua conduta põe em risco o seu trabalho ou a idoneidade de seu trabalho na Doutrina, afasta-se e corta relações, dura, rija e impiedosamente com os amigos. Não tem contemplações, nem consigo, nem com os amigos, nem com os seus próprios sentimentos. Afasta-se e fecha a porta de sua casa para a pessoa, até a mais amada.

Sensível de uma sensibilidade que o mundo inteiro conhece, irradia essa disciplina à sua volta e impõe-na aos que com ele trabalham. Poucos são os que aguentam o que ele aguenta. Dorme pela madrugada e parece que invariavelmente levanta-se antes de sete horas da manhã. Tem sempre um sorriso para todos e uma palavra de amor para os que o procuram. Gosta de piadas puras, evangélicas e parece adorar os ditos espirituosos. Para tudo tem sempre uma historieta para contar e, dar gargalhadas felizes é o seu forte. Onde aparece todos riem e o rodeiam.

Nunca está só porque aqueles que o vêm acorrem para ele sequiosos de sua palavra. Às vezes, tem-se a impressão que fica pensativo e triste mas é apenas por um momento porque logo depois sorri e espairose, como um sol após a sombra.

Ama os amigos e ajuda até os inimigos. Renunciou a tudo por amor de todos e compreende todas as coisas. Para nós é Sócrates reencarnado, embora se pareça profundamente com Francisco de Assis.

## ANOTAÇÕES SOBRE CARNE

Imenso é o mar de nossas recordações. Tanta coisa nos vem ao pensamento!

Se "todas as coisas me são lícitas nem todas me convêm!" — exclamara Paulo.

Assim, também, nós. Se nos recordamos de muita coisa interessante sobre o Chico nem todas, no momento, devem ser publicadas... Ele continua vivo aí e, muitas vezes, só depois de morto é que temos condição para suportar o que se escreve a nosso respeito.

Fôramos a Pedro Leopoldo e almoçávamos num restaurante modesto com o Chico. Grande alegria. Infelizmente não leváramos o fotógrafo. Umas dez ou doze pessoas.

O garçom, humilde, do bar, servira a mesa e colocara um bife com ovos para todos e naturalmente, também, no prato do Chico. Disfarçadamente, ficamos observando.

Chico afastou o bife para um canto. Percebendo que a maioria o olhava e que todos estavam indecisos se comiam ou não a carne, cortou um pedaço pequeno, introduziu na boca e ficou a rolá-lo nos dentes. Os outros, diante disso, comeram. Mas foi com muito jeito que, no fim, vimos o Chico deixar cair de novo o pedaço de carne no prato. O resto do bife lá ficou. Comeu tudo, menos a carne.

Em "O Consolador", pergunta 129, está escrito:

— "É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?" E a resposta de Emmanuel:

— "A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana.

É de lastimar-se semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, onde tantos operários fabricam o seu pão cotidiano, sem que as suas peças possam ser destruídas sem perigos graves, de um dia para o outro, e consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores".

Alguns outros companheiros parece que, no fim, também perceberam o bife abandonado.

Nessa época, pois, Chico não comia carne e Emmanuel através de O Consolador, como vimos, esperava os tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

Waldo Vieira, no entanto, era médico, apesar de médium. Começou a combater aqueles que não comiam carne, preocupado talvez com a saúde humana, mas contrariando frontalmente os ensinamentos de Emmanuel. Considerar-se-ia, por acaso, a si mesmo, maior que Emmanuel?

Esse combate prejudicou o desenvolvimento maior do Movimento da Fraternidade.

Chico, no entanto, nunca combateu a abstenção de carne.

Sairmos do restaurante, despedimo-nos do Chico, alegremente, mas aquele quadro permaneceu para sempre em nosso pensamento: um pedaço de bife abandonado num prato.

O grande médium deixara-o com simplicidade e humildade, como alguém que deixa caída alguma coisa imprestável.

## ALBERTO DEODATO E HERMES FONTES COM CHICO XAVIER

Nosso pensamento, como um pássaro, voou pra Belo Horizonte, nossa terra natal. Ali nascemos, ali estudamos, ali vivemos. A velha Escola de Direito ladeada de palmeiras imperiais ainda permanecia em nossa retina, como a imagem do lar paterno. Infelizmente, a mão do homem, aflita e desorientada, destruíra o velho prédio e com ele desapareceram as figuras veneráveis dos grandes mestres do Direito de nossa juventude. À proporção que envelhecemos, recordamos mais o passado. Arduino Bolívar, Mendes Pimentel, João Franzen de Lima, Mata Machado, Magalhães Drumond... os velhos. Pinto Antunes, Alberto Deodato... os moços.

Havia outros, mas não lhes lembramos os nomes, embora recordemos-lhes perfeitamente a imagem. A gratidão simplesmente não paga o que recebemos deles em cultura, conhecimento e orientação .

Belo Horizonte de nosso tempo! As palmeiras flutuando ao vento, os estudantes declamando versos ou fazendo violentos discursos políticos. .. A Polícia que aparecia de repente e os escorraçava... As tardes batidas do sol e os arvoredos vivos cheios de pardais que transformavam as árvores num ser diferente. O vozerio dos pássaros lhes davam a vida de seres do reino animal.

Partimos para Belo Horizonte. Há muitos anos não viamos o Deodato, mais de vinte. O orador empolgante, sempre bem vestido, de lenço branco espalhafatoso, caindo do bolso...

Rodamos pela Fernão Dias umas oito horas.

Ele estava na varanda, quando chegamos. Bem vestido como sempre, forte e jovem. Parece que o tempo não lhe modificou nada. Apenas os cabelos brancos.

— Olá, Ranieri! — saudou-nos com uma memória espantosa. Por onde você tem andado?

— Por S. Paulo, professor. Abraçamo-nos.

— Fui seu aluno, professor.

— Sei disso, e sua mãe como vai?

Apresentei os amigos e sentamo-nos na varanda para conversar. Falamos a respeito de Faculdades, que era o nosso objetivo. Deodato, membro do Conselho Federal de Educação, poderia nos orientar. E ele orientou alegremente e bem, a mesma verve, o mesmo entusiasmo, a mesma vivacidade. Muito pouca coisa mudou. O cronista aparecia aqui e ali, satírico, crítico terrível, audaz. Rimo-nos e admiramos. Quanto ano teria? 73?

Não ouvimos bem, seria isto? Espantoso. E viaja constantemente para Brasília e de lá traz pacotes e pacotes de processos para relatar...

Os cabelos estavam absolutamente brancos, mas como era jovem a sua fisionomia!

Saímos alguns minutos e fomos buscar um livro no carro. Colocamos a dedicatória e lhe entregamos.

— Como o sr. é escritor, lhe trouxemos este livro...

Olhou o livro: "Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias". . . e deu uma gostosa risada.

— Como, você também já aderiu a essa loucura espírita?

— Sou espírita há muitos anos. Este livro é a quinta parte de uma obra que estamos escrevendo sobre o Chico, somos amigo dele. . .

Olhou-nos simpaticamente e logo ficou sério.

— Sabem de uma coisa? Eu assisti a uma reunião com o Chico que me deu com o pau na cabeça! O homem é espantoso!

Eu era muito amigo do Hermes Fontes, vocês sabem, o Hermes?

— Sabemos o poeta.

— Pois sim, o poeta. Hermes era feio, um Quasimodo. Pequeno, cabeça enorme. Éramos amigos de muitos anos. Assisti o casamento dele. Era da minha terra. Éramos muito unidos. O Hermes sofreu demais com a mulher. Ela o traía quase que dentro de casa. E ele não tomava atitude, até que um dia se suicidou.

Olhamos o Deodato, cabelos brancos porém rijo como um cerne,

— Que idade tem o senhor, professor?

— 73.

Era extraordinária a energia que irradiava dele.

— E o Hermes morreu quando, não sei bem, há uns trinta anos... Por um momento meditamos.

— Aquele homem conhecera de perto o poeta das Apoteoses e com ele privara!

— Grande poeta, o Hermes! Grande poeta! — comentou Deodato.

— A mulher, com o suicídio, ficou desesperada, não sabia o que fazer. Sei que tempos depois me procurou acompanhada de alguém. Queria ver o Chico Xavier. Fui com ela e o outro amigo a Pedro Leopoldo. A reunião do Chico já havia começado. Sentamo-nos ali. Passamos a assistir os trabalhos quando o Chico recebeu uma mensagem, um poema que dizia logo assim:

Alice estás presente.  
E me foste infiel!

Eu fiquei assombrado. Chico não sabia de nossa presença e não saberia que ali estava a esposa de Hermes Fontes que chegara do Rio de Janeiro!

Ela caiu em prantos e saiu carregada, desmaiada do Centro. Voltou amparada por nós e lavada em lágrimas. Impressionante! É extraordinário esse Chico Xavier! — acrescentou finalmente o cronista Alberto Deodato.

— Sabe, disse ainda ele, segurando nosso livro nas mãos. Até hoje não me interessei por essas coisas. Quem sabe se agora, na velhice, vou me interessar?

Sorrimos.

— E o resto do poema, professor, o que dizia?

— Dizia muita coisa, mas não me lembro mais.

— E o senhor não tem cópia dele?

— Não, não tenho, falou abanando a cabeça. Andou por aí, levaram embora, não sei quem levou...

Olhou-nos de novo.

— Ranieri, o Chico é um caso sério e impressionante. Impressionante! Deodato falou e repentinamente mudou de assunto.

Eu fiquei pensando no poeta das Apoteoses, na traição da mulher.

— Professor, acha que se essa mulher não tivesse se casado com o Hermes- ele haveria de casar com alguma outra? Ele era tão feio!

— Centenas! centenas. . . ele ganhava bem, era do Gabinete do Ministro, muito inteligente, grande poeta. .. Muitas, muitas haveriam de querer!

Fitei-o meio descrente. Hermes era feio, embora fosse uma inteligência fulgurante. Veio-me à memória o soneto recebido pelo Chico:

Sou o lavrador que fez, rude e bisonho, A sementeira luminosa e rara  
Do trigo louro e rútilo do sonho. .. Sonho lindo que a nada se compara.

Não reparou o labor triste e enfadonho, Regou, chorando, a terra que lavrara;  
E de alma ingênua e coração risonho, Esperou confiante o sol da seara.

Passados os trabalhos e os tormentos, Quando aguardava a messe, jubiloso,  
Numa grande esperança insatisfeita,

Eis que aparecem os arrasamentos, E o pobre, desgraçado e desditoso,  
Perdeu tudo no instante da colheita.

O Poeta Glorioso de Fonte da Mata, todavia, voltara da Imortalidade como um pássaro branco que ressurgisse com as asas molhadas na neblina da noite.

## A DESCIDA VIBRATÓRIA

Falávamos de Jesus Cristo. No céu, a lua ia alto. Pedro Leopoldo dormia na placidez das cidades humildes do interior. Talvez só Chico Xavier e os seus amigos conversassem àquela hora na rua deserta. Um cachorro passou procurando o que comer nos cantos das sarjetas do passeio. Olhou, por um instante, e foi embora. Chico falava e nós ouvíamos.

— Jesus começou a descer vibratoriamente para vir à Terra, quatro mil anos antes. Bem antes de Moisés. Ele já começara a descer.

— Descer, como, Chico?

— Sim, descer, reduzir a sua vibração. Os Grandes Espíritos para vir ao Mundo gastam muito tempo reduzindo, diminuindo suas próprias vibrações.

— Jesus gastou quatro mil anos!

Ficamos- olhando o Chico admirados e em nossa mente víamos o Senhor se reduzindo. .. reduzindo. ..

— O sacrifício que Ele fez foi muito mais do que pensamos — acrescentou o grande médium. A subida à cruz não foi tudo. Penetrar a atmosfera densa deste mundo é que foi talvez o maior sacrifício.

O cachorro voltou no meio da noite.

Chico falou muitas coisas de Jesus, nós, todavia, entramos em profunda meditação em torno do ensinamento novo.

O Mestre, para nós, avultava no tempo. Aquela preparação milenar confundia-nos o entendimento.

Na verdade, disse Ele, estarei convosco até o final dos séculos.

E o apóstolo reproduziria as palavras do Anjo que dissera:

— Esse Jesus que estais vendo agora subir para o céu, voltará, um dia, do mesmo jeito.

A palavra sagrada das escrituras, contudo, registra ainda a sua volta ao nosso mundo.

Estaria Ele já aqui mesmo entre nós ou já recomeçara de novo a descida vibratória para vir ao nosso encontro?

E nós, o que fizemos, até agora para ir ao encontro d'Ele?

A palavra do Chico na noite era como fagulhas de estrelas e cantava em nossos ouvidos a sua canção.

Olhamos, mais uma vez a luz, a mesma luz que no dizer de Emmanuel assistira do Alto a marcha de todas as civilizações e iluminara Jerusalém, de cima, como testemunha muda, a passagem do Cristo pela Terra.

## OSCAR WILDE

O tempo não apaga nossas lembranças, pelo contrário, acentua-as. Assim, como num céu límpido algumas nuvens escuras se tornam mais visíveis ou as estrelas que mais aparecem quanto maior é o negrume da noite.

Desde criança gostávamos de dizer:

— Eu sou Dorian Gray! Ficarei jovem até morrer!

Chico nunca soube disso, no entanto, há mais de trinta anos nos saúda sempre assim:

— Jovem, oh jovem! Como vai! Oh, jovem Ranieri!

Antes éramos moço, quando nos conhecemos. Agora, temos os cabelos brancos e as sombras da noite da vida cobrem-nos a visão e apaga-nos a existência.

— Jovem! Oh, jovem!

— Estranho, não acham?

Eu também acho estranho. Cumprimento-o e sorriu, mas não me esqueço que sou Dorian Gray. Como é que ele descobriu isso?

Sempre amei a literatura de Oscar Wilde. Espírito amigo que nos acompanhou durante muito tempo, o criador de Dorian Gray aparecia--nos na sua humildade do Cárcere de Reading, lavando o chão do presídio e ouvindo o cântico dos condenados.

"Há mais alegria na prisão, entre os que perderam tudo mas não perderam a alma, do que no seio dos homens que ganharam tudo mas não têm coração!"

Parece-nos ouvi-lo ainda, curvado sob o peso da desgraça, com os olhos postos em Cristo. E vemos-lo, ainda, de olhos cheios de lágrimas com o pano delimpar as pedras nas mãos ensopadas e cheias de calos e sentimo-lo agora inspirando-nos as palavras que haveremos de escrever.

"Há mais amor no ato de dar do que de receber e ninguém compreenderá Jesus se não sofrer com ele. Assim como o mendigo das ruas encontra Deus em sua misericórdia nós também poderemos encontrá-lo num pedaço de pão".

"Há mais dor no olhar triste do condenado que vê o sol nascer atrás das janelas do que em toda a dor do mundo!"

Ouvimo-lo e lembramos do Chico:

— Alô, jovem!

## MEL ANOS PADRE

Em nossas conversas com Chico Xavier sempre me deixei impressionar pelos ensinamentos que jorravam de seus lábios. É natural que não seja possível reproduzir tudo o que ele fez e disse: nem o mundo inteiro seria capaz de conter os livros que se escrevessem sobre Ele. Poderíamos usar de novo essas expressões do Apóstolo para com Jesus Cristo.

Mas o ensinamento nós guardamos.

Falávamos sobre reencarnação, sobre Livia e Emmanuel, e também sobre Clóvis Tavares que fora, segundo Chico, o padre Flanagan, que aparece em "Renúncia".

— Como, Chico, então o Clóvis foi o Padre Flanagan?

— Sim, mil anos permaneceu o Clóvis na Igreja. Agora é que está saindo dela.

— É, reencarnou mil anos seguidos como padre, esclareceu o médium.

— Ora, Chico, vou lhe dizer uma coisa: a primeira vez que ouvi e vi o Clóvis falando em Belo Horizonte, lembro-me que disse:

— Esse homem é espírito de padre reencarnado! E tem mais, Chico, eu não acho que espírito que sempre reencarnou como mulher passe facilmente a reencarnar como homem. Creio que haverá necessidade de uma travessia ou passagem gradativa assim como o espírito de homem reencarnar como mulher. Você não acha?

— Acho que é uma grande aventura. Eu, por exemplo, é a primeira reencarnação de homem que tenho. A Espiritualidade Superior, quando eu fui reencarnar, estava preocupada com isso, achava que eu poderia fracassar... Há uma linha de reencarnação, acredito, da qual é muito difícil escapar. O espírito precisa de se preparar para isso.

O ensinamento ficou no ar. O Chico sorria e tomava uma xícara de café, após ter servido os outros. Depois, deu uma gargalhada.

— Uai, Ranieri! Lei é Lei, ninguém pode fugir dela!

Os companheiros também riam. Estávamos na copa e a noite ia alta. A madrugada, companheira inseparável de Chico Xavier, vinha chegando iluminada pela luz suave da lua.

Abri a janela, olhei o céu e vi as estrelas, as mesmas estrelas que brilharam nas noites de Jerusalém ao tempo de Jesus Cristo.

## A LUZ

As ruas de Pedro Leopoldo esbatidas pela lua dormiam no silêncio da noite. Chico falava. A vivacidade de seu pensamento, a ligeireza e a profundidade de sua palavra dominavam-nos e atraíam.

Atentos, ouvíamos sem um ruído, certos de que estávamos ouvindo a palavra do "mais sábio dos homens".

Os assuntos salteavam na sua boca e ao lado da história interessante e cristã vibrava o ensinamento filosófico ou a tirada científica. Emmanuel e André Luiz alternavam-se em seus lábios. Ria alto às vezes e ponderava sério de repente. O pensamento saía-lhe medido e perfeito na frase harmoniosa.

Estava gordo, enorme.

Ficávamos admirados de sua vivacidade num corpo tão pesado.

Parece que Chico olhou a lua porque disse de súbito:

— Olhem, diz André Luiz que, "o Universo é luz coagulada".

Fitamos o grande médium e lembramo-nos do Grande Espírito. Que expressão bonita: "luz coagulada!"

Quem se lembraria neste mundo de dizer que "o Universo é luz coagulada?"

Em nossos olhos vimos um coágulo de luz que se transformava em mundos e estrelas!

Que sabedoria em tão poucas palavras!

O pensamento espiritual tem essas possibilidades.

Chico sorriu para nós. Parecia-nos ler o pensamento!

É lógico que os Espíritos não usam frases de retórica. Se André Luiz afirma que "o Universo é Luz Coagulada" é porque é mesmo. Nos tempos que se perdem no infinito da involução a luz por soberana vontade de Deus deve ter se coagulado no espaço para dar nascimento aos mundos. A ciência do homem ainda muito pouco conhece a propósito dos seres e das coisas.

A ignorância da humanidade é profunda e imensa. Iremos, é certo, avançando cada dia em conquista da luz e da verdade.

Contemplamos de novo o bom amigo e vimos um de seus olhos quase cego recoberto por tênue película esbranquiçada. Ele, no entanto, mergulhava o olhar pensativo nos véus da noite, buscando talvez, como nós, entender mais as origens das origens.

Contudo, parecia-nos sentir atrás de tudo isso a sombra enorme de Deus.

## VISITA DE MINEIRO

Recebemos o recado.

— Um moço de Minas virá visitá-lo, amanhã, sábado, disse-me o filho. Não me lembro o nome, telefonou.

No dia seguinte cedo, batia à nossa porta um homem com cara de nortista.

Você é nortista?

— Não, sou mineiro de Sete Lagoas. José Agostinho Soares. Olhamos o rapaz, simpático. Mandamos entrar. Viera numa hora

difícil de nossa vida. Não podíamos convidá-lo para almoçar em casa e não tínhamos dinheiro para levá-lo conosco a um restaurante. Iríamos ficar dois meses sem receber vencimentos e já estávamos no fim do segundo mês. . .

Um amigo nos dissera na véspera com ar de brincadeira:

— Você é o único homem que saiu pobre de uma Prefeitura! Não soube roubar!

— Não soube roubar nem na Prefeitura e nem em lugar nenhum! — lhe respondemos. Nunca aprendemos. Mas Deus ajudará. E se a coisa ficar muito dura, tirarei empréstimo no Banco!

— Ê, mas você terá que pagar juros!

— Sim, terei que pagar juros. Mas não tenho outro jeito.

Todos riram. Eu fiquei sério. O negócio estava ficando preto. Agora ali estava com Zé Agostinho e mais tarde também viria um médico amigo que eu não poderia convidar para almoçar e precisava de convidar. . .

Conversamos umas duas horas. O homem viajara catorze horas para falar conosco. Muita bondade. O que fazer? Conversamos lá no meio do caminho, falamos de Chico Xavier. Conhecia bem Pedro Leopoldo e o Lico e uma porção de gente ligada ao Chico. Interessou-me logo. O faro de jornalista atirou-me no seu encaço. Ali estava alguém que poderia me ajudar a pesquisar Chico Xavier.

De fato me contou muita coisa que iremos aproveitar no decorrer dos volumes que se seguirão, mas aqui aproveitaremos duas pequenas histórias.

Disse o José Agostinho que morava em frente à casa do Chico em Pedro Leopoldo uma senhora chamada dona Laura, que fora quem o recebera nos braços em seu nascimento. Essa senhora morreu há uns quatro anos e viveu nos últimos tempos na casa de Lucila, irmã do médium. Dizia dona Laura que Chico nascera com u'a mancha no peito, consequência do fato de que Maria João de Deus, mãe do Chico, trazia sempre uma lata de talco ou de latão no peito. Era crença dela. Assistira também a morte de Maria João de Deus e foi quem deu o primeiro banho no Chico.

Quando o médium trabalhava no armazém em Pedro Leopoldo, ela pedia a ele que escrevesse suas cartas. Chico escrevia e ela em troca, espontaneamente, lhe dava um prato de doce. Afirmou dona Laura ao Zé Agostinho que o Chico comia tudo, lambia o prato e lambia os beijos.

O José Agostinho, quando esteve com o Chico lhe relatou o fato e perguntou se era verdade. O Chico confirmou mas disse:

— José Agostinho, era fome! Era fome!

Rimos com o visitante. Era típico do Chico o modo de falar e ficamos imaginando aquela mulher feliz e pobre que era dona Laura e que recebera um príncipe espiritual nos braços ao nascer na Terra. Lembramo-nos até o velho Simeão no Templo de Jerusalém recebendo Jesus Cristo nos braços e dando graças a Deus por lhe ter o Senhor permitido que não partisse para o outro mundo antes de ver o Salvador.

Os olhos de José Agostinho riam para nós. Contamos-lhe também algumas particularidades interessantes do Chico pedindo-lhe que não contasse para ninguém e ele, também feliz, nos relatou outra história.

Chico encontrou um bêbado na rua e este lhe pediu um passe. Chico olhou-o e viu o que ele queria era beber e lhe respondeu dando-lhe uma moeda:

— Vai, toma outra e você melhora.

Não adiantava passe. A situação do homem era de deliriumtremis.

Há muita gente que nega u'a moeda ao miserável alegando que o que ele precisa é de Evangelho. Nós aceitamos a tese de que para quem tem fome material, primeiro pão, depois doutrina.

Ninguém aceita Evangelho com barriga vazia. Só Francisco de Assis, mas acontece que ele também era o Evangelho Vivo.

Logo no início de nossa amizade com Chico Xavier, estávamos desenvolvendo nossa mediunidade, espontaneamente, em diversos campos, e vibrações estranhas nos percorriam o organismo. Assim, sentíamos vibrações elétricas ou eletromagnéticas que nos percorriam o corpo. Na cabeça, na espinha, nas faces, mas de modo especial, nas mãos. Uma rede eletromagnética dentro, fora, e em volta das mãos, no momento que concentrávamos. Concentração simples, apenas do pensamento. Fixamos a mente na mão ou nas mãos e imediatamente a rede eletromagnética se formava (como ainda se forma hoje com mais intensidade, a qualquer momento, andando, falando, conversando, etc). Se concentrávamos nosso pensamento na face, no rosto, logo a rede aí se formava. Colocando as mãos na mesa transmitíamos a ela um certo rumor, que qualquer pessoa poderia ouvir desde que pusesse o ouvido colado à mesa próximo onde estava a mão. Se movimentávamos o pescoço virando a cabeça de um lado para outro, esse rumor com enorme intensidade aparecia e se fechássemos as mãos ouvíamos rumores dentro dela e nela com prodigiosa força e altura. Hoje, a intensidade é muitas vezes maior.

Naquela época começava a aparecer e nos convocava para uma pesquisa pessoal. Os espíritos nada diziam ou diziam que era assim mesmo, que tudo estava certo, que não me preocupasse. Mas eu me preocupava com uma compreensível curiosidade.

Estando quase semanalmente com o Chico, lhe perguntamos sobre o assunto. Ele nos olhou e disse:

—Ranieri, isso é o seu perispírito que está se materializando.

E imediatamente colocou sua mão espalmada em nossa testa. Logo, declarou:

— É, você está muito forte!

Estávamos na casa de sua irmã Luiza e íamos dormir em casa dele aquela noite.

Procuramos mais alguns esclarecimentos sobre o assunto, mas ele não nos deu e tivemos através dos anos, que aprender por nós mesmos. Não esquecemos, contudo, as suas palavras:

— Ranieri, é o seu perispírito que está se materializando. Aquilo nos deu, na época, o que pensar.

Queria dizer que o nosso perispírito mesmo estando encarnado pode se materializar. A afirmativa era interessante, porque não só se materializava como também a gente mesmo percebia e sentia fisicamente o perispírito como era o meu caso.

Se ele dissera isso é porque com ele também se dera o mesmo. Ele contudo não me dera oportunidade de maiores esclarecimentos. Não entendi porque não se aprofundou melhor no assunto de modo a me permitir maior conhecimento desde logo. Que Chico compreendesse o fenômeno não havia dúvida que compreendesse e o que dissera fora definitivo. O perispírito estava se materializando. Isso pude comprovar cada vez mais no correr dos anos.

Naquele tempo estranhei também porque ele precisara colocar a mão em minha testa para sentir a força da vibração. Assim, nem tudo lhe era dado ver espiritualmente. Porque se o fosse ele teria visto sem necessidade de medir com a mão. A atitude dele me esclarecia por outro lado que tocando na pessoa ele teria possibilidade de sentir-lhe a frequência da vibração, fato que já nos era de certa forma quase comum a nós mesmos.

O acontecimento, porém, ficou gravado em minha memória, como fato precioso e importante no estudo da mediunidade.

## SOBRE "O MATERIALIZAÇÕES"

O encontro de Peixotinho com o Chico foi encaminhado por nós. O médium de Materializações mais extraordinário do Mundo conheceu-nos no Rio de Janeiro e pediu-nos que o encaminhássemos ao Chico. Enviamos-lo ao Jair Soares e de lá a Pedro Leopoldo.

Algumas reuniões de efeitos físicos se realizaram com a presença do Chico e a nossa e depois, o Peixotinho passou a se hospedar com o Chico e em sua casa quando ia a Pedro Leopoldo, o que fazia uma ou duas vezes por ano. Ficava ali muitos dias.

A mediunidade do Peixotinho era maravilhosa. Há pouco tempo conversávamos com o Chico, ele nos disse com admiração e saudade:

— Ranieri, mediunidade de materializações igual à do Peixotinho não aparece mais no mundo!

— Você acha? — perguntamos.

— Pode ser, retrucou, mas é muito difícil! Ficamos pensativo e respondemos:

— Para Deus nada é impossível!

— Isso é verdade, disse ele, mas é muito difícil mesmo!

Vê-se por aí a admiração e o respeito que ele sempre teve pelo Peixotinho.

Às páginas 75 do livro de Elias Barbosa, "No Mundo de Chico Xavier", encontramos estas respostas dadas por Chico Xavier ao entrevistador:

— Você em seus quatro decênios de trabalho medianímico, veio a conhecer muitos médiuns de efeitos físicos? Qual deles mais o impressionou?

E Chico responde:

— Sim, alguns. Guardo excelentes lembranças de todos os companheiros da mediunidade de efeitos físicos, mas um deles ficou de maneira especial em minha lembrança, o nosso irmão Francisco Lins Peixoto, mais conhecido pelo nome afetivo de Peixotinho, desencarnado em 1966.

Nas reuniões a que assisti na companhia dele, presenciei não somente admiráveis fenômenos de materialização, mas também muitas curas de doentes através do processo de socorro que os Amigos Espirituais nomeavam como sendo "transfusão de células".

Nós fomos por um certo período, presidente do Grupo Espírita André Luiz, Geal, do Rio de Janeiro, onde trabalhava o Peixotinho e éramos amigo muito íntimo dele.

Estávamos reunindo material para um livro, por solicitação dos Espíritos, e aproveitamos também as fotografias e outras peças, assim como assunto dos fatos ocorridos em Pedro Leopoldo, com Chico Xavier.

Pronto o livro, "Materialização Luminosas", entregamo-lo à Livraria LAKE. Chico interessadíssimo, havia feito uma declaração no verso de cada fotografia a pedido nosso.

Com essas fotografias ocorrera até um fato de certa forma pitoresco. Assim que as fotografias me foram entregues, e algumas o foram pelo próprio Chico, fui a Pedro Leopoldo mostrar ao Chico as que ele ainda não vira reveladas.

Natural que todos que estavam no Centro se interessassem, e o Chico preocupado me disse assim:

— Ranieri, cuidado com essas fotografias que as trevas estão interessadas em destruí-las.

Assustei-me um pouco, mas não poderia ser indelicado com aqueles que iam tirando as fotografias das mãos do Chico para vê-las também. Todos aglomerados, comentando, quando de repente o Chico perguntou:

— Onde estão as fotografias?

Procurei-as aflito, mas não estavam mais. Sai pela rua e vi que debaixo de um poste de iluminação pública um homem olhava interessado as fotografias. Estava a uns cem metros do Centro Espírita. Aproximei-me cauteloso e pedi-lhe a devolução. Olhou-me espantado e vi em seu olhar a dúvida: devolveria ou não? Parece-me, no entanto, que Emmanuel estava conosco e influenciou-o porque nos entregou, devagar, mas entregou.

Voltei com elas presas nas duas mãos e com a face fotografada oculta no meu peito para que ninguém viesse pedir para ver. O homem era um embriagado, obsediado.

Contei o fato ao Chico e ele reafirmou:

— As Trevas querem destruí-las.

Inclusas no livro, foi este para a Livraria Editora. Passou-se um ano, voltei a Pedro Leopoldo e o Chico me perguntou pelo livro. Respondi-lhe que estava com o editor e ele ficou satisfeito.

Isso foi por volta de 1950.

Passamos alguns anos sem voltar a Pedro Leopoldo, depois disso. Quatro anos depois, estando ali, Chico nos perguntou de novo:

— Ranieri, como vai o livro sobre as fotografias de materializações do nosso Peixotinho?

Muito naturalmente lhe respondemos:

— Chico, acho que nós fizemos o que tínhamos que fazer. Assistimos as reuniões, acompanhamos o médium, reunimos o material todo e escrevemos o livro, entregamos tudo prontinho ao editor só para publicar, você não acha que agora a missão de publicá-lo e divulgá-lo é do editor? Penso que nós não temos mais nada com isso!

Chico olhou-nos seriamente e disse: —Ranieri, você está enganado. Disse Emmanuel que a responsabilidade é sua, até o livro ser publicado, aparecer nas ruas e nas livrarias e até depois disso enquanto você viver! — Falou ele para você procurar o Batista Lino e conversar com ele e fazer força para o livro ser publicado! A Espiritualidade Superior está muito interessada na divulgação dessa obra!

Meu filho, cabe ao autor ou ao co-autor a responsabilidade de providenciar a divulgação de suas obras.

Fitei o Chico surpreendido:

— Uai! pensei que fosse diferente, que o editor tivesse a missão de publicar e responderia no mundo espiritual se o fizesse ou não.

Chico riu bondosamente:

— Não, Ranieri, você é como se fosse o pai ou a mãe do livro. Vai atrás dele e lute para publicá-lo! Todos que escrevem ou realizam obras têm obrigação espiritual de acompanhá-las até o fim!

Voltei, fui a S. Paulo, procurei o Lino e contei-lhe a história e o que dissera Emmanuel pelo Chico. Um ano depois, o livro foi publicado e alcançou grande sucesso.

Ficara cinco anos na Livraria Editora aguardando que eu tomasse providências enérgicas para a sua publicação.

Isso, entendo que é lição para todos, escritores, médiuns, compositores, pintores espirituais, etc. etc.

A luta é de cada um. Naturalmente Deus ajudará e os Espíritos também.

A cada um segundo as suas obras, diz o Senhor.

## PEIXOTINHO

Peixotinho e Chico Xavier serão estudados em capítulo especial que virá no volume "Mediunidade Gloriosa", que será o trabalho que tratará nesta série da mediunidade de Chico. No entanto, poderemos dizer alguma coisa das relações de Peixotinho com Chico como nota inserta neste volume.

Chico sempre demonstrou o maior interesse pelos fenômenos de efeitos físicos, quase se poderia dizer um interesse apaixonante, profundo. Vejamos as perguntas que lhe fez Elias Barbosa à página 76 de "No Mundo de Chico Xavier":

— Qual a opinião de Emmanuel sobre os fenômenos de materialização?

E Chico respondeu:

— Diz nosso benfeitor espiritual que eles são sempre respeitáveis onde quer que apareçam e que não somente servem como elementos de base à convicção na imortalidade da alma, como também e, principalmente nisso, nos trabalhos de auxílio à saúde humana.

— Sabendo nós que Emmanuel não permitiu a você o desenvolvimento mais amplo de suas faculdades mediúnicas de efeitos físicos, queria isso dizer que ele, o nosso amigo espiritual, é menos favorável ao serviço de materializações?

— Não. O raciocínio não é claramente este. Emmanuel considerou quando eu me achava no desenvolvimento da mediunidade de efeitos físicos que não convinha o meu afastamento, mesmo parcial da psicografia, e que, por isso, aconselhava o encerramento de minha experiência nesse sentido.

Acrescentou que o serviço do livro mediúnicos, em que me encontro, é também tarefa de materialização — a materialização dos pensamentos do Mundo Espiritual.

— Na sua experiência mediúnica, você acredita que nós, os espíritas, podemos provocar os fenômenos de materialização?

— Provocar, não, mas devemos estudá-los onde surjam e, se possível, orientá-los nos serviços de cura, em favor dos nossos irmãos doentes, porque assim, eles auxiliarão, de uma só vez, aos enfermos do corpo e aos enfermos do espírito, que ainda se vejam órfãos de fé na vida além da morte.

Vê-se, por aí, o respeito e o interesse do Chico pelos fenômenos de materialização de espíritos.

Quando apareceu o Peixotinho, Chico acompanhou-lhe os passos, mesmo porque a Revista Internacional do Espiritismo em colunas assinadas por Amadeu Santos passou a publicar-lhe os relatos das sessões de efeitos físicos, que eram realizadas no Geal, à Rua Moncorvo Filho, no Rio de Janeiro.

O interesse do Peixotinho de visitar o Chico encontrou imediata receptividade do médium de Pedro Leopoldo.

Peixotinho foi ali numerosas vezes e foi com carinho que Chico o recebeu e esteve presente às suas reuniões. Ficava hospedado em casa do Chico e geralmente levava com ele, mais pessoas. Estivemos lá algumas vezes juntos, comparecendo às reuniões onde muitos espíritos foram fotografados, inclusive como foi o caso do CAMERINO, no próprio quarto do Chico.

A Espiritualidade fazia restrições rigorosas de alimentação, fumo, carne, álcool, etc. e Chico sempre acatou-lhes a disciplina para si e para aqueles que compareciam aos trabalhos. Peixotinho era criatura simples, bondosa e humilde, de modo que os dois se deram bem. Nós acreditávamos e acreditamos ainda hoje que o Chico cooperava com sua mediunidade de efeitos físicos com- o Peixotinho na produção dos fenômenos. Sempre admitimos isso, até que tivemos certeza absoluta.



CHICO, RANIERI, KRATUS e o filho do Lico, amigo de Chico —  
(Da coleção do Autor)

Peixotinho permanecia por dias e dias na residência do Chico. Geralmente, antes das entidades se materializarem, Chico já anunciava a presença delas na reunião, dizendo-lhes até o nome e como estavam vestidas ou como se apresentavam. Às vezes recitava versos do Zé Grosso antes que este se materializasse, dirigidos ao auditório ou a alguém presente. Depois, o espírito se materializava.

Entrosados com Peixotinho e Chico, estivemos todos nós do Grupo Scheilla de Belo Horizonte e do André Luiz do Rio de Janeiro.

Chico sempre fez do Peixotinho as melhores referências e comentava com entusiasmo as materializações dos espíritos e outros trabalhos por eles produzidos.

Foi, realmente, essa, uma fase áurea dos trabalhos de materialização de espíritos no Brasil. O encontro dos dois grandes médiuns produziu resultados que só serão devidamente avaliados no futuro.

O número de espíritos que se materializava numa só sessão era muito grande. Por exemplo, assistimos sessões com eles em que se materializavam uns juntos com os outros ou seguidamente: Aracy, Heleninha, José Grosso, Garcês, Scheilla, Maria João de Deus, Fidélio, Fritz, Fidelinho, e outros. Realmente, espantosa a relação.

Além disso, escreviam por escrita direta ou produziam peças de parafina.

Chico prestigiou a mediunidade do Peixotinho e testemunhou-a como se pode ver em nosso livro "Materializações Luminosas".

É digno de nota salientar-se o fato de terem sido em Pedro Leopoldo tiradas as fotografias de ANA e do JOSÉ CARLOS AUGUSTO LACERDA, as duas mais belas fotografias de espíritos materializados no Brasil, juntamente com o Espírito RACHEL, pela mediunidade de Ana Prado. Essas visitas do Peixotinho ao Chico se prolongaram por muito tempo, e só nos últimos tempos é que os dois médiuns espaçaram seus contatos. Provavelmente porque Peixotinho iniciou suas viagens ao Norte, especialmente ao Ceará, sua terra, onde, parece, encerrou os seus dias produzindo os mais belos fenômenos.

Grande amigo de todos nós, Peixotinho deixou-nos sua obra de beleza e imortalidade e tornou-se para sempre uma figura inesquecível. Nele haurimos nossos mais profundos sentimentos de compreensão e entendimento com o Mundo Espiritual. Nele, Jesus, através de seus mensageiros, esteve presente em toda a sua Glória!

## ESTE LIVRO

Este livro é um livro escrito com o coração e com a memória.

É o livro do amigo, do companheiro e do irmão. São simples recordações de um grande homem que vive entre nós e não segue uma ordem cronológica. Recordações não obedecem à cronologia nem a lógica. De repente, a claridade do sol batendo na folhagem multicolor, lembra-nos um fato. Nosso pensamento volta no tempo. As vezes sorrimos, outras vezes, choramos. Algumas, invade-nos o entusiasmo, outras assalta-nos a saudade. Não há lógica na recordação. Recordar é viver. Vive-se por momentos e revive-se apenas na retina do tempo.

Terminara meu curso de Direito e procurava situar-me no Mundo porém muito desinteressadamente...

A mediunidade de psicografia explodira-nos de repente e estávamos empolgados com a Espiritualidade. Recebíamos mensagens de muitos espíritos e entre eles Oscar Wilde, Voltaire, Charles Baudelaire, Altino ...

Pensávamos muitas vezes deixar tudo e ir morar com o Chico, mas tínhamos família agora.

Era nosso desejo entregarmo-nos de corpo e alma à Doutrina. Por outro lado, admitíamos que Chico não moraria com ninguém. Naquela época, pensávamos assim, nunca morara!

Escrevemos a ele algumas coisas falando indiretamente do nosso sonho de dar a vida pela tarefa com Jesus...

Mas recebemos dele um cartão em que nos dizia que Jesus haveria de nos situar em emprego respeitável...

Ficamos chocados. Mais tarde a vida correu e viemos a ocupar cargos de importância na vida pública de tal maneira que não gostaríamos de perder esses pedaços de existência por nada deste mundo... O pouco que realizamos em favor do próximo foi ai que o fizemos.

A sabedoria do Chico avança para o futuro. Ele diz coisas hoje que irão ocorrer dai a cinco, dez ou vinte anos, nessa hora, nos lembramos de que ele um dia nos falara...

Com o cartão na mão, bacharel em Direito, e louco pra seguir Jesus. .. Imaginem nosso desapontamento quando o Chico veio com essa conversa de um emprego respeitável?!

Éramos moço e a mocidade cheia de força não aceita certas coisas. Todavia, conformamo-nos.

Na névoa de nosso passado nos vêm à mente essas lembranças insignificantes. São, no entanto, tesouros inesquecíveis de nossa alma.

Chico naqueles dias estava conosco e acompanhava as manifestações dos espíritos por nosso intermédio e nos dizia da presença deles. Falava de Wilde e de Heleninha, do Altino, dizendo que este, ainda guardava os traços de nossa filha...

Havia um raio de luz que saltitava por toda a parte e Chico em nossa casa era como o Anjo do Senhor que visitava Tobias.

## COM HUMILDADE

Chico sempre nos disse que se considerava um sapo com uma vela acesa em cima ou então uma alimária carregada de livros e documentos...

Essas são expressões da sua humildade, que têm, em nossa opinião, o objetivo de valorizar, o trabalho dos Espíritos e a de apagá-lo cada vez mais.

Certa ocasião, contou-nos que fora aos subúrbios de Nosso Lar conduzido por Emmanuel e André Luiz, isso numa época em que estava recebendo obras de André Luiz e começara a pensar que estava ficando louco. E terminava dizendo:

— Seja como for, nem que seja como uma besta conduzindo professores, eu fui!...

São características de sua personalidade procurar diminuir-se, apaga-se, tornar-se insignificante e sem expressão... Poucas são as palavras que diz, quando se refere a si mesmo, que não sejam para colocar-se em segundo ou terceiro plano.

Por outro lado, fala sempre de modo respeitoso e grave dos Espíritos, notadamente de Emmanuel.

Outra vez, repetindo André Luiz, dizia:

— Ê preciso calar para que outros falem.

Vê-se aí a posição do médium convicto que entregou todo o seu patrimônio de cultura e conhecimento e todas as suas possíveis ilusões humanas à Espiritualidade. Não quer ser coisa alguma para que os Espíritos e Jesus sejam.

Só uma convicção inabalável na existência e presença dos Espíritos e na imortalidade poderiam levá-lo a essa atitude mental. Lembra Ramakrishna ensinando que se deve despir de todo "Eu".

A personalidade é o grande obstáculo para o avanço espiritual. Ê preciso mergulhar no mar da impessoalidade para alcançar Deus. O homem verdadeiramente espiritual será como um bambu lançado sobre as águas de um lago, divide-o apenas aparentemente. Ê um sinal sobre as águas. Unido ao todo que é Deus, encontramos a iluminação e a felicidade.

Chico também não quer ser. Busca a impessoalidade atribuindo todos os méritos aos Espíritos. Ê uma atitude espiritual que respeitamos: ele é assim.

É a atitude dos santos.

A comparação com uma alimária ou besta lhe é permanente. Em entrevista para jornais, com escritores ou para a Televisão, aqui ou ali, se encontra sempre essa afirmativa dele.

Os umbandistas dizem que os médiuns são o cavalo do espírito que se comunica. Nesse ponto dizem a mesma coisa que o Chico. O objetivo dele, porém, é sempre o de diminuir-se, ou de apagar-se, com referência a autoria das ideias e das mensagens que recebe.

Realmente, a sua vida não tem volta. Nesta altura da vida, arrogar-se qualquer direito é trazer a confusão as mentes menos esclarecidas e por em risco toda a obra realizada. A sua situação é semelhante à de um homem que estivesse sobre um rochedo, em pleno mar, qualquer tentativa de andar sobre as águas a pé enxuto poderá levá-lo ao fundo do oceano.

O jeito é voar, voar para o outro mundo.

O que souber, o que conhecer, a cultura que tiver adquirido por força mesmo de sua mediunidade, só muito de leve poderão ser revelados.

É o mesmo que um astronauta que foi à Lua querer afirmar que não é mais astronauta. Jamais convencerá quem quer que seja.

O povo é assim: aceita ou não o médium. Se o aceita, acabou-se. Nunca mais o deixará de ser. Cria-se uma nova personalidade muito embora se lute para provar que ela não existe. Personalidade numa definição moderna seria a maneira de ser de cada um diante dos homens, em sociedade.

Chico é o que é, e isso constitui a sua personalidade atual? Personalidade sem personalidade?

Não. Todos aqueles que desejaram deixar de ser se tornaram criaturas mais fortes e mais visíveis.

Buda, Jesus, Ramakrishna e o próprio Chico...

Cresceram sempre mais à proporção que se diminuía a si mesmos, porque eles já eram grandes antes de nascer.

## ESTUDANDO SEMPRE

Poderíamos dizer que a obra de Chico Xavier é uma ampliação da Obra de Kardec.

O pensamento central de Emmanuel e do Chico é a evangelização do Mundo.

O Espiritismo de Kardec era evangélico, a Restauração do Evangelho, e o pensamento de Emmanuel também é o Evangelho.

Tudo nestas obras objetivam reinstalar no mundo, em bases seguras, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não há outra preocupação. A preocupação da imortalidade em Chico Xavier já é bem menor do que a de Kardec. Na realidade, os fatos já estão estabelecidos, devendo apenas agora nos encaminharmos para o aperfeiçoamento da criatura humana. A parte científica do Espiritismo ficou para outros homens. E a mediunidade de efeitos físicos até agora, no Brasil, esteve a cargo de outros médiuns. Chico apenas teve oportunidade de demonstrar que também possui esse tipo de mediunidade, como, de resto, parece ser possuidor em graus mais ou menos elevados, de todas.

O campo dele é, realmente, o campo evangélico assistencial e a iluminação intelectual e espiritual das criaturas através dos livros e mensagens. Tem recebido mensagens em prosa e verso a fim de mais facilmente atingir o coração e a mente do homem.

Chico considerava-se destinado a realizar a Missão do Livro, como ele e Emmanuel classificam o seu trabalho. Aí é que estão situados como dupla indissolúvel.

Às vezes, nós nos preocupamos muito com a situação, naturalmente, necessária, do Chico. Suas forças são de alguma forma dispersadas noutros campos de atividade, com prejuízo da humanidade, de certa maneira. Sabemos que tudo o que ele faz é útil, especialmente os exemplos que dá. Mas quantos livros importantes deixará ele de escrever?

Há pouco tempo lhe perguntamos se não ia escrever o Inácio de Antioquia, do qual tivéramos notícias pelo Newton Boechat. Como sabemos, ele respondeu que para escrever um livro desses precisava de ficar segregado'. Voltamos, posteriormente, ao assunto, e ele disse:

— Agora não posso, você não vê o movimento de gente aumentando todo dia? Vou escrevendo esses livros que são livros de retalhos...

Deixa isso entrever que ele sabe que deveria ter um pouco de paz para escrever obras contínuas e não apenas livros de mensagens, que são úteis mas que não alcançam tanto o objetivo dos grandes livros como Paulo e Estevam, Ave, Cristo!, etc. etc.

Os livros que representam um mergulho no passado, como os grandes romances, que são histórias verídicas, exigem uma espécie de êxtase ou transe especial, um auto magnetismo, ou uma exteriorização do perispírito.

Aciona-se a chave da clarividência e os quadros ou filmes começam a se desenrolar na frente ou dentro do médium. É lógico, que isso pede concentração total, serenidade e paz.

Há uma sequência e há uma equipe de espíritos que passam a trabalhar juntos. Não seria no meio daquela multidão que um trabalho desses seria eficientemente executado.

Chico certa ocasião nos sugeriu, tendo em vista que estávamos insistindo para que nos fornecesse material para um livro, que escrevêssemos a história da origem de seus romances. Ficamos, entusiasmados mas o projeto até agora ficou em projeto porque nós não conhecemos a história de todos os livros que ele recebeu e o que sabemos não daria Um volume. Por outro lado, não tivemos a oportunidade de um encontro mais demorado para estudar o assunto. Quem sabe, um dia?

Assim, conformamo-nos com a espera. Mas sabemos que cada livro do Chico tem uma história, geralmente de dor e sofrimento e sacrifícios do médium. Pelo menos, pelo que já conhecemos, presumimos isso.

Todavia, a Missão do Livro é a finalidade maior de sua luta na Terra. Veio para isto.

E tem trabalhado diuturnamente na recepção dos livros. "Materializar o pensamento espiritual" para a humanidade.

Considera-se, como vimos médium principalmente de materializações de pensamentos.

Evidentemente, está certo.

## TRABALHO INCESSANTE

O trabalho intelecto-espiritual de Chico Xavier chega a ser quase monstruoso. Vai além das raias do verossímil. Receitas, consultas, mensagens, livros, mensagens particulares, mensagens para instituições, entrevistas, autógrafos, etc.

Tudo isso, em enxurrada. A multidão que o procura é imensa. E essas obras são realizadas com o povo à sua volta noite e dia, expondo-lhe os problemas que ele também vai resolvendo e orientando verbalmente, além da parte escrita. É uma coisa maluca!

Junto com a orientação verbal e enquanto vai esclarecendo o consultante, autografa os livros, isso após as reuniões.

Perguntas de todo o lado, problemas complicados. Pais que perderam os filhos, mães desesperadas, enfermos, que desejam a cura, loucos e obsedados, estudantes que despertam para a Doutrina, pregadores, escritores, poetas, médiuns, sacerdotes, espíritas, não-espíritas, católicos, protestantes, materialistas, gente que quer saber, gente que não quer saber, gente que o ama, gente que não acredita nele, tudo vem como uma onda infernal que o assalta furiosamente.

Chico responde com a serenidade dos santos e dos justos, e fala--lhes numa voz de amigo e de irmão. Para cada um tem a palavra certa e a orientação segura, e mesmo aquilo que não satisfaz na hora, comprova-se mais tarde que era exatamente o que a pessoa realmente necessitava. Jamais, escritor a=gum escreveu livros nessas condições. Leve--se em conta que ao fim de toda reunião, recebe uma mensagem de caráter lítero-doutrinário-evangélica, que é reunida a outras em breve para formarem um livro. Aquilo já sai pronto, apenas aqui e ali o próprio Emmanuel corrige quando acha que convém, coisas ligeiras. Geralmente, o que foi escrito ali sai publicado exatamente como o foi.

Esses fatos ocorrem anos após anos, todas as semanas, em três ou mais reuniões semanais, sendo sempre duas públicas.

É na verdade u'a máquina que recebe e retransmite com rapidez incrível!

Incansável. Poucas vezes o vimos abatido. Sempre sorrindo, sempre alegre, sempre contando histórias cheias de sabedoria, como se também houvesse tomado sobre si toda a dor do mundo.

Fonte de alegria para o povo, de consolo, de compreensão, de esclarecimento, de boa vontade, com os olhos postos em Jesus e o coração em Deus.

Ele veio da pobreza e da humildade, voltou-se intensamente para a pobreza e para a humildade.

Não quer nada para si, mas dá aos outros tudo de si mesmo! Água e pão, amor e paz, para todos.

O futuro há de vê-lo como o Bom Samaritano, há de amá-lo como a um outro Francisco de Assis.

## A PENCA DE BANANAS

Antenor é nosso amigo há muitos anos, desde o tempo do Jaks Aboab. Havíamos mudado de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, estávamos à rua Moncorvo Filho, 27, nas proximidades da velha Faculdade de Direito. O Jaks tinha ali uma casa que vendia casimiras. Representação de casimiras. Metade do salão ele o dividira para servir às reuniões de materialização do Grupo Espírita André Luiz, Geal, como nós o chamávamos.

Recém-chegado, entrei em contato com os novos amigos. Recebido pelo Vicente Viola, companheiro, empregado e amigo do Jaks.

Jaks era judeu, e se chamava a si mesmo de "judeu errado"...

De repente, subiu as escadas rangedoras do velho prédio, um moço estranho, vestido de brim caqui com calças pelo meio das pernas, de fisionomia ingênua e quase cabocla. Era o que nós chamamos na cidade de "caipira"...

Jaks apresentou-me:

— Este é o Antenor, de Cruzeiro. Vai construir um hospital para loucos que ficará em cinco mil contos. ..

Olhei o rapaz de alto a baixo e disse para comigo:

— Será que esse rapaz com cara de bobo vai mesmo construir uma obra de cinco mil contos?

As calças de brim no meio da canela não me inspiravam confiança. ..

Suspirei e disse:

— É. .., para Deus, nada é impossível!

O Antenor sorriu, provavelmente sem ei tender minhas palavras, mas alguns anos depois o sanatório estava pronto, funcionando, cheio de enfermos e custara doze mil contos. ..

Onde conseguira ele e os seus amigos bisonhos o dinheiro? Só Deus responderia.

Foi assim que conheci o Antenor. Não fiz fé no rapaz à primeira vista. Depois.. . aprendi a conhecê-lo melhor. "Cada alma é um continente inexplorado!" —exclamou um dia Chico Xavier.

As almas não são sempre como nós as sonhamos. Não podem dar mais nem menos que têm para dar.

Pois bem, o Antenor me contou:

— Olha Ranieri, já faz muito tempo, por volta de 1945-46, fui a Pedro Leopoldo visitar o Chico. Ele sempre me tratou bem embora eu seja um analfabeto, atrasado e não mereça, mas procuro sempre que posso, os amigos e eles têm me recebido com carinho. Você sabe, eu ando por toda a parte, visito uns, visito outros e vou transmitindo para eles notícias de vocês e trazendo para vocês notícias deles! Como não tenho capacidade para mais nada, faço isso!

Contemplei o Antenor compadecido e admirado ao mesmo tempo. Acreditando que nada tinha para dar e nenhuma tarefa importante para realizar, levava amizade e carinho para os amigos de toda a parte.

Foi assim que viajei por doze países da Europa: fui à Argentina, Buenos Aires e até o Paraguai!

Dei uma gostosa gargalhada e comentei:

— Veja só, Cabetti, muita gente milionária não vai a parte alguma, e esse caboclinho de Cruzeiro, sem recursos, viajou a Europa inteira!

Antenor procurou se explicar:

— Quer dizer, eu fui andando para lá e pra cá e cheguei lá!

Ri de novo. O caso era fantástico. Nos conhecíamos o Antenor há muitos anos, a sua vida de dificuldades, como teria ele ido à Europa e à América do Sul?

— Deus me ajudou muito! — complementou. Tudo deu certinho! O caso era mesmo para rir.

— Estive no Père Lachaise, no túmulo de Kardec, estive em Pompéia e dei uma chegadinha em Londres...

Rimos mais. Como deixar de rir?

— Está rindo? Perguntou ele — Andei mexendo aí em Mar Del Plata!

O Cabetti que é meio cismado com o Antenor, não aguentou e começou a rir.

— Pois é, minha gente, eu fui ver o Chico e ele me recebeu com carinho. Entrei na casa dele, naquela casa pobrezinha em que ele vivia cu nasceu em Pedro Leopoldo, vocês conhecem. Na sala vi uma belíssima penca de bananas, lindas! Falei com o Chico :que bananas lindas, nunca vi tão bonitas assim!

E o Chico falou:

— Olhe, Antenor, vou lhe contar uma coisa: na semana passada havia aí uma outra penca igualzinha a essa, bonita como essa, e apareceram na sala dois espíritos. Um disse para o outro:

— Vamos comer essas bananas?

—Vamos, respondeu o companheiro, — e tirou uma banana, cada um, tirou uma, e descascaram e começaram a comer. Foi quando chegou o Espírito de André Luiz e eu muito espantado lhe perguntei:

— André, espírito come banana?

— Come sim — respondeu. Assombrado, acrescentei:

— Eu não sabia disso!

— Come, Chico, esclareceu o escritor e médico. Devoram a parte espiritual da banana, absorvem-lhe as substâncias nutritivas, vitaminas, etc. Ingerem o essencial. Depois, quando alguém encarnado come essas bananas, passa mal, sente peso no estômago, etc. Fitei André estarecido. Jamais imaginaria que isso acontecesse!

Antenor abriu mais os olhos e completou:

— Não foi só, me contou outra.

— Uma empregada foi comprar carne no açougue, escolheu o pedaço e enquanto ela comprava alguns espíritos inferiores a olhavam. Assim que saiu do açougue, seguiram atrás para devorar a parte espiritual da carne. Eu vi e André Luiz me disse a mesma coisa, porém completou dizendo que os lares que mantêm o culto cristão no lar e o hábito da prece com Jesus, estão garantidos contra esses ataques das trevas. Porque aqueles espíritos foram em busca de substâncias nutritivas da carne para sorvê-las espiritualmente. Aquela carne, depois, comida pelos moradores da casa lhes fará mal e eles não seriam jamais capazes de identificar como causado por espíritos perversos.

Realmente, André Luiz em suas obras passou a relatar casos semelhantes a esses, demonstrando que junto a nós, se permanecermos invigilantes, ficarão aqueles que devoram os nossos alimentos. Chico falou que quando ia escrever as obras de André Luiz, antes, começava a ver quadros espirituais relacionados com a obra como se fossem num filme cinematográfico. As imagens apareciam-lhe e ele passava, depois, a viver durante todo o tempo no clima de suas obras. Sofria, então, o que ele chamava de "pressão mediúnica".

Povoava-se a sua mente de todos aqueles dramas que o cientista André Luiz o levava a ver em suas excursões pelos planos e faixas espirituais que circundam a Terra.

## COM OS ANIMAIS

Teria alcançado o Chico algum poder, força ou influência, sobre os animais?

Em O Santo Dos Nossos Dias, contamos o caso do Gato Sávio, que obedecia às suas recomendações verbais e passou a vir ao Centro Espírita só depois das dez horas ou onze da noite porque o Chico lhe dissera que não aparecesse antes, que poderia ser morto pelo médico que aconselhara o seu sacrifício. Ali, também, falamos da reencarnação de Branquinho, um cachorrinho de malhas pretas que apareceu na casa do Chico, e que era igualzinho a outro que ele possuía durante muitos anos, agora relata-nos o Antenor a história que vamos contar.

Diz o Antenor:

— Ranieri, antigamente eu ia de vez em quando ao Chico. Você sabe, eu era muito amigo do Leopoldo Machado, viajava com ele e ele embora fosse um grande homem e eu não fosse ninguém, me dava atenção, conversava comigo e não passava por Cruzeiro para a ir a São Lourenço ou outro lugar qualquer sem se hospedar na minha casa. Dormíamos, às vezes, no mesmo quarto, e passei muitos dias e noites ao lado dele quando estava mal para morrer.. Eu era a única pessoa que ficava no quarto com ele, próximo, às vezes dormindo na biblioteca do Newton de Barros. Queriam que eu saísse mas ele não permitia. Não sei se por essa amizade com o Leopoldo, mas o fato é que o Chico sempre me tratou bem. Você sabe, eu sou um pobre coitado, não sou ninguém, não sei fazer palestras nem outras coisas boas que vocês fazem pela Doutrina, mas ando visitando os amigos e corri todo o Brasil e já fui, como disse, até na Europa. Fui à Itália, Paris e Londres. .. Estive em Pompéia, ali onde Publius Léntulus morreu com seus amigos nos desastres causados pelo vulcão. . .

Antenor voltava a falar como antes nas suas viagens e a repetir o que já dissera e nós continuávamos rindo. Eu ria a mais não poder.

Realmente, o Antenor é um homem simples e de poucos recursos, e eu ficava pensando como é que ele acabara indo até Londres.

Dizia ele:

— Pois é, estive em Portugal com o Isidoro e andei mexendo pelo Mar Del Plata...

Cabetti também ria e viu-se que uma certa prevenção do Cabetti pelo Antenor se desfazia.

— Ora gente, — disse ainda o Antenor, — o Chico me contou que um dia vinha da Fazenda onde trabalhava, Fazenda do Governo, e nò meio do caminho encontrou uma cobra enorme de bote armado para atacar alguém. Chico parou ,olhou-a bem e disse-lhe:

— Volte para casa! Você não sabe que você vai morder alguém e que eles vão te ferir e matar?

A cobra ouviu-o.

— Vai, vai para casa, — falou-lhe o Chico de novo.

A cobra desenrolou-se e saiu, entrando no mato. Chico também prosseguiu o seu caminho.

É, dissemos nós, o assunto é muito sério e para meditação, já há o caso do Gato Sávio...

Na realidade, nós conhecemos em outros tempos, em Águas da Prata, um homem chamado "Nen Cabo-Verde", que assobiava no mato e chamava as cobras que vinham em bando, alisava-as e depois mandava-as embora e elas obedeciam. O fato é raro, mas existe.

Sorrimos, e eu disse ao Antenor:

— É tarde e amanhã temos que viajar. Vamos dormir. E fomos.

## NA ESTRADA

O Antenor na manhã seguinte acordou loquaz. Entusiasmado com Leopoldo Machado, de quem fora amigo. Estávamos na casa do Newton de Barros, ao lado do Ginásio Leopoldo. A livraria do Newton cheia de livros. Conversávamos, de novo, sobre as viagens do Antenor e ouvíamos ainda suas referências ao Vesúvio e à Suíça... E ele, como se não houvesse interrompido a narrativa da véspera para dormir, acrescentava:

— Vocês sabem, eu falava até francês sem saber francês!...

Rimos.

— Olha, Ranieri, tenho outra história do Chico! Esperamos.

— Chico certa ocasião ia no carroção que conduz os empregados da Fazenda Modelo, de Pedro Leopoldo, e sofria terrivelmente com uma dor no fígado. Nisto uma senhora pobre, de idade, o abordou da estrada pedindo auxílio. Ninguém queria parar o carroção para atender a velha, mas o Chico fez questão de atendê-la dando-lhe orientação ali mesmo, dos espíritos, parece que até receita... A velha olhou depois com profundo amor e disse:

— Deus lhe pague!

Mas aquele Deus lhe pague! foi dito com tanta sinceridade e tanto amor que uma bola de luz azul saiu-lhe da boca, flutuou no ar e foi pousar serenamente no fígado do Chico. Este instantaneamente sentiu-se aliviado e nunca mais teve nada.

— Essa história já foi escrita por outro noutro livro! — gritou o Cabetti, não convém escrever isso, Ranieri!

— Em qual livro, Cabetti? — interrogamos. — No do Ramiro? Não me lembro de ter visto essa história lá, há qualquer coisa parecida mas não esta. Bem, e se houver, melhor, uma confirma a outra!

£ tão bela que vale a pena tornar a contar.

Rimos confiantes e Antenor continuou a falar sobre Chico, Leopoldo Machado, Itália, Londres, e terminava dizendo:

— A primeira oportunidade que aparecer eu irei de novo correr mundo! Vocês sabem, que eu não sou ninguém, não tenho a capacidade do Ranieri e do Cabetti para realizar obras importantes, no entanto, posso visitar os amigos de terras distantes e levar notícias de uns pra os outros e dizer como é que a Doutrina vai. .. Graças a Deus, todos me recebem bem...

Ficamos olhando o Antenor, sentindo sua sinceridade e vimos que o Cristianismo também era isto mesmo: visitar os amigos, contar as as novidades do Reino de Deus, falar dos Apóstolos e conduzir um pouco de amor a cada um.

"Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei".

Esta é a palavra do Cristo para todos os Milênios.